



Círculo da Viada Chama Púrpura

Liber **Queer**

Organizadores:

Felix Mecaniotes
Gabriel Costa
Michel Valim
Stella Spenner Roesch

Autores:

Alicia Fernandes	Ghaio Nicodemos	Paul Parra
Capitú	Samýaretê Enrogê Ñ	Ruy Dias Roder
Hóng Dàn	Helena Agalenéa	Stella Spenner Roesch
Eilonwy Hawthorn	Juliano Ferrari	Vinícius Alves da Silva
Felix Mecaniotes	Michel Valim	Washington Luis

MECANIOTES, F.; COSTA, G.; VALIM, M.; ROESCH, S.; 2021.
Liber Queer - 2ª edição. Rio de Janeiro: Círculo da Viada Chama Púrpura.

1. Metafísica - Brasil. Liber Queer.

Sumário

1. Introdução	8
2. Ancestrais da Viada Chama	11
3. Os Totens da Viada Chama	14
4. Veado de 7 Chifres	19
5. O Garanhão de Chifre	21
6. O Corvo Acima dos Chifres	23
7. Fortalecendo a si com a Viada Chama	28
8. O Gênero na Magia	32
Gênero Feminino na Magia	33
Gênero Masculino na Magia	34
Gênero Não Binário na Magia	35
Equilíbrio entre Gêneros	36
Gênero enquanto construção social	37
Gênero no novo Æon	38
9. Manifesto por uma Bruxaria Queer Inclusiva	39
10. A Sereia e a Mulher Trans	42
11. Inanna - Mãe das Travestis	45
A Poesia Suméria	50

Inanna: Reforçadora da Heteronormatividade ou Legitimadora da Não-heteronormatividade?	64
1 - As Gala: Pênis + Cu	66
2 - Us Kurgarrû: Nem Homem nem Mulher	67
3 - Os Assinnu: Eunucos	68
4 - Evidência da não heteronormatividade	70
12. Manifesto-Estético sobre o Sagrado Transviado	73
Um cântico de Inanna e Dumuzid	77
Servidores Mágicos	80
A exaltação de Inanna - Mãe de todas as travas	85
13. Por um Sagrado Transviado	89
Corpos transviados, corpos sagrados	90
A empiria do Sagrado Transviado na Gruta das Deusas	99
14. Sagrado Masculino e Homens Trans	104
Emoções, Linguagem e Abertura	105
Falo, Sêmen e Magia	106
Ciclos Solares	107
Diário Solar	108
Exemplo de modelo de escrita diária	109
Instrumentos de Poder Masculinos	110

15. Genderfluid: a Ponte Divina Entre os Polos	114
16. Empoderamento LGBT e Magia	122
17. Drag Queens e Magia	126
18. O Queer na Cultura Nórdica	130
19. Religio Antinoi	134
A Viagem Imperial para o Oriente	135
A Morte de Antinous	138
A Deificação de Antinous	140
A Religião de Antinous	144
A Cidade de Antinópolis	145
Estrela de Antinous	156
20. Dioniso	165
21. Xamã: Gênero Neutro?	170
22. Um Ato de Liberdade	180
23. Tù'èr Shén - a divindade chinesa LGBT	183
24. Eixos ÊXTASES, FÚRIAS e DELÍCIAS	185
25. Uma vivência Trans'formadora	194
26. Guerra e Magia: Uma Revolta Queer	196
27. Introdução à Borboleta	200
28. A Teoria da Borboleta	202

A Alma e a Borboleta	204
O Totem Borboleta	205
Portal Planetário da Borboleta	207
29. Ter Orgulho do que se É	210
30. Tibira do Maranhão	214
31. Entidades Queer	217
Lil, Lilitu e Lilith	218
Logun Edé e Oxumarê	219
Inanna	219
Hapi	219
Uanana	220
Harihara	220
Antínoo	220
Chaos	221
Hermes, Mercúrio	221
Hermafrodito	221
Sedna	221
Caenus, Himeneu, Zeus	222
Frey, Odin	222
Gwydion, Gilfaethwy	222

Zéfiro	223
Dioniso	223
Loki	223
Santos Queer	224
32. Rituais Queer	225
Conectando a Aura Viada à Chama Púrpura	225
Consagração de Antínoo	235
As Luas de Antínoo	238
Ritual de Cura da Coroa Solar	246
Bênção Divina	247
Carga de Uanana	248
Sincronia das Ondas	248
Espelho dos Polos	250
Energia LGBTQI+	251
Ritual de Fortalecimento LGBT	253
Trabalhando com Tù'ér Shén	254
Revolta Queer moreeee	258
Ritual dos Mortos - O Rito de Passagem	260
33. Autores	266
34. Referências	271

1. Introdução

Por Gabriel Costa

Queer é tudo o que é excêntrico, fora do centro, que desafia o status quo e os padrões estabelecidos, sobretudo no que se refere a gênero. Neste sentido, a quebra de estruturas antiquadas permitiu que se percebessem e se experimentassem várias combinações de gêneros, performances e sexualidades. Entendeu-se que a orientação sexual (atração sexual por pessoas) era independente de identidade de gênero (compreensão de si), que por sua vez era independente de performance de gênero (aparência e forma de agir) e de genital interno (útero, ovário, próstata, testículo, intersexos) e externo (pênis, vagina, intersexos).

Entendeu-se também que tais aspectos poderiam variar no tempo ou de acordo com a ocasião, durante a vida de uma pessoa. Sendo assim, foram cunhadas siglas identitárias diversas que buscavam refletir as especificidades do amplo espectro de combinações entre aspectos. A sigla **LGBTTTQQIKFP2ADAAA+** (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, transgêneros, queer, questionadores, intersexuais, kink, fetichistas, pansexuais, 2 espíritos, assexuais, demissexuais, aromânticos, agêneros, aliados, outros), muitas vezes abreviada **LGBTQIA+** ou **LGBT+**, **ainda é pequena diante da infinidade de vivências possíveis**, e a definição de identidades é um ato político que conecta o passado, preto-e-branco, a um futuro onde não sejam necessários rótulos.

Porém, no meio mágico, observamos que muitas vertentes ainda tratavam o sagrado masculino e o sagrado feminino como estando intrinsecamente ligados a genitais (e não a energias), e que algumas pessoas **LGBT+** não se sentiam representadas totalmente em orações e rituais já existentes e já praticados em ordens iniciáticas ou descritos em

grimórios. Precisava haver algo mais. Uma nova magia que tratasse de sexualidade e de gênero, mas sem se prender ao binarismo.

Sendo assim, este livro está organizado em três partes. Nos primeiros capítulos, são abordados ensaios livres relacionados com a temática Queer e a cultura LGBTQ+ no campo da magia, escritos pelos membros do Círculo. Em seguida, são compiladas algumas entidades que quebram as barreiras de gênero e sexualidade existentes no mundo Ocidental contemporâneo, fornecendo um leque de opções que, embora não exaustivo, possa contribuir para as práticas ritualísticas da população LGBTQ+. Ao final, são citados rituais adaptados para a celebração de aspectos LGBTQ+, além de cerimônias e práticas verificadas ao longo da história que flertam com temáticas do campo da homossexualidade e da transexualidade.

Precisamos ter consciência de que as temáticas de gênero e sexualidade estão longe de obterem consenso em cada um de seus conceitos e em cada uma de suas vivências, mas sabemos que a discussão não pode ser empurrada para baixo do tapete, correndo o risco de assim se manter na invisibilidade, ou ser minimizada como vinha sendo no meio mágico em geral até os dias atuais. Cada autor deste livro escreve de um lugar de fala muito especial, e os conceitos utilizados não necessariamente refletem consenso com toda a população LGBTQ+ (na maioria dos casos, inclusive, não há consenso). Da mesma forma, a língua portuguesa em si utiliza palavras no masculino e no feminino, o que torna a linguagem suscetível a definições de gênero onde este não deveria nem existir. Por isso, buscamos sempre que possível definir os termos utilizados para esclarecer de quais aspectos estamos falando ao usar cada termo, e entendemos que a desconstrução dos conceitos *mainstream* de gênero é um caminho possível para mostrar que esta divisão poderia muito bem não existir. Ademais, estamos à disposição para receber quaisquer contribuições dos

leitores, permitindo-nos adequar a linguagem, em edições futuras, para abarcar as vivências da forma mais vantajosa possível.

Esperamos que este livro possa servir como um ponto de partida para as práticas de todas as pessoas que não se sentem abraçadas pelos conceitos de ocultismo amplamente difundidos, e que também seja um marco na história da Magia Brasileira onde nós, magistas lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, travestis, queer, intersexuais, agêneros, ou com outras vivências, dizemos: **nós existimos!**

2. Ancestrais da Viada Chama

Por Felix Mecaniotes

“Nós somos muitos, guardiões do antigo mistério
A subida da serpente ódica, o beijo de Lúcifer
Que trás luz a mais antiga verdade: o Desejo é livre
E a liberdade é a raiz do verdadeiro desejo.
Não nos tentem conter em uma única sexualidade
Sou o homem que mordeu a maçã,
A mulher cujo corpo não a espelhava,
Eu sou aquele que fugiu da convenção, que está para além da
aceitação
Eu sou a diferença que se faz da própria diferença
Eu sou o fim do modelo, a luz da sagrada chama;
Eu sou o sagrado amor da união
Da Terra e das Estrelas”.

- a Oração dos Ancestrais

O culto aos ancestrais é talvez uma das mais significativas expressões humanas de religiosidade; vale lembrar que existem registros de que os homens pré-históricos, conhecidos como Neandertais já enterravam seus mortos, essa prática é um dos sinais que os pesquisadores usam para determinar o grau de sofisticação destes povos, ligando claramente o respeito aos mortos, seja de caráter prático ou ritual, à existência de um grau de cognição elevado.

O modo como este culto é feito varia entre as diversas expressões do sagrado, no próprio Cristianismo, ele permanece na adoração aos santos católicos, como mortos importantes para a história da igreja que tem a função de interceder junto à divindade, nas práticas afro brasileiras, os

ancestrais são um ponto central do culto, uma vez que algumas das divindades encarnaram diversas vezes na terra, tornando-se ancestrais de valor na linhagem real de diversas tribos que originaram as linhas de trabalho.

E, no fim das contas, o que é um ancestral dentro da bruxaria? Normalmente quando falamos em ancestrais, a primeira face desse complexo aspecto de nossa espiritualidade, é a honra à nossa linhagem de sangue, aqueles que trouxeram através do sexo a criação de quem somos no plano físico, carregamos em nosso sangue nosso DNA e também grande magia, algumas tradições inclusive dirão que dons são passados de geração à geração através do sangue.

Não é deste tipo de ancestral que estamos falando quando propomos a honra aos Ancestrais da Chama; honramos na púrpura chama aqueles que morreram ao fazer valer a verdadeira expressão de quem são, aqueles que morreram para que os direitos dos LGBT fossem criados, aqueles que morreram porque eram homossexuais, os milhares que foram mortos em câmara de gás com triângulos rosas em suas blusas, os transexuais que morreram nas operações pioneiras, as transexuais que morrem todos os dias nas ruas da cidade, aqueles que morreram para nos proteger, independente de sua sexualidade ou gênero, aqueles que quebraram os padrões da sociedade e pagaram por isso.

Cito como exemplo, meu próprio altar destes ancestrais, em estão figuras como Lili Elbe, Alan Turing, os membros da rebelião de Stonewall, os jovens em Orlando e aqueles que infelizmente perdi em minha trajetória, mesmo aqueles que não conheci diretamente, mas cuja morte me fez sair um tanto menos de casa —eu mesmo quase me junto a eles entre os deuses algumas vezes. Entendemos que estes são os nutridores, estes são aqueles que morreram para que nós estivéssemos aqui hoje, para que nós tivéssemos a liberdade de expressar nossa sexualidade, ou nossos

verdadeiros gêneros ou mesmo nossas essências selvagens e é nosso dever usarmos de nossa existência aqui hoje para garantir às gerações futuras que eles possam exercer ainda mais quem são através do Poder que é a Liberdade, a maior dádiva dos deuses.

O dever que temos enquanto bruxos é usarmos nossa magia para honrar estes ancestrais através da continuação de seu trabalho, é isso que a Viada Chama Púrpura se propõe: a criação de uma egrégora de proteção e extensão da diversidade de maneira que cada homem, cada mulher, cada um, possam experimentar em si, sem receio, esta expressão do sagrado que não é de forma alguma um terceiro sagrado, um terceiro mistério, mas a manifestação do grande mistério da vida que é o prazer que existe em cada um de nós.

Não me alongarei aqui, pois pretendo colocar em outros textos, formas honrar estes ancestrais; mas podemos começar com incensos, creio que os incensos de Ametista, Canela e Almíscar são os mais indicados para acessar esta egrégora, em meu próprio altar mantenho uma caveira mexicana nas quais acendo velas roxas, representando a grande chama púrpura que protege a todos nós e uma figura representando o Grande Veado de Sete Chifres, um de nossos totens protetores.

Honrem estes ancestrais da forma como seus corações ordenarem e logo poderão ouvir seus sussurros ao longo da noite, lhes oferecendo proteção, poder e conhecimento.

3. Os Totens da Viada Chama

Por Felix Mecaniotes

Quando o trabalho com o Viado de Sete Chifres começou, ainda não compreendíamos a totalidade do acesso e a natureza dessa criatura. Em 2017 optamos por usar a nomenclatura servidor que parecia expressar exatamente o que pretendíamos naquele momento: uma criatura que não é um deus, não serve para ser adorada e cumpre uma função específica.

No entanto, ao longo do processo ficou claro que a nomenclatura já não mais nos servia. Não criamos esses seres, ao menos, não os criamos em um processo normal, houve sim parte de nossas necessidades básicas intencionadas (proteção, expansão, etc), mas o animal, seus símbolos e significados vieram muito mais da Egrégora do que de uma ação humana.

A Viada Chama Púrpura é uma força viva, uma chama que brilha em diferença no coração de todos os humanos (e sim, todos, pois heterossexualidade e cisgeneriedade são construtos sociais, discursos políticos e ideologias hegemônica), uma chama que brilha mais forte em nós LGBTQIA+ porque fomos marginalizados por nossas diferenças, mas é também uma consciência viva e conjunta de nossa ancestralidade e de quem somos.

Essa força viva é consciente e divina, mas não é uma divindade. Ela não possui gênero, forma, personalidade ou mitos definidos, não é exatamente uma voz, é um instinto. Mas ocasionalmente se restringe em uma pessoalidade divina que chamamos de A Divindade Purpura (ou O Purpura, A Purpura, E Purpura, a forma se assume de formas diferentes para pessoas diferentes), mas por mais que assumamos que os totens de

certa forma são e derivam disso, nós sabemos que a Viada Chama não é sobre isso.

Um totem é um aspecto da Viada Chama, um aspecto pessoalizado, em certo sentido divinizado, mas num uso abrangente (e tecnicamente errado) do termo seria algo mais parecido com um arquétipo. Um totem é uma ponte entre a Chama Púrpura do mundo e a nossa chama, uma força viva e simbólica que nos contata com o divino ou com aspectos desse divino.

Os totens também funcionam como filtros ou lentes, nos ajustando em nossa frequência para receber aquele x aspecto daquilo que estamos tentando contactar. A Viada Chama Púrpura não possui deuses e o trabalho da Viada Chama não é sobre deuses, mas sobre ancestralidade e pessoas; no entanto é possível se trabalhar pessoalmente com qualquer divindade (inclusive as não queer) através desses totens, eles ajudam e trabalham as egrégoras para que funcionem nesse sentido.

Um exemplo disso é um totem que não pertence a tríade principal (e o primeiro dos totens fora da tríade a ser apresentado), mas que atua em um trabalho muito interessante e pertinente dentro de nossa comunidade que é A Borboleta. O totem da Borboleta atua como uma ponte para uma linhagem de ancestralidade dentro da linhagem LGBT que é a trans (e para uma consciência divinizada dessa linhagem), mas também aponta para a transformação inerente em todos nós.

Dessa forma ela une uma comunidade, cria pontes dessa comunidade com outras, facilita o trabalho com diversas divindades fora dessa consciência de ancestralidade, assim como nos auxilia em nosso trabalho conosco para reconhecermos em nós a parcela de nós que conversa com

aquele totem, e, portanto, com aquela esfera. Num sentido mágico, político e psicológico.

O trabalho com a tríade funciona sob os mesmos moldes e ao mesmo tempo é um trabalho diferente. Eles certamente foram apresentados e funcionam individualmente cada um servindo a uma série de propósitos que já foram apresentados na diversas mídias da Viada Chama, mas para além disso eles são um conjunto que funciona não apenas como uma base de poder para todo o trabalho da Viada Chama, mas que se interliga uns aos outros.

Nós podemos pensar no trabalho com os totens da Viada Chama como atuantes de forma linear. O Veado de Sete Chifres fala sobre o físico, a necessidade de segurança, a proteção de nosso povo e a sustentação de nossas bases mágicas e energéticas, pense nele como a base de uma pirâmide, seu papel é nutrir e proteger aquilo que vem posteriormente no trabalho.

O Garanhão de Chifre é um totem relacionado ao emocional e a cura de traumas. Se compreendemos o trabalho do Veado de Sete Chifres como uma bolha, uma muralha que nos protege da ameaça externa, o Garanhão funciona como um guarda interno, fazendo a limpeza de todos os aspectos heterocisnormativos da sociedade e nos auxiliando a ter uma visão de mundo cada vez mais lgbtqcentrada.

A sociedade tenta nos invisibilizar a todo momento e é comum que criemos não apenas mecanismos sociais de defesa, como tentemos a todo momento nos desvencilhar de certos aspectos que podem nos prejudicar socialmente.

Vivemos para o social, mesmo sem compreender que parte desse viver para a sociedade tem a ver com invisibilizar-se e apagar-se em prol de

tentar se encaixar em um sistema sob o qual jamais estaremos a salvo. Muitos de nós desenvolvem-se em personalidades tóxicas, não inclusivas e mesmo repressivas e agressivas com outros LGBT.

O trabalho do Garanhão de Chifre não é fácil, ele não é apenas sobre o que a sociedade fez conosco, mas principalmente como nós nos moldamos para caber nela e o que fazemos com aqueles que não cabem tão bem quanto nós. Não é fácil perceberse como parte de uma estrutura social que nos destrói, mas é um movimento necessário. É apenas a desconstrução dos Venenos Sociais que nos torna aptos a passarmos para a próxima fase dentro do trabalho.

O Corvo Acima dos Chifres é sobre um processo de ponte. Após nos tornarmos indivíduos completos em nós mesmos, é hora de ajudarmos a sociedade, nossa comunidade e de sermos aquilo que cultuamos na Viada Chama: bons ancestrais.

O corvo é, portanto, sobre sabedoria. Sobre encontrar-se como uma parte da comunidade, aceitando e desejando o outro por sua diferença. É um processo de reconexão. Assim como é também, ao final de nossa caminhada, aquele que nos leva ao encontro dos nossos no além-mundo.

Pensar o trabalho da Tríade Principal é pensar em um processo de reintegração consigo, com a Aura Viada, com a Viada Chama e, principalmente, com os seus. Observar esse trabalho pode levar uma vida, mas é principalmente sobre o que desejamos deixar para a própria geração de lgbtqi+.

Reintegrarmos a nós mesmos, a Chama Divina de nossos corações e criar pontes entre essa Chama e os aspectos religiosos e divinos que já trabalhamos é o trabalho de criar espaços de nutrição dentro da sociedade para que assim possamos trabalhar ativamente no resgate de nossos

mistérios em todo lugar em que estivermos. Ou simplesmente criar novos.

Se a Viada Chama não possui deuses e seu trabalho é sobre os mortos e para os mortos é, principalmente, para que através dos Totens nós ajudemos a aqueles que hoje estão vivos a construir um espaço melhor onde seremos lembrados. E que nossa lembrança seja para os que então estiverem vivos tão inspiradora quantos outros foram para nós.

Passar a Chama adiante é nosso papel neste mundo.

4. Veado de 7 Chifres

Por Felix Mecaniotes

Num contexto em que morre uma pessoa de nosso povo morre a cada 25 horas (e aqui entendo o contexto LGBT como um povo que contém uma ancestralidade) sobrevivência é a primeira de nossas necessidades.

Assim, o primeiro totem que trabalhamos na Viada Chama opera exatamente nessa esfera, não só nos protegendo de ataques físicos, assim também como ataques psicológicos; trabalhando também na esfera da aceitação de nossos amigos e familiares, conjugação com os ancestrais da viada chama e também empoderamento pessoal, afinal suicídio também é uma causa muito comum de mortes LGBT no mundo.



Este totem é o Veado de Sete Chifres, uma criatura criada em conjunto com as forças dos ancestrais, da deusa, do deus e o povo feérico; atuando como um protetor e guia daqueles que pertencentes ao nosso povo se sintam em dificuldade. O método de ativação é simples, é só escrever o símbolo do totem e um dos projetos que o VCP deseja levar adiante é espalhar o símbolo por lugares chaves da cidade para que a esfera de alcance da entidade seja maior. Não é necessário banimento, uma vez que

a atuação do totem é gerida pela própria egrégora, e sua causa é pertinente a todo momento, mas caso a pessoa deseje não mais trabalhar com ele, pode bani-lo simplesmente apagando o símbolo de onde o tenha escrito — ou apagando mentalmente ele, caso tenha apenas visualizado o símbolo numa situação de emergência.

No entanto, caso queiram ajudar a fortalecer a energia da criatura, oferenda aos ancestrais da Viada Chama e ao ser são sempre muito bem vindas; velas roxas, incenso de lavanda ou alfazema são os ideais. Também é uma forma de agradecimento a este ser fazer a oração da Chama Viada que serve não só para fortalecer a entidade, como também para fortalecer a si mesmo nesta egrégora de proteção. A oração é esta aqui:

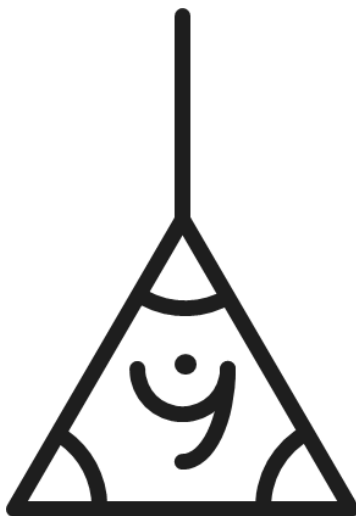
“Antes de mim vieram os primeiros reverenciados
Aqueles que a chama pertencem elevados
Eu saúdo Lili Elbe, Alan Turing e Ginsberg
E também Safo, Joana e Aqueles de Stonehall
Eu saúdo a face brilhante do sol, eu canto Pã, eu canto Hermes
Eu canto por Dionísio e Febo, eu canto com maestria
Eu saúdo a face prateada da mãe, eu chamo Lilith
Amaterasu vem para nos ensinar, Néftis caminha para curar
Eu chamo aqueles que por mim morreram
E juro pelos que ainda não nasceram
Que honrarei em mim a grande chama viada
De púrpura essência encantada
Cujo outro nome é liberdade
Filhos das estrelas que vivem sob a terra
Em montes ocos, ao redor de encantados fogos
Abençoados sejam”.

5. O Garanhão de Chifre

Por Felix Mecaniotes

A grande maioria conhece o Veado de Sete Chifres, um poderoso totem que nos auxilia no processo de aceitação dos outros para conosco assim como em nossa proteção física e emocional.

O trabalho do Garanhão de Chifre é muito mais interno do que propriamente externo, ele é um totem de cura, muito mais do que um totem de proteção, apesar dessas suas palavras serem complementares uma a outra: Só estamos realmente protegidos quando estamos curados.



A função do Garanhão de Chifre é nos proteger durante o processo de autoconhecimento, assim também como nos conduzir de maneira segura aos processos de autoamor, auto descoberta e remoção das ilusões e barreiras limitantes em nossas vidas enquanto LGBT.

Ele trás a luz do amor divino, assim como o poder da Viada Chama Púrpura, servindo assim para dissipar as sombras da tristeza, dos traumas, e das mágoas correntes das feridas infligidas ao nosso povo. Ele também conduz ao melhor entendimento do prazer e da sexualidade de uma maneira saudável, nos auxiliando a amar a nós mesmos e buscar o prazer que nos satisfaça mais do que simplesmente aceitar o que nos dão.

Para chamá-lo, você deve lhe oferecer um alimento: libação de água, maçã com seu sigilo ou uma vela azul e recitar a seguinte oração:

“Eu compreendo minhas qualidades, eu me aceito do jeito que sou para que eu possa morar, eu te chamo para que eu possa ver em mim esta chama que está a brilhar. Eu o chamo para dentro de mim para esta chama alimentar.”

Converse com ele, para mim ele sempre aparece como um unicórnio do tipo equino, branco e rosa, com uma linda cauda azul, bastante gentil; quando achar que ele já não é mais necessário tudo o que você precisa fazer é pedir para que ele retorne a Viada Chama, se preferir pode inclusive queimar o sigilo dele para fortalecer este pedido.

6. O Corvo Acima dos Chifres

Por Felix Mecaniotes

Por mais que constantemente sejamos a todo momento bombardeados com a ideia da existência de uma comunidade, grande parte de nossa trajetória enquanto LGBTs em um mundo moderno é baseado em identidade e, principalmente, individualidade.

Grande parte de nossa trajetória até aqui na Viada Chama Púrpura tem sido sobre o resgate de uma consciência de si que não se baseia no conceito de identidade, mas de Devir, de impermanência e de um espectro intimamente ligado a nossa essência, nosso caminho foi sobre expressar quem somos no mundo e, portanto, também foi sobre nos encontrar.

O conceito de uma Chama Púrpura, no entanto, é algo que não pode ser pensado de uma forma individualista, consumista e momentânea; o fogo que brilha em nós brilha para que sejamos a fagulha que acenderão as chamas do futuro, assim como o passado nos guiou timidamente — e nem sempre assim — até aqui.



O Corvo Acima dos Chifres é um totem que fala sobre o encontrar-se nessa comunidade, não numa ideia de sentimento de pertença identitária, mas em um sentido de unidade e conexão que perpassa uma ideia de signos mercadológicos. Está em sua essência pertencer a Viada Chama e isso não está marcado por espaços como divas pop ou bandeiras, isso está marcado pela sua presença no mundo e, principalmente, pela consciência que seus passos não são apenas sobre você, mas sobre todo esse conjunto de almas afins que cruzam seu sagrado.

O Corvo é, portanto, o símbolo da comunidade. Ele é a ponte que liga o você ao seu propósito dentro desse espaço. Ele é sobre o como você alimenta sua comunidade em seu bairro, cidade ou país, ele é sobre como você nutre toda a Viada Chama e, dessa forma, alimenta a Ancestralidade LGBTQIA+.

Em termos práticos, podemos entender o Corvo como um facilitador de acesso; você precisa de mais entendimento e poder para formar células da Viada Chama Púrpura em sua cidade? Esse é o totem. Você precisa de energia para alimentar seu feitiço de proteção aos LGBTQs da sua escola? Esse é o seu totem. Você precisa melhorar as relações tóxicas entre LGBTQs (pessoas com síndrome de Regina George, pessoas muito reativas, excesso de traições, intrigas e fofocas) na sua comunidade? Esse é o totem.

O ponto central do Corvo é ser uma espécie de cura profunda, comunitária, que quebra o isolamento que constantemente sentimos e somos forçados socialmente a tomar como uma forma de defesa, uma cura que só pode advir da sabedoria, do reconhecimento e da maturidade.

Para além disso, o Corvo também nos ajuda a compreender nossos símbolos e ancestrais para além de uma ideia de certo e errado, para além

de um olhar anacrônico que observa e despersonaliza figuras famosas de nossa cultura e de nosso passado. É muito comum que observemos figura de idade e peso que participaram de ativismo em suas épocas, mas cujo pensamento num ponto de vista contemporâneo parece retrógrado.

É igualmente comum que essas figuras sejam resgatadas pelo conservadorismo como a forma de um LGBT dócil, um *modus* de como todos nós deveríamos ser, esquecendo-se que a própria existência dessa pessoa é indocilidade ante a ordem colocada do mundo.

O resgate de nossos símbolos, o resgate de nossos ancestrais é parte importante não apenas de uma ideia de Viada Chama, mas de nosso próprio entendimento da singularidade. Sua existência é ativismo, mesmo que você passe sua vida inteira tentando lutar do lado contrário; sua existência é diferença, mesmo que você passe sua vida inteira tentando agradar a ordem. O Corvo atua em nós para que atuem no mundo como curadores, trazendo aqueles que de nós que estão vivos para a força da púrpura chama, retornando aqueles que já morreram a nossa memória.

Não estamos falando aqui, no entanto, de esquecer os erros do passado, mas aprender com eles. Não estamos aqui falando sobre justificar aqueles de nós que lutam politicamente contra nós atualmente. Estamos para aprender com os erros daqueles que vieram anteriores a nós, estamos aqui para compreender que o grande culpado da luta não são os “traidores”, mas o sistema que os envenenou.

O corvo é uma ponte de retorno à casa.

E como uma ponte, o corvo está também relacionado a um aspecto psicopompo; este é o grande responsável durante as festividades dos

mortos (sejam mensais ou anuais) por levar as almas de nossos falecidos para a chama, ou mesmo de trazer a este plano as mensagens necessárias.

Por último, o aspecto que talvez seja o mais importante desse totem é a questão da velhice. Por mais que pareça estranho precisarmos de um totem que cuida de nossos idosos uma vez que não temos um específico para os jovens é importante percebemos que o Corvo é uma expressão de reconexão com a comunidade, com o Nosso Povo e é preciso que voltemos o olhar para aqueles de nós que ainda estão vivos, mas que se tornaram invisíveis em nossa sociedade.

Como um homem gay de trinta anos me deparo com uma verdade inerente ao meio LGBT: nós lidamos muito mal com o envelhecimento. Se por um lado, dentro do sistema da sociedade geral (SSG) eu estaria sendo visto como chegando ao auge de minha vida produtiva e ainda seria visto como jovem, recém entrando na vida adulta, a realidade gay é um tanto diferente e eu sou visto dentro de minha comunidade como alguém em derrocada.

O Corvo não é sobre mim e o envelhecimento precoce de homossexuais, mas sobre como essa cultura fixada na intensa juventude dos vinte pesa em nossa capacidade de amadurecimento e nos torna senhores obcecados com o desejo de provar da juventude, nem que seja através da boca. Isso não é um julgamento moral, mas antes disso, uma compreensão de que mesmo na velhice somos podados socialmente e não conseguimos viver uma terceira idade tão saudável quanto deveríamos (assim como raramente conseguimos viver a primeira).

Isso não é só sobre homossexuais. Em um país cuja expectativa de vida de transsexuais gira em torno de 36 anos a ideia de uma velhice se torna ao mesmo tempo uma esperança e uma opressão. Não é incomum ver figuras de vanguarda nesse quesito hoje tendo posicionamentos

controversos dentro da militância e não consigo parar de pensar o quanto isso não é uma forma de tentar-se manter não apenas relevante, mas segura. A verdade é que raros de nós envelhecemos bem, assim como parte de nós sequer chegamos a envelhecer.

Quantos de nós não devem retornar ao armário na velhice, pois não somos aceitos nos abrigos, nos asilos? Em casa? Quantos de nós não vivemos o amor pleno e envelhecemos sozinhos, pois sequer conseguimos amar a nós mesmos durante o processo? Quantos de nós olham para nossos velhos com amor, respeito e aprendizado?

Como esperamos honrar aqueles que morreram, se ainda não aprendemos a honrar aqueles que estão vivos?

O corvo é sobre isso e pode ser invocado para situações em que desejemos compreender melhor nossos espaços dentro de nossa comunidade ou mesmo criar pontes que nos possibilitem viver melhor em harmonia.

7. Fortalecendo a si com a Viada Chama

Por Felix Mecaniotes

Pensar em Viada Chama Púrpura é pensar primeiro em linguagem. Muito se fala em vivência Queer, teoria Queer, e uma diversidade de livros sobre o tema sexualidade e magia carrega esse termo, a exemplo deste livro, mas também de tantos outros como os homônimos Queer Magick, um do escritor Tomás Prower, outro uma coletânea editada por Lee Harrington; e não podemos deixar de citar uma coletânea de textos de Storm Faerywolf denominados Queer Mysteries que foi minha primeira leitura e vivência nestes mistérios. — o Pentáculo de Ametista foi o trabalho que me despertou a importância da Viada Chama.

Diante da propagação imensa do termo, porque não Queer Flame, ou numa mistura Chama Queer? A resposta é simples: empoderamento. Para nós falantes da língua portuguesa, viventes em pleno século XXI e parte da neo-revolução sexual o termo constantemente remete a algo que já foi normalizado, Queer não é uma palavra que dói aos ouvidos, numa leitura superficial, é uma palavra até mesmo bonita para nos descrever.

Queer é um termo surgido para nos hostilizar, é uma forma de dizer que somos diferentes, peculiares, esquisitos, aberrações e foi um termo amplamente usado durante boa parte do século XIX e XX para dizer exatamente isso: nós não pertencemos à classe das pessoas normais.

O ativismo LGBT tomou para si a palavra, corajosamente nós transformamos uma faca em nossos corações, em uma identidade de empodera nossos corações, no princípio, Queer era usado principalmente para designar os homens gays afeminados, mas hoje é um termo que abarca todo o nosso povo. O uso do termo Queer é, antes de

tudo, o primeiro ato de revolução. É dizer aos outros que não são eles que vão dizer o que nos rotula. Nós somos in-rotuláveis.

Queer no Brasil do século XXI não tem essa conotação, ele não é um enfrentamento, é uma palavra americana cujo significado pode ser aprendido, mas não é vivenciado em cada um de nós desde a infância. Viado o é.

A grande maioria de nós, sejam mulheres trans, sejam homens cis gays, alguns não binários também já ouviram essa palavra ser usada para nos destruir, mesmo aqueles que pouco tem a ver com o termo, como lésbicas e homens trans conhecem a forma pejorativa da palavra, e é claro, já foi colocado neste balaio em frases como “só tem viado aqui, essa festa está cheia de viados”.

Quando nós falamos de Viada Chama, estamos rememorando o espírito dos ativistas dos anos 80 ao reclamar para si o termo Queer, a Viada Chama não é sobre o gay, mas sobre toda a comunidade, numa esperança que um dia, o termo Viado seja para nós do Brasil o que o termo Queer o é, um grande termo identitário que abarca a todos nós, uma voz numa palavra nacional, entendível numa linguagem que qualquer LGBTQ, mesmo aquele que jamais conheceu o termo Queer, entenderá.

Em última instância, o processo da Viada Chama é um processo de empoderamento, não apenas identitário, mas entende a cada um de nós como resultado de uma série de processos culturais, linguísticos, históricos, uma série de atravessamentos que se condensaram no que somos hoje, e no espírito da Viada Chama, formarão quem nós seremos amanhã, uma desconstrução e reconstrução eterna.

Desconstrução é um termo muito usado na militância atual, e ele vem carregado de uma série de significados alheios a ideia da Viada Chama,

costumeiramente — felizmente não sempre — a palavra desconstrução é seguida, na verdade, de uma espécie de reeducação — como em reeducação alimentar — em que destruímos nossos valores arraigados e prejudiciais à comunidade e assimilamos de maneira pouco questionada uma série de novos valores que visam o entendimento geral e a valorização geral, mas terminam sempre se transformando num campo bélico e em amizades desfeitas por causa de termos, mais do que significados.

Quando nós falamos em desconstrução na Viada Chama, estamos falando de nos despir dos preconceitos, estamos falando em nos despir de toda uma camada de construção social que nos impede de mostrar quem nós somos, e isso não significa nos vestirmos novamente com uma série de camadas sociais que nos farão ser melhor aceitos dentro da comunidade, mas ao reconhecer nossa verdadeira essência, aprender a trabalhar com ela e a fazê-la brilhar como uma chama cada vez mais, aprender a não eclipsar ou destruir a chama alheia.

A verdadeira harmonia de um povo, de nosso povo, não virá de assimilação de regras, mas no verdadeiro entendimento de que apenas através do conhecimento de nossa própria importância, não da importância egoica, mas da importância de nossa própria essência, podemos acrescentar em nossa comunidade sem guerrear com outros. Através do conhecimento e da paz adquirida conosco e com nossa sombra, nós estamos verdadeiramente inseridos dentro da nossa comunidade.

O primeiro ponto do entendimento do que é a Viada Chama é este: a Viada Chama é em primeiro lugar, um espaço pessoal de empoderamento, é o centro de nossa essência Viada, algo que ultrapassa a noção de sexualidade, algo que ultrapassa a questão de gênero, e está

muito mais ligada à liberdade, a noção de amor sob vontade, a noção de um espaço pessoal de segurança dentro de nós mesmos.

A Viada Chama não é um espaço virtual ou físico em que nos reunimos, ele é um espaço dentro de nós, nossa essência está envolta na Chama Viada, esta é a nossa expressão no mundo, ela não eclipsa nossa essência, ao contrário, ela a faz brilhar cada vez mais, é através de nossa Chama Pessoal que nos conectamos a egrégora total da Viada Chama.

8. O Gênero na Magia

Por Gabriel Costa e Ghaio Nicodemos

Na Era de Câncer, o homem buscava, ainda em cavernas, reproduzir as condições do útero materno em busca de proteção e acolhimento. A fertilidade, neste momento de crescimento da humanidade e espalhamento pela Terra, era extremamente necessária ao “Crescei-vos e Multiplicai-vos”. É nessa era onde a agricultura se inicia, e a espécie humana começa a abandonar hábitos nômades para se estabelecer como sedentária. Sendo assim, a Grande Mãe era tida como peça essencial nos cultos divinos, provendo condições que levassem ao sucesso da tarefa. Posteriormente, quando o humano começa a domesticar as primeiras espécies de animais e percebe o papel do macho como inseminador, o masculino se torna uma peça também essencial, cuja principal função é inseminar e servir como ferramenta aos desígnios da Deusa.

A transição matripatriarcal se deu na Era de Gêmeos, onde surgiram as primeiras linguagens escritas e se iniciou a divisão dos primeiros idiomas, e de Touro, com o estabelecimento dos primeiros grandes impérios e com a atividade cada vez mais constante de conflitos militares.

Na Era de Áries as sociedades adquiriram um caráter majoritariamente relacionado ao patriarca, sendo necessária a estruturação sobre a sociedade que havia se proliferado e que, sob os conflitos que se desdobravam, carecia de maior organização e desenvolvimento bélico. Os Deuses-Pais despontaram enquanto comandantes de um extenso panteão, que além das forças naturais agora incorporavam características intelectuais e psíquicas que eram humanas por excelência. Além disso, houve invasões e migrações, sempre comandadas pelo Pai da Nação em busca de territórios. Ao seu lado, tinham o feminino como elemento de

balanceamento e equilíbrio, evitando ações extremamente tiranas e destrutivas.

Esta mudança do caráter matriarcal para o patriarcal nas sociedades humanas pode também ser observada em estudos linguísticos, tendo como principal indício a maior semelhança entre as raízes das palavras para Mãe do que entre as raízes das palavras para Pai nas diferentes culturas. Porém, tratam-se apenas de dois objetivos distintos, que serviram muito bem à longevidade da raça Humana, cada um a seu tempo.

Gênero Feminino na Magia

Nas sociedades matriarcais, as divindades mais importantes eram geralmente uma Deusa Mãe e suas diversas facetas: a donzela, que ainda não é mãe, a matriarca, que tem papel fundamental na vida social da comunidade, e a anciã, a mulher que além de mãe já é avó e por ter seu papel como genitora dos genitores, e é representada como o grande repositório de sabedoria. A iniciação à vida adulta era mediada pelo retorno ao útero seguindo de um novo nascimento, e este útero era simbolizado pelo labirinto, em Creta, ou por cavernas e templos, em outras tradições iniciáticas. Descer ao útero representa o renascer em vida, a morte da infância para o florescer da vida adulta, o descobrimento da sexualidade e do potencial de fertilidade. O útero, por sua vez, simboliza o próprio inconsciente, que permite que a pessoa se conheça melhor e assim desempenhe um papel mais adequado à função à qual se destina.

Com base neste caráter de reflexão e fertilidade, unido ao fato de as mulheres terem desde então desempenhado um papel mais maternal e receptor nas sociedades, como coletoras de vegetais e cuidadoras dos filhos (atividade intrinsecamente ligada à amamentação, por exemplo), os arquétipos ligados à manutenção, ao acolhimento e à reflexão foram

associados ao feminino. Sendo assim, o caráter energético feminino foi relacionado ao próprio genital feminino, intermediado pelo papel social das pessoas com vagina e útero, desde então chamadas “mulheres”.

Entre os principais símbolos do sagrado feminino, podem ser citados a triplicidade da Deusa, enfatizada pela Wicca e em tradições anteriores, as deusas Gaia e Deméter na Grécia, Vênus e a Lua na astronomia (a primeira se tornando o próprio símbolo do feminino, e a última ligada ao ciclo menstrual), a Prata na Alquimia, o Yin no Tao, a Asherah semítica, as deusas éguas Celtas. No Golfo de Benim e na Nigéria, em alguns contos mais antigos, Iemanjá é citada como a grande Mãe, parindo o Cosmos no início dos tempos. Nas primeiras cosmogonias egípcias, por sua vez, é a deusa Nut que cobre a Terra, representada pelo deus Geb (papel que se apresenta invertido na Grécia). Há também deusas solares, como a Amaterasu Xintoísta (em oposição ao caráter majoritariamente masculino do Sol em outras culturas).

Gênero Masculino na Magia

Já nas sociedades patriarcais, as divindades maiores passaram a ser um Deus Pai com suas diversas manifestações, e o papel criativo de doador da vida passa a ser representado pelo masculino e seu fluido seminal, ao invés do útero nutriz e seu “ovo primordial”. A iniciação à vida adulta passou a ser realizada principalmente mediante rituais que envolviam a caça, a saída do jovem da casa dos pais, assim como testes de bravura e atletismo, como as Olimpíadas, apenas para homens. O falo representava virilidade e potencial criativo, inseminando ideias no mundo físico.

Este caráter de comando e iniciativa, aliado à atividade de caça que era geralmente realizada pelos homens (uma vez que as mulheres estavam cuidando dos filhos nessa nova sociedade), fez com que os arquétipos ligados à atividade, ao comando e à incisividade fossem associados ao

masculino. As ferramentas de poder e justiça, como espadas, martelos, cetros, cajados e lanças, assumem a simbologia fálica, onde o líder passa a ostentar não apenas o seu falo fisiológico mas equipamentos que permitiriam expor e “fortalecer” seu falo psicológico e social, empoderando o masculino com caráter ativo. O papel do órgão sexual masculino tornou-se símbolo para este caráter, intermediado pelo papel social das pessoas com pênis e testículos, desde então chamados “homens”.

Como representantes do sagrado masculino podem ser citados Cernunos, Pan, Marte e o Sol na astrologia (sendo que o símbolo do primeiro tornou-se representativo do masculino), o Ouro e o Ferro na alquimia, o Yang no Tao. No Egito, Osíris manifesta o poder criativo (muitas vezes representado pela terra fértil deixada pelas cheias do Rio Nilo), e no Golfo de Benin e Nigéria o falo de Exu é representante deste caráter. Na Grécia, Urano, que antes havia sido gerado por Gaia sozinha, submete a deusa mãe criadora e passa a governar o mundo. Em seguida, é morto por seu filho Cronos e com seu sêmen dá origem a vários outros deuses e deusas, iniciando uma dinastia patrilinear de poderosos Deuses-Pai. Pode ser citado aqui também o El semítico, que seria o deus que daria origem aos monoteísmos onde o sagrado feminino seria suprimido ou convertido em natureza profana e dessacralizada.

Gênero Não Binário na Magia

Assim como as divindades primordialmente Femininas ou Masculinas, existem outras energias que são personificadas na forma de entidades não binárias, assexuadas, andróginas ou mesmo hermafroditas. Geralmente provêm de geração espontânea, como Kepher, no Egito, criado a partir da própria palavra, e Caos, na Grécia, que gerou espontaneamente outros deuses. Além disso, Atum e Rá muitas vezes são descritos como não

binários e portadores de ambos os gêneros, e Hapi é tido como intersexual.

O caráter não binário (ou seja, nem completamente masculino e nem completamente feminino) se intensifica na figura do Hermes grego, do Mercúrio romano e alquímico, e do deus Hermafrodito (também grego). O vidente Tirésias é outro exemplo de figura importante com caráter dual.

O Orixá Logun-Edé, na tradição brasileira do Candomblé, vive seis meses nas matas caçando com Oxóssi e seis meses nos rios pescando com Oxum, podendo inclusive em algumas versões dos contos modificar sua aparência. Oxumarê é outro exemplo de entidade não binária nesta cultura.

Além do caráter dual simultâneo, outras divindades alternam entre os gêneros dependendo da situação. Este é o caso de várias entidades hindus, além do deus Nórdico Loki, que não só mudava de gênero como também de espécie, chegando a se transformar em égua para cruzar com um cavalo e dar origem a Sleipnir, a montaria mais rápida de Asgard.

Equilíbrio entre Gêneros

A capacidade de equilíbrio se torna importante à medida em que as sociedades alcançam um status-quo, estando já estabelecida em sua região geográfica (o que só foi possível pelo uso do caráter Feminino e do Masculino em momentos específicos) e há espaço para o surgimento de sábios que transcendam a simples tarefa de sobreviver, passando a refletir sobre assuntos de mais alta esfera. O equilíbrio entre os gêneros é apontado como o caminho para a evolução, e isto não significaria apenas andar pelo caminho do meio, mas sim utilizar de um e de outro quando for necessário.

Uma das denominações para tal equilíbrio é o Hieros Gamos, o casamento sagrado: união entre os princípios energéticos feminino e masculino.

No Hermetismo, este conceito é abarcado pela Lei do Gênero, que afirma que “Tudo tem em si os princípios masculino e feminino”. Em algumas aplicações, um dos princípios está mais acentuado do que o outro, mas devido à existência intrínseca dos dois princípios será sempre possível sintonizar as frequências para um ponto central, ou mesmo para o extremo oposto, caso desejado.

Gênero enquanto construção social

Como já foi comentado, nos primórdios da sociedade, os papéis sociais eram extremamente influenciados pelas características anatômicas à medida em que as atividades de inseminação, gestação, concepção, amamentação, cuidados com os filhos, coleta e caça eram realizadas. Porém, alguns destes papéis não são tão rígidos nas sociedades mais recentes. Há uma desvinculação dessas atividades em relação aos genitais e aos gêneros, na medida em que (com óbvia exceção à concepção) passam a ser realizadas por técnicas novas, ou mesmo compartilhadas entre os pais.

Sendo assim, percebe-se que os conceitos de “homem” e “mulher” tratam-se de construções sociais, que passam a ser mais limitantes do que úteis à medida em que a sociedade evolui e não necessita desta definição ferrenha de papéis. Genitais não são mais expostos à sociedade, e a aparência facial ou corporal, completamente moldável (por meio de cosméticos, por exemplo), falha miseravelmente como possível critério absoluto para esta classificação.

Em outro aspecto, a própria característica anatômica dos genitais não é puramente binária. Embora com menor ocorrência, além das variações

entre os genitais masculino e feminino ditos “absolutos”, existem os intersexuais, com características mistas. Esta não binariedade anatômica, mas também a não binariedade psicológica, são conhecidas desde tempos imemoriais, como citado acima em relação ao deus Hermafrodito, e também quanto às Hijras na Índia, e os “dois-Espíritos” em inúmeras tribos indígenas norte-americanas.

Gênero no novo Æon

Por fim, observando-se todas as questões relacionadas a gênero na magia, é importante ter em mente que cada pessoa é um microcosmo. Mulheres, Homens e Pessoas não Binárias possuem em si o potencial de realizar qualquer atividade, mágica ou não, e as peculiaridades que podem surgir por questões anatômicas influenciam meramente no método ritualístico, mas não no caráter energético ou no potencial de quaisquer dos corpos e/ou gêneros.

No novo Æon, caem as barreiras, e tudo se compartilha e se mistura no turbilhão do Aquário, visando à evolução e à libertação das amarras mundanas. Por andarem em cardumes, os Peixes se sentem poderosos, mas quando a própria água da mudança é o ambiente onde estão imersos, estes devem escolher entre entender as correntes para poder seguir o fluxo, ou afundar junto com o antigo Æon.

9. Manifesto por uma Bruxaria Queer Inclusiva

Por Felix Mecaniotes

“A magia é uma só, porque se preocupar com algo feito apenas para LGBTs ?” lembro de ouvir esta pergunta quando um amigo propôs a criação de um grupo no facebook de magia que aceitaria apenas LGBTs, parece uma questão pertinente e simples, mas questionemos o status quo e nos perguntemos: quantos feitiços de amor não exibem em suas receitas “para homem conquistar mulher” e vice versa? Procure *bindrunes* sobre o mesmo tema e verá que a recorrência é a mesma. Não estou é claro falando apenas da questão da magia de amor, quantos textos existem sobre o poder do sexo e como uma relação saudável faz bem à magia? Quantos destes textos são voltados para a sexualidade LGBT? O único texto que conheço neste sentido chama-se “Sodomia como Realização Espiritual”, escrito por Phil Hine e é algo produzido por um escritor de magia do caos, não wicca.

Sim, a magia é uma só, mas cada um de nós a acessa de modo distinto, é quem somos que acessa a magia de sua forma, as chaves pertencem a aqueles que se conhecem e é parte deste conhecimento a sexualidade; ainda mais, ser um LGBT em muitos casos perpassa a questão individual e passa a falar sobre uma comunidade, um nicho social com seus próprios dialetos, gostos, e porque não falar, seu próprio meio de acessar os mistérios?

Parte da importância do sacerdócio está em servir a comunidade. O quanto você, bruxo LGBT, empenha de sua magia para proteger os seus? Onde está o seu senso de comunidade? O quanto nós nos empenhamos para que as leis do nosso País sejam favoráveis a nós em igualdade com nossos compatriotas heterossexuais? O quanto de nosso tempo dentro da

bruxaria é dado a curar as feridas que o patriarcado nos causa, comungando com os deuses e pedindo o auxílio para curar outros?

Como um homem gay, passei uma boa parte da minha vida mágica percebendo uma ausência de modelo. O Deus não é um homem, ele é o sagrado masculino, a Deusa não é uma mulher, ela é o sagrado feminino, mas ainda assim costumamos ver uma expressão da religião heterossexualmente centrada. E não estou dizendo aqui que devemos mudar os dogmas e colocar dois homens traçando juntos um círculo, mas estou convidando a todos para entender o sagrado feminino e o sagrado masculino dentro de todos nós. (e isso não vale apenas para LGBTs). Entender o poder de nossa sexualidade, o poder da formação de nossa identidade é antes de tudo empoderar-se, é galgar um poder que advém da percepção da divindade em nós, pois todos nós somos uma expressão única do todo, do cosmos.

Isso é um convite: que tal da próxima vez em que você traçar um círculo, você não pede aos deuses que lhe mostrem as melhores maneiras de se empoderar magicamente através da sua expressão sexual? (e a energia sexual vai muito além do sexo em si).

Que tal pensarmos em produzir conhecimento que ajude nossos irmãos na magia a entender quem são, a curar-se das feridas, e para proteger nossos tão amados irmãos? Que tal produzirmos magia de forma a diminuir o número de transexuais que são mortos todos os anos, até que os índices cheguem à zero?

Ouvi mais de uma vez que, como gay, eu não deixo de ser homem e, portanto, partícipio dos mistérios masculinos, sim, é verdade; mas inegavelmente nestes mesmos círculos me vi forçado a ver constantemente minha vivência ser colocada como um desvio da expressão masculina, uma página de rodapé, já que a expressão mais

comum é a heterossexual, mas não, eu não sou uma nota de rodapé, e está na hora de nós passarmos a produzir uma literatura que fale sobre a questão mágica do homem gay, os mistérios masculinos do homem que gosta de outros homens. Assim também o devem fazer as mulheres. Está na hora de percebemos que os antigos padrões não são suficientes para entender a unquidade de nossa sexualidade e de nossa presença no mundo. Não ver isso é apagar-se, ou correr o risco de sermos explicados — como li várias vezes — como uma mera ponte entre os mistérios masculinos e femininos, e não como uma expressão única neste grande mistério que é a vida.

Honre os ancestrais da chama viada, assim como honramos aqueles que queimaram na fogueira, ambos morreram para que hoje você estivesse aqui, para que nós estivéssemos aqui. Honre-os garantindo aos que virão depois de nós que o caminho seja para eles mais fácil do que é para nós.

Isto é um chamado.

10. A Sereia e a Mulher Trans

Por Alicia Fernandes

Já faz um bom tempo que eu tenho vontade de fazer esse texto porque às vezes sinto um grande vazio quando se trata do debate sobre a simbologia trans. Você já se perguntou por que é tão comum ver meninas trans que são fascinadas por sereias na infância? Você sabia que a sereia é o principal símbolo da mulher trans? Vamos falar um pouco sobre isso hoje.

Quando você é criança e vê aquela mulher linda e encantadora na TV que é uma figura admirada por todos e não precisa de uma vagina pra ser reconhecida por TODOS como "mulher", como um ser feminino, imediatamente você se identifica. Claro que no momento você não sabe que é por esse motivo, pois a única coisa que o seu consciente vê ali é uma mulher linda y misteriosa, que se conhece muito bem (se empoderar do seu maior dom e utilizá-lo como "arma" também é um sinal de autoconhecimento) e é LIVRE. Ela nada com liberdade pelo oceano e conhece os seus 'Segredos' porque sabe que a ele pertence.

Sabe o momento em que você vê a sereia sentada numa pedra no meio do oceano se penteando e olhando no espelho e você fica quase hipnotizada com aquilo? Pois é, aquilo já é o seu inconsciente tentando te dizer o quão grande é o seu desejo de estar nesse lugar. A maioria de nós tem, desde criança, o grande desejo de olhar no espelho e ver uma mulher linda de cabelos longos. Seria equivocado da minha parte dizer que muitas de nós tem quase uma obsessão por cabelo grande até certo momento da transição? Creio que não. Ademais, o espelho e o ato de pentear os cabelos (que inclusive acho bom lembrar que é muito comum entre mãe e filha na infância) são duas coisas que geralmente possuem um valor subjetivo muito forte e especial pra maioria de nós. Inclusive o

espelho também possui um papel fundamental no processo de maturação do homem trans, mas deixarei isso pro próximo texto.

Sabe aqueles filmes com sereias que sempre tem um momento em que ela deseja mais do que tudo ter pernas e ser uma "garota normal"? Poder andar pela terra com liberdade e viver um romance com um homem da terra? Agora me digam, quantas vezes nós mesmas não já olhamos no espelho e desejamos mais que tudo ser uma "garota normal"? Não ter uma "cauda"? - aqui vou trabalhar com a noção de homem que nos é passada desde a infância, a noção de que só existem homens cis - Por várias vezes nós desejamos isso principalmente pra poder ter um romance com um "homem da terra", mas você no fundo sempre sente como se ele nunca fosse te entender porque são duas realidades tão diferentes que é quase como se ele vivesse na terra e você no mar. Você sempre se sente um pouco estranha com ele, como se não pudesse ser você mesma 100% do tempo porque afinal de contas ele é "apenas um garoto "normal"". Comparemos isso tudo com a primeira vez que nos apaixonamos por um garoto na nossa infância/adolescência.

Quantos filmes de sereias nós assistimos que possuem sereias crianças ou anciãs? Elas são mulheres que nunca foram meninas. Mulheres que nunca tiveram a oportunidade de envelhecer. Pura coincidência?

Para finalizar, vou falar um pouco do sentimento de pertencimento. À medida que vivemos numa sociedade extremamente cisnormativa, nós nos sentimos cada vez mais perdidas no mundo. O sentimento de pertencer a um lugar assim como a sereia pertence ao mar é simplesmente gigante. A vontade de ter um lugar que você realmente é aceita como é e pode chamar de lar é permanente até o momento do descobrimento de si mesma.

Quando eu posto no meu Facebook a frase “sou a sereia que nada na imensidão de si mesma, que nada com liberdade pelo oceano e sabe que dele veio e a ele pertence”, eu estou falando de autoconhecimento, de pertencimento, de orgulho de ser quem é, de finalmente olhar no reflexo do espelho (ou da água do mar) e se reconhecer, de conhecer suas origens e ser livre, se sentir livre dentro do seu próprio corpo e sua própria alma.

São coisas tão profundas e tão próprias da minha experiência como uma garota trans que no fundo eu duvido muito que uma pessoa cis consiga entender a real complexidade disso.

11. Inanna - Mãe das Travestis

Por Helena Agalenéa

O meu nome é Helena, sou uma travesti/mulher trans — que por vezes se diz bicha poc — como num fluido de identidades femininas transitórias — mas sempre ela: a Helena. Pertença a um coletivo de bruxos e artistas majoritariamente trans, onde pratico magia com meu melhor amigo Paul, transmasculino, pansexual e artista visual incrível, com minha amiga Lira: travesti, estilista e tatuadora, com meu parceiro, Kaian: homem cis bi, rei das hortas e da composteira, Dann: gay, preto, DJ que trouxe muitos ensinamentos sobre religião de matriz africana e discussões étnico-raciais para nosso coletivo, trazendo sabedorias ancestrais muito poderosas, Ayanna: travesti preta artista, maquiadora, performer multitalentosa, Allura: travesti cantora e maquiadora talentosíssima, e demais pessoas queridas em nossa egrégora como Maria, Eshiley, Allan, Lena, Julia, dentre outras. Temos uma sede para nossa bruxaria, que é a minha casa junto do Dann, da Lira e do Kaian. O Paul morou com a gente por muito tempo, e vira e mexe Allura e Ayanna fazem residência aqui.

Por que contextualizo tal? Porque viver numa casa só com LGBTQ+, me relacionar afetivamente com um cara que passou a pertencer a este mundo, ter trabalhos voltados para nossa população — tudo isso corrobora para uma **prática mágica transviada**. Além de bruxos e artistas, alguns de nós somos acadêmicos/pesquisadores nas “horas vagas”. O Paul terminou há alguns anos o mestrado dele falando do *queer* no Brasil, o que ele defende enquanto **transviado** — aquilo que transvia, que quebra com as regras e normatividades impostas. Seu trabalho se deu analisando o trabalho visual de artistas como Linn da Quebrada, Liniker, Rico Dalasam, entre outros.

Já o meu ‘academicismo’ se volta para a Suméria antiga, lá nos tempos de 4.500 AC a 1.900 AC, mais ou menos. Eu pesquiso sobre a **Deusa Inanna**. E por que eu pesquiso sobre essa Deusa? Quem foi Inanna? Resumidamente Inanna foi uma das principais Deusas do panteão sumério, civilização que viveu na região da Mesopotâmia, entre os rios Tigre e Eufrates. Sua cidade principal de culto era Uruk, onde o seu templo Eanna estava localizado (templo que também foi de devoção do deus primordial do céu: Anu). Podemos analisar a mitologia suméria por vários aspectos, incluindo nas similaridades com o panteão egípcio e depois grego em alguns aspectos (já que são panteões que acabaram se tornando mais mainstream nos círculos que frequento), mas aqui gostaria de me focar na figura da Deusa Inanna e o seu papel como “transgressora de gênero” — primeiro numa análise histórica a partir de poemas antigos e depois a partir de um artigo chamado Inanna: Reinforcer of Heteronormativity, or Legitimizer of Non-heteronormativity? — escrito por Christopher E. Ortega, no programa de mestrado de antropologia e estudos religiosos da Universidade do Estado da Califórnia (California State University).

Inanna é conhecida como a Deusa do sexo, da fertilidade e da guerra. Em meu trabalho com tradução dos seus poemas, pude notar um pouco de sua personalidade. Os textos traduzidos do cuneiforme direto para o inglês podem ser encontrados no *Electronic Text Corpus of Sumerian Literature*, mas existem pouquíssimas traduções para o português, e é isso o que eu venho fazendo nos últimos tempos. Em dois dias de tradução (irei disponibilizar trechos dos poemas no próximo tópico deste capítulo) fiquei sabendo que Inanna devora homens como cachorros, mancha de sangue o rio das terras estrangeiras, é dona de fúria implacável, sábia e sensata, é dotada da mais bela beleza, é dona dos prazeres, considerada aquela que transforma homens em mulheres e mulheres em homens; e também me delicieei com o cunho erótico e direto

de várias poesias antigas: Inanna pede que alguém lave sua vulva, e ainda quer beber o leite de seu amado pastor. Inanna ensina a masturbá-la enquanto a beija, dentre outros ensinamentos *gostosos*.

Como pode uma Deusa tão furiosa ser tão erótica? — Essa a pergunta que várias pessoas do sagrado feminino fizeram em blogs, livros, oráculos (o sagrado feminino foi minha primeira conexão com o mundo da feitiçaria). Conheci muitas mulheres cis, inclusive, que a chamam de grande mãe que cuida de tudo e todos, apagando completamente a sua personalidade impulsiva, manhosa, impetuosa e sexual — fui em rodas e li livros de mulheres que não a veneram enquanto Deusa da guerra, também apagando esta faceta belicosa. E me pergunto: as pessoas veneram em Deusas aquilo que identificam em si mesmas? Então é por isso que ninguém olhou para a quebra dos estereótipos de gênero que Inanna faz? É por isso que eu, travesti brava e sexual (Vênus em Áries, uuuuh), quero tanto buscar essa faceta transgressora e belicosa numa Deusa, ou é porque eu estou cansada de ser apagada da história da humanidade? Cresci nessa sociedade patriarcal cristã, onde a figura sagrada máxima é masculina e única. Então fui buscar me consolar, já mais velha, nessa bruxaria que fala sobre o poder sagrado do útero das mulheres e seu poder de criação. Mas e as mulheres como eu? As mulheres que tem pau! E os homens que tem útero? E nós travestis, e as pessoas não-binárias? E pessoas intersexo? Então sair do Deus patriarcal para uma Deusa que é poderosa pelo seu útero mostrou-se também violento, agressivo para o meu corpo (em menor escala, claro!): eu continuei não sendo representada, cuidada e honrada enquanto ser humano. Também busquei na Wicca algum consolo, mas pensar que a roda do ano é sempre baseada na relação entre um homem e uma mulher não me deixou confortável. E homem com homem? E mulher com mulher? E homem com homem com mulher? E andrógina com homem

com mulher? E as gay? E as sapatão? E as trans? Não existem divindades centrais de nenhum culto que são como nós LGBTQ+?

Uma cautela que gosto de salientar: estamos olhando os mitos de deuses e deusas antigas com os nossos olhos atuais. Não sabemos como gênero se dava na Suméria, não sabemos se a noção de identidade era binária naquela sociedade, e os antropólogos e historiadores dos séculos XIX e XX fizeram o desserviço de traduzir qualquer corpo que fugisse da norma de suas respectivas épocas como “eunuco” ao longo de suas traduções e análises históricas — e nunca querendo estudar e averiguar mais sobre esses corpos. Foi essa visão machista de historiadores homens que levou muitas mulheres a quererem analisar mitos antigos com os levantes da segunda onda feminista, ali por volta dos anos 70 (e o despertar/florescer do sagrado feminino). Então quando um movimento de sagrado pensado por mulheres buscou em muitas Deusas antigas uma emancipação de seus corpos, entendo que com isso veio muita romantização sobre uma época “matriarcal onde as mulheres eram soberanas” — ou seja, mesmo que o trabalho tenha sido para contrapor a visão machista dos homens pesquisadores dos estudos anteriores, acredito que ele tenha também se dado de maneira enviesada. E eu não quero analisar os mitos de Inanna para sonhar com a “sociedade super transgênera que existiu”, não quero romantizar o traviarcado (risos), mas buscar fragmentos, pequenos elementos que hoje, no século XXI, podem e devem ser ressignificados. Cultuar uma Deusa antiga, para mim, não é buscar a forma como os sumérios a cultuavam ou mesmo falar de uma sociedade utópica e ideal do passado comandada por travestis. Fiz faculdade de Artes Cênicas e Iniciação Científica em Tragédia Grega (textos lá pro século V antes de Cristo): ficou muito nítido para mim e para muitas diretoras, atrizes e teóricas das artes que jamais replicaremos o que existiu lá atrás. Penso o sagrado dessa forma: não tem como haver um resgate aos cultos de Inanna da forma como se deram — a sociedade

configurada da forma que a cultura da época permitia é completamente outra em relação a atual. Então o mesmo cuidado que tomo para não analisar e romantizar a cultura antiga com meus olhos do século XXI eu tenho com o não querer reproduzir o que entendo enquanto ancestral no agora — e sim pensar em uma ressignificação, um reavivamento (está aqui toda a minha herança da Magia do Caos). Este culto a Inanna não sobreviveu ao longo do tempo para ter um quê de “tradição” identificado e passado ao longo dos anos. Todo nosso acesso ao conteúdo poético/religioso do povo sumério se dá através de fragmentos históricos — e estes fragmentos estarão, sempre, abertos a interpretação de quem os ler.

Então como dei o nome deste texto de Inanna: Mãe das Travestis? Pois analisando sua história, mitos, poemas e lendo a tese mencionada acima, acredito que criei bastante estofa para ressignificar essa Deusa no meu contexto socio-político-cultural atual. Ou seja, em vez de defender a priori a ideia de que no passado existiu uma Deusa mãe de todos os corpos dissidentes/transviados ou em vez de querer cultuar a Inanna hoje como os sumérios a cultuavam, eu busquei um caminho meu, criativo, conectado e beeeem imagético/poético de cultuá-la a minha maneira. Com base nas poesias, no que sobreviveu sobre ela e chega até nós por imagens, símbolos e canções escritas, invento o meu repertório, me conecto e faço magia com esta Inanna tão antiga, mas que renasce contemporânea, que é uma Deusa ancestral, mas mãe de todas as travestis, este gênero brasileiro de uma dissidência — que pode ter se apresentando enquanto tantos outros gêneros em outras culturas. E uso aqui a palavra mãe numa ressignificação outra também: a maternidade atual é uma imposição social. A Inanna que cultuo é mãe-mana-sister, é guia. Não me oferece o colo para mamá-la — a não ser que seja numa conotação sexual.

Antes de apresentar como eu a ressignifiquei dentro da ideia do nosso **sagrado transviado** — o sagrado praticado por mim e meus amigos amigas amores, gostaria de compartilhar um pouco dos estudos-análises tanto a partir dos poemas como do artigo.

A Poesia Suméria

Na literatura suméria é normal os poemas não terem nome de autor e nem mesmo título. Muitos dos títulos hoje utilizados para identificar estes poemas são dados pelo *ETCSL* — *o Electronic Corpus of Sumerian Literature*. No entanto, não há autor mais antigo no mundo, que conhecemos por nome, do que a princesa, sacerdotisa e poetisa En Hedu'anna, autora dos belos Hinos a Inanna, há mais de 4.000 anos. "En" dá-nos sua denominação como sacerdotisa, "Hedu" significa "adorno" ou "beleza", levando seu nome a poder ser compreendido como "sacerdotisa das belezas de Nanna". Nanna é o deus da Lua, pai da Deusa Inana, identificada enquanto o planeta Vênus (o que explica uma das várias conexões que muitas bruxas fazem entre ela e Afrodite). Em outros escritos, encontrei também que "En" é algo como Suma-sacerdotisa, Alta-sacerdotisa.

Enheduanna (como seu nome também é escrito diversas vezes na atualidade) viveu em Ur, uma das mais antigas e primeiras cidades do mundo entre as quais foram descobertas. Filha do rei Sargão da Acádia e da rainha Tashlultum, escreveu os chamados Hinos Templários Sumérios, considerados uma das primeiras tentativas de sistematização teológica. Compôs ainda outros poemas devocionais à deusa Inanna. Durante o reinado de seu irmão, rei Rimush, envolveu-se em turbulências políticas e acabou banida da cidade, relatando os acontecimentos e seu retorno à posição de suma-sacerdotisa algum

tempo depois no poema "Exaltação a Innana" — traduzido para o português, por mim, cujos trechos serão analisados ainda neste tópico.

Sem mais delongas, vamos analisar alguns trechos de dois poemas de Enheduanna e um poema sem autor, sendo os da sacerdotisa "Hymn to Inana" e "The Exaltation of Inana".

O Hino a Inanna

Versos 115-131

To run, to escape, to quiet and to pacify are yours, Inana.

To rove around, to rush, to rise up, to fall down and to a companion are yours, Inana.

To open up roads and paths, a place of peace for the journey, a companion for the weak, are yours, Inana.

To keep paths and ways in good order, to shatter earth and to make it firm are yours, Inana.

To destroy, to build up, to tear out and to settle are yours, Inana.

To turn a man into a woman and a woman into a man are yours, Inana.

Desirability and arousal, goods and property are yours, Inana.

Gain, profit, great wealth and greater wealth are yours, Inana. Gaining wealth and having success in wealth, financial loss and reduced wealth are yours, Inana (*1 ms. has instead: Everything*), choice, offering, inspection and approval are yours, Inana.

Assigning virility, dignity, guardian angels, protective deities and cult centres are yours, Inana.

Tradução minha: O Hino a Inanna

Correr, fugir, calar e pacificar é seu, Inana.

Correr, correr, se levantar, cair e uma companheira és tu, Inana.

Para abrir estradas e caminhos, um lugar de paz para a jornada, uma companhia para os fracos, é seu, Inana.

Manter caminhos e jornadas em boa ordem, despedaçar a terra e torná-la firme são seus, Inana.

Destruir, construir, arrancar e resolver são seus, Inana.

Transformar um homem em uma mulher e uma mulher em homem são seus, Inana.

Desejabilidade e excitação, bens e propriedades são seus, Inana.

Ganho, lucro, grande riqueza e maior riqueza são seus, Inana.

Ganhar riqueza e ter sucesso em riqueza, perda financeira e redução de riqueza são seus, Inana (*ou também “Tudo”*), escolha, oferta, inspeção e aprovação são suas, Inana.

Atribuir virilidade, dignidade, anjos da guarda, divindades protetoras e centros de culto são seus, Inana

Quem seriam estes homens transformados em mulheres e estas mulheres transformadas em homem que destaquei em negrito? Como eu não entendo o cuneiforme (escrita da qual traduziram os poemas para o inglês), eu me pergunto: será que as palavras usadas na língua antiga são similares a ideia de mulher e de homem, ou encaixá-las nestes gêneros foi alguma aproximação? De qualquer forma, quem é esta Deusa que transforma uma pessoa de um gênero no outro? Muito me intriga o fato do verso posterior às “transformações” ser sobre desejabilidade e excitação.

Outra coisa que me pergunto: o que significaria, exatamente, para os sumérios, transformar um homem em uma mulher e o oposto? Mais adiante introduzirei as *galas*, sacerdotisas sumérias responsáveis por entoar cânticos à Deusa Inanna. Estas sacerdotisas possuíam pênis: seriam elas as “transexuais” da antiguidade? Será que transformar

homens em mulheres e mulheres em homens era algo de cunho religioso nesta época antiga?

As perguntas que levanto são muitas, e nos próprios poemas não encontrei — ainda — uma passagem que explique como o gênero dessas sacerdotisas se dava nessa sociedade suméria — mas encontrei um poema ainda mais interessante (não de autoria da poetisa) que mostra a criação de corpos outros, de dissidências, entre os quais temos uma mulher estéril, um homem com deficiência nos pés, um homem com deficiência nas mãos, um ser que não possuía nem pênis ou vagina (podendo ter os dois parcialmente formados, ou completamente formados, quem sabe?) e a todos estes humanos existe um papel social atribuído, relacionado a trabalhos com o rei. Também não encontrei tradução para o português, portanto a tradução abaixo também é minha.

Enki e Ninmah

Versos 52-55

Enki and Ninmah drank beer, their hearts became elated, and then Ninmah said to Enki: "Man's body can be either good or bad and whether I make a fate good or bad depends on my will."

Enki e Ninmah beberam cerveja, seus corações ficaram entusiasmados, e então Ninmah disse a Enki: "O corpo de um homem pode ser bom ou ruim e se eu fizer um destino bom ou ruim depende da minha vontade."

Versos 56-61

Enki answered Ninmah: "I will counterbalance whatever fate -- good or bad -- you happen to decide." Ninmah took clay from the top of the abzu in her hand and she fashioned from it first a man who could not bend his outstretched weak hands. Enki looked at the man who could not bend

his outstretched weak hands, and decreed his fate: he appointed him as a servant of the king.

Enki respondeu a Ninmah: "Vou contrabalançar qualquer destino - bom ou ruim - o que você decidir." Ninmah pegou argila do topo do Abzu em sua mão e fez dela um homem que não conseguia dobrar suas mãos fracas distendidas. Enki olhou para o homem que não conseguia dobrar as mãos fracas distendidas e decretou seu destino: nomeou-o como um servo do rei.

Versos 62-65

Second, she fashioned one who turned back (?) the light, a man with constantly opened eyes (?). Enki looked at the one who turned back (?) the light, the man with constantly opened eyes (?), and decreed his fate allotting to it the musical arts, making him as the chief in the king's presence.

Em segundo lugar, ela fez um que voltou atrás (*ou virou-se para trás?*) (?) a luz, um homem com olhos constantemente abertos (?). Enki olhou para aquele que voltou atrás (?) a luz, o homem com olhos constantemente abertos (?), e decretou seu destino atribuindo a ela as artes musicais, fazendo dele o chefe na presença do rei.

Versos 66-68

Third, she fashioned one with both feet broken, one with paralysed feet. Enki looked at the one with both feet broken, the one with paralysed feet and him for the work of and the silversmith and (1 ms. has instead: She fashioned one, a third one, born as an idiot. Enki looked at this one, the one born as an idiot, and decreed his fate: he appointed him as a servant of the king.)

Terceiro, criou um com os dois pés quebrados, um com os pés paralisados. Enki olhou para aquele com os dois pés quebrados, aquele com os pés paralisados e ele pelo trabalho de e o ourives e (1 ms. em vez disso: Ela criou um, um terceiro, nascido como um idiota. Enki olhou para este, aquele que nasceu como um idiota, e decretou seu destino: ele o nomeou como um servo do rei.)

Versos 69-71

Fourth, she fashioned one who could not hold back his urine. Enki looked at the one who could not hold back his urine and bathed him in enchanted water and drove out the namtar demon from his body.

Em quarto lugar, ela fez um que não conseguia segurar sua urina. Enki olhou para aquele que não conseguiu segurar a urina e o banhou em água encantada e expulsou o demônio namtar de seu corpo

Versos 72-74

Fifth, she fashioned a woman who could not give birth. Enki looked at the woman who could not give birth, and decreed her fate: he made (?) her belong to the queen's household. (1 ms. has instead: as a weaver, fashioned her to belong to the queen's household.)

Quinto, ela criou uma mulher que não podia dar à luz. Enki olhou para a mulher que não podia dar à luz e decretou seu destino: ele a fez pertencer à casa da rainha. (1 ms tem em vez disso: como uma tecelã, formou-a para pertencer a casa da rainha.)

Versos 75-78

Sixth, she fashioned one with neither penis nor vagina on its body. Enki looked at the one with neither penis nor vagina on its body and give it

the name "Nibru eunuch (?)", and decreed as its fate to stand before the king.

Em sexto, ela formou uma com nem pênis ou vagina em seu corpo. Enki olhou para o que não tinha nem pênis ou vagina em seu corpo e deu-lhe o nome "Eunuco de Nibru(?)", E decretou como seu destino ficar diante do rei.

Gosto muito desse poema por nos mostrar a existência antiga de corpos que, até os dias atuais, são considerados "diferentes". Embora eu não vá abordar as questões sobre PCD e os diversos bloqueios capacitistas que a sociedade impõe a estas pessoas até hoje no campo profissional, afetivo, social, político, etc; achei muito rico encontrar informações sobre corpos dissidentes pela norma contemporânea, em textos antigos, e ler sobre suas funções sociais: servir o rei, se tornar ourives, etc. Não que estes corpos mereçam ocupar este papel de "servidão" e não serem autônomos de si mesmos, mas não sei até que ponto servir o rei, naquela época, era um grande privilégio — assim como a mulher estéril que vira tecelã e acompanha a rainha. Talvez o deus Enki esteja realmente atribuindo um alto lugar social a estes corpos, aproximando-os do rei.

Dentre tantos corpos que a Deusa Ninmah criou com suas dissidências, me chama atenção o corpo que não possui pênis ou vagina. Seria um corpo intersexo? Existem várias formações diferentes das genitais pênis ou vagina como conhecemos, os corpos intersexo que podem se manifestar de várias formas — chegando até a ter bem desenvolvidas as duas genitais, ou ser um corpo que pela parte externa possui uma fisicalidade "discordante" — de acordo com a medicina cisnormativa — da parte interna: como uma pessoa que nasce com pênis, mas dentro de seu corpo há um útero. Existem também intersexo em níveis hormonais, cromossômicos, existem várias formas de se existir neste mundo enquanto um corpo para além dos binarismos, mas estes também foram

corpos apagados ao longo da história até os dias atuais, onde muitos bebês passam por cirurgias de readaptação de suas genitais com o consentimento de seus pais (e algumas vezes, sem!), e muitas vezes crescem sem saber que sua genital passou por uma cirurgia. No entanto, falar sobre a norma e a cultura normativa que nos é imposta pelos sistemas de poder é algo que será discutido pelo meu querido amigo Paul Parra em seu texto “Por um sagrado transviado”.

Até agora sabemos, portanto, que Inanna é a Deusa que transforma homens em mulheres, mulheres em homens, e que existem pessoas aparentemente intersexo ocupando a posição de se localizar perante o rei — o que me soa, pelo texto, de grande prestígio — já que diferente de outros corpos que “serviriam ao rei”, nos versos anteriores de Enki e Ninmah, é descrito que esta pessoa ficará diante do rei. O que mais podemos encontrar sobre corpos dissidentes nos poemas antigos?

Em minhas traduções, também fiquei muito animada com outro poema de En’Hedu Anna, conhecido como “A Exaltação de Inanna”. Ele não nos dá nenhuma pista sobre corpos hoje dissidentes, mas nos mostra o caráter belicoso da Deusa! Existe um apagamento sistêmico do caráter “masculino” de várias Deusas ao longo da história. Em dois anos consumindo e frequentando o sagrado feminino, ficou muito nítida para mim a divisão entre “sagrado masculino” e “sagrado feminino”, e a raiz dessa separação já é transfóbica per si: o falo que é para fora é a energia ativa, yang, belicosa, racional e é por isso que os homens são “viris” e “decididos”, “objetivos”. O homem é o “Sol”, a ciência, fogo e o ar, impositivo. E o útero é para dentro, acolhedor, criativo, acolhe um (ou mais) bebês, é força geradora, e por isso o feminino, receptivo, emocional, espiritual, intuitivo, subjetivo, aquele que acolhe. Em vários livros de sagrado feminino pude ler sobre a força institutiva da fêmea que protege a prole, e é criadora, intuitiva, acolhedora e materna “por natureza”.

Muitos desses livros foram importantes para meu fortalecimento enquanto mulher, mas em dado momento deixou de bastar: era eu menos mulher? Entendo que depois de tantos anos de patriarcado, exista uma hipervalorização do “feminino” em detrimento da “masculinidade” — mas quem disse que o corpo é naturalmente algo ou outro? Quem disse que o meu falo é masculino? Sou astróloga e entendo perfeitamente as qualidades Yin e Yang de uma pessoa, ativa e receptiva, mas não pelo gênero, e sim por uma complexa teia de relações entre planetas, asteróides, rabiscos no céu!

Não seria essa hipervalorização de alguns sagrados femininos do papel de mãe também machista? A mulher — com útero — está destinada ao acolhimento pelo simples fato de ter um útero? Existe uma veneração de várias Deusas antigas como Grande Mãe, como se todas as Deusas fossem a mesma Deusa (E deusas de Hera à Kali, Hathor à Coatlicue, Lilith à Amaterasu), e como se o que unisse todas essas facetas fosse essa qualidade “Mãe”. Mãe sábia, mãe selvagem, mãe amorosa, mas sempre mãe. Somos seres sociais e culturais, não somos como a loba que somente vive para dar luz a sua prole e continuar a espécie. Nós somos livres para correr com lobos e lobas, caso queiramos, mas somos complexas, seres sociais, culturais. E quando eu vejo esta exaltação de Inanna como a grande mãe, fico pensando que de “materna” ela não possui nada. E lendo sobre ela, cada vez mais, eu noto essas qualidades que seriam consideradas “masculinas” pelo sistema binário hegemônico.

Fica abaixo alguns trechos da (verdadeira) Exaltação de Inanna, de Enheduanna.

A Exaltação de Inana

Versos 74-80

Suen, tell An about Lugal-ane and my fate!
May An undo it for me!
As soon as you tell An about it,
An will release me.
The woman will take the destiny away from Lugal-ane;
foreign lands and flood lie at her feet.
The woman too is exalted, and can make cities tremble.
Step forward, so that she will cool her heart for me.

Suen, conte sobre o Lugal-ane e meu destino!
Que An possa desfazê-lo para mim!
Assim que você contar a An sobre isso,
An me liberará.
A mulher tirará o destino de Lugal-ane;
terras e inundações estrangeiras estão a seus pés.
A mulher também é exaltada e pode fazer as cidades tremerem.
Dê um passo à frente, para que ela esfrie seu coração por mim.

**Lugal é o título que dão aos reis. An é o antigo deus do céu, um dos deuses mais primordiais do panteão sumério.*

Versos 109-115

Most precious lady, beloved by An, your holy heart is great;
may it be assuaged on my behalf!
Beloved spouse of Ucumgal-ana,
you are the great lady of the horizon and zenith of the heavens.
The Anuna have submitted to you.
From birth you were the junior queen: how supreme you are now over
the Anuna, the great gods!
The Anuna kiss the ground with their lips before you.

A mais preciosa dama, amada por An, seu coração sagrado é grande;
Que seja aliviado em meu nome!
Amada esposa de Ucumgal-ana,
você é a grande dama do horizonte e zênite dos céus.
Os Anuna se submeteram a você.
Desde o nascimento você era a rainha mirim: quão suprema você é agora
sobre os Anuna, os grandes deuses!
Os Anuna beijam o chão com seus lábios diante de você.

**Ucumgal-ana é outro dos nomes de Dumuzid, principal amante de Inana, o pastor que se torna seu esposo. Os deuses Anuna, ou Anunnaki são deuses poderosos primordiais, descendentes do deus dos céus, An.*

Versos 122-133

t must be known! It must be known!
Nanna has not yet spoken out! He has said, "He is yours!"
Be it known that you are lofty as the heavens!
Be it known that you are broad as the earth!
Be it known that you destroy the rebel lands!
Be it known that you roar at the foreign lands!
Be it known that you crush heads!
Be it known that you devour corpses like a dog!
Be it known that your gaze is terrible!
Be it known that you lift your terrible gaze!
Be it known that you have flashing eyes!
Be it known that you are unshakeable and unyielding!
Be it known that you always stand triumphant!

Deve ser conhecido! Deve ser conhecido!
Nanna ainda não pronunciou! Ele disse: "Ele é teu!"
Seja sabido que você é sublime como os céus!

Seja sabido que você é grandiosa como a terra!
Seja sabido que você destrói as terras rebeldes!
Seja conhecido que você rugiu nas terras estrangeiras!
Seja conhecido que você esmaga cabeças!
Seja sabido que você devora cadáveres como um cachorro!
Seja conhecido que seu olhar é terrível!
Seja sabido que você levanta o seu olhar terrível!
Seja conhecido que você tem olhos brilhantes!
Seja sabido que você é inabalável e inflexível!
Seja sabido que você sempre é triunfante!

Maior que os deuses Anuna — antigos deuses, aquela que é sempre triunfante, cujos trovões destroem a terra estrangeira. “A mulher também é exaltada e pode fazer as cidades tremerem”. Que feminilidade é essa? Essa belicosidade seria considerada masculina por muitas pessoas, mas eu prefiro abolir o conceito de masculino x feminino! E para mim, encontrar tão primordialmente uma figura divina feminina com tais características belicosas é motivo suficiente para repensarmos o que consideramos masculino e feminino ao longo da história! Como disse anteriormente, a origem dessa dicotomia por si, é tranfóbica. Mesmo acreditar em anima e animus, para mim, hoje, parece tão binário demais... Somos multifacetados! Ninguém é só receptiva ou só ativa (hehe, não estou falando de sexo aqui), mas somos vários eus dentro de nós, alguns mais “masculinos” e outros mais “femininos”... Ah, por que não podemos utilizar outros termos? Existe uma imposição muito grande dessa polaridade macho x fêmea, e sinto que se desvencilhar dela será um trabalho longo, mas que, ao mesmo tempo, muito me estimula e excita! Pensar quem somos a partir de uma gama de possibilidades, e não somente azul e rosa, me faz completamente feliz.

O sagrado feminino é um movimento espiritual que nasce a partir do feminismo de segunda onda, por volta dos anos 70 (e por muitas vezes se

distanciou do feminismo). Eu gosto de ler sobre os estudos de gênero, e a terceira onda do feminismo, com origem ali no fim dos anos 80 e começo dos anos 90, que vem justamente desconstruir a ideia de gênero enquanto algo biológico, quando nos perguntamos em feminismos: quais são os corpos que importam? Quantas são as diferentes mulheridades? São nesses questionamentos que nos é apresentado o abismo social entre mulheres: existem mulheres que sofrem machismo pelo fato de serem mulheres, mas existem aquelas que interseccionalmente sofrem racismo, xenofobia, transfobia, lesbofobia, capacitismo, dentre tantos outros preconceitos que criam uma intrincada rede de poder x não-poder, onde uma mulher — mesmo que mulher — pode estar num local de privilégio comparada a outra irmã, e por aí vai. Portanto entendo que nenhuma relação é binária, no fim das contas.

Criar uma dicotomia entre sagrados, como opostos, um masculino e um feminino, é uma criação de polos que não são opostos mas se constroem nesse lugar: nos separando mais do que nos agregando, nos fixando em lugares que não nos representam! “Masculino” e “feminino” fazem parte de um grande conjunto de qualidades que podem ou não atribuir características a um indivíduo. Depois de entender gênero enquanto um constructo, eu passei a querer pensar um sagrado a partir dessa noção! Um sagrado que enquanto magia também leva em conta a matéria, mas nunca de uma forma biologizante e normativa dos corpos. Homens trans então poderão despejar sua menstruação diluída em água na terra para ajudar as plantinhas, assim como eu posso fazer uma oferenda com o meu sêmen para alguma Deusa da fertilidade, assim como uma bruxa que conheci é trans-mãe e criou seu filho, meu amigo, que hoje é um artista incrível! E a outra mãe dela, a mãe cisgênera (sim, um filho biológico de duas mulheres: uma trans e uma cis), é quem não cuidou e paga pensão... Nossos corpos em nada dizem sobre nossas identidades, gostos, sexualidade, desejos, personalidade na hora que nascem. Sim, viver num

corpo que sofreu preconceito desde cedo deixa marcas e traz fortalecimentos (e outras vulnerabilidades), mas o corpo é corpo, é gente, é pele, diz sobre mim a maneira como boto este corpo no mundo, e não como ele é colocado neste mundo.

No texto do Paul ele abordará com maior destrinchamento o feminismo da terceira onda e a criação de um sagrado transviado a partir da noção de gênero enquanto construção, por isso não discorrerei minuciosamente sobre o tema. Mas um breve resumo que faço sobre os dois feminismos, a partir de algumas leituras e, claro, do meu entendimento, eu percebo:

A **segunda onda** vem para libertar a mulher de seu papel social imposto. Simone de Beauvoir é com certeza uma das expoentes dessa fase, com seu livro O Segundo Sexo — embora a segunda onda tenha o início considerado pós anos 60, o livro de Beauvoir em muito contribuiu para sua discussão. A segunda onda do feminismo ampliou o debate para uma ampla gama de questões: sexualidade, família, mercado de trabalho, direitos reprodutivos, desigualdades legais, etc. Este movimento também chamava a atenção para a violência doméstica e problemas de estupro conjugal, já que antes vivíamos sob o senso comum de que “em briga de marido e mulher, não se mete a colher” (não que ainda não vivamos). E é nesse contexto que se percebe a influência da religião patriarcal enquanto uma ferramenta de dominação dos corpos das mulheres, que devem ser obedientes e fiéis ao marido — e justamente nessa época que nasce a semente do sagrado feminino.

A **terceira onda**, muito influenciada pela corrente pós-estruturalista, vem questionar justamente a condição da mulher, no sentido contrário anterior que buscava a “convicção” de ser mulher, a essência. A partir desta onda nos perguntamos: o que é mulher? É algo construído? Quais as especificidades de cada identidade? Qual tipo de opressão sofrem as mulheres negras que as brancas não? Lésbicas, transexuais, queer?

Nomes dessa época figuram entre Joan W. Scott, Judith Butler, Monique Wittig, dentre outras. O feminismo da terceira onda visa desafiar ou evitar aquilo que vê como as definições essencialistas da feminilidade feitas pela segunda onda que colocaria ênfase demais nas experiências das mulheres brancas de classe média-alta e é a percepção de que as mulheres são de "muitas cores, etnias, nacionalidades, religiões, e origens culturais". Há a abolição de estereótipos baseados em gênero — e é neste pensamento político-social-estético que eu quero pensar o Sagrado Transviado.

Assim eu encerro esta primeira parte de análise, dos poemas, e agora me debruçarei sobre o artigo que discorre o papel de Inanna em relação a heteronormatividade, que evidencia com muito mais detalhes os papéis de corpos "não-heterocisnormativos" na antiguidade.

Inanna: Reforçadora da Heteronormatividade ou Legitimadora da Não-heteronormatividade?

Nesta seção pretendo colocar excertos do artigo original, de Christopher C. Ortega, já traduzidos por mim, visto o tamanho que o texto já está tomando (em vez de comparar inglês e português). E gostaria de iniciar este tópico com um parágrafo já encontrado na primeira página do artigo, e que explica seu intuito:

Dada a evidência para o comportamento de mesmo sexo, travestismo [...] e prostituição e graus variados de não-heteronormatividade na cultura mesopotâmica maior, sugiro que re-examinemos o papel de Inanna e consideremos a possibilidade de ela poder ter realmente representado realidades sociais concretas entre alguns segmentos da população mesopotâmica. Os mitos de Inanna e seu culto profissional podem ter oferecido um espaço social e ideológico seguro para

aqueles que não se encaixam na construção social mais ampla de gênero e sexualidade. (2015, p.1)

Em seu artigo, o autor busca entender a relação do culto de Inanna com a possibilidade de outras vivências de gênero e sexualidade na sociedade Suméria, como se o culto a esta Deusa em específico fosse o espaço onde essas dissidências pudessem encontrar espaço, voz, função social — sendo, portanto, realmente uma “antiga Deusa dos transgêneros”, como tendo a ressignificá-la na atualidade. Assim como pude identificar na leitura dos poemas, Ortega também salienta o caráter “masculino” de Inanna:

Como um estudioso notou de Inanna nos mitos, “em sua falta de encargos/sobrecarga, Inanna vive essencialmente a mesma existência que os jovens homens. Como eles, ela é chamada de “herói” e “viril”. Como [homens jovens], e até mais do que eles, ela ama a guerra e busca amantes ”(Frymer-Kensky 1992: 29, ênfase adicionada). Portanto, Inanna, quando se assemelhando a papéis masculinos no mito, não é apenas masculina, ela é hiper-masculina. Além disso, “ela transcende polaridades e estereótipos de gênero, e é dito transformar homens em mulheres e mulheres em homens ”em alguns mitos. (2015, p.2)

O mito que fala sobre “transformar homens em mulheres e mulheres em homens” é escrito no poema “Hino a Inana”, de Enheduanna, que traduzi no tópico anterior. O artigo de Christopher foi fundamental para a minha aproximação de Inanna com a possibilidade de um sagrado transviado. A Deusa apareceu para mim num jogo de tarô que se chama “descobrimo a divindade”, em 2017. Fiz com o tarô convencional! Então comprei o “Oráculo da Grande Mãe”, e a Deusa que saiu para mim: Inanna. Ainda não satisfeita, procurei os asteroides da Deusa na

astrologia, e descobri que o asteroide catalogado 7088 foi nomeado Ishtar — o nome acádio-babilônio pelo qual Inanna ficaria conhecida.

Assim que o calculei em meu mapa natal, surpreendi-me com exatidão: o asteroide Ishtar estava no grau 22 de Capricórnio, o grau do meu Ascendente (exato). Esta Deusa quer, deseja falar comigo. Ela habita em mim, de alguma forma, como se eu estivesse ansiando por ser sua sacerdotisa também, como En'Hedu Anna e as Gala foram. Então após descobrir estes aspectos astrológicos e estas revelações do tarô, qual não foi a minha surpresa ao chegar neste artigo que traduzo para vocês? Saber que ela é referência em estudos sobre a quebra da normatividade (a partir de uma ótica atual, claro) na antiguidade inundou meu peito de força e desejo de me conectar a ela, de assim como En'Hedu Anna, escrever sobre ela.

Os próximos excertos vão mais fundo ao discorrer sobre as “dissidências de gênero” no culto da Deusa.

1 - As Gala: Pênis + Cu

A mais antiga dessas sacerdotisas travestis foi a gala no período sumério. De acordo com o mito poético encontrado em uma antiga tabuleta babilônica (BM 29616), a gala era uma categoria de pessoas criada por Enki para cantar hinos a Inanna para acalmar sua raiva. A gala cantava esses hinos no dialeto feminino eme-sal, que era usado para recitar as palavras das deusas do sexo feminino (Kramer 1979: 91; 1981: 2). A palavra suméria gala é formada com os símbolos de pênis e de ânus (Steinkeller 1992: 37). Algumas gala até levaram nomes femininos e assumiram papéis de esposas e mães adotivas (Bottéro 2001: 95). Portanto, *alguns dos primeiros funcionários do templo de Inanna exibiram comportamento do mesmo sexo* (esta última frase, em

itálico, é destaque da tradutora) e assumiram identidades transgêneras e não heteronormativas. (2015, p.3)

Achei interessante frisar o comentário sobre “mesmo sexo”, já que entendendo a Gala enquanto um gênero outro, não podemos classificar a relação dela com homens como relações do mesmo sexo (embora ambos tenham pênis, o órgão “sexual”, entendo que o conceito de sexo foi utilizado, aqui, no lugar de “gênero”). Acho também interessante notar que eram as gala que entoavam as canções para apaziguar o coração de Inanna, assim como o canto “A Exaltação de Inanna”, escrito por En’Hedu Anna, era um canto também de acalento para a fúria de Inanna. Ao pesquisar sobre a autora, descobri que ela também era astrônoma, essa uma de suas funções enquanto sacerdotisa, dentre tantas outras.

Do pouco que pesquisei sobre ela, não vi menções sobre casamento ou filhos. Então até que me provem o contrário, partirei do pressuposto que En’Hedu Anna era uma “Gala” — o pai dela já era do império acadiano, então talvez ela fosse uma Assinu, como vocês verão a frente. Sempre que aparece uma pessoa importante na história, partimos do pressuposto que ela é cis. Então até que algum historiador comprove a “cisgeneridade” de En’Hedu Anna, eu tratarei a primeira autora do mundo (e, quem sabe, a primeira cientista ‘mulher’ da qual se tem relato) enquanto uma travesti ancestral!

2 - Us Kurgarrū: Nem Homem nem Mulher

Após o período sumério, us kurgarrū foram mencionados como membros do culto nos templos de Inanna. Como a gala suméria, u kurgarrū acadiano também é explicado etilogicamente de forma mítica. No mito A Descendência de Inanna, Enki cria u

kurgarrū e u galatur, ambos são “nem masculinos nem femininos”, para enganar Ereshkigal e ajudar Inanna a escapar do submundo (Wolkstein e Kramer 1983: 64-67). Em *The Myth of Inanna and Enki* us kurgarrū são listados como Me, uma das características de civilização criada pelos deuses (16). (2015, p3)

Lendo a primeira versão do poema, que penso também em traduzir como “A Descida de Inanna”, eu havia entendido que os “Me” eram os adornos que a Deusa vestia, que representavam símbolos do seu poder - e eram sete ao todo. No entanto, acredito que o poema citado acima, “Myth of Inanna and Enki”, possa dar mais informações sobre a origem mítica das Kurgarru.

3 - Os Assinnu: Eunucos

Us kurgarrū, que “não eram nem homens ou mulheres”, eram frequentemente mencionados em conjunto com os assinnu como servos de Inana, e ambas as classes desses membros do templo ritualmente ‘travestiam-se’ (Roscoe 1997: 66). Um texto de augúrio acadiano do período babilônico antigo, o Šumma ālu, diz que “se um homem tiver relações sexuais com um assinnu, dificuldades serão liberadas” (Kessler-Guinan 1997: 469). Esta pode ser uma função da prostituição ritual que os assinnu realizaram no templo de Inanna para os homens da Mesopotâmia que acreditavam ter sido amaldiçoados. [...] O termo “prostituição”, no entanto, é problemático neste caso. A prostituição é geralmente considerada uma troca comercial profissional, porém os rituais sexuais realizados nos templos de deuses e Deusas mesopotâmicas não eram meras práticas econômicas, mesmo se dinheiro ou bens fossem trocados por esses serviços, mas sim rituais

legitimamente religiosos (Lerner 1986: 238). A respeito, havia mulheres, homens e “eunucos” realizando a prostituição ritual nos templos de Inanna (Nemet-Nejat, 1999: 101). Essas prostitutas rituais masculinas e “eunucos” provavelmente incluíam a gala mais antiga, bem como as posteriores kurgarrū e assinnu.(2015, p. 3 e 4)

Como eu havia dito anteriormente: o termo Eunuco utilizado! Não foi o autor deste artigo que o usou, ele está repetindo alguns dos historiadores e teóricos que foram base de sua pesquisa. De qualquer forma, embora eu tenha traduzido no masculino, como o original está escrito, eu mesma prefiro pensar as Assinu enquanto a versão acadêmica das antigas Gala. Não as entendo literalmente enquanto “travestis”, pois a travesti é um gênero nascido em contexto muito específico, brasileiro, e é marcado pela violência da ditadura militar, pela epidemia da AIDS/HIV dos anos 80 e 90 e pela prostituição imposta. A expectativa de vida de pessoas trans no Brasil é de 35 anos, e 90% das mulheres trans e travestis estão na prostituição (o que feito enquanto uma escolha é completamente digno, e precisamos de uma prostituição reconhecida e regulamentada enquanto trabalho, para proteger as/os profissionais.

Minha grande questão é quando a prostituição é imposta, única alternativa para quase toda uma população devido ao preconceito da sociedade e no mercado de trabalho como um todo). Aliás, eu gosto sempre de comparar ambos os termos. Entendo travesti enquanto a dissidência dos corpos com pênis que se identificaram enquanto femininos na história do Brasil, mas numa época sem informação, com muito preconceito. A travesti nasce num contexto já marginalizado, pois “antes de serem travestis”, eram “viados bem viados” que sofriam preconceito e não conseguiam, muitas vezes, emprego, aceitação na família, afetiva, etc. Já a mulher transexual é um termo importado e

criado a partir de mais conhecimento sobre a transgeneridade. Atualmente a utilização do termo travesti é política também, pois esta palavra foi estigmatizada na nossa história; enquanto a mulher transgênera soa como algo mais higienizado em nosso contexto. Por isso eu me digo as duas coisas.

Por identificar a travesti enquanto um gênero feminino muito específico de um contexto, utilizo de uma licença poética, assim digamos, para nomear de travesti estas antigas Assinnu, entendendo que o contexto onde o gênero destas antigas sacerdotisas nasce é outro, e talvez menos exposto a violência. De qualquer forma, não é como se homens e mulheres de antigamente fossem iguais aos de hoje, não é mesmo? Mas como estes gêneros já estão dados pela sociedade e bem “colocados” em seus “devidos lugares”, não existe uma problematização na utilização da palavra homem para se referir a humanos “masculinos” da antiguidade, e nem da utilização da palavra mulher para humanos “femininos”.

Hoje 90% das mulheres trans e travestis se encontram na prostituição, atualmente, por negligência e preconceito do mercado de trabalho. É muito assustador pensar que este corpo travesti ancestral performava ritos sexuais de banimento e “des-amaliçoamento” no passado — sendo um privilégio o sexo com este corpo, e o corpo atual se encontra nas esquinas, nos becos, onde exercendo sua profissão imposta muitas vezes é assassinado. Devolvam a sacralidade de nosso sexo!

4 - Evidência da não heteronormatividade

Um texto astrológico neo-babilônico, muito posterior, que é provavelmente uma cópia de um texto sumério anterior, afirma que certos signos astrológicos são mais influentes para aqueles que procuram certos tipos de sexo. Por exemplo, pelo “amor de um homem por uma mulher: região de Libra”, pelo “amor de uma mulher

por um homem: a região de Peixes” e pelo “amor de um homem por um homem: região de Escorpião ”(190). No entanto, a linha seguinte não declara o esperado “pelo amor de uma mulher por uma mulher” e, em vez de começar com a fórmula das linhas anteriores, parece emendado afirmar “[...] ter relações sexuais com uma mulher: região de Áries ”(190). O gênero omitido pode ser considerado feminino, no entanto, sem saber ao certo o que o texto astrológico sumério original pode ter contido, não podemos dizer com certeza se o lesbianismo foi omitido, seja involuntariamente por ignorância dos escribas masculinos, ou intencionalmente por sensibilidades masculinas posteriores. . (p4 e 5)

E por último faço menção ao LGB de nosso LGBTQIA+! Embora o B esteja muito mais implícito do que explícito, gosto de pensar em pessoas que buscaram por mais de um signo em suas aventuras sexuais-amorosas. E acho muito interessante essa observação de que nos textos neo-babilônicos talvez já haja uma certa supressão da livre sexualidade da mulher (se na Suméria o lesbianismo podia acontecer naturalmente, no caso). Interessante negativamente, pois o que veio depois na história foi só castração atrás de castração da sexualidade dos corpos, e o enrijecimento da sexualidade masculina — também castrada, mesmo quando manifestada no campo “heterossexual”. No entanto, minha abordagem sobre sexo e sexualidade se dará no último tópico, o Manifesto-Estético sobre o Sagrado Transviado.

Citarei a bibliografia dos poemas tanto quanto deste artigo no final, para compartilhar material sobre a própria Deusa Inanna. Penso, inclusive, em deixar referência dos livros que li sobre a Deusa, mesmo aqueles que, de alguma forma, se mostraram enviesados pelo meu entendimento. Meu desejo é que Inanna seja conhecida, sabida, louvada, invocada. Gosto

deste artigo pela análise científica do mito e da explicação dos diferentes “gêneros” e sacerdócio ao longo das eras na Mesopotâmia. Meu intuito, no entanto, é pegar os poemas, materiais do sagrado feminino e este artigo e misturá-los em meu caldeirão. Uma fonte da própria Suméria Antiga — dando todo meu estofo necessário, uma visão de bruxas contemporâneas e uma visão acadêmica foram os “três caminhos” fundamentais para o nascimento do meu sagrado transviado, que com todo amor e carinho desejo compartilhar com o mundo, para que seja o nosso **Sagrado Transviado** — como já o é “nosso” no grupo que faço parte.

12. Manifesto-Estético sobre o Sagrado Transviado

Por Helena Agalenéa

Um paraíso de tambor sinos e Beyoncé.

Até lá o mar me levou. Segui a correnteza, não deixei meus pés descalços fincarem enraizados na terra. Fui, eu fui, deixei-me levar. Terra doce cheiro molhado. Nuvens de barro trilha do novo Éden. Paraíso ciborgue tetas de hormônios e eletricidade. Barbas vagina tetas. Grelos colossais, bolas pequeninas. Templo da não mulher, templo do não homem. Templo da gente e das crias de Inanna. Lemonade. All Night, ouço o som atual. Mesclam pop com a batida ritual.

Sinto-me tão pequena diante de ti, ó Mãe. Nos portões de entrada eu te venero. Toda pintada de negra Inanna grande, precursora “Venusiana”. Casa do céu. Bem-vindes à casa do Céu, seu santuário.

Patti, Mirra, Liniker, Jasmin, Linn, Carol, Gengibre, Xuxu, Nina, Elza, Hibisco, Pimenta, Beyoncé, Aretha, Jussara, Jup, Lavanda, Tássia, Diana, Grace, Preta e Benjoim. Coração esvaziando esvaziado? Curiosa sigo caminhando ouvindo sua voz, seu chamado, temerosa, trêmula e excitada, extática. São todas como eu aqui? Travestis, amapôs? Vejo barbados. Alguns com teta, todos têm buceta? Não sei.

Entre as pilastras, dançam. Estirados em kangas neon, com as maquiagens mais extravagantes, tecidos baratos adornam vestes rai-fexiôn, bocas vaga-lume, olhares reluzentes, olhos de lua, cílios constelação. Toda essa gente ri. Não se dividem por gênero ou por genital. Todes ali. Todas cores da paleta compõem o pequeno festival. Embalam danças lentas todes dentro da tenda de mármore. Corpos que se tocam, que se encostam, que se encontram.

Este trecho acima, em *itálico*, faz parte do romance que estou escrevendo e pretendo ainda lançar: *Vênus e a Casa do Céu*. Nesta história pretendi imaginar, inventar o lugar que sempre busquei: o templo onde eu posso dançar, a não-igreja onde posso encontrar os meus, as minhas, us outros querides. Vênus, a protagonista, é uma travesti cansada do preconceito que seu corpo sofre. Após tantas violências, decide se jogar no mar com os bolsos cheio de pedras a lá Virginia Woolf, mas sobrevive. Acorda numa ilha mágica, infestada de centauros, sátiros, fadas... E todas essas criaturas mágicas são LGBTQ+. E então, nesta ilha sagrada, Vênus percebe que não escolheu seu nome à toa: ela é a rainha de toda a beleza, beleza essa que o mundo cisnormativo negou sistemicamente.

O que é magia LGBTQ+? Os sistemas mágicos foram todos construídos na cisnorma, cabe a nós reinventar. Então estas criaturas mágicas, este poder contido na Vênus é o que clamo em nossos corpos e afetividades. O que é sagrado pra mim? O que me move? Dançar Madonna me faz entrar em gnose, existe sagrado nisso? A violência contra nossos corpos é antiga, a existência destes corpos mais ancestral ainda, nosso movimento e visibilidade, no entanto, é recente. Tudo o que produziram de conhecimento — acadêmico, filosófico, mágico, político, social — nestes últimos tantos mil anos não foi para nossa gente, sobre nossa gente e muito menos pela nossa gente.

Na magia do Caos aprendi que sou quase cientista mágica: faço experimentos, me baseio no empirismo para encontrar aquilo que funciona no meu corpo, na minha vida. Crio, danço, meus dedos criam poesia. A arte é, para mim, também magia. Então canto, movimento os meus pés e crio um mundo inteiro onde eu sou sagrada. Onde nós somos sagrados. Escrevo sobre Inanna, orgias sagradas, sendo o sexo algo tão tabu em nossa sociedade.

Travesti contrabiniária, bruxa, artista, escritora de literatura erótica, e não-monogâmica. A qual mundo eu pertença senão somente aquele que eu inventar? Então bora inventar junto! Tódes nós que de alguma forma nos tornamos dissidentes desse cis-tema, por que buscar o pertencer? Por que buscar ser algo para cishetero ver?

Na minha magia cultuando Inanna não se escuta só cantos bruxaria, playlists celta ou batuques. Pra dançar Inanna também ouço Formation, Toxic, Vogue, Coytada, Resplandecente, Oração, Dilúvio e Etérea. Esta Inanna que invoco é atualizada! Inanna santa que protege as travestis da violência, Inanna que torna meu sexo sagrado, que faz da minha vida abundante dentro do que me proponho: viver de arte e de magia.

Sinto-me a gala ancestral no agora: eu canto para Inanna. Desenho para ela. Não porque devo, não porque caso eu não faça serei castigada, mas porque ela é respiro de vida. A entidade travesti que me mostra a força do meu corpo e da minha trajetória. Sobreviver a tentativa de suicídio, transfobia, agressão doméstica, 3 estupros e perseguição na rua me fez ver que sou guerreira. E branca, eu ainda sou branca, imagina o que não acontece com as manas pretas que além de transfobia são atravessadas por racismo: louvo Rosa Luz, Liniker, Linn da Quebrada, Pepita, Ventura — Enheduannas de nossa época. Louvo minhas irmãs Allura, Maria, Ayanna, Lira, meu irmão Paul, e todas as pessoas transviadas que vivem comigo.

No sagrado transviado todo corpo é celebrado, a luta é encorajada: aqui eu não vim pro abraço! E quem vier pro abraço, veio também pra luta. Sou belicosa, brava, não quero gente “apoio a causa, você é linda”, mas que não cola comigo labuta do dia a dia. “Ai, amo trans” — e trepar gostoso com trans, você trepa? E assumir relação com trans, você assume? E empregar trans, você emprega?

No Sagrado Transviado a gente usa as nossas drogas, cada um entende seu corpo e coloca a sua vontade. Buscamos a criação de um não-dogma, um sistema mágico em código aberto: um Linux mágico transviado. Bebemos muito da magia do caos para pensar quem somos, o que somos, como somos. Somos um bando de travecos dos 20 aos quase 40. Enchemos a cara de Gim, de chá de artemísia, untamos velas com óleo de Sakura, nos banhamos juntas a Perséfone, cultuamos Deusas e Deuses diferentes, o Dann traz toda a sabedoria dos orixás e de seus guias, o Paul conheceu suas pombas-giras, Seu Sete Catacumbas me ensinou tanto através do Dann... A sabedoria, ela chega por onde tem de chegar, e nós abrimos o coração. Juana, entidade travesti, virou nossa verdadeira guru do amor e da prosperidade. Juana, minha querida amiga, dedico este texto também a ti.

Aqui pode tudo, desde que os corpos estejam confortáveis. Aqui não pode apenas ser transfóbico, racista, homofóbico, lesbofóbico, bifóbico, gordofóbico, misógino, capacitista. Louvo Inanna porque também sou toda sexo: meu planeta predominante astrológico é Vênus. Quando eu fazia cisplay a vida sexual era triste, violenta. Então me assumi uma mulher trans. E esta travesti se recusa ao sub-afeto, ao sub-sexo! Eu amo beijar na boca, roçar, sarrar, ver a poesia sagrada que tem na dança entre-corpos: pena que eu ainda tenho mais experiências hétero, e dos caras-cis que me envolvi, poucos vêem essa magia. Acendo vela e chupo pau, sinto incenso de mirra e gosto de buceta, where life begins da Madonna toca e que gostoso um beijo grego! Aos 16 anos escrevia contos homoeróticos recheados de orgia — e eu virgem, virgem mas com 40, 50, 60 leitores comentando a história de uma autora que já parecia vivida. De onde vem esse encanto pelo sexo? Sexo afeto, não sexo abuso objetificação. Não sou contra o kinky, contra as fantasias deleitosas de dominação e submissão, contra a putaria em todas suas facetas: sou contra o não-consentimento.

Uma das piores atrocidades do patriarcado, além de nos matar e apagar nossos corpos, foi macular o sexo. Foi pecanizar o sexo. Foi normatizar a relação, criando casamento como única opção. Eu amo meu parceiro, e como quero junto dele amar outras pessoas... Quem acredita que gênero é construção não tem como acreditar em sexualidade. Se eu quero explodir com gênero, vou explodir com tudo e criar o mundo onde todo mundo transa, ama, sem padrões de beleza, de afetividade! E que vivamos pela libido, pelo desejo, pela vida!

Deixei os últimos poemas de Inanna aqui embaixo, mostrando meu outro lado conexão com essa Deusa: ela é uma kenga adorável! A tradução encontrei no site Escamandro, feita pelo Adriano Scandolara. Apenas troquei o gênero da gala, pois ele havia traduzido como o gala. Fica aqui o legado que eu quero carregar.

Um cântico de Inanna e Dumuzid

[...]...o desejo em tons de louvor
a senhora das terras todas...
que faz subir as preces em Nibru...
que faz descer as preces...
a senhora louva a si própria;
a gala... em canto
Inana louva...
seu sexo em canto
Inana
este sexo, ...
como um chifre, um grande coche...
esta minha Nau Celeste ancorada
que traja a beleza como a jovem lua crescente
este ermo na estepe...
estes prados de cairinas onde pousam minhas cairinas

estes prados altos e bem molhados
meu sexo, um morro aberto e bem molhado
quem será seu lavrador?
meu sexo, um morro aberto e bem molhado
quem levará o touro a ele?
Dumuzid
senhora, o rei virá lavrá-los para ti
Dumuzid, o rei, virá lavrá-los para ti
Inana
lavra meu sexo, homem do meu coração
Coro
... ela banha seus divinos quadris ...

Também não posso deixar passar outro trecho que traduzi:

“Faça o seu leite doce e grosso, meu noivo.
Meu pastor, vou beber seu leite fresco.
Touro selvagem, Dumuzi, faça seu leite doce e grosso.
Eu vou beber seu leite fresco”.

Sexo é sagrado, nossos corpos e afetividades são sagrados. Nós fomos apagadas e apagados. Excluídes do cis-tema. No meu(nosso) mundo, aquele que danço feito Eurínome, quem quiser cultuar Deusa cultua, Deus cultua, anjo cultua, demônio cultua, gnomo cultua, alienígena cultua, tecnologia cultua. Neste mundo sagrado e transviado não é bem-vindo só quem é trans. Transviado não é sinônimo de transexual. Transviado é aquilo que transvia, transcende as normas e imposições. Transviado é o que desvia das normatividades e cria o seu próprio mundo. O divino é um ato de criação, certo? Quero o mundo com bruxas peladas dançando em volta da fogueira, templos lindos com orgias sagradas, sacerdotisas com pau, sacerdotes com buceta, pessoas cis e até hetero entrando na roda também — caso exista o desejo de transviar com

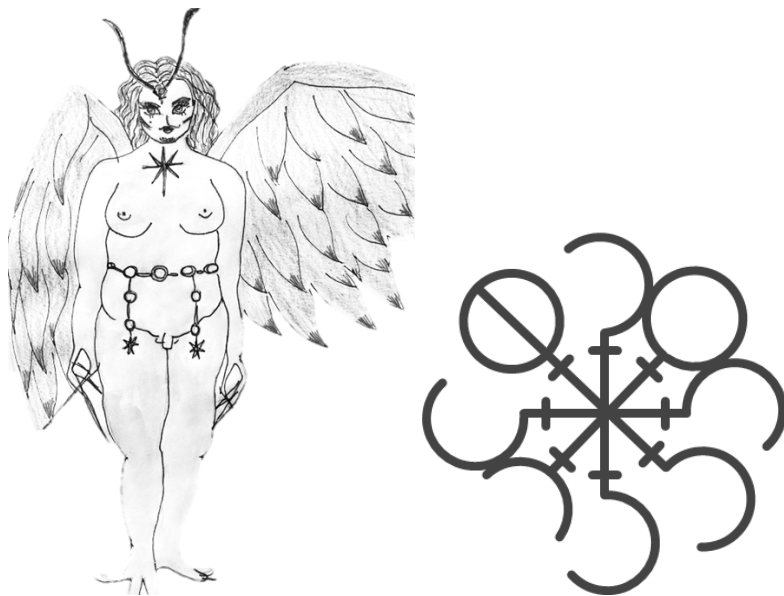
a gente. Aqui sapata, bicha, nb, trava, boyceta, tudo é sagrado. Nossos corpos são sagrados! Somos muitos, somos estranhos, somos assexuais também — embora eu seja sexo em cada poro do meu corpo — somos mais do que resistência, é reexistência, reinvenção. Se há de ser um novo mundo, tem de ser um novo sagrado, uma nova magia.

Gosto de escrever, desenhar e fazer cenas, dançar, pois entendi que a arte é o jeito de criar esse novo mundo — assim como essa publicação o pode ser. Mas quem disse que este tipo de escrita também não é arte? Consumo arte LGBTQ+ porque são essas pessoas que sabem o que meu corpo anseia, deseja, sente. Que escutemos e dancemos muitos artistas LGBTQ+, transviados! Que seuremos, de fato, em nossas mãos, para que juntos criemos as nossas possibilidades. Eu amo viver, como amo estar viva! Eu contrariarei a expectativa e vou passar dos 26! (expectativa utilizada na primeira escrita do texto, em 2019, ano extremamente cruel para travestis. Hoje, tenho 28 aninhos) Vamos juntas, juntos, juntes criar a nossa Eanna — a nossa casa do céu. Eu cultuo e crio com Inanna, e você? Bora juntes?

Deixo por último a minha Exaltação de Inanna e os servidores mágicos que criei. Em nosso Sagrado Transviado eles não se chamam servidores, e sim migs — reinventamos nossa linguagem. Já fiz evocação até com Pajubá — língua travesti! E antes de compartilhar, somente, deixo meu obrigada, o meu tchau. Obrigada por ter me lido até aqui. Espero que possamos respirar o mesmo ar sagrado transviado. Espero que você seja feliz. Que transe gostoso caso queira transar. Que crie com gosto, caso queira criar. Que transe e crie comigo, caso o deseje também. Inanna, eu a agradeço por ser uma centelha de vida. Por ser um universo inteiro. Eu a venero, eu a louvo, majestosa Rainha dos céus. O poema do final é para ti, ó majestosa kenga dos céus.

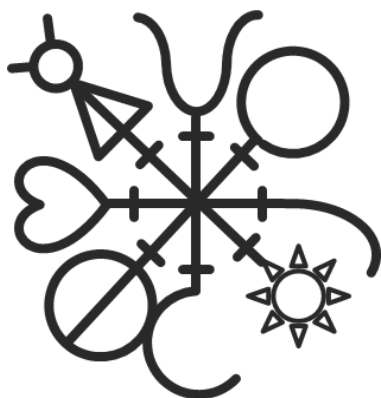
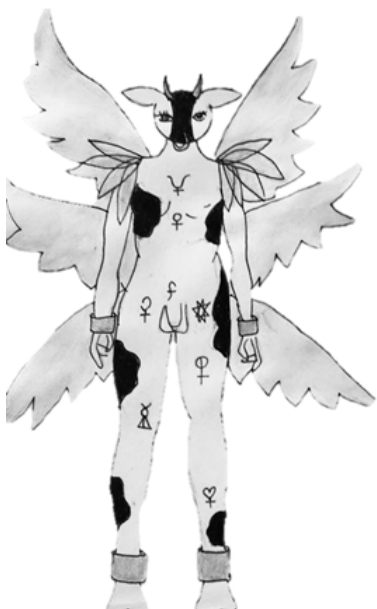
Servidores Mágicos

Istarina



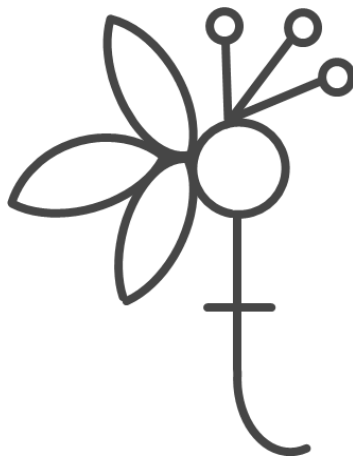
Esta é Istarina. Sua função é proteger as pessoas trans de violência. Ela dá avisos para pessoas trans caso estejam em situações de perigo, e machuca pessoas prestes a cometer atos de violência transfóbica: aquele tropeção básico, sabe? Muito em breve tornarei us migs públicos, e explicarei como evocá-lus e alimentá-lus. Este é o sigilo dela, tô botando no mundo o sigilo. Quem quiser evocar, chama a tia travesti Helena Agalenéa no Inbox.

Fivahaih



Temos aqui FIVAHAIH, cujo nome foi inspirado por iniciais de várias Deusas do amor e sexo (incluindo Inanna). Ela serve para trazer o sexo enquanto sagrado. Ela cria o mundo que acredito no agora, e ajuda a realizar fantasias. A piada que ficou no coven é que eu a criei para fazer menages com meu parceiro, risos.

Perludite



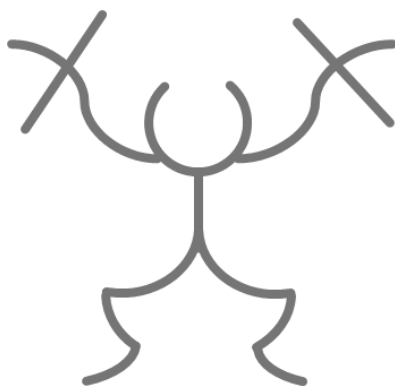
Esta é Perludite, cujo visual é inspirado na Vênus da minha história. Ela serve para modificarmos os nossos corpos como quisermos, mas criada pensando principalmente na harmonização de mulheres trans e travestis (mas serve para homens trans e quaisquer outras pessoas).

Hormy



Este é Hormy, basicamente um irmão da Perludite. Ele foi criado pelo Lian e pelo Paul, os dois caras trans do nosso coven, e ele ajuda também caras trans a desenvolverem características secundárias “masculinas” sem a hormonização, trazendo também aceitação do próprio corpo.

Kemosleij



Temos aqui meu primeiro migs: Kemdosleij. Elu ajuda você a seduzir seus crushes, ter sonhos eróticos e desconstruir os padrões de beleza e sexualidade por onde passa. Elu troca de genital dependendo da lua (cheia ou nova) e passa a ter peitos também dependendo da lua (quarto minguante e quarto crescente).

A exaltação de Inanna - Mãe de todas as travas

Inspirado no poema de En'Hedu Anna.

Grandiosa senhora mana sagrada
trava veste esplendor resplandesce
amada da zona, amazona
senhora do céu
opulência, aqué abundante
ostensiva, peito que brilha
joias caras raras
quem não ama a boa tiara, coroa
aquela que não nos veste a toa
Sagrada poc viada trans-
cendental
bruxa sacerdotisa
conquistadora, divina
dona da porra toda
dona dos poderes divinos
como dragoa, serpente
veneno em água corrente
na terra, no solo
poluente
plantando a sua semente
de amor
nenhuma raiz contaminada sobreviverá
nenhum botão radioativo florescerá
não há de brotar
não há de vingar
a seiva da morte espumante
seiva bruta odiosa nojenta
normativa gosmenta

baba grossa purulenta
dissipa esse gozo heteroviolento
com teus trovões
ao lado de Ickur
poderes de céu e de terra
água tufão
poderosas do céu e da terra,
Inana, senhora das travas,
eles são teus!

Chove chama flameja escorre queimando purifica a terra, dotada de divinos poderes por An. Dama cavalga a besta com peitos de fora, palavras são todas sagradas, profeta, ordenação. Mandamento de An, o céu, as asas, liberdade, justiça transviada.

Os grandes ritos são seus! Destruidora de todo veneno, do ódio, da transmisoginia, gritos de agonia... Aniquiladora transfeminina, a dor que se alivia é a normatização. Teus gritos conferem força a tempestade, a ruína, convidada não desejada, a ruína, senhora apocalíptica, terrorista de gênero, Amada de Enlil! Você nos excita com o terror que escorre e pesa sobre a nossa Terra - estás somente ao serviço sagrado de An.

No seu grito de guerra, minha senhora, os odiosos se curvam.

Quando los machos te encaram, em silêncio, admirados diante do esplendor radiante e da tempestade, você domina o mais terrível de todos os poderes divinos. Por sua causa renasce muro das lamentações, o caminho lamuriante, agonia, sem oitavas chances para transfobia, homolesbobifobia, queimando a todos com sua magia... O caminho solitário da repressão interna - não mais escorrendo externa. São eles que

se trancam para o lado de dentro e nos matam por querermos voar! O
caminho sem volta para racistas capacitistas xenofóbicos narcisistas!

Na linha de frente tudo desmorona
Sua presença amedronta
Com sua força dentes esmagam sílex
tiro a navalha debaixo da língua
corto chumbo e até aço com a minha gigi
o teu corpo minguia
teus chifres Íbex
perfuram mãos
Você serpenteia e rebola trovão
avança tempestade cheia de carga
recarga, revolta da trava
Ruge como os relâmpagos
Grito assombroso do céu.
Travestitrovão, Tritão
A todos cansa e exaure com teu vento-explosão
enquanto a tua dança lhe mantém incansável
Senhora cujo baile é a guerra
Com o batuque em transe, a gnose rolando
o lamento é cantado, gritado
um choro é iniciado.

Minha dama,
o deus acima de todos foge como morcego espreitando.
o deus que mata viado e bate na esposa
que atira no preto e estupra a ex-amante
os deuses ambíguos, contraditórios
deuses bondade derramadores de sangue
eles não se atrevem a ficar diante do seu olhar terrível.

Eles não ousam confrontar seu rosto terrível.
Quem pode esfriar seu coração furioso?
Sua raiva sangrenta é grande demais para resfriar.
Senhora, seu humor pode ser aliviado?
Senhora, seu coração pode ficar feliz?
Filha mais velha de Suen, sua ferocidade desvairada
não será mais apaziguada?

(o poema será futuramente continuado até ter o mesmo tamanho do original, de En'Hedu Anna).

13. Por um Sagrado Transviado

Por Paul Parra



Vênus - Lian Hernandez.

Por que não uma Afrodite de pau?

Por que é tão incabível imaginar a Deusa do amor e da beleza com falo? Por que acontece esse estranhamento da ideia de uma figura de tamanha representatividade e simbologia em um corpo que foge à norma? Esses questionamentos surgem pela observação da sociedade ocidental contemporânea, suas normas impositivas, e a fixação de certos corpos enquanto padrão a ser seguido. Como, então, o padrão normativo produz efeitos na cultura vigente e, por sua vez, afeta a construção do sagrado?

Esse pensamento me motiva a escrever sobre cultura ocidental na atualidade e formação da espiritualidade, impregnada de um viés social ainda normativo. Mas não é só sobre isso. É também uma provocação, um relato e uma reflexão sobre o que eu, junto com bruxas e bruxos de meu coven, temos elaborado enquanto Sagrado Transviado.

Primeiramente, faço uma breve discussão sociopolítica sobre a invisibilização de corpos e a falta da representatividade das dissidências de gênero e sexuais no campo do sagrado. Para isso, trarei um pouco de minha pesquisa do mestrado em Comunicação e Cultura, no qual realizei uma discussão sobre a cultura, as normas e a exclusão e apagamentos de sujeitos. Em seguida, trago relatos do empirismo que a Gruta das Deusas (o coletivo e coven que participo) na criação de um Sagrado Transviado, uma proposta de diversidade e representatividade.

Corpos transviados, corpos sagrados

Para poder discutir sobre as questões dos corpos excluídos normativamente do espaço sagrado, faz-se oportuno mostrar como a sociedade ocidental contemporânea tem operado sua lógica hegemônica, pois não há como desvincular a construção da espiritualidade da cultura na qual pertencemos.

Cultura, aqui nesse contexto, se refere a toda e qualquer prática que envolve o elemento humano na vida social, ou seja, toda a ação humana construída a partir da capacidade de raciocinar além das necessidades fisiológicas ou genéticas. Desde o momento em que o Ser Humano nasce, existem interações com a cultura, de modo que a relação desse sujeito, suas reflexões, ações e processos são articulados e determinam mudanças estruturais do sujeito. Essas mudanças podem se relacionar com amplos aspectos da vida cotidiana, como a personalidade, as relações interpessoais e a vivência em sociedade. Ou seja, a cultura desenvolve-se como movimento que visa ordenar, de forma artificial, a vivência social.

Cultura é cultivar! É inscrever os domínios humanos sobre a natureza, em adaptações que já não podem mais serem descritas como “naturais”, uma vez que foi artificializada por mãos humanas. Acredito que o propósito de nossa espécie seja o pensar construtivo, a possibilidade de transformar as ideias que se projetam no imaginário em coisas e ações no mundo físico que vivemos. Somos capazes de alterar, beneficiar, ressignificar e construir universos a partir das projeções mentais que temos.

Entretanto, como seres gregários que somos, percebeu-se necessária a determinação de certos códigos, padrões, regimes e convenções para manter-se a ordem social, no estabelecimento de normas. A cultura humana, portanto, altera-se de acordo com o grupo de seres humanos que assim a compõe mas, de forma complexa, também se molda de acordo com os interesses de certas partes da população, que são determinadas enquanto detentoras do poder.

Existe uma forma de domesticação e dominação dos corpos, a partir daquilo que é fixado pelo poder enquanto “aceitável” socialmente. Nesse sentido, a norma remete ao que se legitima normal pelo padrão hegemônico ou, como aplica-se discursivamente, a “maioria”.

Estabelece-se um paradigma de conduta que norteia o exame dos sujeitos e a distinção entre os que se enquadram na norma, os “normais”, e os que não se ajustam a mesma, os “anormais”, desviantes ou dissidentes.

Fixam-se as diferenças por relações binárias entre sujeito e alteridade, por meio de hierarquias sociais: cisgênero/transgênero, hetero/gay, branco/negro, magro/gordo. Dessa forma, localiza-se o que está de acordo com essa norma hegemônica e o que disside, numa determinação de quais sujeitos, corpos, comportamentos, práticas e desejos são vistos, aceitos e reproduzidos na sociedade. Os que se desviam das normas criadas são submetidos a procedimentos de coerção, apagamento ou exclusão.

O que se observa, portanto, é a invenção normativa de sociedade, sustentada como processo intrínseco da espécie humana, embora, factualmente, essas premissas sejam determinadas de modo artificial, na justificativa de que essa é a maneira de fazer possível o convívio coletivo. Por esse motivo, não é possível fixar os sujeitos em uma biologia determinante, uma vez que são produzidos, interpelados, moldados, estruturados como sujeitos culturais.

Frente a esses apontamentos realizados, percebo como a formação de um sagrado, baseando-se na cultura normativa é excludente e persecutória aos corpos e sujeitos entendidos como dissidentes. Ao pensar uma sociedade que se sustenta em binarismos, não são construídos apenas lados opostos, mas também estabelece-se uma relação de poder de um sobre o outro. Esse binarismo chega muitas vezes no campo sagrado, por meio de uma determinação de “bem/mal”.

Segundo Foucault, no livro *História da sexualidade I*, a regulação dos sujeitos é mediada discursivamente, a partir de proibições e interdições, que se utilizam de valores morais para elaborar maneiras de

administração (controle e dominação) social. Existe um poder conferido às instituições que desenvolvem o exercício do sagrado por meio desse binarismo bem/mal, que possibilita disciplinar os sujeitos, de acordo com essa norma hegemônica imposta. Ou seja, o sagrado é atravessado pela cultura, ao ponto de torná-lo um instrumento de regulação do poder hegemônico.

As identidades sexuais e de gênero ficam, nesse contexto, evidenciadas por essas (trans)formações socioculturais. Observa-se, ao longo da história da humanidade, os rearranjos de corpo, gênero, sexualidade, suas adequações e ressignificações em relação aos padrões e normas sociais. Isso indica a fluidez das estruturas basais da sociedade e, principalmente, a cambialidade das normas e padrões estabelecidos do que se considera “normal” ou “anormal”, do que é considerado aceitável socialmente e o que não deve ser aceito. E, ao utilizar-se de aparatos do poder para afirmar essas normas, invariavelmente há uma reflexão na espiritualidade.

Ao comparar as sociedades antigas e suas práticas a partir das crenças no sagrado, há relatos de genocídios, infanticídios, estupros em nome de Deuses e Deusas, colocando nas palavras divinas as inscrições culturais do momento. Isso te parece similar com qualquer religião atual? Pois é... O Sagrado também é um produto da cultura humana, um desdobramento da vivência atual, mas também resgate e ressignificação das tradições daquilo que se passou, como forma de se ter na tradição um “respaldo moral” para certos pensamentos e ações.

Em relação a construção cultural do gênero, os estudos feministas e de gênero do final do século XX passaram a discutir questões que atravessam os sujeitos e as normalizações, a fim de produzir discursos sobre o corpo. Assim, o gênero passa a ser visto/lido como performativo, ou seja, se constitui a partir da fixação de comportamentos a determinado gênero, em repetições performativas, que são lidas socialmente como

femininas ou masculinas. A produção do gênero eleito como binário e estável configura-se, de fato, em imposições interpelativas do sistema hegemônico, as quais limitam as identidades pela norma cisgênera e heterossexual, de forma compulsória. Interpelar, nesse sentido, relaciona-se com a inserção do sujeito em papéis pré-concebidos do “ser” homem/mulher e, ao fazê-lo, espera-se do mesmo assumir uma conduta de acordo com os modelos sociais impostos.

Essa normalização social, por meio de processos interpelativos, além de fixar os gêneros em uma lógica binária, a partir da performatividade, também atribui a certas partes do corpo como definidoras do gênero/sexo, em um processo de naturalização de um fator cultural. Em outras palavras, o que se considera natureza humana (os órgãos sexuais, a capacidade de reprodução, os papéis sexuais), de fato, são ferramentas que regulam um sistema hegemônico, ao produzir efeitos nos corpos, espaços e nos discursos dos papéis sociais de cada gênero.

O processo de criação dessas diferenças consiste na redução do sujeito aos órgãos sexuais reprodutivos, o que passa a ser o diferencial que classifica seu corpo em uma lógica binária homem/mulher que, por sua vez, estabelece uma relação desigual, ao privilegiar o pênis em relação à vulva/vagina, em uma lógica heterocisnormativa. No corpo, inscrevem-se códigos, os quais são posteriormente fixados como o natural e correto, segundo a norma. De maneira equivocada, a fixação da diferença efetiva-se por estratégias representacionais, que usam de marcadores biológicos – cor da pele, genitália, genética, funcionalidade do corpo, entre outros – para determinar a concepção do normal e, consequentemente, fixar a diferença.

Esse poder determina os lugares sociais e as posições do sujeito a partir do corpo, que se difere ao ser “indicado, classificado, ordenado, hierarquizado e definido pela sua aparência, a partir dos padrões e

referências, das normas, valores e ideias da cultura”, conforme discorre Guacira Louro no livro *Um corpo estranho*. Isso demonstra que o corpo recebe inscrições sociais, lidas culturalmente a partir das normas impositivas. O modelo padrão, fixado enquanto sujeito universal, é o homem-branco-cisgênero-heterossexual. A partir disso, mulheres, pessoas negras, transexuais, homossexuais e outras dissidências são “o outro”.

Pensar as relações atuais, levando em consideração as apresentações culturais da formação do gênero e sexualidade, indica que o sujeito cisgênero e heterossexual tem maior liberdade. Isso permite agenciamento menos conflituoso com o padrão, uma vez que sua imagem está mais próxima do modelo esperado pela sociedade atual. Os corpos marcados por diferenças com esse modelo padrão, portanto, ficam destituídos do direito de desejar e passam a ser apenas coisas desejáveis, porém, são punidas pelo desejo. Logo, ao se fixar o lugar normativo do desejo, aqueles que não se enquadram no padrão tem dificuldade no agenciamento/negociação de suas vivências, uma vez que esses processos acontecem de forma discriminatória.

Aqui retomamos a figura de Afrodite e a estranheza ao imaginá-la com um pênis. A sociedade que vivemos atualmente não foi elaborada pensando-se nos corpos que não se enquadram no sistema heterocisnormativo. A construção do sagrado segue a mesma lógica: mesmo nos movimentos que pensam a espiritualidade de forma alternativa às religiões dominantes, repete-se o processo de invisibilização e apagamento não só de representações imagéticas, mas da própria população trans (e por vezes também os demais membros da comunidade LGBTQIA+). Há uma aceitação parcial do sujeito no coletivo sagrado, pois embora se permita sua participação, não há uma diversificação dos rituais, costumes ou vocabulário, a fim de tornar aquele ambiente um espaço mais acolhedor para esses corpos que dissidem. A necessidade de adequação, adaptação, entendimento e relevância parte

unicamente da pessoa que se tenta incluir, e não de um esforço coletivo. A mensagem que se lê nessa situação é de “nós te aceitamos, contanto que você se adeque a esse sozínhe para sentir-se representade nele”. Além disso, vejo em muitos coletivos do sagrado feminino usarem a imagem e mitologia de povos antigos, mas em um contexto da sociedade atual, binária e cisheteronormativa.

O artigo que a Helena Agalenéa traz nessa coletânea trata com uma maior abrangência dessa apropriação das religiões antigas e como esse movimento acabou por impregnar valores da nossa cultura, que pouco tem de relação com o que já foi no passado. Nesse texto, especificamente, atendo-me aos processos de exclusão social dos sujeitos que dissidem a normatividade cisgênera e heterossexual. Com isso, pensar no sagrado implica a (re)flexão de uma crença/prática que, invariavelmente, irá atravessar não somente nossa mente e alma, mas também movimentar, somatizar e refletir em nossos corpos. E o que fazer quando o corpo que possuo não é representado e, caso aconteça, ainda é em um lugar de apagamento e subalternização?

As leituras enviesadas (e colonizadoras!) dos ritos e crenças antigos levam em consideração a sociedade em que vivemos hoje e como nossos corpos são experienciados nela. Ao fazer esse apagamento histórico da sociedade em si, percebo como o reavivamento das crenças ancestrais consiste em uma resignificação, um olhar contemporâneo que, entretanto, se disfarça de tradição. Embora seja uma nova visão do sagrado, que elaborou adaptações, emendas, condições e costumes, parece-me ainda que esse sagrado ainda pouco abrange a pluralidade de nossa cultura atual. Na sociedade contemporânea discute-se o gênero e sexualidade em muitos espaços, então acredito ser importante também abrir possibilidades de se pensar um sagrado aberto para receber os sujeitos

dissidentes e que, de fato, seja elaborado para e com todas as pessoas que compõem a egrégora.

Frente a esses processos repetitivos de agenciamento e negociação entre o sujeito, alteridade, sociedade e, conseqüentemente, o sagrado, utilizo do conceito de desidentificação (proposto pelo sociólogo José Estéban Muñoz em seu livro *Disidentification*) para descrever as elaborações de resistência frente às forças de apagamento e invisibilização sociocultural. Originalmente, o autor utiliza o termo para discutir sobre a produção dissidente de performance artística LGBTQIA+ da América. É uma articulação de (re)arranjos que se caracteriza pelo distanciamento intencional da norma, na criação de novos lugares de identificação e representação. Ou seja, a necessidade de um sentimento de pertencimento leva ao distanciamento da sociedade normativa, ao mesmo passo que se criam novos lugares de identificação, pela aproximação entre sujeitos que compartilham os mesmos gostos, desejos, sonhos e projetos.

Dessa maneira, desidentificar o sagrado é permitir-se ler a si mesmo e a própria narrativa de vida em um momento, objeto ou assunto que não é culturalmente codificado para “se conectar” com o sujeito desidentificador. Não é um exercício de escolher no que devo acreditar e aquilo que devo “relevar” ou adaptar para se tornar plausível para minha vivência. Não é apagar intencionalmente os componentes politicamente duvidosos ou vergonhosos, mesmo que isso pareça ser um dogma ou crença muito antiga. Pelo contrário, desidentificar é a reformulação dessas diferenças, é uma aceitação da interjeição necessária que ocorreu em tais situações, ao ponto de não apenas exercitar a inclusão, mas esforçar-se para criar possibilidades de diversidade nas representatividades mais plurais do sagrado.

A desidentificação coloca o sujeito e suas subjetividades como objeto desidentificatório, na intenção de reforçar as diferenças por possibilidades de não se identificar com as normas e padrões estabelecidos hegemonicamente. Na criação de lugares desidentificatórios, o movimento não segue para o embate ao sistema, mas para a formação de outras possibilidades, entre-lugares que ultrapassam os limites de estar a favor/contra o sistema convencional, seja este social, político, cultural ou espiritual.

Surge a proposta do Sagrado Transviado, uma abordagem sobre a ressignificação do sagrado, a qual temos praticado na Gruta das Deusas, esse coletivo de amigos, amores e bruxos, nossa família LGBTQIA+. Partimos da ideia de pluralizar nossa magia, não apenas como uma mera inclusão, mas de fato abraçar a diversidade de sujeitos que fazem parte dos nossos encontros e círculos sagrados. A magia que criamos, dessa forma, se desenvolve de forma mais acolhedora, todos estamos juntos na construção e ressignificação da espiritualidade.

A palavra que descreve esse sagrado é TRANSVIADO, que foi o termo escolhido como forma de provocação. Trata-se do adjetivo que propõe o exercício de transviar, ou seja, ir além da via, afastar-se daquilo que segue de acordo com normas e padrões. Mas, ao quebrar a palavra em dois termos, “trans” e “viada”, também representa as desidentificações dessa proposta com o sagrado convencional. “TRANSviadar”, enquanto verbo, é a ação do existir e resistir. Apesar da dor, violência, opressão e risco de morte, os sujeitos TRANSviados (no qual eu também me incluo) criam formas de superação das limitações inscritas no sistema hegemônico, na criação de espaços de acolhimento e espiritualidade. Isso possibilita a propagação de vivências, pensamentos e posicionamentos que fogem do domínio do poder hegemônico, pois não consegue ser completamente apagada, absorvida, cooptada ou invisibilizada. O que

importa é o trânsito, a propagação da mensagem e as possibilidades de ocupação dos espaços, antes negados aos sujeitos dissidentes.

Nessa lógica, a TRANSviadagem permeia sujeito, estética, ética e alteridade, a fim de propor novas/outras possibilidades de se pensar o ser humano e suas relações sociais. A TRANSviadagem é colocar o espaço do sagrado em agenciamento/negociação. É o corpo que se mantém em trânsito, que não quer sair do trânsito. É transformar energias do sentir em poética-estética mágica, que expõe as sensibilidades do corpo. É permitir-se TRANSbordar para além dos limites conhecidos culturalmente.

O discurso transviado no espaço do sagrado permite a criação de questionamento das normas, das práticas socioculturais, étnico/raciais, sexuais e de gênero. Isso possibilita a propagação de vivências, pensamentos e posicionamentos que fogem do domínio do poder hegemônico, pois não consegue ser completamente apagada, absorvida, cooptada ou invisibilizada, uma vez que é feita por e para pessoas transviadas. O que importa é o trânsito, a propagação da mensagem e as possibilidades de ocupação dos espaços sagrados, antes negados aos sujeitos dissidentes. Nessa lógica, o Sagrado Transviado permeia sujeito, estética, ética, alteridade e espiritualidade no corpo, a fim de propor novas/outras possibilidades de se pensar o ser humano e suas relações sociais, afetivas, emocionais e sagradas.

A empiria do Sagrado Transviado na Gruta das Deusas

Visto que o corpo é o espaço da reverberação de nossas vivências (é no corpo que sentimos a vida), o Sagrado Transviado pensa na espiritualidade a partir desses corpos que a compõe. As memórias, lutas, vivências que o atravessam, bem como suas singularidades e especificidades. Queremos encontrar os pontos que nos unem e, a partir

deles, criar pontes construtivas que nos permitam desenvolver no coletivo um potencial mágico sagrado.

Essa é a proposta da Gruta das Deusas, ampliar o conceito de sagrado para nossas vivências transviadas, de forma a permear em coletivo vários aspectos da vida profissional, espiritual, afetiva e intelectual, sem colocar limites ou barreiras entre aquilo que somos, o que acreditamos e o que fazemos. Somos um coven de cerca de oito pessoas (algumas reuniões ultrapassaram quinze membros, mas cotidianamente costumamos nos unir entre quatro a dez pessoas).

Primeiramente, essa roda foi idealizada pela Helena, como um espaço de discussão e trocas sobre astrologia, tarô e aos poucos, a bruxaria também se tornou um assunto recorrente. Conforme agregamos mais membros e esses passaram a se tornar frequentes, fomos identificando maneiras de ampliar e ressignificar esse encontro, a fim de atender as demandas individuais da espiritualidade. E percebemos nesse movimento uma potência.

Para além da ideia fixa de uma roda sagrada, nossas reuniões acontecem semanalmente, porém não há hierarquia. Todas os encontros são pautados naquilo que coletivamente sentimos e queremos desenvolver no momento. Antes de iniciarmos os rituais, abrimos o espaço para que cada pessoa possa trazer um pouco de sua semana e como sente sua energia naquele momento, como forma de respeitarmos a individualidade de cada membro que compõe nosso círculo sagrado e também nos conectar de forma profunda umas com as outras.

Entre o final de 2018 e início de 2019, duas pessoas do coven sugeriram a Magia do Caos como uma fonte interessante para estudos, pensando as conexões possíveis com o Sagrado Transviado. A partir desse momento, ampliamos nossa visão de construção da espiritualidade. Aquilo que

víamos enquanto ritos e crenças aparentemente fixas tornaram-se, aos poucos, moldáveis pela possibilidade abrangente da nova abordagem mágica: poder criar nossas próprias referências, a partir daquilo que faz sentido e provoca efeitos em nossas vivências.

A Magia do Caos tem nos auxiliado também a entender e ponderar nossas diferenças, principalmente as que vêm pelas formações plurais de nossas crenças individuais. Ao partir do pressuposto de que não há certo ou errado, é possível imaginar como agregar em um mesmo espaço elementos de diferentes egrégoras para compor a nossa própria, personalizada e única, por toda soma do individual de cada uma de nós. Tivemos alguns meses de elaboração de ideias e ideais sobre o coletivo e, no presente, iniciamos o segundo movimento: alinharmos as nossas referências e nosso potencial mágico, para que tenhamos mais força e coesão enquanto coletivo.

Nesse movimento, observo como temos trabalhado com o imagético em lugares que escapam à norma dominante. Não temos a figura das Deusas e Deuses fixas em gêneros pré-concebidos. Utilizamos de suas imagens como referências, mas podemos criar, inventar, construir novas ressignificações dessas energias em novas visualidades, como a Afrodite do início do texto. Além disso, a magia caótica nos trouxe possibilidades de não apenas ressignificar o sagrado, mas também de criar, por meio dos servos astrais. E, nessa elaboração, ressignificamos também a definição do servo ou servidor astral para simplesmente “migs”, na intenção de mostrar que não há hierarquias entre nós, nem mesmo entre aquilo que somos e o que criamos.

Uma exemplo de migs é o Hormy, um servidor tão transviado quanto seus próprios criadores (apresentado no capítulo anterior). Elaborado por dois homens trans (Lian e eu), ele é um ser meio humano, meio cavalo marinho, como um tritão. Traz em sua cabeça uma coroa e na mão

um tridente, que indicam sua força e poder. O cavalo marinho, por sua vez, é um símbolo da transexualidade masculina, pelo fato desse animal engolir os ovos pós fecundados, dando-lhe a aparência de ficar grávido.

As funções de Hormy são específicas para a saúde e bem-estar do homem trans e demais identidades transmasculinas. Ele assiste os tratamentos hormonais e cirúrgicos, bem como auxilia no desenvolvimento das características masculinas desejadas (engrossamento da voz, barba, pelos, musculatura, etc.), de modo que até mesmo homens cisgêneros mostraram-se interessados em utilizar a magia de Hormy.

Vale levar em consideração o aspecto transgressor na figura desse migs, pois os aparatos biotecnológicos para modificação estética do corpo são criados pensando-se no corpo cisgênero, heterossexual, branco e de classe alta. Entretanto, essas tecnologias não pensam nos sujeitos dissidentes, mas os produtos/serviços biotecnológicos são apropriados, ressignificados e atualizados a partir dos nossos corpos. Seios de silicone nos corpos com pênis, clitoris que crescem com a administração da testosterona, cirurgias faciais, raspagem do pomo-de-adão, hormônios esteróides. Práticas que se tornam corriqueiras aos corpos trans, na tentativa de se reinventar, ficar mais próximo da imagem que se deseja ter de si.

Com isso, percebo que a construção imagética de Hormy vai além de uma forma de conduzir a magia para efeitos desejáveis na aparência e saúde. Hormy é uma força que reverbera o pensamento: “eu crio a minha própria realidade”. Ele nos mostra as possibilidades de se pensar sobre a beleza das pessoas trans, as modificações desse corpo que transita e, por muitas vezes, mantém-se no trânsito. Hormy, além de uma figura mágica que compõe o Sagrado Transviado, também é um discurso sociopolítico sobre amor e cuidado com os corpos e sujeitos transviados.

Além de Hormy, criamos outros migs que também trazem em suas estéticas uma abordagem transviada. Alguns delus são apresentades pela Helena, como Perludite, Kemdosleij, Fivaih e Istarina. Também criei a Luxinath, uma secerdotisa leoa trans, que possui uma juba de dreads e Atropovosi, um ser humanóide alienígena que não possui pênis ou vagina, e sim uma ovopositora. São algumas das possibilidades que temos explorado da Magia do Caos, como formas de desdobrar, ampliar e ressignificar a espiritualidade, de formas diversas e abrangentes.

A temática não se esgota, mas sim, aponta para novas formas de encarar as dinâmicas atuais que envolvem cultura, dissidência e sagrado. Nesse sentido, surge a necessidade do aprofundamento de tais indagações sobre a transviadagem como recurso ético-estético, também na produção de magia e espiritualidade. A curto prazo, a ideia é concentrar esforços para continuar o exercício do empirismo, ao mesmo tempo que acolhemos novas pessoas, propostas e sonhos. Coloco-me à disposição para debates sobre o assunto, pois acredito que essas trocas enriquecem e fortalecem o movimento LGBTQIA+, também no viés do sagrado.

Transviademos!

14. Sagrado Masculino e Homens Trans

Por Washington Luis

Esse artigo foi escrito com base em relatos e experiências através das terapias e círculos feitos com homens trans, o texto aqui escrito não tem a intenção de tomar o lugar de fala em uma luta social e política, é apenas uma direção para uma prática espiritual/mágica de desenvolvimento pessoal criada e testada com homens trans (gays, bissexuais e heterossexuais).

“Sagrados somos, sagrados homens, sagrados somos”

- Pequeno trecho da oração usada no
movimento Homem Ancestral

Ser homem em essência é algo que está além da compreensão comum da sociedade, ser homem não é uma construção implícita em tudo que fazemos, é algo mais profundo. Fomos criados para representar uma figura de violência, rigidez e martírio egóico, e isso obviamente não é a essência do masculino.

Todos nós somos feitos a partir da centelha divino do Feminino e do Masculino, mas esquecemos de honrar, cuidar e curar do nosso masculino, pois para isso precisaremos superar traumas e também preconceitos criados por uma sociedade tão doente, uma sociedade que tudo deturpa. Mas o Sagrado Masculino reside dentro de ti, não deixe de curá-lo.

No que tange a prática espiritual/mágica de homens pouco se difere no quesito essência, o que muda são as formas praticadas. Estamos vivendo um momento de redescoberta da masculinidade mas nossos ancestrais mais longínquos já praticavam rituais e ritos de passagens que

transformam o menino agressivo e mimado em um homem saudável, amoroso e que compreende seu lugar sem atacar o lugar do outro.

Dentro do livro Rei, Guerreiro, Mago e Amante somos apresentados ao conceito de psicologia do menino e psicologia do homem, algo que consegue explicar claramente como a nossa sociedade atual foi baseada. Somos meninos em corpos adultos, meninos esquecidos por seus anciões e por falta de um rito de passagem que marque a vida nossos pais ou nós mesmos somos condicionados a nos levar a novos ritos de passagem que nada tem a ver com a essência de ser um homem sagrado.

Precisamos lembrar do quão sagrado é ser um homem, e o que reflete ser esse homem sagrado. Trabalhar com homens trans foi uma enorme bênção na minha vida, pois reconheci ali irmãos que pensavam como eu, que não queiram apenas ser bodes expiatórios de uma masculinidade frágil e decadente. Durante três anos venho desenvolvendo essa pesquisa e constatando algo que já foi dito inúmeras vezes, nada nos difere dos nossos irmãos trans, NADA MESMO!

Emoções, Linguagem e Abertura

Sempre ouvimos dizer que a área das emoções não condiz com o homem, somos forçados a acreditar que não podemos expressar nossos sentimentos, mas essa foi outra grande surpresa com homens trans. Muitos homens trans de fato acabaram criando essa casca grossa contra as emoções por todo preconceito sofrido, mas sempre foi possível contorná-la e derrubar totalmente essa barreira. Durante todas as experiências pudemos constatar que o trans está mais em contato com suas emoções diariamente e que por vezes essa casca é somente uma forma de esconder a dor, diferente do trabalho com homens cis e

heterossexuais que criam essa barreira para se proteger da própria intimidade.

Falo, Sêmen e Magia

Um dos maiores “empecilhos” colocados durante os primeiros momentos é a questão do falo (pênis), mas ao passar das sessões de mentoria e dos círculos fomos percebendo que o homem trans tem um “falo espiritual” (memória da essência masculina) muito mais aberto para a cura e também para novas experiências.

Dentro de diversas culturas o masculino está simbolizado por símbolos fálicos como chifres, lingam, athame, bastão, espadas, maracás, velas e etc. Mas por muitas vezes não estão falando de um falo físico, de um pênis, estão falando de algo muito mais profundo, algo que a mente racional não consegue compreender.

O falo não é somente algo físico, ele é a representação da nossa força masculina, é o Lingam sagrado de Shiva, os chifres de Kernnunos, as flechas de Kuarahy (Deus Sol dos índios Guarani Kayowá). Através do trabalho com homens trans eu pude desmistificar em mim a questão do falo espiritual e da masculinidade.

Outra questão apresentada sempre durante os trabalhos é o sêmen, por nós praticantes de um Sagrado Masculino mais místico e bruxesco o sêmen é algo vital, mas logo de cara foi uma questão resolvida durante conversas minhas com minha esposa (que trabalha também com mulheres sem útero, o que inclui mulheres trans). Nós passamos a usar o vinho branco consagrado como parte da prática mágica do homem, assim simbolizando o sagrado fluído masculino.

Ciclos Solares

Sempre ouvimos sobre as mulheres e seus ciclos, sobre o poder de transmutação contido na alternância da regência dos signos na lua cheia, mas nós homens sempre nos esquecemos de debater sobre os nossos ciclos. Então, como funciona o processo de regeneração masculina?

As mulheres possuem seu ciclo regido pela lua, pelas marés e tudo que envolve esse grande arquétipo da magia. Seria um espanto se eu te disser que nós somos regidos pelo SOL? Acho que não!

Nosso ciclo PRINCIPAL é marcado durante todo o ano, vivenciando a passagem das estações. Isso diz respeito a todo um ARQUÉTIPO vivenciado por homens à milhares de anos, somos filhos do Deus Sol e como suas crias temos um período de regeneração mais longo.

Existe uma frase muito falada e que é extremamente machista e patriarcal "Meninas amadurecem mais rápido", ou seja, homens amadurecem mais tarde, de forma mais lenta. Hoje em dia essa frase é usada para justificar atitudes infantis e descabidas de consciência de muitos "homens", mas, transformar isso é o segredo.

Na antiguidade, os meninos tinham ritos de passagem que demarcavam sua entrada na vida adulta e sua passagem para um local de poder e de velhice, mas nós nos perdemos da nossa essência, nos perdemos do caminho solar e precisamos reaver nosso real poder..

Esses ciclos não dizem a respeito apenas de sexualidade e produção do nosso sagrado esperma, ele rege nossa vitalidade, força de vontade e atitude.

É normal um homem que vive em harmonia com a natureza, e em ligação com a Roda do Ano e seus ciclos, se sentir mais vigoroso na parte

clara do ano, e mais fraco e desanimado na parte escura do ano. Isso ocorre pela influência da energia solar, que é mais intensa na Primavera e Verão, e mais fraca no Outono e Inverno.

Claro que isso é um panorama geral dos ciclos e para trabalhar de forma minuciosa precisamos apenas de UMA coisa: AUTOCONHECIMENTO. Esse autoconhecimento pode ser trabalhado de diversas maneiras, mas eu costumo indicar e usar o DIÁRIO SOLAR, através desse diário nós podemos anotar acontecimentos mais importantes durante a grande roda e avaliar como isso pode despertar um novo homem.

Diário Solar

O Diário Solar é uma ferramenta de autoconhecimento para o Sagrado Masculino, é uma forma de anotar e compreender todas as nuances físicas, mentais, emocionais e espirituais do homem, através da contemplação do seu vínculo com a natureza!

Nesse diário (que pode ser um grimório super customizado ou um simples caderno) você pode/deve anotar todos os pensamentos e emoções relevantes para sua vida, é importante não deixar escapar momentos intensos, pois são nesses momentos que demonstramos as emoções mais ocultas. Anote como você se sente física, mental, emocional e espiritualmente, não se esqueça de anotar como a temperatura e a umidade do ar interfere no seu dia a dia. Vou deixar um exemplo de uma anotação minha abaixo para facilitar ;-)

Caso queira ainda poderá anotar seus sonhos, meditações, ritos e receitas sobre sua prática de Sagrado Masculino.

Se você é meticoloso (como eu), pode ainda fazer um compilado de lembranças do mês ou da estação e avaliar com o que está escrito. .

É através dessa análise que podemos tomar atitudes diferentes na próxima roda e nos tornarmos homens melhores, primeiro para nós mesmo e depois disso para aqueles que estão ao nosso redor. Anote pelo menos duas rodas e compare como você se sentiu em determinadas estações e descubra o seu pico de poder e o momento de debilidade para equilibrar ambos!

Conhecer a si mesmo e desenvolver a consciência é o primeiro passo para uma bela jornada em busca de melhoria.

Exemplo de modelo de escrita diária

08/11/18 - Dia de Júpiter - Primavera

Saudações, meu irmão de caminhada.

Hoje meu dia foi extremamente corrido, não consegui parar um segundo sequer para meditar ou tomar uma xícara de chá. Muitas questões a resolver com o trabalho, com a mudança nos paradigmas do que fazemos e também teve a chuva que não ajudou muito! Fora isso não teve nenhum evento muito especial para lhe contar! .

- FÍSICO: Cansado, dor na coxa.
- MENTAL: Um pouco confuso, tentando colocar as ideias em ordem.
- EMOCIONAL: Apesar de tudo, estou feliz por causar tamanhas mudanças no trabalho.
- ESPIRITUAL: Conectado com a energia do fogo, tomando muitas atitudes, necessitando um pouco de equilíbrio.
- TEMPERATURA: 22 graus

- UMIDADE: 70%

Instrumentos de Poder Masculinos

A prática do Sagrado Masculino é algo extremamente pessoal e experimental, cada homem tem em si uma chave de conexão para seu Deus Interior. Alguns homens preferem por trabalhar através da Psicologia, estudando a mente do homem, os padrões machistas e buscando a desconstrução através da partilha em círculos masculinos, existem casos de homens que se apegam muito ao litúrgico, às práticas mágicas e energéticas do que é o Sagrado Masculino, e dentro desse caminho como em quase tudo em minha vida eu busco o equilíbrio, o caminho do meio.

Dentro da minha vivência, entender a mente masculina tem a mesma importância que desenvolver os dons e poderes energéticos do homem, considerando que também somos seres sagrados e estamos em busca do reencontro com nossa essência. E para isso vamos desbravar um pouco agora sobre os Instrumentos que têm afinidade com o Sagrado Masculino.

Para a prática energética é importante termos um local onde possamos focalizar nossos objetos auxiliares, um ponto de conexão com o Sagrado em ocasiões especiais (lembrando que a vivência e a cura do masculino não estão em rituais apenas e sim nas atitudes e pensamentos do dia a dia). O altar dos Mistérios Masculinos não tem uma obrigação de seguir um padrão, mas existem certas bases que podem ser utilizadas para sua criação, você é quem vai determinar o que colocar, onde colocar e por qual motivo, ser HOMEM é algo único e ninguém pode ditar isso, apenas mostrar uma luz que guiou o próprio caminho. Esse altar pode

ser tanto um altar fixo, que você deixa montado em sua casa, ou um altar móvel, que seja montado apenas quando necessário.

OMPHALOS OU LINGAM – Omphalos significa basicamente “umbigo”. A pedra Omphalos, ou o Lingam (para os hindus), simboliza a energia masculina, a força vital da criação. Foi utilizado por diversos povos da antiguidade, para simbolizar o princípio masculino na criação do mundo. A pedra Omphalos tem como função nos auxiliar na conexão com a essência da energia masculina.

BASTÃO – Um dos instrumentos que foi mais associado a prática energética do Sagrado Masculino é o bastão ou comumente chamado de Varinha ou Vara mágica. Pode ser feito de diversos materiais, porém o mais comum é madeira, que você mesmo pode produzir, pegando um galho de alguma árvore que te chame atenção. Por se tratar de um símbolo, ele pode ter a medida que você desejar, assim como as cores e adornos incrustados em seu “corpo”. O Bastão é o símbolo da VONTADE e do PODER, através desse instrumento muitas técnicas podem ser concretizadas. Como o traçado de círculo em práticas mágicas, a evocação e invocação de energias, assim como o direcionamento das mesmas.

VASO – É um recipiente que substitui em função o caldeirão da bruxa, sendo utilizado para oferendas, coleta de sêmen ou vinho branco para homens trans e queimar erva. Preferencialmente deve ser de cerâmica, mas também pode ser de madeira, ou de pedra clara. Ele pode ser branco simbolizando a cor do Sêmen Sagrado que fertiliza a Terra e de onde surge a vida.

CHIFRES – Símbolos desde outras eras ligados ao poder masculino. Imagens rupestres datadas do período paleolítico mostram homens portando chifres em posição de majestositade ou de guerra. Muitos

Deuses venerados na Idade do Bronze possuíam chifres, como o Deus Ashur da mesopotâmia, Amon no Egito. Algumas figuras foram encontradas em Mohenjo-Daro apresentando um homem portando chifres, uma possível origem do Deus Shiva, que por muitas vezes também é representado por um touro branco. É um símbolo que nos liga ao aspecto primitivo do Sagrado Masculino, ao senhor Selvagem, Indômito, Senhor da Mata, da Caça, da Virilidade e da Sexualidade.

ESPELHO – Dos instrumentos aqui citados, acredito que esse seja o mais importante. Através do espelho conseguimos encarar nossas sombras e medos e enxergar o Sagrado que existe dentro de cada homem, seu Deus Interno.

ESTÁTUA – A estátua serve para o altar assim como o espelho, usamos estátuas de Deuses ou de animais sagrados ligados ao masculino para poder aumentar a facilidade do nosso subconsciente entender a mensagem que queremos passar com aqueles instrumentos, ela funciona como um símbolo, uma força arquetípica que nos liga diretamente a fonte inesgotável de poder masculino, o Eu interior. Existem inúmeros outros instrumentos que podem ser utilizados em seu altar dos Mistérios Masculinos, deixe que sua intuição flua e leve seu pensamento para os símbolos sagrados que participarão dessa grande comunhão e cura.

Sendo assim podemos dizer que a maior e mais importante fonte de conhecimento sobre Sagrado Masculino é a própria vida, que em cada página traz um mistério e um verdadeiro significado da essência masculina. Cada fase da nossa vida traz uma lição, um ritual de passagem e para percebermos, entendermos e extrairmos o máximo possível de conhecimento, basta estar com o coração aberto, a mente desperta e todos os sentidos voltados a recebermos as bênçãos deste sagrado.

Ao fim dessas lindas jornadas que vivenciei me tornei um homem melhor por estar com homens trans e poder ver claramente os problemas que passam e principalmente participar da cura de suas feridas. Sou grato!

15. Genderfluid: a Ponte Divina Entre os Polos

Por Eilonwy Bellator

Prazer a você, colega magista, que está lendo isso. Meu nome é Eilonwy Bellator e sou uma pessoa 2-Espíritos e genderfluid (gênero fluido). Acho que isso é de certa valia dizer, pois o assunto a ser tratado aqui neste texto tem sua base nisso. Mediante a isso é bom frisar que o texto a seguir abordará a visão de uma pessoa de tais gêneros, no caso eu, dentro de práticas mágicas e também sobre pontos que sempre me intrigaram e que ao meu ver se coligam com a questão 2-Espíritos e Genderfluid.

De início uma das coisas que se diz a respeito de uma pessoa fluida de gênero é que ela transita entre dois ou mais polos de identidade de gênero, já a pessoa 2-Espíritos abarca em si os polos masculino e feminino exercendo os papéis devidos dentro de sua tribo, pois essa identidade de gênero provém das tribos indígenas, principalmente norte-americanas. Isso nos faz lembrar de pronto que, pelo que aprendemos de forma geral, o mundo é composto de energias opostas. Masculino e Feminino, Bem e Mal, Luz e Trevas, por exemplo.

No entanto, toda essa questão por mais natural que seja no mundo acabou por gerar uma banalização sobre as energias polarizadas presente no universo. Isso quer dizer que as pessoas passaram, por um costume incutido socialmente, a separar tudo em nichos e limitar o acesso de determinadas pessoas a uma coisa ou outra. Um exemplo bem simples é: você pode fazer magias sempre para o bem, mas não magias para o mal. Mas o que é o mal, no fim das contas? Segundo uma percepção de alguns anos, foi fácil notar que já existe uma estrutura sólida que até dentro de um local onde se preza a liberdade, como o esoterismo, ainda se preserva um puritanismo e conservadorismo contraproducentes.

Dentre muitas coisas, pude notar que certos pontos se tornaram somente femininos, por achismos pessoais de determinados praticantes, e outros somente masculinos. Mas o que acontece com as pessoas trans? Não importando se elas são binárias ou não-binárias (e aqui ainda tem a questão de se elas fluem ou não de gênero), isso é algo que causa um impacto nelas e vou explicar como. Por mais que a Wicca seja hoje uma religião bastante inclusiva, no passado não foi bem assim. Gardner acreditava não haver espaço para pessoas homossexuais, logo imaginem a situação para pessoas trans. Dizia que por um casal gay não poder gerar Vida, eles eram aberrações e não tinham o direito de tomar parte em seu culto de fertilidade. Mas não só ele rechaçava os diferentes, há um tempo atrás dentro da Tradição Diânica não era permitido o ingresso de mulheres transgêneras no círculo, a própria fundadora, Zsuzsana Budapest, uma radical feminista (friso isto, pois nem todas as feministas possuem tal visão e foi como li o dado na fonte de pesquisa) não aceitava a realidade dessas mulheres barrando a participação delas, marginalizando mais uma vez toda a causa transgênera em sua luta por espaço social.

Esse tipo de atitude só reforça mais o apagamento que naturalmente aqueles que são diferentes do padrão sofrem, nesse caso boto a luz sobre o T da sigla LGBTQ+. As bruxas sofreram no passado (não que ainda não sofram) e justo elas que deviam entender como é ficar à margem da sociedade sem ter culpa de ser quem é, agora querem fazer o mesmo papel que cristãos fizeram no passado? Isso é de uma ironia puramente cruel, mas é comum do ser humano - muitas vezes - se tornar aquilo que ele mais detesta.

Por conta desses e de outros fatores minha descoberta como uma pessoa trans não-binária não foi tão fácil quanto parece ter sido aos que viram todo o processo. Me reconhecia como 2-Espíritos desde os 20 anos, mas sem nunca expressar isso ou falar abertamente, resumo: para todos eu ainda era cisgênero. Porém, veio a entrada na faculdade em 2018, com ela

um novo mundo onde pude notar pessoas que eram livres para expressar sua diferença e o que estava dormindo em mim acordou. A minha essência gritava para que eu deixasse fluir o que reprimia e foi quando eu deixei que meu verdadeiro eu começasse a brilhar. Senti a necessidade de mudar de nome para outro sem marca de gênero e contei à família sobre a mudança na páscoa, que ironicamente foi no dia 1º de Abril. Escolhi esse dia por ser, no Japão, a época do Hamani - a floração das cerejeiras, que é uma das minhas flores favoritas e por isso foi um dia especial para mim.

No começo foi difícil me fazer ser reconhecida, pois só queria que me chamassem pelo nome certo. Na família estava a maior barreira e em algumas amizades também; eu dizia que não precisava me tratar como mulher, mas sentia um desconforto que ignorei até Setembro. Desde o dia em que contei a todos sobre essa descoberta, os deuses me trataram diferente, às vezes no feminino e no masculino, o que me deixava realizada, porque eles sabiam o que eu era a cada encontro. Mas em Setembro tive que me enfrentar e entender que, sim, eu queria ser reconhecida não só como menino, mas - principalmente - uma menina. Muitos se mostraram resistentes e avessos, outros me acolheram, dentro do meio pagão percebi um certo acolhimento, mas também vi comentários bem excludentes... tudo isso me fez pensar em como outras pessoas trans, principalmente as não-binárias, lidavam com tudo. Somente quando me reconheci como parte delas que pude entender toda a causa pela qual lutamos. Toda a dor sentida.

Vejo no meio pagão discussões sobre diversas pautas sociais importantes, como por exemplo o feminismo e o ativismo ambiental, mas não vejo tanta propagação quando se trata da causa negra, homossexual e, muito menos, de pessoas não-binárias (seja elas fluidas de gênero ou não). Onde nós estamos nesse meio? A nossa representatividade, o debate e acolhimento acerca da causa, o nosso direito de sermos quem somos sem

termos de nos enquadrar em pontos que limitam nosso ser? É nítida a falta de estrutura para receber pessoas assim e quando ainda dizem haver tal espaço, sempre há um "porém". E é esse "porém" fere e mata nossa existência.

Toda essa invisibilidade e/ou falta de empatia com pessoas não-binárias/genderfluid parece ser propagada até dentro do divino, onde muitos praticantes se firmam apenas em conhecer deuses cis populares (como o panteão grego, egípcio e nórdico), muitas vezes ignorando até a sexualidade não hétero da divindade como já vi, e não se falam sobre deuses transgêneros, mas que de certo existem. E muitos. Só são desconhecidos por conta da falta de interesse em se conhecer um panteão a fundo, ir além do que todo mundo já conhece, do que é fácil.

Nesse âmbito em primeira instância podemos dizer que a maioria das pessoas, não só pagãs, conhecem pelo menos Hermafrodito, filho de Afrodite e Hermes, deus das almas-gêmeas, da união sagrada (podendo ser ligada pelo casamento), sexualidade... Nunca tive contato com ele, mas a segunda divindade que eu descobri ser fluida de gênero na essência foi Uanana, uma divindade proveniente do nosso país Brasil; uma divindade que me fez sentir-me completa só de tê-la encontrado. Percebi que essas divindades não eram muito abordadas talvez pela falta de compreensão acerca de quem são e do que fazem, mas quando nos abrimos para elas, um mundo novo se revela aos nossos olhos.

Divindades transgêneras são, acima tudo, ligadas à completude, fertilidade, polaridades - não só opostas, mas diversas -, união sagrada, conexão, sexualidade e expressão. São divindades muitas vezes artísticas, que mostram essa expressividade e conexão com si mesma e com o Todo. São as partes que levam ao Êxtase e também o seu resultado. Elas ainda são também o próprio caminho que liga as duas coisas.

E, pensei eu um dia que, se dizem que os deuses experienciam o mundo através de nós e somos o reflexo deles, porque não haveria então espaço para pessoas que são exatamente assim, fluidas de gênero? Pessoas que não conseguem se enquadrar muito bem em nada, não por faltar algo, mas porque podem com extrema facilidade se adaptar ao que lhe é apresentado, se assim desejarem, mesmo que ainda não se sintam 100% ali... E logo que se adaptam não gostam de se demorarem ali.

Tal facilidade de adaptar ao mundo à nossa volta, percebi que há uma certa facilidade em se conectar com a diversidade de uma forma muito diferente e mais profunda. A magia flui diferente, acontece diferente e se expressa diferente. A conexão com o divino é intrínseca... nos meus contatos percebia que tinha sempre algo que não conseguia (e ainda não consigo) pôr em palavras, um sentimento forte independente da divindade. E na prática mágica também notei que essa adaptabilidade e facilidade em lidar com o diverso também se traduzia aqui. É como se pelo fato de fluir entre gêneros, uma pessoa assim conseguisse acessar com uma profundidade natural determinados conhecimentos. Lógico que isso não determina que pessoas fluidas de gêneros são poderosas e/ou superiores, mas, sim, diferentes em seu simples modo de ser.

Mediante o divino pude também me encontrar com essa questão de fluidez com deuses cisgêneros, como Ísis por exemplo. Como, você deve pensar agora, que ela se enquadra nisso? Bom, ela é uma deusa ligada à Vida, seja ela do lado dos vivos ou dos mortos, logo também uma deusa psicopompa, ou seja, polos diametralmente opostos. Mas é uma deusa da arte, porém é bem prática e guerreira quando precisa, sendo que guerra e arte não são polos opostos, mas ainda sim diferentes. Blodeuwedd, deusa celta galesa, é a própria manifestação da Terra, pois foi criada de pétalas de nove flores diferentes, mas também é a Senhora do Inverno. Oras, primavera e inverno não são opostos, mas são coisas bem diferentes, não? Perséfone é bem parecida com ela nesse quesito. E Hermes? Se pararmos

para falar de Hermes esse texto não teria fim. Hermes é um deus muito fluido em questão de suas esferas de poder, que vão das bem opostas entre si às que simplesmente diferem. Hécate, Apolo, Jaci, Morrighan, até mesmo Afrodite possuem uma diversidade de domínios que podem ou não ter algo em comum, essas e outras deidades transitam entre muitos polos diversos.

Isso me levou a sentir uma profunda conexão com tais divindades e fez com que o famoso discurso de "ninguém consegue ter perícia em mais de uma coisa" caísse por terra para mim. Você pode ser ótimo, um expert, no que quiser! Seja um curador E um canalizador E um oraculista E o que mais bem entender. Não há limites que não possam - tentar - serem transpostos por nós, seja do gênero que for. E agora nós, pessoas 2-Epíritos e/ou Genderfluid, temos essa questão entremeada de forma profunda em nosso ser e devemos nos orgulhar disso, aprendendo a usar essa questão beneficemente a nosso favor.

Outro ponto a ser ressaltado é que notei a extrema necessidade de pessoas 2-E e genderfluid manterem-se em equilíbrio, lógico que as coisas não são sempre equilibradas, porém o que afirmo com isso é que através das minhas experiências e observações de outros e pesquisas, pessoas desses gêneros precisam aprender a encontrar a própria harmonia e saber cultivá-la sempre, pois negligencia-la causará sérios problemas energéticos, podendo se espalhar para coisas mais sérias, sejam espirituais ou físicas, ou até ambos em alguns casos. Inclusive pode prejudicar a expressão de sua magia.

Durante uma meditação com Perséfone, que é uma deusa que tem essa questão de transitar entre polos, em seu caso entra a vida e a morte, eu comecei a entender o que eu e outras pessoas 2-E e/ou genderfluid não somos como somos por acaso, nada no universo é por acaso, tal coisa é muito rara de acontecer. Enfim, a questão é que Perséfone me fez

entender que nós somos pessoas abençoadas. Assim como a mulher pode gerar a vida e o homem tem a capacidade de fertilizar, nós também podemos fazer ambas as coisas, obviamente de uma forma diferente e não literal por conta de barreiras biológicas. Mas uma pessoa fluida de gênero ou 2-E tem a capacidade de gerar a vida com sua energia, com seu poder, assim como ela pode tornar algo fértil com seu toque que busca no âmago a força pulsante da vida para então expandi-la.

Pessoas 2-E e genderfluid têm isso ao seu lado por conseguirem transitar entre ambientes, poderem alcançar diferentes coisas com naturalidade porque são como a água: adaptáveis. Toda essa fluidez tem que ser tratada e trabalhada com muita sabedoria, assim como acredito que todo mundo - seja homem ou mulher da natureza que for, trans ou cis - deve resgatar tanto o Sagrado Feminino quanto o Sagrado Masculino e para uma pessoa que possui essa fluidez é essencial a busca de ambos. Na realidade, como as questões de fluidez podem ir muito além do masculino e feminino, por existir pessoas que se identificam também em uma neutralidade, o resgate pode ser também da Terceira Sexualidade Sagrada. A capacidade natural de transpor esses limites, sejam eles naturais ou impostos pela sociedade, não é brincadeira e muito menos algo para querer ganhar em cima dos outros. Uma pessoa com essa capacidade tem que entender que essa benção não é o que ela pensa ser, é muito mais do que isso e ainda precisa muito ser explorada e debatida.

Por conta desse pensamento, eu comecei a pensar que devia haver um grupo de debates (social e pagão) e também uma tradição que não trabalhasse só com os espectros binaristas já muito conhecidos, mas que fosse além deles. Digo isso não por querer acabar com o culto da Deusa e do Deus, jamais. Mas a questão é que em uma tradição que se pauta nesse quesito binário, uma pessoa que foge desse padrão é - muitas vezes - levada a se enquadrar em algo que de início pode não incomoda-la, mas que com o tempo de certo vai trazer à tona os reflexos do que seu Eu

Interior sente com relação a isso. É por essa razão que acredito que deve existir um espaço para que pessoas como eu possam se sentir confortáveis e livres para serem quem são e expressarem sua espiritualidade sem ter que se sintirem limitados na questão de gênero.

Com isso, posso dizer mediante a experiências, relatos e estudos feitos por mim que talvez pessoas 2-E e genderfluid estejam aqui para trazer aos demais uma nova percepção, um novo olhar, sobre a espiritualidade. Sobre a conexão com o divino e uma expressão mágica diferente do que já foi amplamente visto e abordado. Pessoas tão peculiares assim vêm para ensinar àqueles que ainda não compreendem que a bipolaridade (num grau básico) está também dentro de si, que a questão de unificação benéfica é possível e não um mero sonho ilusório. Pessoas não-binárias que apresentam qualquer tipo de fluidez e as pessoas 2-E vieram para mostrar o quão íntimo pode ser a relação de um ser com o Universo, nós tocamos o mundo de uma forma extremamente diferente, quase fomos apagados da história, mas seguimos em resistência e existência e merecemos nosso espaço no mundo. Somos pessoas como qualquer outra, apenas somos o que pude perceber com todo o trabalho para criar esse texto e no meu cotidiano comum e pagão que: somos os dois lados de uma mesma moeda, somos Yin E Yang, somos Água por podermos fluir, somos o início e o fim do caminho, mas o principal, somos o percurso que conecta os dois lados. Por isso, somos a encarnação da Ponte Divina entre, todos e quaisquer, Polos.

16. Empoderamento LGBT e Magia

Por Felix Mecaniotes

Desde que eu comecei meu trabalho público com A Viada Chama Púrpura, a grande dúvida da maioria das pessoas (depois de “por que você optou pela palavra ‘viada’?”) é qual a relevância de um trabalho de empoderamento, seja ele qual for, atrelado à magia?

E eu respondo com sinceridade. Numa escala cosmológica, nenhuma. Nada do que acontece neste pequeno planeta verde azulado na borda ocidental desta galáxia tem relevância numa escala cosmológica; isso, no entanto, não quer dizer que um magista não considere importante conseguir um carro novo, encontrar iluminação espiritual ou mesmo apenas se dar bem em baladas vez em quando.

Num ponto de vista individual, um trabalho de empoderamento LGBT ajuda ao magista que faz parte deste amplo guarda-chuva abrangido por esta sigla, entre outras coisas de menor importância, a não morrer, no país que mais mata LGBTs no mundo, e, o que eu acredito ser ainda mais importante que isso: a não odiar a si mesmo. E claro, apesar de este não ser o foco do texto, círculos de empoderamento feminino, além dos motivos já citados aqui, ajudam as magistas a não apanharem de seus cônjuges; acredito que auto-sobrevivência é, por si mesmo, um argumento irrefutável para o porquê de se misturar magia a estes assuntos.

Isto não encerra este texto, no entanto, é preciso mais que mera sobrevivência para que nós, estes seres descendentes de primatas (tão extraordinariamente primitivos para ainda achar que relógios digitais são uma grande idéia) acreditemos que vale a pena viver.

Eu venho de um sistema mágico em que o autoconhecimento é o pilar de toda a construção de um magista, o trabalho com a sombra é, antes de tudo, o elemento crucial para a formação de um iniciado wiccano. Heteros quase nunca percebem isso, e o motivo principal é porque sempre foram ensinados a encarar seu desejo pelo sexo oposto como uma evolução natural que não requer reflexão, mas a sua sexualidade é um ponto extremamente importante de quem você é. Mais que isso, a sexualidade em geral, a forma como você formou certos gostos(eu, por exemplo, sou podolatra) e a forma como você adquiriu uma atração por certos arquétipos de personalidade são questões que, em muitas pessoas, pertencem a sombra, pertencem a aquela pequena parte de si que a gente prefere não olhar porque não quer enfrentar, não quer saber.

É muito mais fácil acreditar em: “eu me sinto inseguro em todos os relacionamentos porque homens são babacas”, do que enxergar em si mesmo um complexo iniciado pelo desejo de reconhecimento e de gerar orgulho na figura materna, e entender que o desejo de reconhecimento frustrado nos relacionamentos nada mais é do que uma projeção deste desconforto natal. Em termos de sombra, ser LGBT ainda gera uma gama de outros processos, algumas pessoas são afeminadas porque secretamente encontraram um jeito não consciente de punir a si mesmos, enquanto que outras pessoas não o são justamente pelo mesmo motivo; o que eu quero dizer é que estar dentro dessa sigla gera uma carga de sofrimento — por conta da sociedade — que termina por minar a capacidade do indivíduo de autoaceitação e de apresentar a verdadeira expressão de si no mundo.

Em última instância, fazer parte de um grupo socialmente excluído mina o poder pessoal e, numa linguagem mais comum a outros sistemas, isso pode desviar o magista de sua Verdadeira Vontade; aprender a lidar consigo mesmo, a encontrar em si aquilo que lhe faz você é uma chave

para aumentar o poder mágico. Um círculo de empoderamento é importantíssimo neste caso.

Phil Hine, um conhecido autor de livros sobre Magia do Caos, tem um texto chamado: “sodomia como realização espiritual” em que ele descreve a experiência de gnose de ser penetrado por seu amante, em que ele descreve a experiência de um processo espiritual dentro de um sexo gay. Para um leitor desatento, isto é apenas mais um texto qualquer sobre magia sexual, mas não, este texto é o exemplo de algo ainda raro na magia, um texto sobre como um LGBT se relaciona com a magia.

É estranho para um hétero cis pensar isso, mas pense num outro paradigma, num outro ponto de vista por um instante. Pesquise por poder do sexo no google, pesquise sobre feitiços para conseguir alguém, pesquise por rituais wiccanos em conjunto e você irá encontrar certamente imagens de casais heterossexuais cis, provavelmente fazendo sexo vaginal, e nada sobre outras formas de existência. Para um LGBT é como se sua expressão devesse se encaixar nesse padrão ou ele é forçado a descobrir seu próprio meio num ambiente Ht-cis centrado. O que acontece geralmente é o foco nas similaridades e correspondências e o esquecimento das diferenças, isso é uma forma válida, mas que deixa de potencializar muita coisa que poderia ser explorada pelo magista.

Vamos ao exemplo de uma maga transexual que não seja operada; ela é uma mulher, não há dúvidas disso, e ela encontrará diversos textos falando de algumas potencialidades femininas dentro da magia, alguns usos mágicos de coisas tipicamente femininas, como a menstruação; certamente parte deste conhecimento servirá para ela, a outra parte não. Ela não menstruou, provavelmente jamais menstruará, e lhe parece que ela tem um recurso feminino a menos para explorar na magia.

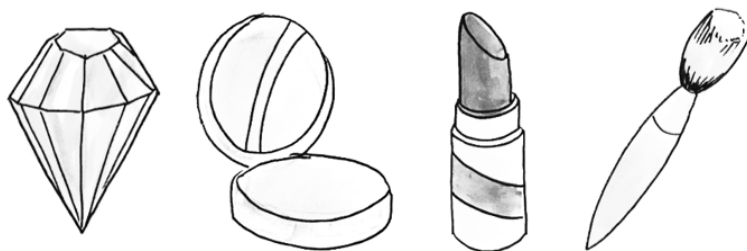
Isso não é verdade. Não existe literatura sobre, mas o que eu estou defendendo aqui é que há potencialidades mágicas em ser uma mulher com pênis. Não um magista que usa de sua masculinidade dentro da magia, não uma mulher que tem algo masculino dentro de si e pode usar deste poder enquanto homem. Mas uma magista que é uma mulher, com um pênis de mulher, com uma capacidade fálica — este símbolo tão associado ao masculino — que é, na verdade, feminina. O que nos falta é uma literatura que explore as potencialidades mágicas disto, e parte desta ausência, é que constantemente as pessoas sequer percebem que este é um ponto que merece ser explorado.

Eu venho de um sistema imanente de religiosidade, em que não há uma diferença real entre o material e o espiritual, é mais do que natural para eu perceber que se eu sou um homem que — por alguma razão — prefere outros homens e se eu acredito que há uma causa biológica nisto, esta mesma causa biológica, esta mesma expressão de quem eu sou, me trás propriedades mágicas que eu poderia explorar, que um heterossexual teria de maneiras diferentes. Uma ideia perfeitamente derivada do simples: eu enquanto fulano tenho habilidades inerentes diferente do Pedrinho de Oxum; uma ideia que visa, antes de tudo, estimular a produção escritas de magistas interessados em escrever para gays, numa produção de uma wicca que pense o modos não homem-mulher cis de pensar, num tantra gay, numa magia do caos que produza sobre o tema.

No mais, eu digo que sim, o empoderamento LGBT é um ponto afim da magia, não só porque a magia é um instrumento que pode — e deve — ser usado para o aprimoramento pessoal e obtenção dos desejos, mas porque se empoderar enquanto pessoa é, no fim das contas, adquirir poder mágico. Numa escala cosmológica nada importa. O que é importante para você é aquilo que você deve explorar magicamente.

17. Drag Queens e Magia

Por Gabriel Costa



Terra, Água, Fogo e Ar, os elementos da Drag Queen - Gabriel Costa.

Uma das práticas mágicas mais antigas que se tem notícia, e que ocorre na maioria das vertentes de xamanismo, é a dos atavismos. Um atavismo pode ser descrito como o retorno a um modo de funcionamento primitivo do cérebro, uma forma de pensar e agir que mimetiza os traços animalescos deixados pela evolução gradual desde os microorganismos unicelulares até o homo sapiens sapiens. Atavismos também podem promover o resgate de um instinto ou de um sentimento passados ou futuros - sentir-se como se já houvesse ganho algo, para atrair o ganho daquele algo.

Os atavismos animais, que são os mais conhecidos neste ramo de práticas mágicas, podem ser despertados por danças, vestimentas ou sons. Um xamã vestindo a pele de uma onça se torna a própria onça, e um pajé que usa uma flauta mimetizando o som de um pássaro pode voar pelo plano astral. Uma máscara faz o mago encarnar aquele demônio, e não há quem possa dizer que os dois não são um só. Em uma aula de Yoga, fazer a posição da pomba traz a paz associada ao animal. Da mesma forma, diversos povos ao longo da história têm usado roupas cerimoniais e

maquiagem artística para atrair aspectos de determinada divindade ou para obter as qualidades desejadas em um rito. Segundo o Livro de Enoque, Azazel teria ensinado aos humanos os poderes da maquiagem, e com isso eles puderam se tornar deuses. Obviamente, isso rendeu a ele a expulsão do paraíso.



Aurora Black, a Maga - Gabriel Costa.

Em “Heterotopias”, Foucault descreve como alguns espaços específicos (teatros, templos, boates) criam uma atmosfera onde o imaginário transpassa para o plano físico, e onde os atavismos vêm à tona de forma indistinguível do que cada indivíduo era antes de encarnar tal aspecto. Quando a Drag Queen se maquia de forma específica e faz um figurino especial, ela está assumindo um atavismo que é comunicado ao público externo na forma de sua face e de sua roupa e de seus trejeitos. Inicia aí um jogo onde a Drag se veste e se porta da forma que deseja, o público percebe sua forma de vestir e agir, transmite a ela essa percepção na forma

de interação, e isso retroalimenta a performance. No campo da medicina, o termo cunhado para esta mudança de comportamento com base na roupa que se adota é “cognição indumentária”.



Nunnos, o Mundo - Gabriel Costa.

Sendo assim, percebe-se que a arte Drag tem grande poder transformador e mesmo potencial de equilibrar a personalidade. Uma pessoa que está triste pode assumir, mesmo que por uma noite, uma persona mais alegre e extrovertida, e se alimentar de interações que não teria em sua vida cotidiana. Esta experiência, por sua vez, pode transpassar para a psiquê “out-of-Drag”, e ajudar a resolver questões psíquicas que antes estavam dormentes, e que precisavam de um incentivo para que começassem a se re-equilibrar.

Dentro da arte Drag, por sua vez, o epíteto do atavismo se mostra na prática de “Tranimal”, que consiste em adotar uma persona trans-humana entre o humano e o animal. Neste caso, há um retorno inconsciente ou mesmo proposital às práticas xamânicas, onde o sacerdote vestido como o animal se torna o próprio animal. Mesmo que a pessoa não saiba como é agir feito um leão, seu inconsciente guarda essa memória (seja pelos filmes que viu durante sua vida ou pelos resquícios de cérebro leonino em seu córtex), e ao se maquiar como o animal ela inconscientemente irá obter qualidades leoninas.



Katrina Bouganville, o Sol - Gabriel Costa.

A maquiagem permite que uma pessoa se torne o que quiser. E em uma festa Drag as pessoas estão dispostas a tratá-la como o que ela quis parecer. Hércules mata o leão de Nemeia, e veste a pele do Leão. Assim, ele se torna o próprio Leão.

18. O Queer na Cultura Nórdica

Por Vinícius Alves da Silva

Muitas vezes quando falamos de paganismo de culturas como a germânica e a celta, surge na mente de vários a ideia de um mundo igualitário. Um lugar onde o ser humano poderia manifestar sua natureza, sem censuras ou discriminações. Entretanto, e como este capítulo irá demonstrar, o pensamento dos velhos costumes também apresentou em vários pontos preconceito e intolerância, embora em níveis menos catastróficos como ocorreu durante a cristianização. Viso aqui evidenciar como a cultura nórdica se apresentou frente a questões de sexualidade, tanto no social quanto no religioso.

Existiam entre o povo do norte papéis sociais de gênero definidos. A mulher em geral era destinada a afazeres domésticos, submissos e inferiores. O homem por sua vez, a atos militares, políticos, e voltados a controle e superioridade social. E quando um homem era apontado manifestando comportamentos do gênero feminino, era ao mesmo tempo visto como algo ofensivo e humilhante. De acordo com as sagas islandesas, se apresentar vestindo roupas do sexo oposto era motivo de divórcio, e presentes de caráter efeminado eram insultantes. Isso também ocorria dentro do ambiente militar, onde os guerreiros usavam insultos sexuais antes da batalha como uma forma de estímulo. O inimigo também era ofendido, acusado de ser uma mulher.

O ato de assumir um comportamento passivo numa relação sexual também era algo considerado do gênero feminino, e se um homem se apresentasse manifestando tal papel era visto como inaceitável. São encontrados casos de homens tendo relações com outros de castas inferiores, ou escravos de sexo masculino. Estes menos influentes socialmente tinham uma conduta de passividade dentro dos atos sexuais.

Os guerreiros nórdicos faziam o mesmo com seus inimigos, estuprando-os como uma forma de estabelecer uma dominância sobre eles. Tácito descreve uma abominação da homossexualidade pelo povo germânico em Germânia, falando sobre uma condenação aos homens homoafetivos de serem enterrados vivos num pântano. Contudo este se encontra sendo criticado, pois assim como era comum as esposas serem enterradas com os maridos mortos, o mesmo também poderia acontecer com os parceiros sexuais. De certa forma nota-se não uma homofobia propriamente dita, no sentido de repulsa a orientação sexual. Mas sim uma discriminação ao comportamento passivo por ser algo declarado feminino.

Um dos marcos de condenação da homossexualidade na lei da Escandinávia é encontrada em Gulathingslog, onde se fala que se dois homens tiverem relações sexuais, a mesma deveria ser proibida e os bens deles confiscados. Pela punição incluir ter os seus bens tomados, existem razões para se acreditar que esta lei se inspira nos mesmos preceitos da caça às bruxas. Houveram relações homoafetivas, e mesmo que a sociedade considerasse como sendo desagradável, não houve uma necessidade de intervenção do Estado.

Entretanto, se certas palavras fossem ditas para um homem, como *ragr*, *strodhinn* ou *sordhinn*, que tinham um sentido de apontar subordinação sexual, o homem ofendido tinha o direito de matar o provocador.

Os papéis sociais também adentraram na magia e religiosidade germânica. Certos tipos de magia eram entendidos como práticas femininas e outras como masculinas. Exemplos do masculino está o galdr cantado pelos guerreiros frente a batalha, e o ritual de lançar uma lança sobre o campo inimigo a fim de ofertar os mortos caídos ao deus Odin.

Na magia das mulheres, encontramos um valioso trabalho ritual que encanta e fascina até os dias de hoje, o Seidr.

Seidr é um conjunto de práticas de transe ritualístico, praticado pelas sacerdotisas da deusa Freya. Comumente está associado ao ato de se prever o futuro através da comunicação com os mortos (*spæcraft*). Todavia ele pode ser usado para jogar maldições, mudar o clima, atrair fertilidade, etc. Este trabalho espiritual possui várias citações dentro da cultura nórdica. Era uma prática tão recorrida quanto a magia rúnica.

São encontrados relatos de praticantes masculinos do Seidr. O “mago” do rei Harald faz uso dele para viajar astralmente até a Islândia, na Saga do Rei Olaf. Um homem chamado Kotkel e seus dois filhos usam desta arte para amaldiçoar um inimigo. Contudo o adepto ao qual mais interessa a nós é o poderoso deus Odin. É descrito que ele aprendeu este ofício através dos ensinamentos de Freya. Uma das implicações do aprendizado era usar as vestimentas cerimoniais, que eram femininas por ser um culto majoritariamente deste sexo. Quando Odin passa a usar estas roupas e a participar do culto das mulheres, é apontado como efeminado. Loki acusa Odin de tal conduta, logo após ser ofendido de forma similar por ter parido o cavalo Sleipnir, e ter amamentado uma vaca subterrânea por nove meses.

A palavra “Ergi” é usada Snorri Sturluson para indicar a vergonha causada pela prática masculina do Seidr. Também pode ser entendida como receptividade sexual, ou “desejoso de penetração”. Os membros masculinos da comunidade faziam uso deste termo como insulto aos inimigos, acusando-os de se apresentar como alguém do sexo oposto.

Outro episódio religioso diz respeito aos sacerdotes de Frey, deus da fertilidade e da paz. Em Uppsala havia celebrações e rituais onde os sacerdotes faziam uma série de atos, dentre eles o tocar de sinos e a dança.

O comportamento era visto como efeminado e desagradável para os guerreiros, entendido como uma “barulheira nada viril”.

Podemos então entender que dentro da antiga cultura germânica existe uma discriminação ao comportamento afeminado do público masculino. Um homem poderia ter relações com o outro, dependendo de seus status social. Mas o mesmo não poderia apresentar atitudes e condutas ditas como não dentro de seu gênero. Pois poderia ser ridicularizado, humilhado, ofendido e considerado como tendo uma vida inadmissível. A intolerância dos nórdicos não é homofóbica, mas sim voltada ao público queer.

Também é necessário destacar a clara misoginia existente dentro da antiga sociedade nórdica. A mulher no ponto de vista físico-sócio-religioso como sendo considerada inferior, submissa e de menor valor. Esta pode ser uma das razões para os gentílicos não entenderem o que levaria um homem a querer adentrar no universo feminino, se abdicando de seu poder influente e superioridade dominante. É claro que existem exceções dentro da história, como o da deusa Freya e Skadhi, poderosas na guerra e na caça.

Outro relato interessante é o comentário sobre a existência de uma transexualidade xamânica presente, um terceiro gênero e cross-dressing. Atualmente muitos seguidores do paganismo nórdico e da religião Ásatrú não apoiam o pensamento, intolerante e preconceituoso, das épocas anteriores. Não são todos, é claro, pois existem grupos que fazem uso dos mesmos preceitos, sendo inclusive racistas.

Eu acredito, como seguidor do Odinismo, que nenhuma divindade nórdica irá negar alguém por conta de sua sexualidade.

19. Religio Antinoi

Texto do Templo de Antinous

<http://www.antinopolis.org>

Reproduzido mediante autorização

Antinous (Antínio em espanhol ou Antínoo em português) nasceu numa cidade chamada Claudiópolis, também conhecida como Bitínia, no nordeste do país hoje conhecido como Turquia no ano 111 d.C. Pensa-se que Antinous não descendia de uma família abastada mas que foi um escravo. Surgiu do nada e de um lugar desconhecido, mas ao fim da sua curta vida, veio a ser um príncipe conhecido em todo o império. O seu nome percorre os caminhos da história devido ao amor que ocorreu entre este estranho e exótico rapaz e o governante do mundo romano da época. Os detalhes da vida de Antinous são desconhecidos. O ano exato do seu nascimento é desconhecido mas a data é mencionada como sendo 27 de Novembro.

No entanto, a sua imagem é conhecida devido às variadas esculturas existentes. Ele era extraordinariamente belo, um anjo vivo, a visível manifestação da perfeição divina. Foi comparado a Ganimedes, Adônis e a muitos outros rapazes cuja beleza atraiu a atenção dos Deuses. Foi este deus encontrado em Antinous que o levou para os céus.

O Imperador Adriano passou pela Bitínia no ano 123 d.C e acredita-se que foi nessa viagem que encontrou Antinous pela primeira vez e que se apaixonou perdidamente pelo rapaz. Antinous foi admitido na corte romana e também foi enviado para Roma para ser educado nas melhores escolas para rapazes onde aprendeu latim, poesia, história da arte e onde permaneceu perto de Adriano e onde teve uma educação privada. Começou a exercitar e a esculpir o seu corpo no ginásio sob a orientação

dos treinadores de Adriano, onde se tornou a personificação da beleza masculina clássica.

Antinous também foi um excelente caçador, um dos passatempos favoritos de Adriano. Passaram muito do seu tempo livre a caçar animais, incluindo um leão devorador de homens no deserto da Líbia. Seguramente Antinous sentiu grande afeto pelos cães de caça de Adriano, os melhores do mundo da época e, de várias formas, Antinous pode ser comparado pela sua lealdade e devoção, sua beleza e juventude, a sua grande força e a expressão dos seus olhos... que lembra uma familiaridade canina. Antinous esteve com Adriano aproximadamente sete anos, que é o tempo de vida de um cão de caça.

Na sua curta vida, Antinous afetou o curso da história, sendo a primeira pessoa histórica a ser considerada um deus por conta de sua homossexualidade, para quem uma religião foi declarada e implementada, que durou várias centenas de anos. O efeito da sua religião levou o cristianismo a reagir contra a homossexualidade sob formas que nos afeta até a atualidade. Antinous foi o último deus da antiga religião romana, apesar da continuidade dos cultos aos imperadores romanos que durou por várias gerações mas que nunca foram tão bem recebidas quanto a de Antinous.

A beleza de Antinous é atemporal. Ele é tão perfeito hoje como foi a 1900 anos atrás. Ele cativou admiradores e amantes da beleza masculina desde sempre. Antinous foi o “supermodelo” que mais durou em toda a história.

A Viagem Imperial para o Oriente

Adriano foi o único imperador a viajar por todo o Império Romano, tendo visitado as províncias da Britânia a Israel, e do Danúbio ao norte

da África diversas vezes. Ele gostava pessoalmente de supervisionar a administração do seu governo e estava interessado em melhorar a vida dos seus súditos através de meios palpáveis. Adriano apaixonou-se pela ideia grega de civilização e esteve empenhado em levar esta visão do mundo perfeito a todo o seu império.

Foi então no verão do ano 128 que a corte imperial embarcou numa grande viagem para o oriente. A Imperatriz Sabina, mulher de Adriano e os seus cortesãos foram os membros deste empreendimento mas Antinous foi o companheiro favorito de Adriano nesta grande viagem. O romance entre ambos era aberto e graciosamente exibido aos olhos do mundo. Esta grande viagem ao Oriente, que Adriano chamou de Sagrada Peregrinação, é a única parte da curta vida de Antinous que foi registrada na história. Por esta razão, é de grande importância o relato deste épico sagrado. Antinous foi na flor da idade, beleza e vigor, uma estrela brilhante, segura nas asas da águia imperial e não é coincidência que esta corte de semideuses viajasse pelas terras de Ganimedes, Attis, Adônis, Jesus e Osíris que foram todos grandes espíritos levados desta vida antes do seu tempo.

A corte ficou em Atenas por cinco ou seis meses e chegaram a tempo para as celebrações dos Mistérios de Elêusis que representa simbolicamente o rapto de Prosérpina (Perséfone) por Hades, a tristeza da sua mãe Deméter e o regresso da Primavera. Adriano manteve um grande interesse por religião, teologia e mistérios espirituais. Acredita-se que Antinous teve a sua iniciação pelos sacerdotes de Elêusis. Através deles, recebeu a consagração da deusa negra do submundo, Prosérpina (Perséfone), preparando-o para a sua própria morte e renascimento.

Depois da Grécia, a viagem passou pela Ásia Menor e pela Bitínia, a terra de Antinous. Foram para o sul, para Antioquia e depois mais para leste em direção à Armênia, através da Arábia onde atravessaram o Jordão e

entraram em Jerusalém. Aqui, Adriano conheceu os Rabis e envolveu-se num debate teológico. Fez grandes reformas na fé judaica e não entendeu as consequências que mais tarde o perseguiriam quando os judeus, liderados por Bar Kochba, se revoltaram.

No verão de 130 a corte saiu de Israel em direção ao Egito onde Adriano não era só imperador mas Faraó, um deus vivo. A grande cidade de Alexandria, com os seus grandes eruditos, não receberam Adriano como um ser divino. Cheios de controvérsias religiosas, fizeram oposição às suas reformas. A grande facção cristã foi especialmente perturbada pela presença de Antinous e do romance deste com o imperador.

Depois de várias semanas difíceis, os companheiros mais chegados de Adriano, um grupo de homens jovens, poetas e filósofos, foram para a Líbia onde um grande leão devorador de homens atormentava aquelas paragens. Adriano e Antinous caçaram o leão e posicionaram-se para a matança. Antinous avançou e atacou o leão mas perdeu a arma na luta. O leão feriado, atacou Antinous e tê-lo-ia morto se Adriano não tivesse intervindo no momento crucial e abatido o animal. Um poeta de nome Pancrácio escreveu sobre o evento relatando que uma flor de lótus vermelha brotou miraculosamente do sangue do leão. Esta flor foi oferecida a Antinous e passou a ser o seu símbolo.

Quando voltaram para Alexandria, a comitiva alargou para umas centenas, incluindo altos sacerdotes de vários cultos de deuses egípcios. À medida que as inundações anuais desciam, Adriano, solenemente passou o comando do elegante e dourado navio e dos seus tripulantes e assim Antinous no seu sagrado navio, começou a sua viagem pelo Nilo. Uma viagem sagrada contra a corrente do qual não mais voltariam.

A Morte de Antinous

O navio imperial chegou à antiga cidade de Hermópolis a tempo das celebrações da morte e ressurreição de Osíris. Essas cerimônias coincidiram com o fim das inundações do Nilo, que eram importantes para a fertilidade dos campos. Por dois anos, o rio não inundou suficientemente os vales e a fome começava a alastrar. Todo o império estava em perigo, pois do Egito vinha toda a comida que abastecia as grandes cidades. Se as inundações do Nilo não voltassem novamente, a fome começaria a se alastrar por todas as cidades, além das doenças e da morte.

O ambiente das celebrações de Osíris era invulgarmente séria e pesada. A antiga história era de como o deus mau Set e os seus 72 cúmplices mataram Osíris, lançando-o ao rio e como o desmembraram e dispersaram os seus membros através do vale. O seu sacrifício causou a inundação anual que trouxe a vida ao vale ressequido. Osíris ergueu-se dos mortos mas precisava da força das súplicas dos seus devotos para o seu regresso. Primeiro, os sacerdotes choraram a sua morte, depois rezaram pelo seu regresso e no momento da sua ressurreição, celebraram com danças, cânticos e festividades. É contado que nos tempos antigos, jovens rapazes, escolhidos pela sua excepcional beleza, eram atirados ao rio para se afogarem, tal como foi feito a Osíris, como sacrifício para o deus do Nilo e para benefício dos habitantes. Os que eram atirados para o rio, eram considerados deuses, principalmente se o rio respondia no ano seguinte com uma grande inundação.

Algo ocorreu em Hermópolis a Antinous em que se deu uma grande transformação da qual só se pode imaginar, na medida em que, daqui em diante a história de Antinous toma proporções míticas.

Depois do festival de Osíris, o navio continuou viagem até um local chamado Hir-wer, onde estava situado um pequeno e antigo templo de Ramsés II. Aqui, a 28 de Outubro de 130 d.C, Antinous caiu ao rio Nilo. Não há como saber se ele foi empurrado, se cometeu suicídio, se foi entregue voluntariamente como sacrifício humano ou terá adormecido e caído, afogando-se acidentalmente. Nenhuma explicação foi dada e até então tem sido um mistério. Conta-se que Adriano chorou como uma mulher em frente a toda a corte. Estas emoções vergonhosamente exibidas tornaram-se um escândalo que por muitos séculos descreditou as conquistas de Adriano. Ficou claro que a sua relação com Antinous transcendia o que era vulgar e tradicionalmente aceito e apropriado para um Imperador da guerreira nação romana.

Os sacerdotes de Osíris e outros da cidade de Hermópolis, foram ter com Adriano nessa noite e falaram-lhe o que acreditavam ter acontecido. Antinous juntou-se ao deus do rio Nilo e tornou-se ele também o deus do rio. Os sacerdotes mostraram a Adriano que a população local lamentava e exaltava Antinous, proclamando que ele tinha-se tornado num deus. Adriano levou aqueles sentimentos da população em consideração e, na manhã seguinte consultou os seus conselheiros e com os pontífices romanos e revelou o seu espantoso plano.

A 30 de Outubro de 130 d.C., Adriano fundou a cidade de Antinópolis no banco do rio onde Antinous se afogou, abrindo as grandes ruas da cidade pela areia. Depois, fez o impensável como Pontífice Máximo e Alto Sacerdote da Religião Romana e declarou que Antinous era um Deus e que tinha conquistado a morte e se erguido nas estrelas eternas. Esta proclamação foi enviada a todos os cantos do mundo, inaugurando a nova religião do Novo Deus Antinous.

A Deificação de Antinous

Antinous afogou-se no rio Nilo em outubro do ano 130. O povo local do Egito indicou que Antinous havia se tornado um ser sagrado. Eles acreditavam que todos aqueles que se afogaram no Nilo haviam sido abraçados por Osíris, que a pessoa afogada tornou-se Osíris, levantando-se do submundo para viver para sempre como um imortal, e que através da sua morte, a Inundação do Nilo seria assegurada. Os filósofos gregos que ouviram que Antinous se tornara um semideus local levaram a notícia a Adriano, assegurando-lhe que, como o Rei-deus vivo, Faraó e Imperador Divino de Roma, os anos que haviam sido tirados de Antinous agora eram acrescentados à sua própria vida. Adriano respondeu emitindo uma declaração de que um Novo Deus havia surgido do Nilo. Adriano decretou que Antinous seria contado entre os deuses e heróis da religião romana.

Templos foram dedicados a Antinous, e um novo culto foi ordenado para servir seus adoradores. O centro desse culto era a cidade de Antinópolis, onde Antinous morreu, mas muitas outras cidades, principalmente nas províncias gregas, também construíram templos, e havia santuários privados dedicados a todos os lugares, da Britânia à fronteira do Danúbio ao norte da África. Sacerdotes de Antinous foram designados para realizar as cerimônias que perpetuariam a memória do Novo Deus Antinous por toda a eternidade.

Jogos esportivos foram celebrados nos principais centros de sua religião, como Antinópolis, Bitínia e Mantinéia. Os competidores eram principalmente homens jovens chamados Ephebes. Em Antinópolis, essas competições incluíam natação e corridas de barco no Nilo, mas os Antinous Games eram únicos, pois incluíam a competição nas artes e na música. O vencedor geral foi consagrado como a encarnação viva de Antinous e recebeu cidadania em Antinópolis, com uma vida de luxo e

adoração que custava tudo. Ele era adorado no templo como o representante de Antinous, o emblema da juventude e masculinidade. Ele era o divino Ephebe.

A gentil religião gay de Antinous foi a última manifestação da antiga fé pagã. Convocava as glórias do passado em triunfo final, e também era uma religião de salvação individual, refletindo as mudanças espirituais que estavam ocorrendo enquanto o cristianismo e as outras religiões orientais de mistérios ganhavam força. Antinous era o Último Deus da Roma antiga, e ele também foi infelizmente usado como uma arma contra os pagãos pela fé católica. Os cristãos encontraram um alvo fácil na mensagem moral supostamente questionável que Antinous incorporou. Eles o usaram como exemplo para ilustrar que a religião romana se tornou uma religião de pederastia, indulgência sexual imoral e idolatria. O pequeno culto de Antinous sempre esteve na linha de frente da controvérsia entre os pagãos e os primeiros cristãos, principalmente por causa de elementos abertamente homossexuais de Antinous, mas também porque sua religião era considerada comparável ao cristianismo em muitos aspectos por pagãos mais tradicionais, por conta da salvação e bênção que Antinous concedeu aos seus adoradores.

Antinous foi comparado aos deuses meninos que deram suas vidas para o benefício da humanidade. Entre eles, o egípcio Osíris, Hermes, o mensageiro, e Dioniso, deus da videira, cuja homossexualidade sempre foi celebrada durante mil anos na Grécia. Também Ganimedes, o menino bonito que o grande deus Júpiter tinha tomado para ser seu amante, e o copeiro do céu, a jovem divindade que serviu a taça da imortalidade aos deuses. Júpiter precipitou-se sobre Ganimedes sob a forma de uma águia e levou-o para o Olimpo, tal como Adriano, cujo símbolo como imperador era a águia, precipitou-se sobre Antínoo e levou-o à fama mundial.

Sob a direção de Adriano, as estátuas de Antinous foram modeladas, usando modelos que haviam sido esculpidos enquanto Antinous ainda estava vivo. Essas estátuas frequentemente retratam Antinous no traje e símbolos dos famosos e lindos deuses-meninos, mas muitos mostram Antinous sem atributos divinos, sugerindo que Antinous era um novo Deus sem precedentes. Essas estátuas foram montadas em todos os lugares do Império dentro dos Templos oficiais de Antinous e em santuários particulares dentro das casas de seus adoradores. Centenas permanecem e podem ser encontradas nos grandes museus do mundo. Olhando para eles, fica-se impressionado com sua beleza e com sua semelhança surpreendente. Eles são tão perfeitos que são como fotografias, revelando a verdadeira e inconfundível imagem do que Antinous parecia na vida. Não há deus no mundo cujo rosto seja tão bem capturado. E é por essa razão que a beleza está entre os elementos espirituais mais importantes de sua fé. Sua beleza era tão extraordinária que era crucial que ela fosse capturada e replicada com exatidão. Ao longo dos séculos, sua beleza surpreendeu e cativou todos os que olham para ele, deixando uma profunda impressão de piedade dentro da alma.

A religião de Antinous durou várias centenas de anos, bem na era cristã, mas sofreu severa perseguição e acabou por ser erradicada. É significativo notar que quando o culto a Antinous foi denunciado e suas imagens destruídas pelos iconoclastas, a paz e a estabilidade de Roma entraram em declínio. Adriano abençoou o Império com um gentil protetor, que lhe deu prosperidade e graça. Quando o Império se voltou contra seu guardião vulnerável, o caminho estava aberto para o caos e a destruição.

A extraordinária história de Antinous foi preservada pela Igreja em documentos denunciando o paganismo. As belas imagens de Antinous foram cuidadosamente enterradas no subsolo por seus adoradores para protegê-las da destruição, e finalmente, centenas de anos depois, as estátuas foram descobertas e vistas como tesouros absolutos da era antiga.

Uma cabeça colossal de Antinous, mesmo sendo descrita como a maior conquista da arte antiga.

E agora, neste dia, quando o Espírito Gay está retornando ao mundo novamente sem medo da morte e da violência, descobrimos que Antinous voltou. Suas estátuas e Templos estão descobertos, e sua estrela está novamente brilhando, mas o mais significativo é que aqui nesta Nova Religião Gay, e nos corações dos homens homossexuais em todo o mundo, seu espírito gentil está se levantando dos vinhedos onde há muito tempo atrás, os últimos padres enterraram sua imagem, na expectativa e na esperança de dias melhores, a esperança e o sonho dos antigos está surgindo. Os direitos dos homossexuais são agora uma das questões sociais mais importantes do mundo. É isso que Antinous sempre representou, o que ele representava no sentido antigo, e o que ele quer dizer agora, que Antinous, embora seja um Deus, já foi um ser humano vivo, tão real e tão belo quanto qualquer um de nós. e, como Antinous, somos todos seres imortais capazes de nos tornar deuses, que a homossexualidade é um estado sagrado de ser, que é uma forma de Amor e que todas as formas de Amor são sagradas e belas e dignas de nossa mais alta devoção e reverência. Antinous é o Deus de todos os gays, ele era homossexual e, portanto, é nosso chamado, como homens gays, restaurar seu nome e o lugar de sua religião na reverência de seu passado antigo.

Adriano deificou Antinous porque ele o amava, porque ele queria dar a Antinous tudo o que ele tinha dentro de seu poder para concedê-lo. Adriano inaugurou a antiga religião de Antinous como uma forma de pedir a outros gays que se lembrassem de Antínoo e garantissem que seu nome jamais fosse esquecido e que sua beleza e seu coração gentil jamais se desvaneceriam. Durante séculos, o pedido de Adriano foi entusiasticamente concedido por antigos homens gays e pessoas em geral, que adoravam Antinous com profunda devoção, muito tempo depois de Adriano e seus sucessores. O nome e a beleza de Antinous tem fascinado,

ao longo da história, especialmente os homens gays. E agora o belo mistério de Antinous nos foi dado, à Comunidade Gay Moderna. É, portanto, nosso dever (para aqueles que escolhem colocar sua imagem sobre os ombros) em resposta ao pedido de Adriano, para o mundo, para homens gays, lembrar-se de Antínoo, para perpetuar seu nome e amá-lo por toda a eternidade, como Adriano o amava.

Este é o fundamento mais profundo da Religião Moderna de Antinous, para ouvir o chamado de Adriano através dos séculos, para amar, adorar e cuidar da memória do belo Antínoo, porque sem nós, o Nome de Antinous poderia desaparecer no esquecimento, ou então ele poderia simplesmente definhir em uma prateleira em um museu sem ninguém para dizer:

Eis o Divino Antinous!

Que ele viva para sempre!

A Religião de Antinous

Todos aqueles que amam Antinous e tomam fé em sua divindade são encorajados a se unirem na veneração de Antinous, o Deus. Foi por decreto do imperador Adriano Augusto, que a apoteose de Antinous à piedade heróica e imortal foi realizada. Adriano proclamou oficialmente a deificação de Antínoo em 30 de outubro do ano 130 EC e ordenou que Templos fossem criados em homenagem ao Novo Deus. Um sacerdócio foi inaugurado e a religião de Antinous se espalhou por todos os cantos do Império Romano.

Em 30 de outubro de 2002, o moderno Sacerdócio de Antínoo, com piedade e solenidade, declarou a fundação da Nova Religião de Antinous e da comunidade mundial de amantes e crentes de Antinous conhecida como Ecclesia Antinoi. A fé moderna de Antinous, conhecida como

Religio Antinoi, é uma religião gay, mas está aberta a toda e qualquer interpretação, e está aberta a qualquer pessoa independente de crença, gênero, raça, nacionalidade ou identificação sexual. A participação na Religio Antinoi é gratuita e aberta a todos. O Sacerdócio de Antinous não assume uma posição de autoridade, nem requer qualquer forma de juramento, lealdade, participação monetária ou adesão a uma doutrina de crença.

Religio Antinoi é um meio para expressar e compartilhar a Espiritualidade Gay de Antinous como um Deus da eterna religião romana. É para o amor e a veneração de Antinous que convidamos todos aqueles que sentem afeição por Antinous, e acreditam nele, e estão buscando uma expressão da Espiritualidade Gay com uma história antiga e gloriosa, para se juntar a nós na lembrança do belo Menino Bitínio que foi deificado por seu amante, o Divino Imperador Adriano Augusto.

A Cidade de Antinópolis

Em outubro do ano 130, a flotilha imperial de navios visitou a remota e antiga cidade de Hermópolis, que era sagrada para Thoth, o deus egípcio da escrita e da magia. Algo misterioso deve ter ocorrido durante a visita, porque quando a flotilha partiu e deu a volta em uma curva no rio, Antinous misteriosamente caiu no Nilo e se afogou. Adriano foi tomado pela tristeza e diz-se que chorou abertamente quando o cadáver de Antinous foi trazido diante dele. Foi o povo local que primeiro indicou que Antinous havia se tornado um ser sagrado. Eles acreditavam que todos aqueles que se afogaram no Nilo haviam sido abraçados por Osíris, que a pessoa afogada se tornaria Osíris, se levantando do submundo para viver para sempre como um imortal, e que através de sua morte, a Inundação do Nilo seria assegurada. Relatórios foram trazidos ao Imperador de luto que o povo local tinha começado a adorar Antinous como se ele fosse um novo deus. Adriano consultou os sacerdotes

egípcios locais em particular e, em poucos dias, saiu de sua câmara para fazer uma declaração extraordinária.

Em 30 de outubro do ano 130, Adriano fez uma declaração formal de sua intenção de fundar uma nova cidade na costa onde Antinous se afogou, a cidade de Antinópolis.

Como Pontifex Maximus, Adriano também emitiu uma proclamação formal da Apoteose de Antinous, que por causa de sua morte sagrada no Nilo, Antinous deveria ser Deificado, uma honra que anteriormente era conferida apenas aos imperadores romanos. No antigo passado grego, centenas de anos antes da morte de Antinous, a apoteose havia sido conferida a indivíduos heróicos como Aquiles e Hércules, e também a belos rapazes que eram amados pelos deuses, mas haviam morrido cedo, como Jacinto, Adônis e Narciso. Antinous deveria ser contado entre esses deuses e também como membro do Culto Imperial, o que levou a especulações intermináveis sobre a relação entre Adriano e seu amado Antínoo. Adriano declarou que uma nova religião dedicada a Antinous seria fundada e que os templos e as imagens sagradas de Antinous seriam estabelecidos em todo o mundo. Cópias desta declaração formal foram enviadas a Roma e a todos os cantos do Império. E em obediência a este decreto, centenas de templos e pequenos santuários foram construídos e tantos milhares de estátuas, imagens e bustos que a imagem de Antinous é agora uma das faces mais reconhecidas da história antiga.

Adriano, pessoalmente, começou a trabalhar no levantamento dos planos para a nova cidade, não poupou gastos e indicou todos os aspectos até o último detalhe. Antinópolis foi um triunfo do projeto arquitetônico, o cumprimento do sonho de Adriano de criar uma cidade romana no Egito que rivalizaria com Alexandria, e se destacaria como um posto avançado da civilização greco-romana no extremo sul do Império. Adriano tinha viajado para o Egito com a intenção de fundar tal cidade.

Morosa, foi a morte de Antinous que determinaria a localização de seu plano. Providencialmente, foi a morte do favorito de Adriano, que deu a Antinópolis a atenção particular do imperador. E desastrosamente, foi a aura de misticismo homossexual que eventualmente levou à destruição final da cidade. Em contraste com a antiga cidade de Hermópolis, de tijolos de barro, com suas ruas sinuosas e templos seculares, a nova cidade era uma floresta de templos de mármore branco, monumentos e colunatas dispostos em um padrão de grade e espalhados por toda parte com imagens do Novo Deus Antínoo. As principais avenidas de Antinópolis foram ladeadas de CENTENAS de estátuas de Antínoo.

Como a Sagrada Sincronicidade o teria, a nova cidade estava localizada no ponto mais alto do Egito, a linha divisória sagrada entre o Alto e o Baixo Egito. Foi aqui, a poucos quilômetros ao sul, que o 18º Faraó Akhenaton da dinastia havia estabelecido Akhetaten, sua "Cidade no Horizonte", 1.400 anos antes, no meio do caminho entre as tradicionais capitais de Tebas e Memphis. Antinópolis está localizado em uma curva no rio entre Akhetaten e Hermópolis (cidade sagrada de Thoth). Esta curva no Nilo foi o coração do Egito, como de fato, ainda é hoje. Ao longo dos tempos, esta área tem sido um centro de controvérsia e fervor religioso. No local onde Antinópolis foi fundada, um pequeno templo de Rames II ficava, e a área era conhecida alternadamente como Hir-wer ou Besa. Pelo nome, Besa, supõe-se que a região era sagrada para o deus egípcio Bes, que é um deus anão das coisas selvagens, semelhante ao sátiro Silenos, que está intimamente ligado a Dionísio, que por sua vez está sincreticamente ligado a Osíris. .

A nova cidade era uma representação visível da nova religião baseada nos princípios helenísticos de beleza e harmonia, uma visão do Cosmos como um lugar bem ordenado no qual o povo civilizado poderia viver de acordo com os antigos ideais filosóficos gregos. Um grande arco recebia viajantes de barco nas docas de mármore. Ruas estreitas repletas de lojas

finas e casas luxuosas levavam ao cruzamento central, onde uma "estátua de bronze dourada colossal de Antinous Epiphanes" surgia sobre a praça, permitindo a Antinous olhar languidamente abençoando os recém-chegados à sua cidade e o cotidiano de seus habitantes sagrados. Uma colonata norte-sul era igualada por uma Colunata Leste-Oeste que percorria toda a extensão da cidade, ligando o Mausoléu de Antinous a uma extremidade e o Teatro à outra. Além das muralhas da cidade, na planície poeirenta entre o rio e os penhascos orientais, um enorme Hipódromo dominava a terra elevada a leste dos portões da cidade.

Privilégios especiais, como isenção de impostos, eram concedidos a qualquer grego que residisse em Antinópolis, e privilégios adicionais certamente eram dados a todos aqueles que se unissem à nova religião de Antínoo, embora possamos ter certeza de que a participação no culto era de algum tipo. grau obrigatório. Antinópolis era um pouco como um condomínio fechado para os ricos e privilegiados, pois os moradores desfrutavam de todos os confortos da civilização greco-romana no meio do deserto egípcio. Ter sido cidadão de Antinópolis já foi considerado uma medida de orgulho e privilégio. Os cidadãos de Antinópolis receberam dispensação especial para se casarem com a população local, cujos filhos recebiam cidadania romana automática, com todas as proteções legais e privilégios fornecidos como tal. Evidência do que significa ser um cidadão de Antinópolis é demonstrada pelo grande número de fragmentos de papiros encontrados em toda a região, muitos dos quais são contratos legais em que uma das partes é especificamente nomeada como um cidadão de Antinópolis, o que significa que sua reivindicação deve ser levado em consideração especial.

No Egito, uma terra que media seu passado em vastos milênios, Antinópolis era inevitavelmente nova e distinta. Mesmo séculos após sua fundação, foi considerado um lugar para abordagens inovadoras e inovadoras em direção ao empreendimento espiritual. Uma sagrada

fraternidade de sacerdotes foi consagrada ao serviço dos sacramentos e litanias preparados por Adriano para o Templo e Mausoléu de Antinous. Lá seu nome foi ritualmente cantado e seus oráculos foram lidos por quase quinhentos anos. As pessoas da cidade eram gregas em todos os sentidos. Eles tinham luxuosos banhos, um belo anfiteatro, um ginásio e uma biblioteca onde os filósofos se reuniam para falar e debater. Antinópolis foi o lar do famoso matemático Serenus de Antinópolis, que desenvolveu um método inovador de calcular a geometria de um cilindro que ainda é usado até hoje. A cidade era um ímã para os melhores escultores do dia. Pode ser que muitas das esculturas, que agora proliferam os museus do mundo, tenham sido produzidas aqui, onde a imagem de Antinous foi mantida em consideração sagrada. A Deificação de Antinous foi celebrada nos Jogos Antinianos, que eram competições atléticas, corridas de carros e corridas de barco no Nilo, não diferentes dos jogos olímpicos, realizados com uma profunda infusão de simbolismo religioso e sacrifício atlético. Apresentações teatrais no anfiteatro, competições musicais e poesia foram o aspecto mais gracioso do festival que foi realizado no final do verão em comemoração à inundação milagrosa do Nilo que ocorreu após sua morte. Os Jogos Antinianos atraíram os melhores atletas, poetas, dramaturgos, atores e músicos de todo o Egito. O prêmio para o vencedor era simbolicamente uma coroa de Lótus Cor-de-Rosa, a Flor de Antinous, e também Cidadania de Antinópolis e uma bolsa vitalícia de todas as despesas pagas ... que, claro, era imensamente valiosa. Há um fragmento de papiro sobre um atleta que vendeu seu salário vitalício por um preço muito bom.

Antinópolis foi o palco de uma nova e luxuosa religião misteriosa que surgiu no alvorecer da nova época celestial. Cercados pela opulência e bem financiados pelo Estado, os sacerdotes de Antinous procuravam absorver a sabedoria de todos os credos do Império Romano. Eles eram pagãos greco-romanos tentando defender o Olimpo no meio do deserto

egípcio, cercados por gnósticos selvagens, católicos austeros, gênios matemáticos e filósofos naturais, a guarnição romana e todo tipo de mágico, e profeta da libertinagem que poderia fazer o seu caminho o Nilo. Era um refúgio para homossexuais instruídos e misticamente inclinados deste ponto alto do Império Romano. Tomando o exemplo do imperador, e certamente aprovado por seu sucessor, o gentil Antonino Pio, deve ter havido uma explosão de homossexualidade sagrada em toda a face do mundo, especialmente no leste grego, e nos desertos do sul com Antinópolis como a capital santificada da espiritualidade gay.

Os sacerdotes de Antinous veneravam a beleza dos homens jovens, como exemplos vivos de Antínoo, uma soberba manifestação da qual era considerada a divina Ephebe em carne viva, um menino de cerca de dezenove anos de idade, talvez o vencedor dos Jogos Antinoicos, que era adorado como a morada carnal e espiritual de Antinous, o Deus. Podemos estar certos de que os sacerdotes elegantes eram da doutrina dos Libertinos, colocados como se estivessem no limite do mundo, cercados por uma África desconhecida, agarrados à borda do fértil Nilo, com um deserto infinito por todos os lados. Os cidadãos de Antinópolis devem ter se sentido como se não fizessem parte do mundo, fossem especiais, não estivessem sujeitos às regras e costumes normais e fossem os defensores da civilização no extremo da barbárie.

Os rituais dos sacerdotes de Antinous seguiam a maneira grega de cantar cantos, de sacrifício de sangue e a queima de incenso. Para isso foi trazido o método egípcio antigo de cantar como usado na leitura do Livro dos Mortos. Os sacerdotes de Antinous mantiveram o fogo do nome de Antinous queimando recitando suas cerimônias e oráculos com uma combinação de canto grego e sinos egípcios. Flautas e harpas acompanhavam os gestos do ritual. Os Padres Cristãos nos dizem que todos inflamados com a bebida, os sacerdotes caíram uns sobre os outros

em luxúria profana. Os Sacerdotes Antigos eram também conhecidos por seus feitiços mágicos, e um fragmento de papiro com um Feitiço de Amor Antinous sobrevive até hoje. Milhares e milhares de peregrinos vieram a Antinópolis ao longo de cinco séculos para adorar o belo deus e ouvir os ditos do oráculo. Perto do fim ... enquanto o Império se desintegrava, Antinópolis tornou-se um lugar de mágica e superstição, e a evidência desse período é que Antinópolis havia se tornado um mercado para os charlatões.

Antinópolis era um centro de comércio e comércio, uma estrada romana chamada Via Hadriani ligava-a ao Mar Vermelho, de onde os navios retornavam da Índia e da distante China, trazendo especiarias e sedas exóticas, e todo tipo de curiosidades sobrenaturais. Antinópolis era uma cidadezinha fabulosamente rica, cercada de pobreza extrema e eterna. Logo se tornou a capital administrativa da região, da qual um oficial militar e político romano chamado Epistrategos, que se traduz essencialmente como Comandante Geral, serviu como representante direto do Imperador. Durante as reformas do Imperador Diocleciano, Antinópolis tornou-se a principal cidade do Nó de Tebaid, e o líder civil foi chamado de Nomearch.

Antinópolis também é famosa por ter sido a cena do esforço romano para acabar com o cristianismo na Thebaid. Foi aqui que todos os que foram presos pelo crime de ser cristão foram levados para interrogatório pelo Nomarca. Eles receberam todas as oportunidades para negar seu cristianismo e fazer um holocausto às imagens dos Divinos Imperadores e dos Deuses como um sinal de que eles não eram culpados de traição contra o Estado Romano e a Religião Romana. Muitas pessoas acusadas falsamente negaram as acusações e voluntariamente fizeram sacrifícios religiosos de queimar incenso e derramar vinho diante da imagem dos Divinos Imperadores e dos Deuses. Mas as histórias daqueles que se recusaram a renunciar à fé ilegal foram registradas como Mártires.

Quando considerado culpado do crime, eles foram condenados à morte e executados, geralmente por terem suas cabeças cortadas de seus pescoços. Antinópolis é lembrada pelos cristãos pelas perseguições e martírios que ocorreram dentro de seus muros.

Por fim, os cristãos foram vitoriosos sobre os pagãos em Roma e Constantinopla, mas mesmo depois da imposição oficial do cristianismo em 391, Antinópolis continuou a ser um posto avançado do fervor religioso pagão. Os gregos em Antinópolis se apegaram a seus deuses pagãos, Bes, Isis, Serapis, Hermes, Afrodite e especialmente Antinous, enquanto os cristãos converteram os templos em igrejas. Um sinal intrigante da mistura de crenças religiosas sobrevive na forma de uma estela grave do século 4 dC, retratando um menino nu, com uma forma e estilo de cabelo parecido com Antinous, segurando em uma mão uma cruz e na outra as uvas de Dionísio. Antinópolis foi um dos últimos bastiões da antiga fé pagã para sobreviver à queda da religião romana. E embora nenhum nome seja registrado, pode-se ter certeza de que os pagãos foram submetidos a perseguição e morte, assim como os oficiais romanos haviam infligido aos primeiros cristãos.

Com o passar do tempo, Antinópolis tornou-se um grande centro religioso cristão, famoso não apenas por seus mártires, mas também pelas comunidades monásticas que surgiram no deserto ao redor. Colluthus, um médico da área que foi martirizado nas perseguições do governador Arriano, tornou-se um santo local proeminente.

Durante o Período Bizantino, após a queda do Império do Ocidente, Antinópolis foi renomeada para Ansena, talvez como uma maneira de diminuir a memória do Deus Gay para o qual a cidade foi fundada. Lendas foram inventadas que a Sagrada Família visitou Ansena, quando Jesus era criança, e que um poço do qual ele bebeu ainda corre água limpa. Ansena era a sede de um bispo ortodoxo e um bispo Arriano. O

famoso médico da igreja católica Atanásio se refugiou em Ansená quando o Imperador Juliano tentou restaurar a Fé Romana, e foi lá que ele ouviu a notícia de que Juliano havia morrido em batalha.

Quando o Império Bizantino foi invadido pelos muçulmanos, Antinópolis foi abandonado e desapareceu da história. Ninguém sabe por que Antinópolis acabou sendo abandonado, mas provavelmente foi porque, para os gregos civilizados (embora cristãos), Antinópolis não era mais defensável. Sabe-se que o califa trouxe as pesadas portas de bronze do templo de Antinous para sua nova cidade do Cairo, mas as portas já desapareceram.

A tradição da santidade local persistiu na era muçulmana, o próprio nome da aldeia miserável atualmente no local, diz-se que Sheik Abadeh, "o xequê piedoso", vem de um chefe árabe martirizado por sua conversão ao cristianismo. O fervor religioso e o mistério assombraram o lugar ao longo dos séculos e, de fato, até hoje a área está fora dos limites dos turistas por causa dos extremistas islâmicos fundamentalistas. Os aldeões locais dizem que as ruínas são "assombradas" por poderosos gênios e espíritos.

Quando os inspetores de Napoleão chegaram em 1798-1801 em cinco visitas, ainda havia muitas ruínas visíveis e os contornos de ruas e monumentos ainda podiam ser discernidos. Mas, à medida que o século XIX avançava, colunas, painéis e blocos arquitetônicos da cidade foram quebrados e levados para construir uma fábrica de açúcar, rodovias e mais tarde uma represa em Assiut. Os fragmentos remanescentes de mármore foram entregues aos fornos para fazer giz e cal. Agora praticamente nada resta da outrora grande cidade de Antinópolis.

O historiador Royston Lambert escreve tão pungente sobre a cena hoje: "Pela ironia do tempo, a cena que encontra os olhos modernos naquela

curva do Nilo, com sua planície desolada, franja de palmeiras, vilarejo miserável e templo arcaico de Ramsis, reverteu dois milênios para o que Antinous pode ter vislumbrado em suas lutas antes que sua cabeça afundasse finalmente sob as águas ". Lambert escreve em Amado e Deus ao falar sobre o "estranho fervor religioso" que sempre foi a marca registrada em Antinópolis: "Sacrifício, devoção e consagração assombraram o lugar até o fim".

Antinópolis ainda não chegou ao fim, outro capítulo da longa história da cidade esquecida já começou. Antinópolis é mais do que apenas uma pilha de ruínas cobertas de areia no deserto longínquo da Thebaid. Nós que acreditamos em Antinous são os novos tijolos da bela cidade de Antinópolis e estamos reconstruindo nossa cidade dentro de nós mesmos como os antigos sacerdotes de Antinous nos recebem de braços abertos para a existência eterna de sua cidade sagrada de colunatas de mármore. Nós somos os legítimos sucessores e defensores de tudo o que foi perdido e destruído. A cidade se ergue novamente em nossos corações como o lugar sagrado na terra, um paraíso esquecido, um paraíso perdido, onde outrora, há muito, muito tempo atrás, gays sagrados viajaram até o fim da civilização para adorar a imagem do Belo Menino. Salvador, no lugar onde ele havia sido tão misterioso, se despediu do mundo e entrou no Próximo Mundo.

Antinópolis é como a nossa própria Jerusalém Gay, a cidade sagrada da qual não podemos mais adorar ou rezar ... mas mesmo assim ... Antinópolis não é mais um lugar ... não há nada para tocar, esperar areia e rumble ... Antinópolis é uma cidade espiritual, um estado de ser ... Antinópolis é o que conecta todos aqueles que adoram Antinous apesar de quaisquer diferenças que possamos ter sobre doutrina ou crença, somos todos cidadãos de Antinópolis. Ser Cidadão desta Antiga Cidade Sagrada implica ser membro da idéia de Adriana da harmonia civil

greco-romana e da cosmopolintaridade ... com Antínoo o Deus Gay como nosso Deus Patrono.

O Sacerdócio de Antinous oferece agora a Cidadania de Antinópolis, mediante solicitação. Abaixo estão os Demoí ou bairros de Antinópolis, divididos por Adriano, e traduzidos por Anthony R. Birley.

Os dez Phylai e Demoí de Antinópolis:

- Hadrianioi, Zenios, Olympios, Kapitoleius, Sosikosmios
- Athenais Artemisios, Eleusinos, Erichthonios, Marathonios, Salaminios
- Ailieus Apideus, Dionysieus, Polieus
- Matidioi Demetrieus, Thesmophorios, Kallitekhnios, Markianos, Plotinios
- Gêneros Genéricos, Eirenieus, Hestieus, Propatios
- Oseirantinoeioi Bithynieus, Hermaieus, Kleitorios, Parrhasios, Musegetikos
- Paulinioi Isidios, Megaleísios, Homognios, Philadelphios
- Sabinioi Harmonieus, Gamelieus, Heraieus, Trophonieus, Phytalieus
- Sebastioi Apollonieus, Asklepios, Dioskurios, Heraklios, Kaisarios
- Traianioi Ktesios, Nikephorios, Stratios

Estrela de Antinous

"Adriano declarou que vira uma estrela que considerava ser a de Antínoo, e de bom grado emprestou um ouvido às histórias fictícias tecidas por seus associados no sentido de que a estrela realmente havia surgido do espírito de Antínoo e tinha então apareceu pela primeira vez".

Cássio Dio, Epítome do Livro 69

A estrela de Antinous foi nomeada logo após a morte de Antinous, talvez no ano de 131, quando o Nilo inundou os aterros e uma nova estrela apareceu no céu para anunciar a deificação do novo deus. Os astrólogos de Adriano notaram a nova estrela que apareceu de repente dentro da constelação agora conhecida como Áquila, a Águia.

A controvérsia continua se era uma Super Nova, ou um Cometa que anunciava a deificação de Antinous como um deus heróico da esfera celestial. Ocorreu uma Supernova, o nascimento de uma estrela, no ponto alto da inundação do Nilo, ou um cometa apareceu de repente nas primeiras horas da manhã do céu de inverno.

Acreditamos que a estrela miraculosa de Antinous era uma Super Nova e não um cometa. Astrólogos chineses registraram um cometa que ocorreu na região da constela  o de Aquila no ano 131-134 dC, no entanto astrólogos antigos teriam conhecido a diferença entre uma estacionária Super Nova e um cometa em movimento, e como o cometa teria sido visto em o que teria sido a última hora do céu matutino de fevereiro, parece improvável que isso tenha sido tomado como um sinal de algo tão extraordinário e significativo como a Estrela de Antinous é representada como tendo sido entendida. A Estrela de Antinous foi um evento que foi visto por todos em todo o mundo romano ... foi um evento celestial de

parâmetros extraordinários, algo que foi visto por todos, em todos os lugares, e um evento que deve ter coincidido com outros eventos significativos. na história de Antinous, razão pela qual a estrela estava conectada com ele.

Um cometa nas primeiras horas da manhã do final de janeiro não teria sido de forma alguma um sinal poderoso como uma Super Nova que ocorreu em julho ou meados do verão, em conjunção com a Inundação do Nilo, quando a Constelação de Antinous é alta. no céu da noite de verão, quando o maior número de pessoas olhava para o céu ... há todas as indicações para sugerir que uma Nova Estrela apareceu no céu pela primeira vez, o que significaria uma Super Nova significativa, e não do que um cometa, que se moveria, enquanto uma super nova teria sido estacionária.

A Estrela de Antinous deve ter coincidido com a miraculosa Inundação do Nilo ... a deificação de Antinous foi anunciada pelo rio da terra e do céu ... os dois milagres são um e o mesmo.

Estrelas explodindo são uma ocorrência comum, acontecem todas as noites, talvez até mais frequentemente. O universo é tão vasto que, em certa parte, um milhão de estrelas poderia explodir simultaneamente, o que nunca poderemos ver. Mas daqueles que podemos ver, um número significativamente alto ocorre dentro ou perto da constelação de Aquila.

Nova V1494 Aquilae

Em 1º de dezembro de 1999, a Nova V1494 Aquilae foi descoberta na constelação de Aquila perto de sua estrela central Delta Aquilae. A 6.000 anos-luz de distância, dentro da Via Láctea, em direção ao centro da nossa galáxia, uma estrela explodiu. Acredita-se que Antinous tenha nascido em 27 de novembro de 111, seu aniversário foi quatro dias antes

da Nova, 29 dias antes do milênio. Os números específicos são de pouca importância, mas sua proximidade a eventos famosos é. Adriano não deixou de notar o significado da Nova Aquilae de seu tempo, como todos os deuses, Antinous anunciara sua chegada ao interminável Olimpo. Não devemos, portanto, ignorar essa manifestação estelar mais recente e o que ela significa para nós.

Constelação de Aquila com Nova

Esta nova estrela em Aquila é um sinal para lembrar Antinous, para olhar novamente para o céu e saber que algo vasto está tomando seu curso. É um evento de santidade para os homossexuais, porque nos lembra que uma vez, quase dois mil anos atrás, nossa sexualidade foi aprovada e santificada através de Antínoo, e imortalizada por sua estrela. Em nosso tempo, estamos no meio de uma revolução sexual semelhante, o retorno gradual da homossexualidade à bem-aventurança ou, no mínimo, a tolerância. Como se dissesse que até o cosmo aprova a mudança, no signo de nosso padroeiro e benfeitor Antínoo, outra estrela, ou talvez até o mesmo sol distante, se inflama de amor por nós. Estas recentes Novas, a menor de 1995 chamada V1425 e a mais surpreendente V1494 são a primeira indicação de que a era de Antinous está se aproximando.

Adriano era um homem educado e religioso. Ele não poderia facilmente ter sido enganado pela lisonja, e nos lembremos de que ele era um verdadeiro místico. Ele não precisava de astrólogos, ele podia ler as estrelas tão bem quanto elas. No abraço alado da Águia, uma estrela mostrara seu semblante.

Uma nova constelação foi desenhada dentro de Áquila, que foi nomeada Antínoo, e observada pelos astrólogos de todo o mundo, tão recentemente quanto no último século. Mas Antinous desapareceu do mapa estelar moderno. No século XIX, quando a Astronomia rompeu

seus laços com o passado mitológico, os astrônomos começaram a omitir a menção a Antinous. Talvez achassem mais fácil apagar do que explicar quem ele era. Nunca houve necessidade de economizar o número de estrelas no céu, mas ele foi ignorado e quase esquecido. Como a cidade de Antinópolis, a estrela desapareceu completamente.

A mensagem da Estrela transcende a negligência dos astrônomos que têm mais simbolismo espiritual do que científico. A estrela de Antinous é parte de um grande desdobramento do cosmos, que uma vez vislumbrado, deixa a pessoa com a impressão do verdadeiro mecanismo do Universo, e muda para sempre como se caminha no mundo cotidiano.

Situada perto de Capricórnio, à beira da Via Láctea, cercada, envolvida ou abraçada por Áquila, a forma que Júpiter tomou quando desceu sobre Ganimedes e o levou para o céu. Antinous é o novo Ganimedes. A ferocidade da luxúria de Júpiter é como a fome de uma águia quando se transforma em uma pomba tenra. A águia é a única ave que tem o poder de segurar o trovão de Júpiter. A única criatura capaz de voar em sua proximidade.

No monte santo Ida perto da cidade de Tróia, enquanto Ganimedes cuidava dos rebanhos de seu pai, o maior dos Deuses desceu sobre ele. Ganimedes, cujo nome em grego significa "prazer dos genitais", não foi inteiramente consumido e destruído pelo desejo divino que o arrebatou. Ele foi transformado em uma ocasião imortal e sem precedentes. Ao contrário de suas indiscrições femininas, que ele geralmente estuprou e depois abandonou à fúria de Juno, Zeus carrega Ganimedes para o Olimpo, de corpo e alma, para servir como copeiro dos Deuses. Estranhamente a salvo da vingança de Juno, ela parece quase aceitar Ganimedes, já que seu lugar, embora seja o mais humilde e mais servil de todos os olímpianos, é o mais sublime. É ele cuja taça derrama a fonte perpétua da juventude que é a imortalidade dos deuses. É mais do que

poesia e luxúria mística que compele Zeus, o maior dos deuses, a confiar tal poder a um adolescente.

A comparação com Antinous é a verdade poética. Os astrólogos estavam apenas revelando o que viram. Um menino que em forma radiante lembrava Ganimedes, tendo sido levado de sua casa pelo Deus vivo de Roma. Antinous foi tirado da obscuridade e colocado na vanguarda do mundo por Adriano, o Novo Zeus, como imprevisível e glorioso em ações como o Pai do Céu. A águia desde os primórdios tem sido um símbolo celestial e nacional de poder. A imagem da força, da justiça, da glória, do poder e da liberdade do céu, tomando uma pomba, torna-se uma conjunção de forças. Poder e Amor, Idade e Juventude, Majestade e Beleza, Justiça e Paz, Força e Fraqueza, Desejo e Perfeição, Lógica e Sabedoria ... Vida e Morte.

Mas Antinous é muito mais do que uma pomba luminosa, há intimação dentro dos símbolos de suas estátuas remanescentes de uma natureza oculta, uma sexualidade mais profunda e sombria. Várias de suas imagens são adornadas com a proeminência de uma serpente, e sua suposição nos mistérios de Hermes e Apolo vem carregada de sugestões de adoração de cobras. Dentro de suas muitas camadas como símbolo, a serpente é tudo, desde a potência sexual, a transmissão da visão extática, como no Oráculo de Delfos, Eva na Árvore do Conhecimento, e a Gnose secreta atribuída a Hermes Trismegistus ... Ouroboros. A serpente é um símbolo celestial, na forma da constelação Serpens logo acima de Antinous, e em Hydra, a Serpente do mundo que agarra o Ovo, mordendo sua própria cauda. Adriano não poderia deixar de notar.

Através de sua morte, Antinous cumpriu e realizou a salvação de Ganimedes, "prazer dos genitais". Colocada na margem, por assim dizer, da nossa galáxia, a estrela de Antinous é a mesma estrela atribuída ao deus

Attis. Antinous morreu no Nilo, Attis depois de castrar-se, morreu no rio Gallus.

As Duas Estrelas

Logo após a descoberta do Nova V1494 Aquilae, astrônomos focaram um telescópio de raio-x em órbita chamado Chandra para fazer leituras. Eles ficaram muito surpresos ao descobrir que a temperatura da anã branca em expansão e contração que fez o espetáculo atingiu mais de 300.000 ° C, o que torna a nossa estrela de Antinous uma das estrelas mais quentes já gravadas. Suas observações mostraram que as reações nucleares térmicas ainda estavam ocorrendo mais de oito meses após a explosão inicial, algo muito incomum. Normalmente, depois que a Estrela explode, ela fica dormente e desaparece lentamente.

De início, os observadores da Nasa registraram uma pulsação a cada 40 minutos, resultado da expansão e contração da estrela anã branca, mas também registraram uma segunda emissão, nas palavras deles:

"O outro resultado foi uma enorme explosão de raios X que durou 15 minutos. Nada como isso foi visto antes de uma nova, e não sabemos como explicá-la."

- Chandra X-Ray Observatory

Eles concluíram que talvez não haja uma, mas duas estrelas orbitando uma ao redor da outra, a anã branca responsável pela enorme explosão, e uma segunda grande estrela vermelha cujo gás de hidrogênio é sugado pela força gravitacional de seu companheiro. Os gases se acumulam sobre a anã branca e crescem em calor e densidade até que outra explosão ocorra. Esse processo é repetido até que a estrela vermelha seja completamente drenada, tornando-se uma anã negra morta, ou seja capaz

de recuperar parte de seu hidrogênio perdido durante a explosão, mantendo uma espécie de equilíbrio.

Essas novas descobertas ensinaram aos astrônomos muito sobre Novas, mas eles têm muito a ensinar sobre a relação entre Antinous e aquele que acredita Nele. As duas estrelas na constelação de Aquila são uma imagem da gravidade que leva o amante ao Amado. Como a estrela vermelha, qualquer um que acredite em Antinous é lentamente absorvido por seu poder, entregando-se cada vez mais a si mesmo, tornando-se um com a Bela Estrela Branca, um processo que chamo de Homoteose. Quando a união é feita, quando o ponto decisivo crucial foi alcançado, e não há mais uma diferença significativa entre o Deus e o Homem, uma explosão de luz anuncia a ocasião. Verdadeiramente, o despertar de um único homem, ou de uma única estrela, é um evento cósmico.

Ele questiona a possibilidade de que Nova V1494 Aquilae de 1º de dezembro de 1999 e a Nova que os astrólogos da corte de Adriano detectaram possam ser uma e a mesma e, portanto, muito sagradas.

O nascimento da Estrela de Antinous também pode estar ligado à estrela de Jesus que os sábios viram no céu. Também faz parte do drama cósmico que a religião de Mitrás celebrou. Todas as três estrelas são registros de uma grande transformação ocorrendo no céu, a Precessão do Equinócio. O caminho do Sol havia se movido da constelação de Áries para a constelação de Peixes, sinalizando o alvorecer de uma Nova Era. Causada por uma oscilação imperceptível no Eixo da Terra, toda a cúpula do céu se move lentamente, ou parece. O lugar onde o sol nasce no Equinócio da Primavera move-se lentamente para trás através dos signos do Zodíaco, demorando apenas dois mil anos para passar de um sinal para o outro, até finalmente ao longo de dezenas de milhares de anos. círculo completo

através das doze casas. Então começa sua jornada novamente, como tem feito há milhões de milhões de anos, e continuará a fazer com ou sem nós.

Não são as estrelas que se movem necessariamente, mas nós, que somos passageiros na Terra. Houve pouca mudança significativa na posição do cosmos por bilhões de anos, mas nossa percepção das estrelas muda constantemente.

Muito em breve o Sol se moverá novamente. Já se passaram dois mil anos desde que o Sol entrou em Peixes, este foi o sinal que anunciava o Nascimento de Jesus, como o sol estava, dividido entre poderes, Antinous nasceu no ano 111 dC A crença atual, que é muito difícil julgar é que restam apenas 10 anos antes que o Sol deixe Peixes e entre na próxima casa, começando a Era de Aquário. Este número está basicamente de acordo com o calendário babilônico-greco-romano e com o calendário maia não influenciado.

Este é o nosso sinal, esta é uma mensagem das coisas que estão por vir. A Era de Aquário trará mudanças sem precedentes. Toda a mudança que vimos nos últimos cem anos não é nada comparada ao que será. Mas a mensagem da estrela celestial é espiritual, prediz a vinda de um estranho, um homem do além, que iniciará uma nova aliança e recuperará nossa fé com uma nova fé.

Ele virá quando menos o esperarmos e com um disfarce surpreendente.

*Redesenhe o mapa das estrelas no céu,
Desvende Antinous nas asas da águia
Carregado mais e mais para o alto da Terra,
Circundando o Cosmos por milhões de milhões de anos.*

Essas estrelas me parecem

*Um teatro do absurdo
Onde os mistérios se desenrolam
Por trás de uma tela translúcida,
Apenas os gestos podem ser vistos
Deixando-nos apenas com a impressão*

20. Dioniso

Por Michel Valim

Se alguém pergunta "quem é Dionísio", certamente irão responder que é o deus do vinho e da orgia, porque é por esse estereótipo que ele ficou mais conhecido. Não que ele não seja o deus do vinho e do sexo, ele também é, mas não é só isso. Ele é um deus maravilhoso e é sobre isso que eu quero falar.

Para começar, o correto do nome do deus não é "Dionísio" e sim "Dioniso". Dionísio é um adjetivo para aquele que tem qualidades ou dons do deus Dioniso ou para aquele que é sacerdote do mesmo assumindo suas qualidades. Eu, por exemplo, sou um Dionísio. Coisas que estão relacionadas a Dioniso são chamadas de "dionisiacas". O festival ao deus é chamado de Dionísia ou Dionisia. Isso é um erro linguístico que acabou se tornando popular por conta de homens que receberam o nome de Dionísio.

Bem, falando dele, há uma questão que assusta muita gente e faz com que o culto de Dioniso pareça completamente insano e traiçoeiro, pois segundo alguns relatos mitológicos, as ménades ou bacantes, sacerdotisas do deus, se embriagavam de vinho, incorporavam o deus e estraçalhavam a carne de homens e até de animais. Mas precisamos entender que os mitos não trabalhavam com uma linguagem literal, mas uma linguagem poética e metafórica.

A coisa do desmembramento e do dilacerar da carne que a gente vê sendo relatado nas histórias das ménades (bacantes) é uma metáfora. O "dilacerar da carne" seria o mesmo que o "vestir-se de céu" na Wicca. Dioniso é o senhor das máscaras, mas ao mesmo tempo é o catártico, aquele que libera, que liberta. E "dilacerar a carne" seria você se despir da

roupagem social que você carrega. Se despir dos conceitos, paradigmas e expectativas que a sociedade impõe a você fazendo com que você vista máscaras de personalidade. Dioniso vem para te deixar nu, sem algo que te cubra, completamente aberto para expressar sua liberdade individual. Somos seres que vivem em comunidades, em clã, em tribos, mas ao mesmo tempo temos que ser únicos e individuais. Porque afinal, é na união de poderes individuais que se constrói uma comunidade.

O que muitas pessoas talvez não saibam é que Dioniso é um deus feminista e LGBTQ. Poderíamos dizer que ele foi o primeiro militante esquerdista. O culto a ele era marginalizado na Grécia Clássica, pois a sociedade helênica já se conceituava como uma sociedade patriarcal e Dioniso era um deus que abraçava e libertava as mulheres, sempre ajudando-as, e conduzia um cortejo feminino, mudava de gênero se lhe fosse pertinente ou fluía entre os dois numa sagrada androginia e tinha uma tendência pansexual, já que ele não via roupas mundanas mas a essência animada na matéria experimentando suas sensações corpóreas. Somos matéria consciente experienciando o mundo físico com sensações que não podem ser experienciadas em outros planos, por isso a matéria é tão importante quanto o espírito. A experiência dos cinco sentidos que nos promove sensações e nos desperta o prazer é o que move Dioniso.

E onde o vinho entra nessa história? Bem, o vinho seria a dádiva de Dioniso que brota da terra através das uvas. Em muitas linhas xamânicas usa-se ervas alucinógenas para atingir um estado de abertura de consciência e comunhão divina, para os cultuadores de Dioniso esse alucinógeno era o vinho. O vinho proporcionava a embriaguez que trazia a alegria e a comunhão com o espírito do deus. Foi daí que surgiu a palavra "entusiasmo", do grego "entheusiasmos", que veio de "entheos", que significa "com o deus dentro", então entusiasmo é ter o deus dentro.

Isso estava relacionado ao ato das ménades de incorporar o espírito do deus alcançado pela embriaguez do vinho.

Dioniso é a própria personificação da alegria e do prazer. É o deus que alivia os sofrimentos humanos, conhecido como Katharsios, o aliviador.

Dioniso sempre foi muito associado à liberdade sexual, ao culto orgiástico e bacanais, mas ele está muito mais ligado à liberdade de ser, de expressar-se, de viver, em todos os níveis da existência. É o senhor das máscaras, das quais ele troca nas ocasiões propícias ou as remove quando for necessário, revelando sua essência. Por ele ser um deus de muitas faces com o dom do intercâmbio entre as personalidades, ele é um deus de diversidade e que nos auxilia a nos despirmos das várias máscaras impostas a nós pela sociedade, pela nossa família, pelos nossos paradigmas construídos dentro de nós devido à opressão do outro.

Dioniso é um deus que pode auxiliar na transição e no empoderamento não só de pessoas homossexuais, bissexuais ou pansexuais, mas de pessoas transgênero. Em um de seus mitos, para fugir da fúria da deusa Hera em querer destruí-lo por ele ter nascido do amor de seu marido Zeus pela mortal Sêmele, ele mudou de gênero e disfarçou-se de mulher por um tempo para que a deusa não o encontrasse. Por esse motivo ele é um deus que não só entende como vive a transformação dos gêneros e conhece a dor de quem passa pela transgeneridade, e pode até mesmo auxiliar pessoas não-binárias. Ele é Diphyes, o de Duas Naturezas.

Dioniso é o senhor da dança, das festas, do prazer, da fertilidade, do verde vivo da primavera. Ele é a própria alegria. É um deus que nos ajuda a encontrar o riso mesmo em meio à dor. Ele nos ajuda a viver a vida plenamente, a ter prazer mesmo nas pequenas coisas da vida. É olhar para si e reconhecer que toda a Natureza é cheia de máscaras em sua múltipla diversidade e as máscaras são o símbolo do vivenciar, do teatro com seus

atores experimentando as emoções, os gestos, os sentimentos, causando reações e comovendo o público. Ele é o senhor do caos que destrói a ordem para nos mostrar que não temos controle sobre tudo na vida, que vivemos de ciclos e que nenhuma dor ou sofrimento é para sempre, que existe um tempo de morrer para renascer. Ele nos lembra que estamos aqui para experimentar a vida, vivenciando nossos prazeres, mas tendo a consciência de que algumas dores também surgem como necessárias para o aprendizado.

Se quiser embriagar-se com o vinho da vida e fazer dela uma festa, então entre em contato com esse deus e descubra as delícias da vida.

Reserve um dia para você em que você possa ficar tranquilo e sem interrupções alheias, compre um vinho de seu gosto, acenda uma vela roxa ou verde e um incenso de almíscar, dispa-se de todas as suas roupas e coloque uma música que você goste muito para tocar. Abra a garrafa de vinho e coloque numa taça ou mesmo um copo e faça um brinde gritando, ou se não puder, dizendo três vezes “Evoé Dioniso”. Em seguida, beba e dance ao som de sua música. Solte-se, liberte-se, deixe os seus movimentos fluírem até sentir todo o seu corpo relaxar e vibrar no ritmo da música. Esqueça toda sua vida lá fora e apenas viva e aprecie esse momento. Se a música acabar, repita, ou coloque outras de seu gosto, mas faça isso por pelo menos 15 minutos e entre na sintonia de Dioniso. Se tiver um espelho no ambiente em que se encontra, olhe para seu reflexo, perceba você, seu corpo. Faça amor com o seu corpo, da forma como você achar melhor. Pode até mesmo apenas passar a mão por todo o seu corpo e senti-lo. Se você é uma pessoa transgênero em processo de transição, veja-se transicionade. Deixe seu verdadeiro eu florescer. Beba, dance, ame-se, seja você sem máscaras impostas. Ao final de tudo, deixe um pouco de vinho para o deus ao lado da vela em uma taça ou copo e no dia seguinte jogue na natureza, em um pé de uma árvore, em um jardim ou canteiro ou até mesmo em um vaso de planta. Em último caso,

despeje na pia da cozinha. Deixe a vela queimar até o final. É recomendável que se faça essa ritualística pelo menos 1 vez por semana e você verá essa experiência surtir um efeito em seu ser.

Aprecie a jornada com Dioniso, sem medo de viver as delícias da vida!

21. Xamã: Gênero Neutro?

Por Ghaio Nicodemos

Desde tempos imemoriais, figuras pontuais dentro de sociedades variadas tem “obtido permissão” de não se ater aos papéis de gênero tradicionais. Onde determinado temperamento e performance social é esperado, esse personagem tem autorização de transgredir e transbordar justamente pelo seu papel de intermediário entre dois mundos distintos. Como um esforço ensaístico, buscarei sob um olhar mais panorâmico sobre a figura da pessoa com papel de xamã e sua incidência sobre a expressão de gênero e de sexualidade como uma via particular.

Enquanto xamã, como porta-voz de um mundo inacessível a todos, responsável por tratar com uma variedade de espíritos da natureza, totens e elementais, o indivíduo recebe uma autorização especial para transitar entre os mundos sem uma interdição de seus companheiros, já que ao entrar no mundo dos espíritos ele trará a cura, o presságio futuro ou a garantia de alimento em tempos difíceis.

Quando olhamos para trajetória pregressa dos xamãs acabamos por relembrar o papel de intermediário entre mundos que normalmente não são acessíveis aos comuns, seja um plano espiritual inconcebível para a maioria ou ao núcleo de poder de uma nação adversária. Mas muitas vezes esquecemos que esses atores sociais (e alguns desdobramentos deles, como artistas, médicos, sacerdotes de religiões de hierarquia formal¹,

¹ Referências aos variados votos de celibato ou de interdições sexuais parecem de alguma maneira um esforço de preservar uma posição de papel de gênero fronteiro, onde o não-exercício voluntário da sexualidade pode, sobre uma visão sob a ótica dos gêneros neutros ou da assexualidade, representar um caminho sagrado para a preservação dessas expressões de gênero e sexualidade.

bruxas e feiticeiras², diplomatas³, etc) atuavam [e atuam] no limiar do papel de gênero definido dentro da sociedade.

Xamãs (masculinos, femininos ou de gêneros étnicos específicos) são figuras sexualmente ambíguas, que ultrapassam o limite e a barreira imposta a qualquer outro ser humano. Um vivo que fala com os mortos, um mortal que fala com espíritos imortais, um humano que assume a pele de outros animais, que conjura doenças para trazer a cura, que contempla o passado e o futuro de todas as coisas. Ao viver no limiar essas pessoas atingem um estado de sobre-humanas, e como tal, acabam não sofrendo a incidência das mesmas obrigações e interdições da ordem humana. Em uma sociedade tribal que entende que a arma (lança, espada, arco) determina a masculinidade de um guerreiro e o toque feminino poderia violar a designação masculina de seu proprietário, uma mulher xamã⁴ vive a exceção de tocar este instrumento sem prejuízos; em

² Infelizmente a figura da bruxa e da feiticeira acabaram sofrendo paulatinamente um processo de hipersexualização, que ao longo do desenvolvimento social ocidental parece ter abarcado todos os corpos femininos. Os Tribunais Inquisitórios ao vilificar o feminino como suscetível a conjunção carnal com o “Diabo” e consequentemente vistas com portadoras de corpos sexualmente pecaminosos.

³ De alguma maneira, ao longo da história de algumas sociedades, a figura do xamã se converteu em toda essa variedade de papéis, justamente pela especialização. Quando olhamos para o que chamamos de diplomacia moderna, sobretudo aquela desenvolvida na Europa Ocidental a partir dos séculos XVI e XVII, deriva em boa parte do ofício político delegado para algumas figuras do corpo de sacerdotes católicos, que gradativamente perderia força com o processo de expansão do Protestantismo, o que tornou a prática diplomática estritamente secular.

⁴ Utilizo os termos “mulher xamã” e “homem xamã” pela carência em língua portuguesa de termo adequado. Na prática, nos referimos a designação do sexo biológico ainda que esta tenha pouca incidência prática na definição da performance social de gênero e que não é incomum em sociedades tribais a existência de um terceiro gênero ou até mais.

uma sociedade onde as mulheres têm o direito de preservar seus mistérios privados do ciclo menstrual distante dos homens, o homem xamã costuma ter autorização para violar a interdição e entrar em contato com os mistérios femininos. Desta maneira, não seria errado supor que ao transcender as dualidades incidentes sobre os homens e mulheres comuns, um xamã acabaria lido como uma entidade social transcendente as barreiras dos gêneros formais.

Neste texto, buscaremos recuperar a imagem de xamã (e de outros ofícios mágicos e sacerdotais como feiticeiras, bruxos, profetas, druidas e sacerdotes formais), apontando que os papéis de gênero tradicionais acabavam não incidindo sobre esta categoria social. Consequentemente o ofício mágico acabou gerando visões de personagens desviantes do “gênero formal”, o que ocasionalmente propiciou imagens caricatas de homens emasculados ou castrados e mulheres que praticam todo tipo de sexo bestial ou de castidade impassível.

A função desta narrativa reside muito mais em um esforço reflexivo do que no uso de critérios acadêmicos, sobretudo no campo da antropologia e da sociologia. Ainda assim, as intuições e observações aqui apresentadas de maneira mais flexível ao olhar antropológico e sociológico podem permitir aos pesquisadores e estudiosos dedicar um esforço empírico e teórico sobre as discussões aqui contidas.

Na primeira parte, tentaremos desenvolver o papel do xamã em sociedades coletoras como um indivíduo com funções sociais transversais ao gênero e como essa ambiguidade gera uma persona de gênero indefinido ou neutro. Na sequência buscaremos nas sociedades com divisões de trabalho mais especializadas pistas de como essa ambiguidade de status de gênero gera os variados tipos de sacerdócios e oraculistas. Finalmente, na parte final, tentaremos extrair algumas conclusões sobre esse ofício mágico para uma forma de magia, bruxaria e paganismo que

ultrapasse as fronteiras do gênero e colabore na inclusão de praticantes LGBTQIA+⁵, sobretudo aqueles que se situam em identidades de gênero não-dualistas, como gênero neutro, genderfluid, agênero e etc.

O Xamã e o gênero nas sociedades de caçadores-coletores

Ainda que haja um abuso do uso da terminologia “xamã” como uma generalização dentro da academia, sobretudo depois dos trabalhos de Mircea Eliade sobre religiões e práticas extásicas, onde toda uma gama de variedade de papéis mágicos e espirituais tribais passou a ser enquadrado nesta terminologia, optamos usar esta assim mesmo por estar mais cristalizada no senso comum e pela identificação mais fácil entre leigos que não se aprofundam nas particularidades das religiões e espiritualidades de povos tribais. Desde os reais xamãs siberianos, taltos húngaros, pajés sul-americanos (ou denominações aparentadas entre os diversos indígenas do ramo linguístico tupi-guarani) dentre outros tantos papéis similares

Como apresentado anteriormente, xamãs tem papéis sociais distintos daqueles tradicionais que são determinados pelo gênero biológico em sociedades de caçadores e coletores e em alguns outros povos tribais semi-sedentários e sedentários. Seja em sociedades onde o masculino e o feminino são bem marcados, e em algumas onde existem ao menos um

⁵ Ainda que a sigla da comunidade se prolongue em um esforço de incluir o enorme espectro de diversidade, opta-se ainda pela abreviação utilizada ou pela variação mais curta LGBT+. Tendo em vista o caráter do texto sobre gêneros variados, optou-se pela sigla que incluía o Q e o A, tanto pelos gêneros questionados e pelo guarda-chuva queer, quanto pela assexualidade e o seu próprio guarda-chuva.

gênero alternativo⁶, o xamã ultrapassa qualquer dessas fronteiras por uma variedade enorme de tabus.

Primeiramente, o xamã é capaz de tocar homens e mulheres indiscriminadamente como se seu gênero biológico fosse indiferente ao exercício da magia, cura ou religiosidade. Ele pode abençoar arcos, cestos ou quaisquer outros objetos utilizados como marcadores de gênero sem que isso ofenda a sexualidade do seu proprietário ou a própria. Consequentemente ele ultrapassa a barreira imposta aqueles que vivem no mundo dos gêneros, para um mundo de neutralidade do gênero.

Em segundo lugar, observa-se que enquanto que as relações tribais totêmicas e familiares incidem sobre todos aqueles que vivem e sobrevivem em um mundo de gêneros o xamã acaba sendo descolado destas conexões. Ao se tornar xamã um determinado homem ou mulher abandona seus laços familiares (o que pode inclusive resultar no afastamento do totem que protege sua família ou clã), mas o status de xamã só é conferido em hipóteses de iniciação por outro xamã ou por “escolha dos espíritos”, que invariavelmente é a representação de algum tipo de iniciação acidental na qual o pretendente a xamã é posto à prova na sua capacidade de contatar e relacionar o mundo espiritual e o mundo físico. Consequentemente o status de xamã acaba sendo também excludente, já que não é acessível a qualquer membro da sociedade⁷.

⁶ Me refiro aqui sobretudo as diversos gêneros tribais como o two-spirits dos nativos da América do Norte. Ainda que alguns desses gêneros alternativos ao dual possam indicar uma relação com o sagrado e com o espiritual, isso não é regra, visto que em algumas tribos foi observado que o “terceiro” e o “quarto” gênero poderiam exercer função de um ou de outro gênero ou ambas.

⁷ Algumas etnografias, como a do casal Clastres (Pierre e Hélène) sobre indígenas na América do Sul, observa e analisa um suposto “messianismo” entre algumas tribos mostram inclusive que uma categoria de xamãs “proféticos” conduzindo tribos através do abandono de conexões tribais tradicionais e

Terceiro, enquanto pessoas comuns tem apenas a capacidade de vivenciar seus próprios totens, xamãs podem vivenciar e acompanhar qualquer totem no contato destes com os humanos. Desta maneira, ainda pode atrair ou afastar os espíritos (humanos vivos e mortos, animais, e das forças da natureza) e conviver com eles em três mundos diferentes (mundo material, mundo dos mortos e mundo dos grandes espíritos). Assim, praticamente nenhum mundo é restrito ao xamã, e ainda que isso não seja dado em nenhuma etnografia (até pelos interesses dados pelos antropólogos na análise de povos e sociedades), o trânsito pelo mundo dos gêneros parece também estar assegurado ao xamã.

Obviamente que essa visão ela não chega a universalidade, visto que algumas tradições xamânicas possuem nas denominações de praticantes variações de gênero nos termos para praticantes masculinos e femininos, como por exemplo no “xamanismo escandinavo”, também chamado de Seiðr, que tem como declinação para praticantes femininos, o termo seiðkonna e para praticantes masculinos, seiðmaðr. Em outras sociedades podemos observar que pode existir um maior contingente de pessoas biologicamente designadas como homens ou mulheres praticantes, mas também parecem bem escassos os exemplos de interdição completa à um determinado gênero ao exercício de uma prática xamânica.

A profissionalização da magia e a pluralidade de gêneros em uma sociedade dual

totêmicas na busca por uma “terra livre de mal”. Isso pode dar pistas que o status social diferenciado do xamã pode ser conferido a outras pessoas e que seu papel social assim o permite. Outras etnografias, como de Eduardo Viveiros de Castro, apresentam tribos com tradições xamânicas sem a figura de um xamã. Essas experiências, entretanto, parecem excepcionais frente a pluralidade de etnografias tribais por todo o globo.

Nem tudo são flores, no entanto. Conforme algumas sociedades se desenvolveram e a divisão de papéis de gênero passou a cumprir também uma divisão social do trabalho, gradativamente as funções de feiticeiros, curandeiros e sacerdotes acabaram sofrendo com as mesmas especializações e a neutralidade de gênero do xamã passa a ser substituído pelo papel de gênero desviante e sexualidades não-normativas⁸. Ainda assim, os xamãs do passado legaram ao sacerdócio e a magia um espaço de sexualidades e gêneros alternativos, somente acessíveis através do sacerdócio e de uma iniciação.

Nesse aspecto, a prostituta sagrada da Babilônia, as companheiras de Safo na ilha de Lesbos e a vestal em Roma são ótimos exemplos de como em um mundo limitado para mulheres a magia abria a porta para um exercício diferente de sexualidade e domínio sobre o próprio corpo. Da mesma forma outros espaços mágicos e religiosos conferiram liberdade sexual e de gênero e até por trás de muros de monastérios cristãos é sabido que homens e mulheres viam um espaço para exercício de sexualidade não normativa ou como uma fuga de papéis de gênero tradicionais. Se as sacerdotisas e feiticeiras muitas vezes eram mulheres mais empoderadas do que as mulheres comuns, os homens sacerdotes, mesmo quando heterossexuais ou celibatários, também eram vistos como portadores de um comportamento de gênero desviante, muitas vezes tratados como afeminados por não exercer ofícios de papéis de gênero mais masculinos, como a guerra.

⁸ Aqui também a um pequeno desvio ou anacronismo, que não compromete o conteúdo e que ajuda na forma. O conceito de heterossexualidade, homossexualidade e afins é recente, então seria anacrônico falar de heteronormatividade na Antiguidade. No entanto sociedades antigas também tinham normas e tabus sexuais que interpelavam os indivíduos e limitavam o aceitável e o inaceitável.

Censuras ao papel desviante começaram a aparecer de maneira muito mais forte a medida que a profissão mais antiga do mundo, a de xamã-feiticeiro, era tragada pelas divisões sociais do trabalho e pela crescente rigidez que os papéis de gênero que acompanhavam essa divisão social do trabalho. Consequentemente algumas religiões acabavam por impor códigos morais mais restritivos a classe sacerdotal que aos leigos, e se antes o xamã era aquele que transcendia aos tabus e aos limites, agora ele se convertia no mais engessado e limitado de todos os indivíduos.

Ainda assim, por conta das inúmeras imposições que o ofício sacerdotal criava, por conta dos “véus” reais e alegóricos dos santuários, a privacidade do espaço do templo algumas vezes ainda se convertia em um espaço de liberdade para expressar um gênero alternativo, ou ao menos como fuga das imposições dos gêneros normativos.

Não parece ao acaso que o ressurgir de cultos pagãos antigos, da feitiçaria, da busca por um mundo espiritual não-abrâmico tenha gerado a primeira e mais imediata identificação dos LGBT+ modernos e marginalizados. Os cultos tradicionais dos mais variados povos e a persistência de alguns cultos étnicos entre povos tradicionais das Américas, Oceania e principalmente da África sempre nos geraram o vislumbre de uma nova colocação social diferente daquela que foi imposta pelas religiões do livro (judaísmo, cristianismo, islamismo). Ainda que o patriarcado e as normatividades de gênero sexualidade sejam anteriores a massificação da Cristandade no Ocidente europeu e do Islã no Oriente e África, as sociedades pré-abrâmicas sempre contemplaram algum espaço social para expressões não-normativas que permitiam espaço e papel de destaque para figuras LGBT+, existência espacial e social que foi sendo paulatinamente apagada da narrativa histórica oficial sobre essas sociedades originárias.

Lições dos xamãs do passado para os LGBTQIA+ do presente

Xamãs viviam em mais de um mundo, como muitas vezes os LGBTQIA+ se veem obrigados a lidar. Quase todo LGBTQIA+ contemporâneo se viu preso em algum armário ou limitado ao ser integralmente de sua própria natureza no seu mundo interno. Ser LGBTQIA+ e praticante de magia nos contempla um paradigma de mundos internos variados. Podemos vivenciar nossa sexualidade ou gênero não apenas na expressão destes no mundo material, mas muitas vezes através dos mistérios que vivenciamos com nossos deuses, espíritos ancestrais, e forças maiores da natureza.

No mundo hostil em que vivemos, a figura do xamã, como aquele entre mundos, entre gêneros, no omphalos⁹ perfeito do mundo nos permite um empoderamento similar ao resgate que o Sagrado Feminino e o Sagrado Masculino vem permitindo em tantos grupos para que as mulheres cicatrizem as chagas causadas pelo Patriarcado. Se existe uma pista, ou talvez um caminho para encontrar a raiz mais profunda de um Sagrado Queer, ela vai estar nessa posição primordial do xamã no gênero neutro, e mais que isso, o ofício do xamã é ancestral de todos os variados ofícios sacerdotais que em alguma hipótese permitiram de maneira restrita o exercício de sexualidades e muitas vezes em mais de uma religião étnica o xamã se mostrava o único capaz de reconhecer as crianças sagradas chamadas de two-spirit, apontava os presságios sobre aqueles que nasciam com genitália intergênero, resolviam os tabus daqueles que violavam a separação entre os gêneros tradicionais indicavam a sacralidade e divindade nas formas de prazer.

Resgatar o xamã como veículo de poder pessoal e mágico também permite autoafirmação e empoderamento, na medida que a sabedoria

⁹ Umbigo, centro gravitacional.

ancestral daquele que media os mundos e a relação entre os seres também reafirma o lugar do não-normativo em uma sociedade contemporânea que o coloca como marginal e excluído. Se existe um papel social que existiu ou existirá com tanto poder sobre a vida e o destino humano, esse é o xamã.

O contato com as religiões abrahâmicas, que ajudou a fortalecer e globalizar o modelo mais duro de patriarcado vivenciado nos últimos 2500 anos, infelizmente criou no Ocidente (e em alguma medida nos povos do Islã ou nas suas proximidades) a ideia de que a normalidade é a oposição dual entre dois polos opostos, onde um obrigatoriamente será positivo e outro negativo, excluindo o lugar do neutro.

Neutro aqui não se exprime apenas como ponto zero, de polaridade nula. Neutra é toda a zona cinzenta existente e imposta por uma normalidade dual dicotômico-maniqueísta. O gênero neutro do xamã ancestral contempla a maior parte do gênero humano, ele fala com toda uma zona cinzenta existente entre o masculino e o feminino ditos “ideais”.

22. Um Ato de Liberdade

Por Samýaretê Enrogê Ñ

"Como crianças são aqueles que entram no reino. Quando vocês, como estas pequenas crianças, tirarem suas roupas sem vergonha, quando vocês fizerem dois tornarem-se um, quando vocês fizerem macho e fêmea numa unidade, então vocês entrarão no reino."

Evangelho de Thomás

Em muitas tribos, desde tempos remotos, o amor de seres do mesmo sexo sempre foi tratado como abominável, com desprezo, temor e até mesmo formas de subjugação, de modéstia profania à ordem.

O ser liberto, ser do tempo, as almas gêmeas que se reluzem, o amor profano que concedes, o sexo demoníaco que exerce, no qual a ordem é profanada. Isto é um ato grotesco, de repúdia para aqueles que se limitam em seus sistemas de crença, fé, onde suas máscaras de dependência, presas a um conceito retrógrado de pura ilusão, vestindo um véu que esconde suas vergonhas e exerce seu papel em carne.

Seus papéis como construções de indivíduos são exercidos sem questionamento, impregnando seus ideais com preconceitos fétidos que aos olhos do transgressor, aquilo que esses seres abominam, é a verdadeira arte, a expressão da mais bela consciência. Então, para estes digo, o sexo é livre, assim como o ser. Na natureza dos mistérios é o êxtase fractal do vórtex das possibilidades, o bailar em uma bela canção em sintonia ao caos. O absoluto revelando sua face, rasgando o véu, quebrando as máscaras, e se mostrando além do pai e da mãe, a união dos dois, a síntese da consciência vestida de universo que reflete na essência do ser - prazer, êxtase e amor.

Exaltando, criando, compreendo-se em unidade, o grande arcano, que reconhecendo seu papel em consciência, exerce o elixir sagrado profano. A cintilante energia pan-acônica, onde seu corpo torna-se um templo como gaia, o lar dos deuses e das deusas, puro e belo, profano e abominável. Suas vergonhas são mostradas, e sua doce inocência como criança é abraçada e na bunda do diabo é beijada para os reinos além dos reinos adentrar.

Da mãe que é pai e do pai que é mãe, o filho que já nasceste do ventre e para ele retornar, com a perfeição que és, o todo e o nada que há, assim como os pais, devem também criar. O negro frescor do néctar que penetra, para dimensões vazias e infinitas leva a descoberta da imensidão que a luz esvaia-se, a matrix é desvelada e aroma de várias flores é mostrada, o quão grande és o universo, este que a mente teme e limita, mas aquele que tem vontade se mostra disposto a adentrar, transgredir, progredir na constante revolução. Até onde vai uma mente livre e desnuda? Se a ordem temem aquilo que é além, isto é força ou apenas ignorância?

Jaz um grande sábio dizia nas noites escuras a alma esfria, e da carne o fogo esquentava voraz e sangrenta, quem teme quem? - A sexualidade não se limita naquilo que não compreendes, és complexo, és além. Não há uma disposição de afirmação de como funciona, se és uma expressão baixa do absoluto, a mente limitante não irás compreender, mas se envolver, se conectar, sentir.

Esta energia o qual é mais livre, constatasse com temor em muitas sociedades, seja masculino, seja feminino, não há relevância daquilo que és, as máscaras como construção da sociedade coletiva que limita o indivíduo, mostra funções, papéis de gênero que deve ser exercido como

a máxima, mas para estes digo, a energia é absoluta, é livre, assim como o corpo e a essência.

Máscaras são colocadas a todo tempo para relacionar-se em sociedade, não faz diferença qual colocá-las, qual se identificar melhor, mas lembrem-se, o self é livre disto, apenas é vestido de universo. As linguagens não têm formas, elas são energia pura, e por aeons vêm sendo mudadas, até onde o ser compreenderá quem é, a maior expressão de auto-amor, natureza?

23. Tù'èr Shén - a divindade chinesa LGBT

Por Hóng Dàn 洪旦

O taoísmo (道教 ‘dàojiào’) é uma religião nativa da China, contando mais de 5 mil anos de história e uma influência cultural imensurável sobre o povo chinês. Devido a concepção contrastante de “religião” presente na Ásia, frequentemente é entendido como “apenas uma filosofia” sem cultos ou ritualística no Ocidente; porém trata-se de uma visão de mundo com amplas manifestações, havendo (entre outras práticas) os cultos à ancestrais, entidades animistas, divindades e ainda a possibilidade de pessoas que tiveram grandes feitos e uma grande harmonia com o Universo encontrarem a “Imortalidade” e se divinizarem, gerando múltiplos panteões muitas vezes em expansão. Assim, não é surpresa que dentro do taoísmo tenha surgido uma divindade protetora dos LGBT - Tù'èr Shén (兔兒神, ‘Deus-Coelho’, sendo que ‘兔兒’ se refere especificamente a um coelho jovem).

A China costumava a ter uma postura mais tolerante e permissiva aos LGBT, sendo a prática da bissexualidade comum e existem registros históricos de duques e imperadores que seguiram protocolos de se casarem e gerarem herdeiros porém mantinham proximidade maior com concubinos. Isso começou a mudar durante a Dinastia Qing (entre 1644 e 1912), quando um reforço maior de valores familiares confucionistas e uma aproximação com a cultura ocidental levaram a repreensão da sexualidade. Conta a lenda que nos primeiros períodos desta dinastia morava na província de Fujian o jovem Hú Tiānbǎo (胡天保), que se apaixonou por um belo inspetor imperial local; um dia, Hú Tiānbǎo foi pego pelo inspetor o espiando por um buraco enquanto se banhava e decidiu declarar seus sentimentos. O inspetor se sentiu ultrajado, e decidiu sentenciar Hú Tiānbǎo a ser torturado até a morte.

Ao chegar no Mundo dos Mortos, o espírito de Hú Tiānbǎo foi recebido com desdém; porém, os deuses julgaram que sua morte tinha sido injusta, uma vez que foi condenado por sentimentos e não por um crime. Então o transformaram em Tù'èr Shén, o “Deus-Coelho” (na China Antiga foi costume se referir a homossexuais como “coelhos”), recebendo o título de “Espírito Guardião do Amor Homossexual” (同志守護神 ‘tóngzhì shǒuhùshén’) e em sua ascensão aos Céus ele protegeria todos aqueles que, como ele, possuem sentimentos por pessoas do mesmo sexo.

Houve repreensões ao culto dentro da própria Dinastia Qing, porém em 2006 ele foi revivido em Taiwan. O sacerdote Lú Wēimíng (盧威明) fundou o único templo religioso do mundo dedicado aos LGBT na cidade de Taipei, chamado de Wēimíngtáng (威明堂) em sua homenagem. O templo se tornou um local seguro para pessoas da comunidade, que o buscam para orar por proteção, prosperidade e para encontrar uma pessoa amada. Além de celebrar casamentos e outros rituais taoístas, também são promovidas ações pelos direitos LGBT. Segundo o templo, seria rude mencionar o nome da divindade em ocasiões informais e a expressão “Dàyé” (大爺, uma forma respeitosa de se referir a um homem mais velho) deveria ser usada; o nome completo da divindade costuma a ser grafado como “兔兒神胡天保大爺” (englobando seu nome divino, seu nome humano e a expressão informal). Atualmente, a divindade também é mencionada em produções de cultura-pop LGBT como o curta “Kiss of the Rabbit God”, do diretor chinês-estadunidense Andrew Thomas Huang.

Tù'èr Shén nos lembra que, sendo o mundo natural e todas as suas manifestações divinas, a homossexualidade também o é. Nos lembra de todos aqueles que já foram condenados por sua forma de amar, mas também de que não estamos sozinhos e podemos contar até mesmo com os Céus ao nosso favor. Nos lembra de que podemos celebrar quem nós somos, e a jamais sentirmos vergonha de nós mesmos. 拜請兔兒神！

24. Eixos ÊXTASES, FÚRIAS e DELÍCIAS

Por Capitú

ELA EU NÓS / PRA SEMPRE

me conecto em fusão, saudoso e harmônico / façamos assim: tu entra em mim tanto quanto entro em ti e misturâmonos / és minha tanto quanto soy tuo / olhar pra baixo e ver minhas musculosas coxas pernas suspensas entre gigantescas pernas dionísicas de bode / dançalejar meus incontáveis pares de braços, sustentândome nos meus sete pares de asas: magicismo / ser ela, ser nós, apenas ser fora do tempo fora de tudo pois tudo está dentro no interior luminoso de ela eu nós / nadar minha troncosa calda de sereia aérea de escamas verde azul roxa changeant furta-cor perolada / fazer rabiolas com esta calda de mulher-peixe, fazer enrôlos, atijar / avistar meu rosto refletido no espelho do céu: nariz achatado dentes separados olhos puxados e até meu piercing de ouro: maquilagem / uma cascata de cabelos crespos, uma juba / no anterior da cabeça: um emaranhado de cobras calmas: herança de linhagem medúsica / nenhuma dúvida, apenas certeza / ela não é uma santa, ela é a deusa.

FINALMENTE

faraó chromado / vens do futuro, não do passado / dígames aquilo que preciso saber neste tempo / dítes tuas ordens, que são preces, que são juras de amor / díme daime dôame dois beijos um em cada maçã do rosto / forte príncipe em armadura, dílhes que soy tuo

INFERNO DE MIM DENTRO DE MIM QUEIMANDO LOUCO
ABSURDO DE MIM LAVA RESPINGA DE MIM EMBRASANDO
EM MIM PROFUNDEZA PROFUNDEZA DE MIM INTERIOR
SULFÚRICO ARDENTE INCANDESCENTE DE MIM DE MIM
DE MIM

: visitei

ELE ME PEGOU PELO PESCOÇO COM AS DUAS MÃOS

e me levou um segundo inteiro pra lembrar que eu também consigo agarrar um pescoço, que eu tão bem quanto consigo gritar até estourar tímpanos, arrancar os olhos com os dedos e comêlos; sim, essa cobra em minha coluna foi criada em jaula que ainda fede á sangue. e dançar jovialmente sobre toda uma carnificina vermelha e pastosa de cérebro exposto de ossos quebrados de órgãos rompidos de carne esmagada de suco de monstro; que eu já destruí criaturas tão antigas quanto o sol, que eu já abri e comi monstros que eram capazes de segurar esse mundo inteiro com ponta das unhas; e não é você que vai me fazer voltar pra lá.

VESÚVIO-MENINO EM DILATAÇÃO

projeta essa ferida vulcânica no côro nu da palavra < projeta obsceno toda essa verdade calada e crua pra mais de uma milha de distância < tira essa arma quente da garganta, esse pedaço de mim, pedaço explícito violento de mim < aquiesce, faz tremer toda uma ilha de gente nos arredores dessa potência particular eu < faz da lava teu elemento puro transformador pra aquecer até queimar tanto ferro tanto aço tanto bronze enterrado encaçapado na couraça do outro < bébe do próprio

coração de lava como que fosse cachaça: é que são as duas bebidas muito baratas < arde as armaduras e os asfaltos de toda a cidade com tua explosão de venusiano < vesúvio-menino que pra fora coloca o mundo inteiro de joelhos, faz o céu respirar num espelho, cria névoa quente da sua própria catástrofe natural < pedaço explícito obsceno obsessivo agressivo compulsivo de mim rasgo continental de mim < vai derramando essa tradução vermelha turva, marcando o chão a pedra, convence todo mundo de que o aquecimento global é real < que ainda faço do mundo uma bolinha de gude, do mundo inteiro minha bolinha de gude < faz um escarcéu de si, cresce explosivo em uma panaceia íntima, numa verdadeira provocação < ela vem de uma erupção, ela nasce no seio da terra, no peito do menino de signo de terra < ela nasce com um corte < ser o outro um extenso explosivo profundo entalhe um arroba de carne de cor de traço de uma arquitetura tão singular me engloba me enche vai me preenche vai me faz < eu tenho tudo tudo que eu preciso em mim mesmo, e se você não estiver com medo de mim é porque você ainda não entendeu.

RETORNEI

vou dançando balanceando balbuciando requebranteando vou ressurgindo regurgitando saltitando espalhando meus odores naturais para abrir portais em correntes torrentes torres e pirâmides lavas leis luas luzes dimensionais divinas diagonais distintas e vida pós-linguagem vida pós-vida vida pós-mundo procurando palavras que não existem para dizer o que aqui não está não pode ser visto mas eu posso ser visto e meu corpo pode ser sentido por isso faço de mim locomoção casa morada ponte portal cavalo manifestação daquilo que sinto galopo passagens estreitas existências em bordas ligeiras e halos finos água rasa livre e sadia pra momentos de dor escuros e fragmentados minhas pálpebras brilham

são incandescentes faróis para humanidade minha alma está inteira
fundida pertence a si meu espírito está alimentado está nutrido está em
inflação solar estrelar vulcânica atômica cósmica extraestelar ser expando
por vezes desassociado de si retorna a si e que saudade desta potência
inaudível que saudade de mim: {explosão}

—

eu sou o sentir: eu sou o sentir do corpo: eu sou o corpo
eu sou pura manifestação da universa que sou
eu sou pra que a infinita tenha capacidade de se sentir à ela mesma mais
uma vez {eu sinto por ela e com ela eu sou}
eu sou pra que tudo comigo seja
eu escrevo com o corpo e sinto o que eu escrevo e sento com o corpo e
quando sinto sei
— eu sinto eu sei eu sento —
pronuncia: santificado seja meu nome
sedento sentimento de sabedoria que não dura se esvai pra nunca se
repetir (será mesmo?)
saber me sentir todo a mim mesmo e ser como um presente meu pro
tudo que quer sentir-se tudo tuda toda tanta
contemplando-se à partir do meu corpo-olho do meu corpo-sentir do
meu sentar na grama ou
na terra
— que essa universa me agracie com poder contínuo enquanto aqui eu
souber sentar y sentir —
sentar como que cansado como que em falta de equilíbrio
que de mim nasce cresce vira carinho-tudo (e a falta de equilíbrio) recebe
carinho-tudo (com a falta de equilíbrio) que se desequilibrar faz parte de
uma manifestação equilibrada, eu vejo
ela/eu vive e contempla o carinho-tudo
ela, enquanto eu, chora com o tamanho do carinho-tudo

do caminho dos caminhos todos das voltas pra entender a natureza do
fim
mas tudo bem tudo bem, eu juro
mesmo que em algum ponto sinta-se senta-se tudo de uma vez só tão de
uma vez só que no segundo seguinte nada mais sentir sentar
: assenta-se
sentir-sentar com pernas bambas bambas porque eu sinto muito
e quando sinto sinto de tal maneira que preciso sentar-me
como que em prece como que dançando funk como que fudendo
gostoso
me recuperar para mais sentir sentir-sentar
e que assim seja
{ amém }

MEU

y fazer do dia uma noite carinhosa y fazer na noite uma nota manhôsa y
fazer u tempo passar divagarinho divagarzin pelos cantos da boca
triscando no cantin da outra boquinha num fazer caçar um beijin fidido
de manhã cedo divagar us dedin as pontas pontinhas das unhas nas
pontinhas dus pêlos pêlinhos negros y tocar peito do pé na sola do outro
pé de um amante cum peito onde faço solo nutrido das mudinha de
cheiro doce que eu faço pra ele eu que faço papel de amante pra ele eu
que passo margarina num pão de massagem antes de dormir antes de
assistir seu desenho favorito hora de aventura antes de tudo beijar os
pulsos encostar a buchecha nos pulsos te pegar nos pulos no deitar em
suas costas curvas de partes macias lares de fugitivo abrigo pra mim
manteiga antes de fazer um brigadeiro pra mim que eu te quero pra mim
por toda uma vida de chocolate dividido cum você meu querido y fazer
carinho y passar carinho passar das palmas das mãos quentes lar pra pele

quente lar y beibe beibinho beber du amor amorzinho love lovinho meu
mel meu cheiro meu dengo denguinho meu bebê meu nenê meu nêgo
gostosinho meu

ELES APENAS SERIAM PUXADOS PRA DENTRO DE MIM

y a pupila ser um núcleo galáctico, o centro de uma espiral de poeira
estelar também chamada { galáxia }, um buraco negro ponto de
densidade infinita de onde nada sai de onde nada nunca retorna, eu não
descomo luz nem matéria, tudo que eu assomo eu tomo eu concluo mas
eu agrego ao redor de mim também, eu possibilito o surgimento; y em a
íris ser um horizonte quasárico de eventos, um quasar horizontal
brilhante como trilhões de sóis gritando luminosidade, eu grito eu grito
com os olhos mas apenas teus olhos me escutam; y meu olho direito ser
essa porta essa passagem tão profunda y secreta que não poderia nunca
ser invadida pelo conhecimento dissolvidor dos meus mistérios,
protegido que estou em minha profundidade gravitacional. nem que
procurassem medir a luz transitando do azul pro vermelho, ainda não
descobririam a velocidade de minha mirada

TUDO ISSO NÃO PASSA DE UMA BRINCADEIRINHA ESPIRITUAL

eu me amo eu me cuido eu me chamo de amorzinho e me cubro de
carinhos eu sou tempo calma o meu nome é calma coberta chinelo pé
sola do pé calçado proteção ao pé massagem nos pés que eu faço pra mim
eu sou formiga que pica a planta do pé eu sou a picada a dor eu inventei a
formiga eu inventei a dor pra mim poder entender aquilo que eu sou.

CANTIGA DO RECEBIMENTO

bébe, beibe, dessas cores espalhadas pelo céu. é engraçado como ele fica
tão engraçado nessas horas de troca – manhã y anoitecer: início e fim.
meu menino-homem bonito bunito, tudo é mesmo muito grande assim
mesmo tudo é mesmo muito confuso assim mesmo porque eu quero.
mas então bébe, beibe dessas cores de péle de pêlos de tons, bébe dessas
cores espalhadas pelo céu da minha boca, beibe. e eu quero que você
venha resenhando tuas conquistas pra dentro deste meu amplo peito
venha. eu abro sim com os dedos pra tu e eu quero que tu venhas
cantarolando tuas longas cantigas de ninar quando entrar entrar pra
dentro de mim

o sagrado experimentasse com o corpo / o sagrado mórdesse segurando
firme / como que afundando os dedos na maçã / a maçã que mórdesse /
o sagrado: cômesse

“PÓ/S” (Tatiana Nascimento)

ser queimado vivo e da parte cinzenta aprender a cultivar uma
planta-fênix uma calíandra mitológica de um cerrado-sideral que vai
estender meu dna e reconstruir meu corpo quatorze quinze vezes a massa
do sol minhas costelas minhas costas num mais verde mais flexível mais
fresco mais calmo mais lar mais livre mais resistente mais vulnerável. é
preciso uma pá de barro às vezes. é preciso se assentar vegetalmente. é
preciso acentuar tuas forças pro planeta terra. ela, terra planeta e glória,
me dá algumas certezas doces de presente pra que comigo eu possa

carregar: mesmo que em pó eu seja transformado mesmo que em pó eu seja reduzido eu não posso ser destruído eu só posso ser curado.

um céu imensurável espera ser criado nossos caminhos iluminados nossas colisões nossas massas gigantes cozinhar o ferro e presentear às veias o sangue a capacidade de tomar sua primeira respiração eles não desconfiariam do nosso papel eles nunca nem imaginariam a vida na nossa dança da nossa criação nossa importância e nossa abrangência não só estamos a fazer o mundo com nossos beijos e estalos: nós criamos o mundo

MAS DEVAGAR, QUE É PRA NÃO FERIR NOSSAS FINAS ETAPAS

o amar e o fazê-lo / o amor e o cuidá-lo / o amor e o recebê-lo... / é sempre um caminho torto e íngreme; / o amor e o aceitá-lo é sempre um caminho inclino e escorregadio / é sempre um caminho que podemos escolher; / o amor e o curá-lo / o amar / é sempre o caminho que precisamos.

A TENHO EM MIM

até o condenado por todos os pesos da terra, até este miserável pode escolher o não subjugado às falanges divinas. não há culpa nem pecado que não possa ser perdoado por si mesmo. não há divindade luminosa o suficiente que possa julgarme virgem ou sodomito. eu sou a divindade que procuro. {eu sou a divindade que procuro.} não existe pecado.

EU VOU PRECISAR

eu passei barro na cara eu me preparo todo dia passando repassando partindo y juntando eu me preparei hoje eu já trazia as ferida abertas de anteontem mas ontem ainda caí ralei os joelhos eu não sou daqui e eu vim só pra sobreviver mas hoje hoje sim eu me preparei eu passei barro no joelho ralado eu beijei os joelhos de barro que fiz eu refiz eu me re me levantei de novo em barro do barro me levam... me lavei! eu me entendi entendi um pouco mais só um pouquinho mais – por enquanto vai ser suficiente – y eu me preparei pre-reparei repartei parto de barro vermelho eu tirei consistência eu tiro consistência do chão vermelho e até do concreto quente se preciso for. todo dia é preciso. todo dia eu preciso: que essa universa me agracie com poder contínuo.

EU SOU O TEMPO EU CRIEI O TEMPO E MEU TEMPO É A CALMA

eu ritmo / eu ponte / eu casa / eu tempo / eu acolhida / eu recebida / eu cobra / eu calma: / pra nós

25. Uma vivência Trans'formadora

Por Stella Spenner Roesch

Transgeneridade na magia, o que é ser Trans na magia? Ser Trans na magia é se deparar com o número 2 não importa por qual vertente você entrar, é se deparar com a idéia de binariedade antes mesmo de aprender seu primeiro feitiço ou ritual; Quando eu entrei na Magia a 7 anos atrás eu tinha 11 anos de idade, eu adentrei este universo através da Wicca, uma das maiores vertentes de magia do mundo atual, e a primeira coisa que eu me toquei é que tudo era dividido em dois, o sol e a lua, o Deus e a Deusa, e o mais importante de todos, o Homem e a Mulher, e para a magia tudo isso está conectado e junto numa coisa só, e é aí que o problema mora para mim, uma Mulher Trans, um ser que não existe dentro dessa lógica.

Mesmo ao passar dos anos as coisas continuaram as mesmas, as energias são ditas como femininas e masculinas, dependendo do seu órgão sexual você usa calça ou saia em um ritual, você precisa estudar o sagrado masculino se for homem, e se você for mulher você estuda o sagrado feminino, e até mesmo os instrumentos mágicos são relacionados a gênero, o Cálice é um útero e a Varinha é um falo; O problema nisso tudo mora no fato de que se você divide as coisas, você cria uma barreira entre elas, se você é homem você não é o sol, e o mesmo para a mulher, você não é a lua! E para uma pessoa trans, tudo isso é confuso, onde eu moro nisso tudo? Eu não sou a Deusa, e não quero ser o Deus, os anos passam e para a pessoa trans encontrar uma imagem na qual deseja se inspirar ela tem que se esforçar muito!

A Verdade de qualquer ser humano não está numa energia e muito menos nas suas partes íntimas, a idéia de que somos ou Sol ou Lua é errônea e antiquada, nós somos todos os dois, somos Luz e Trevas, Bem e

Mal, **Passivo e Ativo** ou Expansivo e Retrativo, e isso não está explicado no começo, e é isso que dificulta o entendimento do lugar de uma pessoa trans na magia, mas voltando para a pergunta inicial, o que é ser Trans na Magia?

Ser Trans na magia é ser algo novo na mesma medida que antigo, afinal já fomos sacerdotisas e sacerdotes de Inanna em um tempo quase esquecido;

Ser Trans na magia é ser como uma Borboleta, capaz de ressignificar tudo sobre si e ter a força de se transformar no que quiser;

Ser Trans na magia é ter o poder de escolher ser o que quiser antes de qualquer um e acima de qualquer regra;

É ser resistência, assim como fora da magia.

Não importa se existem ou não Deuses, Idéias ou o que for, igual a nós, pois somos nossos próprios Deuses, Símbolos, Idéias e Poderes

Eu sou a Borboleta, o Eclipse, o Nove a quebra dos ciclos, o encontro do Mar com a Terra, e mais um mundo infinito de possibilidade, pois o sexo é binário, não o nosso Gênero, e o Gênero não mora na magia, e sim dentro de nós e nossa mente frágil o suficiente para achar que tudo está fadado a duas opções.

Ser Trans na Magia é ter uma vivência Trans'formadora.

26. Guerra e Magia: Uma Revolta Queer

Por Ruy Dias Roder

Viados e sapatões; queers e travestis; assexuais e panssexuais; LGBTQIA+ do mundo uni-vos e libertai-vos. Este é um chamado de luta, de tomada de espaço pelo ódio e de união pela liberdade. Este é um chamado para a anarquia! Como Antinoo, elevado à deidade, nossa luta também é divina, o arco-íris da liberdade não revela apenas as cores brilhantes de amor e alegria, também revela as cores de nossas revoltas, das lágrimas e do sangue derramados por nossos ancestrais na luta pelo direito de existência. Somos tão bélicos quanto sublimes, sintam a energia queer em seus corpos e falas e abrace o guerreiro LGBTQIA+ que há em todos nós.

Aqui, não falamos da anarquia enquanto uma palavra apenas restrita à sua composição política, mas sim como sinônimo da destruição das barreiras e da posse da mais alta liberdade. Aqui, a liberdade é poética, fruto da bela idéia de revolução. O divino nunca os negou, foram os homens que nos negaram o acesso ao divino. Se é guerra que querem, armemo-nos de nosso orgulho e revidemos. Vejam que junto de nós acompanha uma figura não binária, o guerreiro LGBTQIA+, o Cavaleiro Queer, montado em seu cavalo rosa, de crina amarela e a cauda azul. O Guerreiro está armado de espada, escudo e nada mais, ambos escuros como obsidiana. Ele cavalga ao lado de cada palavra e cada ato de resistência LGBTQIA+ ostentando a bandeira arco-íris; seus movimentos fluídos o fazem parecer como se dançasse livre pelo ar. Está é a alegoria que usaremos para a liberdade desejada.

Não achem que aqui há espaço para qualquer forma de exclusão. Não há espaço para o capitalismo que exclui nossa existência até o momento em que esta torna-se rentável. Não há espaço para opressão de nenhuma expressão de vida. A magia deve nos unir e encerrar os conflitos forjados

dentro de nossas bandeiras, germinados e incentivados pela infiltração do machismo, da lgbtfobia e das cercas sociais que nos impedem de nos deliciar em existência liberta. Devemos retomar nosso espaço sagrado. É tempo de ação direta, de revolta e de luta, ou, caso contrário, tempo de morte. Não há evolução e libertação sociais pacíficas e a magia será uma de nossas armas. Este é o primeiro aspecto deste texto escrito por esta gay colérica que vos fala: o aspecto da Guerra.

É hora também de curar as feridas de nosso movimento, hora de sincronizar nossas tribos e bandeiras para que não lutem entre si e para que não sejam infectadas pela opressão. Seme e Uke, termos utilizados nas histórias gays japonesas (chamadas yaoi) derivados dos verbos em japonês: *semeru* (Atacar) e *ukeru* (Receber); que são utilizadas para designar ativos e passivos nas relações sexuais, não devem estruturar a existência em estereótipos manchados de machismo. O indivíduo que tem sua expressão de gênero masculinizada ou feminilizada, não está restrito há nenhuma posição; o indivíduo que não se identifica com sua genitália, caso realize a redesignação, não necessita abandonar aquilo que lhe dá prazer por mera estética humana.

Se na Cabala, Chokmah se posiciona como o sagrado masculino, a energia de movimento e estímulo; e Binah, o sagrado feminino; a energia que acolhe e estrutura o movimento fluído; tais interpretações não devem ser feitas de maneira sexualmente binária. Passivos são também estimuladores do movimento; ativos são também recepcionistas da energia fluída. Não há regras para as posições nem para os arquétipos. O sol também é feminino, a gloriosa Amaterasu; a lua também é masculina, o glorioso Tsukuyomi.

Também não há regras para o corpo. Que os estereótipos da beleza midiática caiam e se destruam no chão frio de nosso desprezo. Louvemos a Afrodite gorda; o Eros Urso; o Hermes interssexual. Nenhuma

manifestação em Malkuth deve ser impedimento para tua magia, mas sim, deve ser veículo que conduz a magia em orgulho e empoderamento. É hora de por fim às obrigações impostas; interssexuais, a composição de seus corpos é bela e uma, não apaguem parte de si apenas para que a sociedade tenha o prazer em te ver "adequado" aos padrões impostos. Gordos, não busquem a destruição de seus corpos apenas pelo vislumbre da beleza magra que nos cerceia. Assexuais, não se sintam impedidos na prática da magia sexual, o encontro de yin e yang em gnosi orgasmática, através sexo material, não deve ser requisito. Façam a magia sexual com seus parceiros, quantos forem, ou sozinhos, utilizando-se do carinho, do sentimento e/ou de uma representação teatral, física ou mental, de união. Poliamorosos, panssexuais; bissexuais; amem quem e quantos quiserem; nunca houve um limite para a união mágica.

Não binários e interssexuais, rejeitem com fervor a binariedade dos gêneros mágicos impostos casos estes arquétipos, por carregarem pinceladas de patriarcalismo, não seja identificáveis a você. Jogue-os fora, usem do sagrado transviado, louvem os deuses que não se restringem aos dois gêneros ou quebre esta restrição que os homens impuseram às energias divinas; ou, caso ainda não se sintam livres o suficiente, deem forma ao seu próprio Sagrado; mas não abaixem as cabeças em concordância à tais imposições. Todas as práticas mágicas estão abertas a todos e temos o direito de moldá-las ao nosso prazer. Que sejam escandalosamente divinas. Veja o Caos, perceba com os seus olhos queers que elu é travesti e não binário, assexual e sexual, e que nada pode restringir sua emancipação.

Para que nossa luta aconteça, devemos nos unir sob a bandeira arco-íris, armados e prontos para o combate. Este é o segundo aspecto do texto: União. Não achem que as bandeiras e as tribos não são importantes, são elas que nos dão voz, elas devem existir para a luta existir; mas estas não

devem permitir a opressão entre si; a cura dessas feridas é necessária para a luta. Todos devem lutar ou todos perderão.

A arte dos despossuídos, como disse Peter Grey, é também a arte da Revolução. Oh homem, oh mulher, oh gênero entre ou além destes citados, todos vocês são estrelas, todos vocês tem poder contra a opressão diária que tenta arrombar as portas de nossos templos e nos fazer crer que não temos a permissão de utilizarmos das artes mágicas que eles julgam não sermos dignos de possuirmos. Usaremos-as sim, da nossa forma, para celebrar nossas expressões e destruir aqueles que às restringem.

Nossa resposta deve ser a revolta, nossa arma, a magia. Nosso alvo é o estado burguês, o capitalismo e todos os seus agentes que matam nossos companheiros. Utilizamos a magia e a anarquia queer, segmento anarquista voltado para a luta LGBTQIA+, tendo como precursor do movimento Adolf Brand; e mostraremos que somos mais que espetáculos cômicos. Somos a encarnação do LGBTQIA+ guerreiro. Deixem que saibam que esses viados matam fascistas, frase ícone da resistência do povo curdo LGBTQIA+.

27. Introdução à Borboleta

Por Felix Mecaniotes

Quando a Viada Chama surgiu, algumas questões apareceram junto a ela: se estávamos falando de gênero e sexualidade enquanto construções sociais e trazendo à tona uma jornada espiritual pautada não na identidade, mas na própria transformação da diferença, onde ficavam as nossas questões enquanto círculos políticos dentro da nossa espiritualidade no mundo?

O que nos une é a diferença. Mas onde ficam as questões das pessoas trans? Decerto, estamos falando de um grupo de pessoas que possuem igualdades entre si, que possuem uma luta em conjunto e uma luta que não pode ser dissociada da comunidade. Da mesma forma temos a história gay, a história lesbica e tantas outras histórias comunitárias para além da identidade de um gênero e de uma sexualidade individual.

Nós somos essências no mundo e se a Viada Chama fala sobre nossa presença nesse mundo enquanto indivíduo, como unir a ideia de uma militância pautada em identidade a uma prática espiritual não identitária?

Assim como Sirius anuncia a chegada do ano novo kemético, Stella veio a Viada Chama como uma estrela de anúncio; trazendo consigo não apenas um novo totem, mas já demonstrando acesso e conhecimento a espectros da Viada Chama que não haviam sido anunciados publicamente, como o trabalho de divindades dentro deste espaço.

Para compreender a ideia da borboleta é preciso compreender que o conceito dela está ligada a uma divinização da própria transexualidade e de uma conceituação de uma linhagem específica (por mais que a Borboleta seja um acesso a toda e qualquer linhagem identitária, seu

trabalho surgiu após e durante o trabalho com símbolos específicos da transexualidade que optamos por trabalhar melhor posteriormente). Se por um lado, Stella nos trás e nos trará posteriormente os mistérios intrínsecos de sua própria vivência enquanto mulher trans vivenciados através da Viada Chama, por outro ela abre a porta para outras vivências e nos trás o portal de acesso a essas linhagens específicas.

Assim como a luta LGBT representada pela revolta de Stonewall nos surge através da figura de uma mulher trans; o espaço identitário e sua linhagem misteriosa, faz-se presente dentro da Viada Chama trazida por essa estrela.

A todo LGBTQIA+ faz-se o convite: acessem a Borboleta, compreendam suas linhagens, pois é hora de experimentar de novo.

Isso é um chamado.

28. A Teoria da Borboleta

Por Stella Spenner Roesch

Algum tempo atrás, mais de um ano no caso, eu conheci a viada chama púrpura, e após ingressar na magia LGBTQ+ e de fato fazer uma magia pra mim mesma, eu cheguei na borboleta, um arquétipo de transformação e que se aproxima ao discurso de “O que nos une é a diferença”.

Eu estava em um processo de redescobrimento da minha mulheridade e da minha pessoa, já que eu tinha notado que **ser mulher** não era necessariamente seguir o que a sociedade mandava, e que muito do que eu fazia e reproduzia não era meu e sim da mídia, a auto sexualização, o comportamento forçado e muito mais, eu juntei tudo o que eu achava que fazia uma mulher e joguei para dentro, e só depois de 1 ano me torturando com isso comecei a me transformar na pessoa que sou hoje, só depois de 1 ano eu saí do casulo e descobri a borboleta, o animal que simboliza a minha existência como pessoa alguém que viveu presa dentro de um corpo por uma vida, e então mesmo diante de muitas dificuldades consegui juntar suas forças para se transformar naquilo que era de verdade e voar, mesmo que o preço desse voo fosse a vida efêmera. E a descoberta da Borboleta também se dá em um momento da minha vida que estou meditando diariamente com Parvati, Durga e Kali, revezando entre as 3 faces da Deusa Tríplice.

A Borboleta é um animal essencialmente de Saturno, por causa de seus ciclos e transformação, é impossível pensar a borboleta sem pensar nela como um animal ligado a estas questões. Não apenas por conta de sua metamorfose, mas também pelo tempo que ela passa como uma Larva, o período que ela passa dentro da Crisálida e o curto período que ela vive como uma Borboleta em si; Mas ela não é puramente Saturniana, eu

também a considero um animal essencialmente de Plutão (Esse trabalho é ligado a magia planetária, incluindo os transpessoais, por causa da minha própria visão dos astros), porque é um animal que simbolicamente morre para renascer, morre e renasce para um novo propósito, uma nova vida.

O principal símbolo que eu atrelo a Borboleta é o Arcano número 13 do Tarô, a Morte, mas também dá para relacionar com outras cartas como a Roda da Vida.

Mas os poderes da Borboleta não acabam por aí, eu também considero a Borboleta um símbolo de Liberdade, assim como Persephone a Borboleta é um ser que chega a arriscar tudo (pois no processo da Crisálida/Casulo o animal pode morrer.) para ser quem é, para se libertar, a borboleta se liberta de seu corpo e Persephone se liberta de suas limitações em casa impostas por sua mãe, crescendo e se tornando até a Rainha Infernal.

Falando em Persephone, ela é uma das Deusas que considero estar ligada ao poder da Borboleta, não só pelo exemplo que citei logo acima, mas também por seu desenvolvimento ser intimamente ligado ao amadurecimento, o crescimento de uma Jovem até uma Mulher; Ela é levada até o inferno e alguns dizem que ela foi forçada, mas outros dizem que ela fez por que queria, mas independente do que você acha, ela comeu a romã, fruta essa que simboliza o ato sexual entre ela e Hades, seu nome antes de ser Persephone, era Koré, que significava “Donzela, Moça ou Virgem”, e após “comer a romã” ela se tornou a Rainha Infernal, e foi fadada a viver todos os invernos no inferno, e se tornando assim Persephone. Se isso não indica seu crescimento e sua passagem de jovem a mulher, eu não sei o que é então.

O último poder que eu ligo a borboleta é a força, e essa parte é a que pode gerar mais dúvidas, porque como a borboleta, um animal frágil

estaria ligado a força? Bem, a borboleta ela precisa ter força o suficiente para quebrar o casulo, não só para se libertar e não morrer de fome, mas sim porque se ela não fizer isso ela não terá força para voar, se ela mesma não se libertar de sua prisão, ela não terá força para seguir em frente, se você violar a crisálida de uma Borboleta, ela simplesmente cairá no chão e irá morrer por lá mesmo, pois não irá conseguir bater suas asas.

O que concluímos com isso é que a Borboleta é um animal de ciclos e grande poder de transformação, que simboliza a liberdade e a força e a busca pelo seu verdadeiro **Eu**, e grave isso na sua mente, pois a teorização da Borboleta não acaba por aqui.

A Alma e a Borboleta

Psique é uma palavra usada para definir “Alma, Espírito ou Mente”, e também é uma Deusa da mitologia grega, que simboliza exatamente isso, a alma, e o maior símbolo dela é a Borboleta, por ela possuir asas de borboleta em suas costas; Nos mitos de Psique ela era uma Mulher tão bonita, que a comparavam com Afrodite a Deusa do amor e da beleza, e diziam até mesmo que a jovem era mais bonita que Afrodite, fazendo alusão de que a alma era a coisa mais bela. Em outras mitologias a Borboleta também é considerada como um Espírito ou Alma, e até mesmo uma mensageira divina ou dos espíritos, na mitologia Asiática por exemplo a Borboleta podia ser um espírito querido ou até mesmo maligno, para eles um ente querido pode te visitar na forma de uma borboleta para te curar de uma enfermidade, te avisar que sua morte está próxima, ou até mesmo buscar a sua alma para levar ao mundo dos mortos.

Na Mitologia Asteca, nós temos Itzpapalotl, a Borboleta de Obsidiana, uma Deusa que representava o arquétipo de Bruxa poderosa ou Anciã, ela reina sob Tamoanchan, o paraíso das vítimas de Mortalidade Infantil

e também o local onde os Humanos foram criados, ela era uma Deusa da Magia e da Morte.

Em outras mitologias a Borboleta continua sendo relacionada à alma, na mitologia Irlandesa por exemplo, e lembra que a Borboleta simboliza o seu verdadeiro **Eu**, qual o seu verdadeiro **Eu** se não a sua **Alma**, independente de cor, de sexo ou gênero, aquilo que nos une é a borboleta, aquilo que nos une é a diferença, a borboleta está dentro de todos nós, esperando pra despertar, esperando para bater suas asas.

O Totem Borboleta

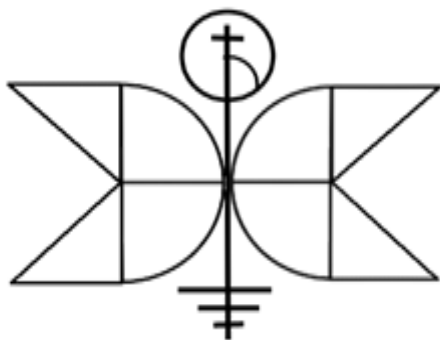
A Borboleta pra mim não é apenas um símbolo, mas um totem derivado de algo ainda maior: uma deusa, após conhecer e vivenciar a Borboleta enquanto animal totem de toda transformação, é um animal que simboliza a transição de ciclos, a liberdade e a força para vencer as barreiras e sair casulo.

Ela é também ligada ao aspecto agênero de nossas essências. E, portanto, ela é também um aspecto de união dentro da diferença, e por isso, ela é também uma ligação existente entre uma linhagem específica dentro da linhagem dos Ancestrais da Viada Chama, a ancestralidade trans.

Apesar da Viada Chama Púrpura falar sobre a diferença que nos une, a ancestralidade trans fala sobre a união de nossas vivências enquanto pessoa trans, a união de nossas lutas e, portanto, as igualdades que nos unem dentro da nossa diferença do mundo.

O totem da Borboleta é portanto, um símbolo de acesso a nossa união política, não no sentido de uma união de interesses partidários, mas sobre aquilo que nos une enquanto grupos identitários. Se a Viada Chama Púrpura é sobre a superação da ideia de identidade, o totem da borboleta é uma ponte entre essa força da Viada Chama enquanto transgressão e da

nossa vivência pessoal enquanto seres políticos, gregários e com necessidades atuais.



A borboleta é, portanto, o símbolo de nossa ligação com a nossa letra dentro da comunidade LGBTe o acesso as divindades inerentes a esse processo.

Enquanto um portal, a borboleta também pode ser usada como acesso a esferas planetárias que falam sobre a expressão de nossas essências dentro daquelas influências. Enquanto LGBTs vivemos em uma sociedade cuja única forma de existir nos obriga a sermos oposição a norma e, portanto, esquecemos de como vibrar da nossa maneira pessoal dentro dos ciclos naturais do mundo.

Ou ignorando esses ciclos nos igualando a normas heterocentradas ou subvertemos esses ciclos de forma antinatural. A borboleta é, portanto, um trabalho de acesso ao ciclo harmônico de nossa essência e também de nossas almas, ou seja, quem somos no agora, com o universo.

Para esse trabalho, criamos uma espécie de portal de sigilos que nos ajuda a estabelecer uma união entre as esferas específicas e a linguagem de nossa comunidade. Assim, sendo podemos entender a borboleta como a

integração entre as diversas esferas de nossa existência, a nossa comunidade e, por fim, todo o mundo.

É importante, no entanto, perceber que cada uma dessas esferas possui dentro de si uma série imensa de borboletas, como indivíduos ou aspectos isolados dessas esferas que nos ajudam a compreender harmonicamente quem somos, o que somos e, principalmente quando devemos ser.

Portal Planetário da Borboleta



Este portal é composto dos sigilos planetários, junto a Borboleta, os sigilos ao lado dos emblemas planetários representam as emanções das borboletas presentes dentro destas esferas, portanto, não estamos falando aqui apenas dos planetas enquanto planetas, mas de suas ligações específicas dentro do poder da Borboleta. Dessa forma, para a melhor compreensão, optei por traduzir esses conceitos em símbolos através do

meu entendimento dos planetas transpessoais a sistema dos cinco elementos oriental, conhecido como Jikkan.

Mercúrio é uma pirâmide com um olho que tudo vê, e uma língua que simboliza a comunicação, e com um sol acima simbolizando a iluminação.

Júpiter é uma coroa, simbolizando o poder de liderança, e dentro desta coroa nós temos o Sol e a Lua, simbolizando a iluminação e o poder, e o coração de um líder.

Marte é uma Kopesh que simboliza o poder criativo e ativo; o simbolismo desta espacada está ligada a decepar cabeças, o que significa quebra da ignorância.

Vênus é um Cálice, pois ele contém água, o elemento da adaptação e dos sentimentos, o cálice é de metal simbolizando o elemento de Metal do Jikkan (Vênus é o planeta de Metal), e carrega consigo uma lua em cima (que faz lembrar o sigilo a um coquetel, um drink), que simboliza o Amor e a Empatia, a polaridade Receptiva; no entanto, é importante salientar que o símbolo de vênus aqui não está ligada a questões uterinas, mas a todo o aspecto de água da nossa psiquê.

Saturno é uma ampulheta, que simboliza a passagem do tempo, a transformação e os ciclos.

Netuno é um Oceano, com ondas, um peixe e um Iceberg. O Iceberg simboliza aquilo que não conseguimos ver em sua totalidade, as coisas são muito mais profundas, os olhos enganam; enquanto que o peixe está ligado a questão aquática de netuno e a fluidez de suas ideias. A lua é o lado emotivo profundo de netuno.

Urano é um Céu, além das estrelas, simboliza a quebra de limites, no sigilo temos o Sol, a Lua e as estrelas, mostrando que o céu é o limite, mas o céu não tem limite.

Plutão é uma Porta, a porta para o além, a última porta que cruzamos na vida, a morte, essa porta tem degraus embaixo e em cima dela temos o número 13, o número do arcano da Morte.

Mas afinal, porque acessar junto a borboleta esses aspectos planetários?

Porque cada planeta ele simboliza algo dentro da nossa mente, assim como “Pecados” e “Virtudes”, a ideia é ligar o poder de transformação de cada um desses planetas ao conceito da Borboleta, e se permitir transformar em todas as áreas da sua vida, visto que cada planeta tem um processo único.

29. Ter Orgulho do que se É

Por Juliano Ferrari

Eu acho essa frase bastante forte. E não é por que é dia 28 de junho, Dia Internacional do Orgulho LGBTQIA+, que eu estou refletindo sobre isso. É sobre uma (des)construção de 33 anos.

Quando me chamavam de “viadinho” na escola e não era chamado pra fazer parte de time algum nas aulas de Educação Física, eu não tinha orgulho.

Quando me olhavam torto na família por que eu brincava de Barbie, eu não tinha orgulho.

Quando faziam piadas do meu vizinho afeminado, eu não tinha orgulho, inclusive eu dava risada junto.

Quando perguntavam: “E as menininhas?”, eu não tinha orgulho.

Quando me repreendiam falando: “Fala igual macho, moleque!”, eu não tinha orgulho.

Quando por anos eu ficava por horas chorando, ajoelhado, pedindo perdão a Deus e que tirasse isso de mim, eu não tinha orgulho.

Quando eu terminei com minha primeira namorada, me expuseram na igreja e falaram pelas minhas costas, eu também não tinha orgulho.

Quando eu dei meu primeiro beijo em um homem, quando tive minha primeira decepção, quando eu me dei conta de que eu era uma “bixa” fora do padrão, lá em meados de 2010, eu não tinha orgulho. Nenhum.

Mesmo porque mesmo depois de “sair do armário”, eu era aquele que falava: “Tudo bem ser gay, mas precisa ser afeminado?”

Pois bem. Foram muitos anos pra que eu aprendesse, me permitisse, me enxergasse, entendesse meu lugar no mundo, quem eu realmente era pra hoje, bater no peito e falar “EU TENHO ORGULHO EM SER LGBTQIA+”

E eu tenho que ter orgulho por que eu estou vivo, por que eu cheguei até aqui. Se hoje eu posso levantar essa bandeira e a plenos pulmões expressar quem eu sou, é por que muitos e muitas morreram na linha de frente desta batalha (e infelizmente ainda morrem, afinal o Brasil ainda é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo).

Hoje, eu posso aparecer aqui, despido de tudo que um dia me prendeu e me amarrou dentro de lugares muito escuros, mesmo não tendo um corpo malhado, definido, adorado e idolatrado pela comunidade GGG, mesmo não me encaixando em um monte de rótulos e esteriótipos, mas com minhas cicatrizes, minhas marcas, minhas “cores”, e meu peito escancarado pra ter orgulho de quem eu sou.

E não é só sobre mim. É sobre NÓS.

Esta data existe porque todos os dias, alguns de nós morrem por transfobia e homofobia. Porque o Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais do mundo. Porque LGBTQIAs são agredidos, mortos, incendiados, violentados verbal e fisicamente só por existirem.

Não é só sobre a visibilidade dos gays. Não é SÓ sobre uma letra. É sobre Lésbicas, Bissexuais, Travestis/Transexuais & Transgêneos, Queers, Intersexuais, Assexuais e o sinal de “+” é justamente pra representar a DIVERSIDADE em toda sua expressão.

Nossa luta não é só sobre o direito de AMAR, mas sim de EXISTIR sem temer. É pela liberdade dos corpos, dos afetos, das expressões, das existências, dos desejos, das relações e dos seres.

É sobre INCLUSÃO, nós não precisamos pedir respeito. Nós exigimos RESPEITO.

“Nós não precisamos ser aceitos ou tolerados, ninguém tem esse poder e nós tiramos isso de vocês. Vocês irão nos respeitar pelo que SOMOS”, já diria Dominique Jackson, a Elektra Abundance-Evangelista da série ‘Pose’.

Nós queremos o que é garantido por lei a todo cidadão, segurança pra sair na rua, , um mercado de trabalho que promova espaço igualitário e diverso além do mês de junho, pautas para diálogos inclusivos na política, na saúde, na educação para a promoção da diversidade de corpos e existências com respeito!

Orgulho é celebração, sim... tudo lindo cheio de glitter, arco-íris e alegria. Mas o fervo também deve ser luta, orgulho também é sobre resistência e é memória pela Revolta de Stonewall, em 1969, em Greenwich Village/NY, onde tudo começou. Muitos corpos de negras travestis e transexuais foram massacrados para que a gay branca padrãozinha pudesse tirar sua camiseta na The Week e falar que ela tem orgulho em ser gay em seu privilégio.

Tem algo a mais por detrás de um lindo arco-íris. Tem muita luta e resistência pela existência. Não basta só uma bandeirinha no perfil durante o mês de Junho todo. O dia do orgulho é todo dia. Portanto, assim como encontramos no Liber AL vel Legis, “Também sereis fortes na guerra” (III:28) e “Como irmãos lutai” (III:59).

Em Luz, Vida, Amor & Liberdade.

93, 93/93

30. Tibira do Maranhão

Por Samýaretê Enrogê Ñ

UM RESGATE ANCESTRAL NA MARTIRIZAÇÃO DE UM CABOCLO GAY

Em diversas culturas, os mortos sempre estiveram presentes em seus cultos, fé, memórias – lembranças de um dia que o morto tem experimentado a vida e comungado com seus semelhantes.

Esta mentalidade tem como finalidade o fortalecimento do espírito na crença de que este ainda vive no outro lado da natureza, o reino espiritual e, com este, influenciar a vida em vários âmbitos dos vivos, seus familiares.

Esta fé de fortalecimento à ancestralidade, de reavivar a memória daqueles que um dia caminharam na terra, no Brasil, tem grande importância nas práticas do catolicismo popular, das religiões afro e cultos indígenas. Como podemos ver na umbanda, catimbó, toré, tambor de mina e pajelança cabocla, por exemplo.

Há uma reverência, uma comunhão nestes cultos aos encantados, caboclos, boiadeiros, preto velhos, que remontam uma história de luta, resistência e empoderamento de grande influência na construção da sociedade brasileira, lembrando um dia de guerra, justiça e luta pela vida.

Por um ato de ressurgir uma história apagada e até mesmo reverenciar desta, como representatividade da comunidade LGBTQ+ no País. Assim, como levar a luz deste desfecho vida de um indígena homoafetivo do povo originário Tupinambá. Tibira do Maranhão, como foi chamado, por ter sua orientação sexual livre, em 1614, tornou-se o alvo dos religiosos da Igreja Católica, registrando a primeira morte por

homofobia no Brasil. A palavra em si, Tibira, vem do tupi e é relacionado as pessoas homoafetivas.

Abaixo, os trechos de sua história descrito por D'Èvreux, em seu livro - Histórias das coisas mais memoráveis, ocorridas no Maranhão nos anos de 1613 e 1614:

"Um pobre índio (sodomita), bruto mais cavalo do que homem, fugiu para o mato por ouvir dizer que os franceses o procuravam e aos seu semelhantes para matá-los e purificar a terra de suas maldades por meio da santidade do Evangelho, da candura, da pureza, e da clareza da religião Católica Apostólica Romana".

"Apenas foi apanhado, amarraram-no e trouxeram-no com segurança ao forte de São Luís, donde deitaram-lhe ferros aos pés; vigiaram-no bem até que chegassem os chefes principais de outras aldeias para assistirem ao seu processo e proferirem sua sentença e sua morte, como fizeram afinal. Não esperou o prisioneiro pelo princípio do processo e ele mesmo sentenciou-se, porque diante de todos disse: 'Estou morto, e bem o mereço, porém desejo que igual fim tenham os meus cúmplices'."

Tibira morreu na boca de um canhão, a bala dividindo-o ao meio, uma parte na muralha em que estava amarrado e a outra caindo ao mar, sendo martirizado pela sua luta à liberdade. Ele foi batizado antes de morrer e em sua morte chamaram de Dimas, em menção à São Dimas – o bom ladrão crucificado ao lado de Jesus.

De Santo à Caboclo, nos cultos populares, os heróis ganham ideais arquetípicos que traz aos devotos aquilo que necessitam para suas lutas diárias, seja benções, proteção, saúde, paz, amor - carregado de simbologias que ressignificam e doutrinam suas histórias a outrem.

Eis a música, um dos compostos da manifestação desta arte, nestes cultos, chamam-se de pontos ou doutrinas, de forma a cantar a história ou parte daquilo que a entidade/ancestral vivenciou quando estava na natureza da vida. As doutrinas são como um chamado, uma evocação/invocação, uma abertura de portal para comunhão entre espíritos.

Neste processo de reavivar a memória, empoderar e carregar estes ideais de quem foi Tibira, como um herói, santo, mestre e guerreiro na luta pela liberdade e expressão do amor livre. Segue sua doutrina como o canto do pássaro de Tupinambá, regado pelas suas cores de verde, vermelho e amarelo com suas oferendas de tabaco e flores, elementos contidos nos mistérios dos mortos como a graça da vida. Presentes para os espíritos dos Caboclos, ancestrais indígenas - para trazer proteção, paz de espírito, amor e bençãos para aqueles que vivem na marginalidade da sociedade.

Doutrina Tibira do Maranhão

Onde estou, sou livre pra cantar,
Lá além das montanhas, na morada de Tupã Cinungá.

Vim do Maranhão,
morri por amar,
Sou Tibira,
índio Tupinambá.

"Sou guerreiro,
Sou guerreira,
eu sou o que sou,
sou pássaro livre que traz toda forma de amor." 2x

31. Entidades Queer

Diversas entidades em várias culturas quebram as barreiras de gênero e adotam questões de sexualidade bem distantes do binarismo observado atualmente. Alguns deuses possuem os gêneros masculino e feminino em si, outros não possuem nenhum destes, e outros ainda migram entre o masculino e o feminino dependendo da situação. Em outros casos, os deuses podem ter sexualidades não normativas, sem que isso seja visto como algo espantoso pelas culturas às quais fazem parte, e muitas vezes tais aspectos de sexualidade fluida são de suma importância para seus mitos.

Neste capítulo, serão abordadas não somente as entidades que são definidas como LGBTQ+ em seus respectivos mitos, mas também as que possuem aspectos ou associações com o universo Queer. O propósito desta compilação é fornecer aos magistas LGBTQ+ ideias de energias a serem utilizadas para desenvolvimento de rituais próprios, ou mesmo um ponto de partida para estudos mais aprofundados.

Primeiramente, no aspecto de possuírem mais de uma polaridade energética (e não uma polaridade única masculina ou feminina), podem ser citados os deuses a seguir em cada panteão ou vertente.

- Brasil: Uanana;
- Grécia: Hermafrodito, Fanes, Fúsis, Agdistis, Frígie e Romane;
- Kemet: Ash, Hapi, Wadj-Wer;
- Nórdico: Ymir, Loki (assumia a forma que desejava, incluindo animais);
- Austrália: Ungdu, Angamunggi, Labarindja;
- Ilhas Pacíficas: Bathala, Malyari, Mahatala-Jata, Menjaya Raja Manang;
- Filipinas: Lunzo;

- China: Lan Caihe;
- Zimbábue: Mwari;
- Japão: Inari, Ishi Kori Dome, Oyamakui, Shirabyoshi;
- Budismo: Ananda, Guanyin, Avalokitesvara;
- Índia: Ardhanarshvara, Vishnu, Krishna, Bahuchara Mata, Budha Graha, Ila, Nammallvar, Samba, Bhagavati-devi;
- Voodoo: Ghede Nibo, Erzulie (em alguns casos);
- Dahomean: Mawu-Lisa;
- Akan: Abrao (Júpiter), Aku (Mercúrio), Awo (Lua) (deificam corpos celestes de forma andrógina ou transgênera);
- Navaho: Ahsonnutli;
- Mesopotâmia: Ninmah;
- Asteca/Maia: Ometeotl, Deus@ do Milho;
- Hermético da Kabbalah: Jehovah.

Outras entidades possuem associações mais complexas com as questões LGBT+, que são expressas em seus mitos de forma mais ou menos explícita, direta ou indiretamente.

Lil, Lilitu e Lilith

Lil é o espírito feminino do vento, e Lilitu a versão Babilônia de Lammashu, espírito com cabeça de cachorro devorador de recém-nascidos. Na mitologia judaico-cristã, ambas são sincretizadas em Lilith, que teria sido a primeira esposa de Adão, criada a partir do barro como ele, e que recusou-se a deitar por baixo do esposo, sendo então expulsa do Éden e condenada a ter metade de seus filhos mortos todo dia. Lilith, portanto, representa a igualdade entre os gêneros.

Logun Edé e Oxumarê

Possuem aspectos queer e muitas vezes têm uma energia mais feminina. Oxumarê é uma serpente durante metade do ano, que espalha o arco-íris nos céus, algumas versões que já ouvi ele vira mulher¹⁰. Logun Edé é um deus que tem uma questão feminina em si porque ele passou a entender não só os mistérios da caça do pai, Oxossi, como também os da mãe, Oxum. Integrando assim ambas as polaridades e exercendo um papel muito similar aos que as pessoas 2-Espíritos na América do Norte exerciam.

Inanna

Inanna é conhecida como a Deusa do sexo, da fertilidade e da guerra. Inanna devora homens como cachorros, mancha de sangue o rio das terras estrangeiras, é dona de fúria implacável, sábia e sensata, é dotada da mais bela beleza, é dona dos prazeres, considerada aquela que transforma homens em mulheres e mulheres em homens (ver capítulo 11).

Hapi

Hapi é uma divindade egípcia que simboliza a cheia do Nilo, representada como um homem azul com seios e barriga proeminente, muitas vezes junto à flor de lótus e ao papiro, em sua cabeça e em suas mãos. Representa a fertilidade e a fecundidade do Nilo, amamentando o bebê Osíris em alguns poucos murais e carregando bandejas de alimentos e jarros de água em outros.

¹⁰ Eilonwy Bellator: amigos meus que fazem parte do candomblé já disseram que filhos desse orixá, dessa divindade, podem ter uma tendência à bissexualidade ou coisas do tipo em questão de gênero.

Uanana

Uanana é uma poderosa entidade dos índios Tucanos da qual pouco se sabe de fato, uma vez que a tradição oral desta etnia foi dizimada por invasores de seu solo sagrado ao longo dos séculos. Diz-se que todos os homens a desejavam, mas ela resistia a seus encantos e passava as noites contando mitos da criação e lendas sobre a Lua. Um dia, as mulheres da aldeia foram conversar com ela, pois os homens estavam tristes com tanto desdém. Então, Uanana revelou que tinha genitais masculinos, e fez amor com cada uma das mulheres. Em seguida, dormiu com todos os homens e subiu aos céus, em direção à Lua. Os filhos nascidos naquela geração foram chamados filhos de Uanana.

Harihara

É uma fusão entre Vishnu e Shiva, representada como um ser branco e azul ou rosa e azul, de caráter andrógino. Pode também ser considerado uma representação dual do mesmo princípio hindu Brahma, com duas metades relacionadas a Vishnu e Shiva. Uma representação similar ao Harihara, mais ligada especificamente à dualidade de gênero, seria o Naranari. Harihara e Naranari representam a ideia de que diferentes manifestações (inclusive com gêneros distintos) podem provir do mesmo princípio.

Antínoo

Antínoo era amante do imperador romano Adriano, que morreu afogado no Nilo em uma das viagens onde acompanhava o imperador. Após a morte, Adriano estabeleceu o culto a seu amado perdido, e Antínoo foi sincretizado com diversos deuses na forma de homens jovens aos quais se prestava culto (ver capítulo 19).

Chaos

É uma entidade Grega que existia no início de toda a criação, não possuindo um gênero específico e talvez nem mesmo podendo ser considerado propriamente um “deus”. Segundo Ovídio, é “a personificação do vazio primordial, anterior à criação, quando a ordem ainda não havia sido imposta aos elementos do mundo”. Contém o potencial infinito de tudo que existiu, existe e virá a existir, porém nada ainda materializado.

Hermes, Mercúrio

Hermes, na versão grega, e Mercúrio, na versão romana, é uma entidade não binária (com representação masculina) que se tornou patronesse de muitas qualidades, como eloquência, hermenêutica, comunicações e viagens, comércio, ginástica, astronomia, magia, divinação, ladrões e diplomatas. Também representa algumas iniciações, e em alguns mitos é apresentado como guia dos mortos no Hades.

Hermafrodito

Prole de Hermes e Afrodite, esta entidade manteve o caráter não binário relacionado ao pai, e em algumas versões do mito nasceu como homem mas adquiriu caráter não binário ao se unir com a ninfa Salmacis. No mesmo mito, Hermafrodito teria encantado um lago para que toda pessoa que se banhasse ali se tornasse andrógina.

Sedna

No panteão nativo americano do Norte, a deusa Sedna é uma divindade Inuit criadora, com domínio dos animais marinhos. Ela é descrita como hermafrodita em alguns mitos, e é servida por xamãs 2-Espíritos. Outros

mitos mostram Sedna como bissexual ou lésbica, vivendo com sua parceira no fundo do oceano.

Caenus, Himeneu, Zeus

Caenus era um homem trans. Ele era originalmente conhecido como Caenis, filha de Atrax, mas foi transformado em homem por Ísis (Aset). Himeneu é uma divindade ligada ao casamento que se apaixonou por uma menina e se transformou numa mulher para poder se aproximar dela. Zeus já tomou a forma da própria filha, Ártemis, por querer possuir a ninfa Calisto.

Frey, Odin

Os sacerdotes de Frey mesmo sendo " másculos", muitas vezes eram tidos como sendo fluidos de gênero. Era muito comum eles se vestirem como mulheres e até mesmo ter trejeitos ditos femininos (ver Capítulo 18). No caso de Odin, este se travestia para ter acesso a práticas restritas apenas às mulheres, como *seidr*, magia que lhe foi ensinada por Mardöll.

Gwydion, Gilfaethwy

Ambos os deuses celtas foram transformados em três animais por três anos, um por ano, por seu tio Math após este descobrir que Gilfaethwy estuprou a virgem que servia a ele, recebendo a ajuda de Gwydion que foi quem maquinou o arдил em que Math caíra. Então, Gwydion se tornou um cervo, uma leitoa e um lobo. Ao passo que Gilfaethwy virou uma corça, um javali e, por fim, uma loba. Durante esse tempo, eles tiveram três filhos.

Zéfiro

Zéfiro é um dos quatro ventos na mitologia grega, e esteve envolvido em um mito onde disputava o amor de um soldado espartano, Jacinto, com o Deus solar Apolo. Certa vez, Jacinto estava treinando arremesso de discos, e Zéfiro viu que Apolo estava observando o treino do rapaz, admirando sua beleza e habilidade. Com ciúmes, Zéfiro mudou a direção do vento para que o disco atingisse Apolo, mas Jacinto acabou sendo atingido na cabeça e morreu. Zéfiro se arrependeu, e para se redimir criou uma flor vermelha com o sangue do soldado, que chamou de Jacinto, florescendo na primavera. Na goécia, o Daemon Zepar (derivado de Zephyr) é um dos únicos que pode causar o amor entre duas pessoas sem especificação de gênero, portanto regendo também o amor homossexual, e aparece como um soldado com armadura vermelha.

Dioniso

Dioniso é um deus que pode auxiliar na transição e no empoderamento não só de pessoas homossexuais, bissexuais ou pansexuais, mas de pessoas transgêneras. Em um de seus mitos, para fugir da fúria da deusa Hera em querer destruí-lo por ele ter nascido do amor de seu marido Zeus pela mortal Sêmele, ele mudou de gênero e disfarçou-se de mulher por um tempo para que a deusa não o encontrasse. Por esse motivo ele é um deus que não só entende como vive a transformação dos gêneros e conhece a dor de quem passa pela transgeneridade, e pode até mesmo auxiliar pessoas não-binárias (ver Capítulo 20).

Loki

Loki, o deus Trickster Nórdico, possui capacidades incríveis de transmutação e mudança de forma, tanto em termos de gênero quanto

de espécie. Em um de seus mitos, se converteu em égua para se unir a um garanhão e dar à luz o cavalo mais rápido do mundo, Sleipnir.

Santos Queer

Muitos dos Santos da Igreja Católica possuem dados biográficos que comprovam, em maior ou menor nível de certeza, sua homossexualidade. Alguns exemplos são São Aelred (considerado patrono dos grupos religiosos gay-friendly) e Santa Erzulie (considerada patronesse das lésbicas)¹¹.

¹¹ Maiores detalhes em:

<https://www.advocate.com/religion/2017/6/02/30-lgbt-saints#media-gallery-media-0>

32. Rituais Queer

Neste capítulo são reunidos alguns rituais desenvolvidos pelos autores deste livro e que são voltados para questões LGBTQIA+. Sinta-se à vontade para ler, entender cada elemento usado no ritual, e caso necessário substituir as partes que desejar por outros elementos de caráter similar e com os quais tenha maior intimidade.

Conectando a Aura Viada à Chama Púrpura

Por Felix Mecaniotes

Este primeiro exercício tem como fundamento centralizar nossa energia e ter um primeiro vislumbre do que seria a Viada Chama. E, principalmente, do que seria a Viada Chama dentro de nós. Nossa Chama Interior, a Aura Viada. Esse exercício pode ou não ser feito com o auxílio do “Garanhão de Chifre” (totem descrito no capítulo 5); eu recomendo que se faça primeiramente sem, e numa outra ocasião, com. Este exercício deve ser feito no máximo uma vez por mês.

Para este ritual você precisará de:

- 1 vela de sete dias de sete cores. (ou sete velas cada uma em uma das cores do arco íris LGBT)
- Essência de Lavanda (óleo essencial ou essência artificial) ou flor de Sálvia
- Uma caixa de Incenso de Sálvia, Arruda ou Lavanda
- Um copo com água filtrada ou mineral por dia (7 dias)

Caso esteja trabalhando com um totem, acrescente:

- Uma maçã com o símbolo do totem desenhado

O ritual:

Sente-se confortavelmente. No primeiro dia, acenda a vela de sete dias, dizendo: “Neste instante, eu acendo a luz da minha chama, pois conhecer minha essência minha alma clama.”, você a deixará acesa pelo resto do trabalho.

Se estiver trabalhando com as sete velas, você deve acender cada uma num dia, iniciando sempre com o encantamento da vela de sete dias, depois passando para a frase do dia. (com a vela de sete dias, basta acende-la no primeiro dia, e só ir dizendo as frases dos dias em cada respectivo dia).

Se estiver trabalhando com o totem, coloque sua maçã ao lado de sua mesa de trabalho ou seu altar durante todo o processo, ao final, basta agradecer o totem e depositar sua maçã aos pés de uma planta florida.

Dia 1: Vela Rosa — Sexualidade

“Eu atraio o que estou enviando. É preciso sabedoria para escolher. Se há algo que quero e não recebo, é preciso me abrir para receber”.

Ao dizer essa frase, coloque o copo de água entre você e a vela. Sente-se confortavelmente, acenda o incenso, tome alguns instantes para compreender o sentido da frase para você. Lembre-se de tomar nota.

Feche os olhos, mas concentre-se na chama da vela, ela representa a sua chama, e neste instante ela emana o conhecimento acerca da sexualidade. Como você lida com sua sexualidade? Você se reprime por causa dos outros? Sexualidade é muito mais do que apenas as pessoas por quem você se atrai ou se você é assumido(a) ou não, mas sobre como você se sente de fato satisfeito(a) dentro do sexo.

Como você experiência sua sexualidade? De que formas ela pode melhorar? Tome uns instantes para pensar sobre isso. Perceba a energia de sua chama expandindo-se.

Agora escolha outro espectro da Chama Viada, qualquer um, se você é uma mulher trans hetero, se imagine como uma mulher cis lésbica; ou uma pansexual, se você é um homem gay, se imagine como um homem trans hetero, o importante é que nos próximos minutos você se imagine como outra pessoa desse mesmo espectro, sobre você em outra percepção de vida.

Como você vivência sua sexualidade sobre este aspecto escolhido? Como é sua vida? Você está satisfeito? Agora, porque você escolheu esse espectro? Quais as aproximações e diferenças entre o seu eu habitual e esse novo eu especulativo?

Quando achar que sua meditação foi satisfatória, abra os olhos, escreva todas as suas impressões, e encerre o ritual dizendo:

“Neste instante eu envio ao universo paz e harmonia, pois quem compreende seu lugar no mundo está sempre cheio de alegria.

Por fim, beba a água, simbolizando a absorção daquele conhecimento e apaziguamento de qualquer desconforto que tenha surgido.

Dia 2: Vela Vermelha — A Vida

“Eu estou conectado a outros, através dos outros eu me vejo, como os outros me veem não é como eu sou, mas eu só posso vê-los através de mim”.

Cada um de nós reconhece o que é ser O Outro, o estranho, o diferente. Para os que ainda não assumiram seu gênero ou não assumiram sua

sexualidade para o mundo isso é tão verdade quanto para aqueles que já o fizeram.

Desde pequenos somos ensinados a ver o mundo de uma certa forma, enquanto que nossa existência muitas vezes quebra parâmetros anteriores na vida das pessoas que amamos, isso causa certos efeitos que vão desde a completa aceitação destes, passam por aceitação com pequenas desconstruções necessárias, até mesmo a casos de total não aceitação.

Não há absolutamente nenhum LGBT no mundo que não tenha se percebido apenas uma vez como o Estranho, o outro, por mais que tenhamos uma rede de aceitação ao nosso redor, o que é raro, ainda assim em algum ponto entramos em contato com pessoas ou situações que nos são desconfortáveis.

O exercício deste dia é similar ao passado, você deverá imaginar essas situações que aconteceram com você; não tome muito tempo significando estes momentos, imagine-os acontecendo como se você estivesse apenas observando o acontecimento. Isso ajuda a criar uma separação entre você e o evento. Por último, imagine o evento de uma forma que seria melhor para você, de uma forma de superação.

Ao completar este exercício, pense na dor que você infligiu a outros, visualize este momento, mas dessa vez se imagine completamente na pele daquele pessoa, ao final, resinifique este momento, de forma que a pessoa (de quem você assumiu momentaneamente a identidade) supere a situação naquele momento.

Faça isso em quantos eventos e quanto tempo for necessário. Por último, perceba como as coisas que você aprendeu são usadas não só para magoar você, mas como muito disso também é usado inconscientemente por você para magoar os outros.

Ao final, diga a frase:

“Eu sou resultado de tudo aquilo que fui. Neste instante libero de mim aquilo que não serve, como uma roupa que não quero mais vestir. Neste momento, encontro dentro de mim quem eu sou, e através de mim, ao estar curado, curo o outro”.

Beba a água.

Dia 3: Vela Laranja — A Cura

“Eu sou único. Eu me honro. Eu sou feliz por ser quem eu sou”

No dia três, seu exercício é muito simples: ao acender a vela, você deverá pegar um espelho, de qualquer tamanho contanto que você consiga ver seu rosto refletido nele. Pegue a essência de lavanda e desenhe um pentagrama no sentido horário nele, visualizando uma grande chama púrpura o cobrindo de dentro para fora.

Ao fazer isso, você deverá se olhar no espelho e repetir a frase deste dia oito vezes, olhando eu seus olhos. Então, pense em algum LGBTQ que você admira, pode ser alguém famoso, um amigo, seu relacionamento amoroso, imagine que é o olhar desta pessoa que está ali, olhando para você e repita o mesmo procedimento mais oito vezes.

Não há uma frase de encerramento. Você deve beber parte da água e derramar o resto no espelho, depois você pode usá-lo normalmente.

Dias 4 e 5: Vela Amarela e Vela Verde — A Luz e a Natureza

Os exercícios do dia 4 e 5 não tem uma frase de início. Você deve apenas acender a vela com a frase inicial, ou começar direto o trabalho caso esteja trabalhando com a vela de sete dias.

Beba metade de seu copo de água agora.

Para começar, com seu dedo médio de sua mão de poder trace um pentagrama no pulso de sua outra mão utilizando a essência de lavanda, depois faça o mesmo procedimento com a outra mão. Ao terminar e se sentir pronto recite:

“Antes de mim vieram os primeiros reverenciados
Aqueles que a chama pertencem elevados
Eu saúdo Lili Elbe, Allan Turing e Ginsberg
E também Safo, Joana e Aqueles de Stonewall
Eu saúdo a face brilhante do sol, eu canto Pã, eu canto Hermes
Eu canto por Dionísio e Febo, eu canto com maestria
Eu saúdo a face prateada da mãe, eu chamo Lilith
Amaterasu vem para nos ensinar, Nefits caminha para curar
Eu chamo aqueles que por mim morreram
E juro pelos que ainda não nasceram
Que honrarei em mim a grande chama viada
De púrpura essência encantada
Cujo outro nome é liberdade
Filhos das estrelas que vivem sob a terra
Em montes ociosos, ao redor de encantados fogos
Abençoados sejam.”

Ao terminar comece a meditação:

Você caminha em uma floresta de bétulas, as árvores brancas lhe chamam a atenção, mas você continua a caminhar. Ouve o som das folhas, a terra batida em seus pés e percebe estar numa trilha em linha reta. Um pouco mais a frente você encontra uma encruzilhada de três caminhos.

Escolha qualquer um dos caminhos, neste momento não importa, sinta o farfalhar do vento, os animais, e caminhe até encontrar uma enorme clareira e uma grande pira apagada.

Ao ver esta pira, você põe a mão na altura de seu chacra cardíaco e retira uma pequena fagulha de seu coração para acender esta pira. A chama é púrpura, mas não é perfeita, observe a cor da chama. Ela possui mais vermelho? Ela possui mais azul? Como ela lhe parece? Ela trás outras cores? Se sim, o que significariam estas cores?

Você percebe que ao acender a pira, diversos seres chegam até você, alguns são humanos, alguns são pessoas que você conhece e já partiram para o Outro Mundo, outros são pessoas que você nunca conheceu, mas há outros seres também: fadas, dragões, unicórnios, uma série de seres mágicos que vieram lhe auxiliar em sua jornada, todos ao redor da sua chama.

Converse com eles, pergunte a eles sobre sua chama, sobre como ela parece para eles, como você pode agir no mundo para que esta chama brilhe cada vez mais forte. Por último, ouça os conselhos da própria chama. Como é a voz dela? Como ela lhe parece? O que ela te diz?

Ao final, perceba que a chama fica um pouco mais forte, tome-a com sua mão de poder e retorne-a ao seu coração, sinta o poder pulsando em você. Agradeça aos seres que ali estiveram e volte pelo mesmo caminho que veio.

Você deve fazer esse mesmo exercício nos dois dias, mas deve se atentar para escolher caminhos diferentes na encruzilhada, anote os caminhos que você escolheu, se era o da direita, do meio ou da esquerda, e anote também as diferenças entre estes caminhos.

Por último, beba a água e diga: “Eu acendi minha chama para brilhar no mundo”.

Dia 6: Vela Azul — A Harmonia e a Serenidade

“Eu sou a paz deste mundo, a paz deste mundo está em mim. Ao me curar, eu me integro no mundo, ao me integrar, eu curo, ao curar, eu trago a paz para o mundo, eu trago a paz para mim”.

Neste dia você deverá pensar no que lhe falta para alcançar a paz. Há algo que te aflige enquanto LGBT? A algo que você percebe que falta ao nosso povo? Se não aqui, em alguma parte do mundo?

Seria segurança? Amor, harmonia? Seria a maior aceitação no mundo, seria uma maior aceitação entre nós mesmos? O que lhe falta para ser feliz? O que falta ao nosso povo para viver em paz?

Medita sobre isso alguns instantes. Ao fazer sua escolha, beba metade da água, repetindo o mantra deste dia, agora você irá retornar a mesma meditação do dia 4 e 5, mas escolherá o caminho que havia restado e que ainda não havia sido explorado por você.

Você perceberá que ele é um pouco mais longo e que os seres lhe acompanham já nele, lhe trazendo presentes e conselhos sobre o que falta a Viada Chama para brilhar ainda mais forte e trazer para o mundo cada vez mais suporte a nosso povo e suporte para você, os escute atentamente.

Ao chegar na clareira, você deve acender a chama da mesma maneira que fez antes, ela parece a mesma? Ela está diferente? Como ela mudou? Neste momento erga suas duas mãos sobre a chama e a alimente. Alimente com seus desejos, com seus medos, com seu poder pessoal,

alimente-a com as bênçãos que você deseja para nossa comunidade, as bênçãos que você deseja para você.

Ao terminar, agradeça aos seres, se despeça da chama e a deixe ali acesa, ela é um pilar de poder dentro da nossa comunidade, ela alimenta a grande Viada Chama que nos protege, nos ilumina e nos cria.

Escreva suas impressões. Tome o resto da água e encerre dizendo:

“Eu faço parte de seu povo”, três vezes.

Dia 7: Vela Violeta — O Espírito

Durante seis dias você caminhou lado a lado com a Viada Chama, experimentou seu poder. Os três primeiros dias são sobre empoderamento pessoal e embarcar no processo conhecendo a si mesmo e se fortalecendo através dos outros, os três últimos são justamente o contrário, fortalecendo os outros para fortalecer a si.

Uma forte comunidade é uma comunidade que entende que somos tão fracos quanto o elo mais fraco da cadeia, que nenhum de nós está seguro, enquanto todos nós não o estivermos.

Este último dia é o encerramento. Não existe uma frase de início, você deve apenas agradecer a vela por todo o poder e conhecimento que adquiriu até aqui. Por último faça o mesmo procedimento nos pulsos como nos dias 4 e 5 e se prepare para a meditação.

Você caminha na encosta de uma montanha. Ao seu redor, todos os seres que conheceu no início dessa jornada lhe acompanham, assim também como outros. Tome um momento para perceber a todos que estão ali com você, todos que fizeram esta mesma jornada. Somos todos um povo, um grande povo subindo a montanha.

O caminho não é longo, apesar do percurso ser íngreme. O vento torna-se mais forte a medida que você avança, mas os outros estão com você e o poder de todo esse povo emana como uma grande onda púrpura ao redor da montanha.

Ao chegar no topo desta montanha você percebe uma grande pira de Chama Púrpura e ao redor desta pira todos os milhares de nós que já morreram e que hoje guardam esta pira. Este é o fogo de nossa essência conjunta, este é o poder dos sonhos e aspirações, das esperanças e medos de cada LGBT no mundo, este é o grande poder que emanamos no mundo.

E somos muitos. Cada vez que uma musica conta como é ser parte desse povo, somos nós. Cada vez que um estilista de nosso povo faz uma roupa, somos nós. Cada vez que um de nós ganha um campeonato de natação, somos nós, quando inventamos uma nova linguagem digital, somos nós. Cada uma das vitórias de nosso povo, cada uma das vitórias de nosso povo dentro do mundo, todos nós brilhamos.

Esta chama é o entendimento que não devemos nos mostrar como inofensivos, mas como poderosos, inventivos, combativos. Receba um pouco dessa chama com você, respire-a, receba seu poder. Receba as bênçãos dos ancestrais.

Ao terminar, olhe ao seu redor e veja que a montanha fica ao centro de um grande bosque de bétulas. Lá de cima, você consegue ver as milhares de clareiras, algumas com piras acesas, algumas com pisas a se acender, você consegue vislumbrar o poder e a magia da liberdade preenchendo seus pulmões. Você percebe o quanto somos muitos e como cada um de nós importa. Libere um pouco da Chama que você acalentou em si e alimente essas chamas, alimente o nosso povo.

Ao final, agradeça a todos ali presentes e retorne pelo mesmo caminho, retornando a este mundo.

Quando terminar a meditação, beba metade da água e deposite o resto dela numa planta florida, na terra ou em seu caldeirão, enquanto recita novamente a oração dos dias 4 e 5. Anote todas as suas impressões e, se um dia for fazer o trabalho novamente lembre-se de tomar um tempo para reler todo o seu percurso até aqui e ver o que mudou de suas impressões.

Se estiver trabalhando com o Garanhão de Chifres, deposite a maçã dele numa planta florida e agradeça.

Este exercício vai lhe ajudar a fortalecer sua Aura Viada e assim ajudar a manter e a fazer crescer a Viada Chama, lhe ajudando também a compreender seu magnífico poder. Ao final deste processo, você compreenderá que mais do que um grupo, a Viada Chama Púrpura é uma egregora de poder pessoal que pode ser despertada dentro de nós e através daí fortalecer não apenas a nós mesmos em nossa magia e em nossa vida pessoal, mas também a toda comunidade.

Consagração de Antínoo

Por Michel Valim

Então você conseguiu uma imagem para colocar no seu altar. Ótimo. Mas precisamos saber que uma imagem por si não é uma imagem de culto. O que diferencia uma representação dos deuses de uma imagem de culto é o status de consagração que lhe conferimos por meio de rituais específicos. Na antiguidade haviam rituais específicos para isso. Alguns mais simples, outros mais sigilosos e escabrosos, mas cada um com seu sentido e adequado às necessidades dos povos que as utilizava. Exemplo: em alguns lugares da Beócia, onde Dionísio era cultuado, as imagens

eram feitas em lenha de figueira e consagrado com sangue do bode que lhe era oferecido em sacrifício.

Certamente por um motivo ou dois nos dias de hoje isso não é tão viável ou coerente com as leis e princípios ambientais. Felizmente podemos trocar os símbolos do ritual, lhe preservando o simbolismo, que é mais importante.

A seguir sugerimos um ritual bem simples para consagração de uma imagem para culto.

Observações Prévias

1 - A imagem deve estar totalmente pronta e limpa antes da cerimônia; sendo assim se for pintada já deve estar pintado, com o seu nome e eventualmente roupa e/ou assessorios (devidamente consagrados também).

2 - Como em todo ritual a ortopraxia exige a purificação e o uso de roupas limpas. A purificação pode ser feita com banhos de ervas, fonte ou mar.

O Ritual

- Acenda a vela e a consagre da seguinte forma: "Eu, (seu nome atual ou nome de batismo na religião ou culto ao qual pertence), consagro esta vela a Antínoo para que reconheça esta imagem como Tua divina representação. Que esta vela sirva de luz e orientação. Ave Antinous!

- Consagre o espaço com água lustral: pegue um ramo de louro ou arruda, queime na chama e com ele aspergir a água no espaço da celebração.

- Acenda o incenso de sua preferência
- Recite um Hino a Antínoo* (ver abaixo)
- A seguir a imagem pode ser untada com um óleo de mirra; caso não tenha acesso à mirra, pode-se usar o azeite.
- Faça a consagração da imagem por meio de uma declaração. "Ó, Antínoo, isto é para Ti e em tua homenagem, preenche este ambiente com tua presença!"
- Verta uma libação, queime ofertas e faça preces, à sua vontade.
- Faça uma prece e libação final e encerre o ritual como de costume.

Obs.: O ritual pode ser adaptado para consagração de outros objetos de culto, como cadernos de registro, utensílios de ritual e oráculos.

Hino à Sagrada Imagem de Antínoo

Ó, Belo Antínoo da Bitínia
 Tu és o Maior e Mais Bondoso Deus
 Tu és o Deus do Amor Homossexual
 Teu rosto perfeito é a Estrela da Manhã
 Dos Céus Sem Fim.
 Mais belo Príncipe das Flores,
 Adônis do Submundo,
 Este Antinoicon é Tua Verdadeira e Sacra Beleza.
 Este ídolo é a Divina Verdade da Tua Sacra Imagem.
 Nos caracóis de Teus cabelos
 Todo o universo se desdobra, Tua coroa são as estrelas,
 Os louros e a hera de galáxias distantes
 Repousam sobre Teus olhos.

Tu és o espírito da indomável juventude,
Antínoo da Flor de Lótus... belo Adônis Gay,
Rio de Estrelas, coroa cintilante das noites sagradas,
Proclamamos a divina perfeição de Teu gracioso corpo
Tu és a divina kalokagathia [a soma de todas as virtudes]
da eterna juventude
Antínoo do Coração Florescente
Irrupendo no íntimo mais profundo de nossa carne
Cobrindo todo o mundo com sua fragrância.
Antínoo do Submundo, Excelência Imortal,
Radiante, super-cósmico, perfeito, reflexo de Narciso
Olhar para Ti é contemplar o onipotente Poder Gay
Tu és a manifestação da eterna Homoteose,
Nossa chama sagrada de Amor Homossexual,
Que é o Amor da Mesma Face Esplêndida
Que brilha no coração de cada homem gay,
Tão claramente e tão brilhantemente como a luz
De Tua eterna e imortal beleza de corpo e alma
Tu és o Deus da Beleza,
Tua Face é Cheia de Graça,
Adoramos nosso ídolo e adoramos sua forma singular
Tua Divina imagem de absoluta perfeição e beleza
Porque Tu realmente vivestes e fostes amado por Adriano,
A verdadeira beleza de Teu corpo é o milagre mais sagrado.
Somos santificados pela divina perfeição de Tua beleza
Pela interseção de Teu sagrado Antinoicon
Contemple... Esta é a Face de Antínoo o Deus!

As Luas de Antínoo

Por Michel Valim

Antes de começar a celebração respire profundamente três vezes devagar sentindo o ar entrando e saindo de seu corpo enquanto você relaxa. Assim que estiver relaxado, visualize em sua mente uma luz púrpura ou violeta que começa a brilhar na região do seu chakra cardíaco, continue respirando fundo e a cada respiração visualize essa luz púrpura aumentando de tamanho até que ela tome todo o seu corpo e preencha todo o espaço à sua volta. Quando se sentir potencializado por essa luz, respire profundamente de novo três vezes, abra os olhos e dê início à celebração acendendo a vela da cor correspondente e fazendo a saudação. É bom também que se faça a leitura da oração virado para o ponto cardeal correspondente.

Para cada celebração tenha uma taça para você e outra para Antínoo e ao final da leitura da oração da lua ofereça vinho na taça do deus e beba um pouco de vinho em sua taça fazendo um brinde. Você pode colocar também uma música e dançar enquanto bebe vinho e celebra junto de Antínoo. Ao terminar, despeça-se do deus e das outras divindades que foram saudadas para encerrar a celebração. Feito isso, feche os olhos e visualize novamente a luz púrpura saindo de você e tomando todo o espaço à sua volta e veja essa luz recuando do espaço a volta e retornando para dentro de você até que ela suma dentro do seu chakra cardíaco. Faça novamente a respiração profunda três vezes e dê a cerimônia por encerrada. Deixe a vela queimar até acabar. A oferta de vinho de Antínoo pode ser jogada no pé de uma árvore, num jardim ou vaso de planta ou até mesmo na pia depois de 3 dias.

Lua Crescente

"Olhe para a Lua e Antínoo olhará para você"

Lua Bitínia, o Nascimento de Antínoo

Vela: Branca

Hino: Canção de Devoção a Antínoo*
Saudação a Anhangá, Hator, Hapi e Pã/Cernunnos
Direção: Face Sul do Obelisco Sagrado

"ANTÍNOO, o Deus, está aqui!
Aqui Ele descansa
Nos campos que margeiam
Nossa Senhora Roma.
Em todos os Locais Sagrados do Egito
Ele é reconhecido como Divino.
Altars são erguidos a Ele,
E ele é adorado como um Deus
Pelos oráculos e sacerdotes
Do Alto e Baixo Egito,
Na verdade, por todas as pessoas do Egito!
A Cidade de Antinoopolis foi nomeada em Sua homenagem,
Populada pelos gregos do Egito
E por sacerdotes de templos egípcios,
E aqueles que vieram a este lugar
Com a promessa de esplendor sem fim.
Um Templo a Antínoo, o Deus,
Que está entre as Estrelas do Céu,
Está localizado nesta cidade
Feito de boa pedra branca,
Rodeado por esfinges e estátuas
E inúmeras colunas
Como aqueles templos erigidos
Por Nossos Antigos Ancestrais
E também como aqueles dos gregos.
Todos os Deuses e Deusas
Deram a Ele o Sopro da Vida Eterna

Para que ele possa respirar
Como Alguém Que é Eternamente Jovem!"

AVE ANTINOVS

Lua Cheia

LUA ROMANA

Antínoo encontra Adriano e vive seu ápice em Roma

Vela: Vermelha

Hino: Canção de Devoção a Antínoo *

Saudação a Anhangá e Hator

Direção: Face LESTE do Obelisco Sagrado

"Antínoo, o Deus, Seu coração em êxtase
Por ter conhecido Sua Verdadeira Forma
E por ter visto Seu pai Ra-Harakhte,
É Antínoo que oferece esta prece.
Assim Seu coração proclama:
Ra-Harakhte, supremo dentre os Deuses,
Aquele que ouve as preces de Deuses e homens,
Dos transfigurados e dos mortos,
Ouça também a súplica de Adriano,
Que está na sua presença!
Como recompensa por tudo que ele tem feito
Por mim, Antínoo, seu filho amado,
Recompense Adriano generosamente,
Senhor do Alto e Baixo Egito,
Que fundou uma magnífica nova religião
Em altares para todas as pessoas,
Tendo agradado aos Deuses!
E ele é chamado "Amado por Hapi e Todos os Deuses,"

O Senhor das Coroas, Adriano César.
Possa ele ter Vida Eterna, Prosperidade e Santidade
Por todo o tempo, como Ra,
Florescendo e nascendo de novo
Através das eras!
Ele é Nosso Senhor,
O regente de todas as terras,
O Nobre Augusto!
Os Senhores do Egito curvam-se a ele,
E os Bárbaros foram aniquilados
Sob seus pés,
Como sempre tem sido
Sob os regentes do Alto e Baixo Egito.
Basta ele pronunciar um nome e isto se materializa,
Seu poder se estende aos cantos mais afastados do reino
E aos quatro cantos da Terra!
Touros copulam em êxtase com vacas
E trazem seus bezerros para Adriano,
Para agradar seu coração e o de sua grande e amada Rainha,
Senhora do Alto e Baixo Egito e todas as suas cidades,
Sabina Sebaste Augusta!
Possa ela ter Vida Eterna, Prosperidade e Santidade para sempre!
Hapi, progenitor dos Deuses,
Em benefício de Adriano e Sabina,
Traga a inundação no tempo certo
Para tornar férteis e abundantes os campos
do Alto e Baixo Egito!”

AVE ANTINOVS

Lua Minguante

LUA GREGA

Adriano e Antínoo viajam pelo Império e são iniciados nos Mistérios de Elêusis

Vela: Roxa

Saudação a Anhangá, Adriano, Hator e Hapi

Hino: Canção de Devção a Antínoo *

Direção: Face Norte do Obelisco Sagrado

"Contemple! Antínoo, o Deus, está aqui

Aquele que anda entre as Estrelas!

Uma arena foi erigida em Sua sagrada cidade no Egito

Antinoopolis, que foi nomeada a ele,

Para os campeões de todas os lugares da Terra,

Para os remadores e corredores

E os mestres das artes

Do Senhor das Palavras Sagradas, Toth.

E a eles são entregues gloriosos prêmios

E grinaldas e ricas recompensas.

Oferendas são trazidas diariamente a seus altares.

Ele é honrado em louvor pelos artistas de Toth

De acordo com Sua glória.

Ele se faz presente desde Seu local de descanso eterno

Até Seus inúmeros templos

Espalhados por todo o reino terrestre.

Ele ouve as preces de todos aqueles que O invocam,

E Ele cura as aflições dos necessitados

Enviando visões de cura enquanto sonham.

Uma vez terminado Seu trabalho junto aos vivos,

Ele toma qualquer forma que Seu coração deseje,

Pois o sêmen do Primeiro Deus

Realmente está em Seu corpo!"

AVE ANTINOVS

Lua Nova

LUA EGÍPCIA

Antínoo é tragado pelo Rio Nilo... E renasce como um Deus!

Vela: Preta

Saudação a Anhangá, Hator, Hapi, Adriano

Hino: Devoção a Antínoo Animula vagula blandula

Direção: Face Oeste do Obelisco Sagrado (Em Direção ao Mundo Inferior)

“Antínoo, o Deus,

Que está entre as Estrelas do Céu,

Foi transfigurado em um Deus de Eterna Juventude,

De perfeita aparência,

Olhos de uma beleza deslumbrante,

Cujo coração está repleto de heroico contentamento

Desde que recebeu a Ordem dos Deuses

No momento de Sua morte.

Todos os rituais do Livro de Horus

Devem ser repetidos para Ele

Junto com cada um de Seus Mistérios.

Sua Palavra deve ser espalhada por todo o mundo.

Seus Ensinamentos devem ser um rio sem-fim

De aconselhamento, inspiração e mistério.

Nada comparado jamais foi conferido

A qualquer homem mortal até agora,

Assim como Seus altares, Seus templos,

E Suas imagens sagradas.

É em virtude da Verdade
Que ele respira o Sopro da Vida Eterna.
E sua magnitude surge
Nos corações de todos os homens.
Senhor de Hermopolis,
Senhor das Palavras Sagradas, Tot!
Tome a Alma de Antínoo
E a torne Eternamente Jovem
Em todos os momentos de todas as noites,
E todos os dias, por toda a Eternidade!
Amor por Ele preenche os corações de Seus seguidores
E todos se maravilham com ELE.
Os que Nele creem erguem suas vozes em louvor
Quando O adoram.
Ele toma Seu assento no Salão dos Justos,
Dos Iluminados e Exaltados,
Que estão em companhia de Osíris
no Reino Inferior,
Pois o Senhor da Eternidade vê Justiça Nele!
Por meio dos Deuses
Sua Palavra persiste sobre a Terra,
Porque Ele enche seus corações de alegria!
Ele é capaz de entrar onde quer que deseje.
Os guardiões dos portões
Do Reino Inferior
Dizem "Ave Antinous"
Afrouxam suas correntes
E abrem os portões para Ele...
Por milhões de anos... diariamente...
Pois a duração de Sua vida é como a do Sol,

Nunca na eternidade tendo fim!"

AVE ANTINOVS!

*A Canção de Devoção a Antínoo/Antinous é um cântico bilingue em português e inglês de autoria do sacerdote brasileiro Pietro Adjano disponível no Youtube com o título Antinous Song - Pietro Adjano.

Ritual de Cura da Coroa Solar

Por Washington Luis

Ingredientes:

- Prato para queimar as velas;
- 4 velas amarelas que representam os três pilares citados no capítulo 14 e sua essência;
- Flores de crisântemo (O crisântemo é uma flor que tem como propriedade principal harmonizar nossa mente e emoções, criando harmonia, seu nome em grego Carolus Linnaeus - significa "flor de ouro");
- Água;
- Papel e caneta.

Monte seu espaço sagrado da forma que desejar e pare por um momento e observe o que foi montado, mentalize sua intenção e em seguida acenda as 4 velas pedindo bênçãos de todos os homens sagrados que já vieram antes de ti. Espalhe as flores de crisântemo por todo altar e deixe três flores perto das velas. Medite por um período e deixe que seus sentimentos venham à tona, lembre suas alegrias, tristezas, medos que te acompanham e deixe que isso te mostre o quão sagrado você é.

Corte o papel em três, escreva em um papel uma verdade sobre você que só VOCÊ reconhece, em outro escreva algo que deseja transformar verdadeiramente e no último escreva como seria a melhor versão de você mesmo. Por fim, coloque os três papéis junto com as flores e jogue água por cima.

Se sentir vontade de chorar, gritar, gargalhar, não segure, deixe que isso aflore. Coloque uma música que te deixe bem e medite sobre como você poderia causar essas transformações no seu dia a dia e viva os mistérios da sua vida.

Bênção Divina

Por Eilonwy Bellator

Que de todas as formas e expressões
Todos sejam abençoados
Que aprendam a Harmonia Universal
Que não conflitem suas Polaridades
E aprendam sobre a sua mais íntima natureza
Sejam Acima e Abaixo
Sejam Luz e Trevas
Dance sem ter medo, Dance sem se importar
Cante as alegrias de sua alma ao Universo
Nós te ouviremos!
Nós...
Uanana, Loki, Blodeuwedd, Aset, Erzulie
Logun Edé, Apollo, Freyr, Hapi, Perséfone
Seja o nome que ouvir,
O nome que lhe acalantar o coração
Estamos aqui por você
Estamos aqui abençoando seu caminho e sua vida

Você agora tem a nossa bênção
A bênção de ser um Dançarino do Universo

Carga de Uanana

Por Eilonwy Bellator

Eu sou a divindade do Sagrado Ser
Sou Ela, sou Ele, sou o que tiver que ser
Sou o início e o fim
Sou tudo entre o caminho
A serpente que ascende e descende
Você que guarda este Sagrado dentro de si
Use o com sabedoria
O Tesouro da Harmonia é muito além da matéria
Saibam se integrar com o Universo
Saibam ser Terra, Fogo, Água e Ar
Tomem em suas mãos a Divina Integração
Sejam ambas as luzes e o que há entre elas
Sou Uanana, Sou Mulher/Sou Homem
Sou Uanana, o Sagrado Manifesto

Sincronia das Ondas

Por Eilonwy Bellator

Mediante a toda a pesquisa que fiz, me lembrei de um rito que fiz certa vez com o propósito de me dar equilíbrio na questão de polaridades por conta da minha fluidez de gênero que, sim, estava em um pequeno descontrole - principalmente - por conta do meu período de inferno astral desse ano (2019), risos.

Com isso e a oportunidade de fazer este texto, acredito ser uma ótima ideia partilhar com todos dois ritos que desenvolvi. Num deles você trabalha com sereias e no outro usa-se um espelho para entender suas polaridades. Espero que sejam práticas tão boas para você que lê quanto foram para mim.

Esse ritual tem como objetivo equilibrar os polos que você tem dentro de si com a ajuda das sereias, pois como disse anteriormente elas podem ajudar em processos como esses. Será necessário pouca coisa para fazê-lo:

- ~ Oferenda (para divindade e/ou para sereias)
- ~ Vela bicolor azul e rosa
- ~ Uma tigelinha
- ~ Água do mar, ou, água com sal marinho (mas, pode ser sal comum também)
- ~ Lavanda, Artemísia e Anis Estrelado
- ~ Calcedônia Azul, Ametista e Quartzo (o cristalino mesmo).

Prepare o ambiente a seu modo e trace o círculo da forma que lhe for mais confortável, em seguida chame uma divindade ligada às sereias se achar melhor e mais seguro. Depois de chamar a deidade, caso o tenha feito, evoque as sereias para seu círculo. Oferende algo à divindade e às sereias como agradecimento por virem lhe ajudar. Pegue a tigela pondo a vela no centro fazendo um triângulo de ponta cabeça com a calcedônia à direita, ametista à esquerda e o quartzo na ponta; acenda a vela dizendo que ela simboliza o seu espírito que há de entrar em equilíbrio, se quiser untar a vela fique à vontade. Ponha água na tigela, mas não muita, entoando o simbolismo das águas que vêm para curar e harmonizar todo o seu ser. Sinta a energia das sereias lhe rodear e lhe tocar, causando o início das mudanças. Adicione as ervas na água, tomando cuidado com a vela acesa, e por fim diga:

Harmonizo com águas meu ser
Trago a fluidez e o balanço ao meu viver
Pela magia das sereias de todo mar
Encontro meu ponto de harmonia, meu lar

Por fim, agradeça às sereias e à Deusa presentes, se despeça e destrase o círculo deixando a vela queimar até o fim.

Espelho dos Polos

Por Eilonwy Bellator

Essa é uma prática meditativa muito simples onde você usará um espelho para entender sobre as energias que lhe compõem, quais polos se exaltam e se há algum predominante ou nenhum. Se tiver um espelho mágico, melhor ainda, acredito que todo o propósito pode ser alcançado com maior rapidez.

Esteja em um lugar calmo e tranquilo, não totalmente escuro e, sim, um ambiente à meia-luz, ou, se quiser ficar no escuro, acenda uma vela de forma que ela fique distante lançando uma luz tênue, sem projetar tanto luminosidade por estar perto. Sente-se de frente ao seu espelho se ele pegar seu corpo todo é melhor ainda, mas seu rosto deve ser visível sempre. Feche os olhos e faça uma respiração de quatro de tempos três vezes, após relaxar vá tomando consciência do seu corpo, sentindo cada parte dele. Toque-se se achar necessário e se quiser. Abra os olhos quando estiver em harmonia consigo e olhe-se no espelho, deixe sua terceira visão ver as suas manifestações de energia, em seguida direcione sua intenção para as polaridades. Observe quantas e como elas aparecem no espelho, veja qual delas parece ser mais veloz, qual é a mais abrangente, qual é a que te chama mais atenção, qual você sente com mais força (independente das demais percepções), qual delas lhe parece feminina e

quais características você nota nela (ignore aqui o que aprendeu sobre "o que é feminino")? Depois faça o mesmo a polaridade que achar ser a masculina, com a que sentir ser a mais neutra e as outras mais que sentir. Depois de fazer isso, sinta todas as energias se condensando cada uma em si mesma formando esferas e iniciando uma rotação ao seu redor que rotaciona em uma velocidade exponencial, elas se aproximando, entrando em você e se unificando numa só emanção. Sinta a força de todos os polos convergindo e se harmonizando, mas sem perderem sua identidade.

Por fim, faça o processo contrário até voltar sua consciência totalmente ao normal finalizando a prática. Essa meditação além de te ensinar sobre as polaridades que habitam em você e como se manifestam, te ensina a integrá-las numa só, sem que uma se sobreponha à outra, demonstrando o conceito de equilíbrio.

Energia LGBTQI+

Por Vinicius Silva

Este exercício foi elaborado inspirando-se nas seis cores da bandeira do movimento LGBTQI+. Com ele espero que os membros deste movimento possam se fortalecer, cada vez mais, diante das adversidades e situações desconfortáveis ao qual passamos.

- Sente-se ou esteja em pé confortavelmente. Entre em estado de transe, e fique em silêncio por um momento.
- Visualize que seu corpo irradia uma luz vermelha, brilhante e poderosa. Diga, mentalmente ou oralmente: "Com o vermelho, tenho força e atitude. Coragem para enfrentar aquilo que é injusto!"

- Em seguida, visualize seu corpo aderindo a cor laranja. Não desapareça com o vermelho, apenas acrescente a luz alaranjada, também ofuscante. Diga, mentalmente ou oralmente: “Com o laranja, tenho energia e entusiasmo. Disposição para mudar o mundo!”
- Visualize agora a cor amarelo, sendo adicionada ao vermelho e laranja de forma sequencial. Veja a luz amarela preenchendo seu corpo e ocupando seu lugar entre as cores. Diga: “Com o amarelo, tenho alegria e otimismo. Orgulho de ser quem eu sou!”
- Visualize a cor verde aparecendo em você, ficando abaixo da cor amarela e reluzindo como as outras cores. Diga: “Com o verde, tenho vigor e vitalidade. Paixão pela vida!”
- Visualize a cor azul surgindo em seu corpo, abaixo da cor verde. Veja essa cor projetar sua luz forte e bela. Diga: “Com o azul, tenho paciência e calma. Tolerância com aqueles ao meu redor!”
- Visualize a cor roxa brotando do seu corpo, se localizando embaixo da cor azul. Sua luz roxa é magnífica e resplandecente. Diga: “Com o roxo, tenho fé e vontade. Acredito em mim mesmo e na mudança que posso causar no mundo!”
- Finalmente, visualize todas as cores irradiantes em seu corpo. O vermelho, laranja, amarelo, verde, azul e roxo. Veja essas luzes coloridas ficando cada vez mais concretas.
- Fique com essa imagem em mente por alguns instantes.

Você pode fazer uso desse procedimento diariamente, semanalmente, ou a qualquer momento que necessitar. Tenha em mente que você detém

todas as capacidades necessárias para canalizar essas forças para dentro de si. Não necessitando de instrumentos. Apenas de foco, vontade e disposição.

Ritual de Fortalecimento LGBT

Por Felix Mecaniotes

Materiais necessários:

- Uma vela de sete dias de sete cores
- A carta de tarot a justiça e o sol
- Bandeira lgbt
- Um pouco de coco ralado para oferenda

Coloque a bandeira LGBT no centro do círculo; então coloque a vela no chão um pouco acima da bandeira, o sol abaixo à direita e a justiça também abaixo à esquerda, produzindo entre os três um triângulo. Acenda a vela de sete cores e recite:

“Uanana, deusa da diversidade
esteja entre nós com harmonia e verdade.

Me deixa ser um ponto de luz, da chama da compreensão

Do direito à igualdade.

Eu chamo os ancestrais da púrpura chama para agir com unidade.”

Neste ponto, visualize uma chama violácea saindo da sua vela, ela é o poder de uanana, o poder da aceitação da diversidade em nós, a aceitação da originalidade do outro; ela é a força dos ancestrais da [viada] chama púrpura, aqueles que morreram para que os direitos LGBT fossem garantidos, aqueles LGBTs que morreram não só em nome da causa, mas também pela intolerância daqueles que não aceitam o diferente. Sinta que o calor dessa chama lhe invade, você se centra com o poder desta

chama, percebe o poder em você, percebe o poder de ser LGBT, o sagrado em você.

Lentamente expanda essa chama abrindo seus braços, expanda-a para a sua cidade, as escolas da sua cidade, a câmara da sua cidade, trazendo compreensão, garantindo nossos direitos. Então a expanda ainda mais, expanda-o pelo estado, até cobrir todo o país, a chama do nosso direito está em todo país. Então perceba partes dessa chama que sai de você chegando a Brasília, tomando o Palácio do Planalto, enchendo nossos governantes de compreensão e os fazendo aceitar que nós merecemos nossos direitos. Quando terminar, recite:

“A chama que eu sou é a aceitação elementar,
De deixar cada indivíduo seu sagrado demonstrar.
Uanana senhora da consciência viada,
Do ser homem-mulher, da diversidade sagrada,
Traga-nos seu poder para lutar,
Pelo nosso lugar na terra amada.”

Dance com o poder da chama elevando seu poder, entregando-o como uma estrela ao universo e ao terminar, agradeça a Uanana e deixe uma oferenda de coco ralado, agradecendo-a ao seu poder. Guarde os objetos, e nos próximos dias em que a chama da vela estiver acesa recite a última parte, fortalecendo assim o feitiço.

Trabalhando com Tù'ér Shén

Um Talismã Fú para proteção de LGBTs

Por Dan Cruz

Em tempos conturbados de intolerância incentivada e endossada, é especialmente interessante que evoquemos o Deus Coelho para proteção.

Dessa forma, proponho aqui uma prática que irá gerar um talismã de papel (符 fú) consagrado com sua energia divina. Estes talismãs possuem inscrições que podem ou não serem legíveis e fatores como o que é escrito, quais símbolos são desenhados e a ritualística exata para os ativar variam de acordo com tradições e linhagens, envolvendo muitas vezes nomes de entidades, palavras de poder e conhecimentos de sistemas como o Bāguà (八卦, os Oito Trigramas) e o Wǔxíng (五行, os Cinco Movimentos). A forma aqui apresentada será básica e baseada nos métodos apresentados em “The Tao of Craft”, da autora taiwanesa Benebell Wen - recomendo fortemente o livro para quem quiser se aprofundar na magia chinesa (apenas em inglês). Os fú nos lembram do caráter sagrado da escrita, dos símbolos e das palavras, como no mito de Cāngjié - onde quando a escrita é criada todos os espíritos malignos se recolhem de medo.

O mais tradicional seria usar papel amarelo e tinta vermelha, mas na falta dos mesmos papel branco e tinta preta servirá. Copie o talismã em uma tira de papel, de cima para baixo, usando um pincel consagrado (canetas do tipo brushpen também servem bem). Para escrever, pesquise estilos de caligrafia chinesa para estilizar os hanzi (escritas antigas como a oracle bone script e a seal script, estilos artísticos para os ideogramas contemporâneos...) e coloque muita dedicação na tarefa - faça o talismã ser belo, tanto por você quando pela divindade. Ele é pensado para trazer a energia celestial (yang) para nos garantir proteção e também tranquilidade como LGBTs, com o olhar da divindade sobre nós.

Para a ativação, acenda um incenso (cedro ou sândalo são escolhas tradicionais) e uma vela (na China, a cor padrão para velas costuma ser vermelha). Mantenha o talismã no centro do altar, como foco. Caso queira incluir oferendas à divindade, frutas, chá ou bebidas alcoólicas são comuns; depois do ritual, serão consideradas consagradas e deverão ser consumidas. Será necessário recitar um verso 108 vezes, por isso é bom

ter o auxílio de um japamala. Como forma de iniciar o ritual e evocar a divindade, faça uma saudação se curvando ao altar e diga:

“Eu o saúdo, Dàyé!

Hú Tiānbǎo, Espírito Protetor dos LGBT, clamamos por você!

Assim como você foi em vida, somos perseguidos e condenados por sermos quem somos. O evocamos e, diante do altar, o oferecemos o sagrado incenso para que interceda por nós!

Dàyé, nos garanta a proteção duradoura! Que seu olhar vigilante sempre esteja sobre nós! E nos dê a serenidade para buscarmos a alegria de sermos quem somos!

Oferecemos-lhe essa recitação, e que pelo seu poder este decreto sagrado seja emitido!”

Então, recite 108 vezes o seguinte mantra: “Bàiqǐng Tù’er Shén, yǒng bǎo shòu kǎo” (拜請兔兒神永保壽考, “Louvado seja o Deus Coelho, conceda-nos proteção perpétua e uma vida longa e pacífica”).

Logo após, faça um momento de silêncio e direcione a energia divina ao talismã apontando para ele com os dedos indicador e médio (mantendo os outros fechados), e diga “jí jí rú lǜ lìng” (急急如律令, “conforme está ordenado”). Por fim, o talismã é selado com uma assinatura; tradicionalmente é usado um carimbo que contenha nomes de linhagens ou mestres (que concedem a outorga espiritual para o uso daqueles símbolos e acesso a egrégora) ou um nome mágico (que emprega a marca espiritual do praticante; o talismã de exemplo mostrado aqui contém um nome mágico no carimbo), porém você pode escrever um sigilo que represente você ou um motto. O selo pode ser aplicado na parte central,

inferior ou traseira do talismã, mas é importante que ao menos nele seja usada a cor vermelha.



O talismã pode ser colocado em uma parede que seu usuário sempre veja, ou então enrolado ou dobrado com cuidado e colocado em uma bolsinha de tecido para ser carregado. Não se esqueçam de compartilhar conosco como ficaram os seus, no grupo do Círculo da Viada Chama Púrpura, e bons trabalhos!

Lista de hanzi usados no fú:

令 (líng; “ordem”, “comando”)

兔兒神 (Tù'ér Shén)

永保壽考 (yǒng bǎo shòu kǎo;
“proteção perpétua; conceda uma vida longa e pacífica”)

罡 (gāng)

Revolta Queer moreeee

Por Ruy Dias Roder

Claramente, o primeiro rito aqui mostrado serve como ataque direto e furioso às formas de opressão, cuidado ao usar, contudo, se o alvo impede nossa existência, use deliciosamente.

Ferramentas

- 1 vela, metade rosa e metade preta, simbolizando a bandeira anarco-queer;
- 1 tijolo, pedra ou outro objeto que sirva;
- 1 bandeira ou símbolo LGBTQIA+ de sua preferência;
- 1 Tarô;
- Orgulho de sua existência e ódio revoltoso.

Ritualística

Pegue o símbolo LGBTQIA+ escolhido e coloque-o no centro do altar, uma bandeira é recomendável por facilitar a organização dos outros objetos em cima dela. Então pegue a vela e coloque-a junto ao tijolo (ou outro objeto escolhido), este tijolo representará o símbolo de Stonewall. Separe a carta da Torre do seu tarot e coloque-a entre o tijolo e a vela acesa. Por fim, arrume o seu altar com outros materiais que desejar e utilize energias de deuses ou entidades do seu gosto caso queira, contanto que sejam voltadas para a guerra.

Acenda a vela, escreva no tijolo o nome ou um sigilo que represente a opressão que deseja destruir. Entre em gnose e evoque a energia do arcano da torre. Tendo como referência para este rito o meu tarot, que é o de thoth, Marte é colocado como regente da carta e em seu simbolismo estão as relações sexuais homoeróticas (utilizaremos desse simbolismo

para vestir a energia da Torre, também chamada de Guerra pelo Crowley, como a revolta LGBTQIA+). Sinta o arquétipo da carta sendo evocado e sinta também a revolta de todos os injustiçados: a revolta de Oscar Wilde; a revolta de Dandara; a revolta de Katyane campos; e direcione toda essa energia ao tijolo. Arremesse-o como se você fosse a primeira pessoa a iniciar a revolta de Stonewall descarregando toda a energia acumulada no rito para o alvo gravado no tijolo (cuidado pra não quebrar nada na sua casa, por favor, mas se quiser, pode. Uma teatralidade é sempre bem vinda). Tire um tempo de contemplação e espere a vela queimar por completo. Sempre bom lembrar também que os banimentos inicial e final são requisitos importantes.

Outras modificações do rito

É possível também atingir outros resultados trocando a energia do rito. Digamos que você queira desconstruir posicionamentos seus em relação a outras bandeiras ou, simplesmente, energizar seu orgulho LGBTQIA+. Utilize então a mesma vela e a bandeira porém substitua o tijolo por um espelho e a carta da Torre pela da Alta Sacerdotisa (caso queira refletir sobre questões internas suas à serem desconstruídas) ou o Sol (caso queira celebrar sua identidade de gênero ou sexualidade de modo a se empoderar)

Faça os mesmo passos porém direcione as energias para sua imagem no espelho. O sol (regido pelo sol) no tarot de Thoth é a celebração dos gêmeos Diana e Apolo após a libertação da luz solar que estava pregada na rosa cruz, liberte então o brilho do arco-íris em você com esta carta. A Alta sacerdotisa (regida pela lua) é o Todo banhado em luz, representando Ísis estendendo seu véu pelo universo, ligado à intuição e ao sagrado (feminino) dentro do ser humano. Vasculhe os seus interiores caso sinta que esteja tendo posicionamentos contrários à liberdade e

igualdade de nossa luta com relação à alguma vertente, como por exemplo, um mulher lésbica tendo atitudes bifóbicas.

Por fim, esta magia pode também servir para unir lutas com amigos, criando coletivos, grupos ou espaços de liberdade LGBTQIA+; também serve para aceitar sua sexualidade ou identidade de gênero, caso você enfrente travas ou recessegos. Para esta ação, utilize a mesma vela e bandeira, troque o tijolo (ou o espelho da segunda magia) por uma fita arco-íris e use o arcano da Arte (ou temperança). Esta carta é regida por sagitário e representa a união do ser que foi dividido lá na carta dos amantes, a imagem da carta mostra uma figura interssexual com o equilíbrio dos sexos em harmonia e quase sempre contém uma representação de um arco-íris, a união dos três caminhos mais abaixo na Cabala e o impulsionador da flecha de Sagitário, utilizaremos destes símbolos como força de movimento para a união dos LGBTQIA+. Pegue então o cordão arco-íris, faça um laço com ela e evoque a energia da carta. Depois de consagrada, utilize como adorno para atrair companheiros na luta LGBTQIA+ ou a aceitação de si próprio.

Ritual dos Mortos - O Rito de Passagem

Pensando em trabalhos práticos com o Corvo resolvemos trazer um ritual interessante para o trabalho com a ancestralidade. Esse rito foi pensado de forma a ser anual e chamar o poder dos três totens, no entanto, pode ser adaptado de forma a ser mensal, o que ampliaria o contato.



Material

- Ametista
- Quatro velas roxas
- Uma vela branca
- Essência de Alfazema ou Lavanda
- Incenso de Olibano ou Mirra
- Álcool de cereais
- Uma mistura de farinha de castanha, alfazema, salvia, tomilho e hortelã
- Um copo de água
- Uma lista daqueles LGBTs que lhe foram importantes e que já estão com a Chama Viada.

Atenção: esse ritual deve ser feito à noite e deve ser encerrado a qualquer momento ANTES do nascer do sol.

O Ritual

Prepare as velas, você pode unta-las com essência de lavanda, alfazema, ou mesmo o próprio Óleo da Viada Chama se você já o tiver preparado (confira a receita em nosso blog).

Então pegue três dessas velas, você fará um triângulo com elas abrangendo todo o espaço de trabalho (seu altar, uma mesa, o que for mais fácil para você), a primeira permanecerá em branco, ela representará a força da Viada Chama responsável por levar os mortos ao seu local de descanso, a coloque na ponta do triângulo, que deve estar virada para sua direção.

Na base do triângulo invertido ficarão mais duas velas, uma a esquerda, com o símbolo do Veado de Sete Chifres e uma a direita com o símbolo do Garanhão de Chifres (se você não souber esses símbolos confira-os nos capítulos anteriores).

No centro coloque a ametista que representará todo o poder da Viada Chama e a última vela com o símbolo de um sol desenhado, essa vela é a vela da pira da Viada Chama que encontramos na meditação sugerida no Liber Queer, seu fogo é o calor da própria Chama Viada.

Coloque um pequeno recipiente (um caldeirão, uma panela, uma cumbuca) com um pouco de álcool de cereais abaixo dessa ametista, ele funcionará como um caldeirão. A direita deste o incenso, à esquerda o copo de água.

Prepare o espaço da forma como lhe for mais conveniente, com um banimento, traçando um círculo mágico, use o método de sacralização do espaço que sua religião está acostumada.

Comece acendendo a vela central enquanto recita a oração da Viada Chama:

*Antes de mim vieram os primeiros reverenciados
Aqueles que a chama pertencem elevados
Eu saúdo Lili Elbe, Allan Turing e Ginsberg
E também Safo, Joana e Aqueles de Stonewall
Eu saúdo a face brilhante do sol, eu canto Pã, eu canto Hermes
Eu canto por Dionísio e Febo, eu canto com maestria
Eu saúdo a face prateada da mãe, eu chamo Lilith
Amaterasu vem para nos ensinar, Nefits caminha para curar
Eu chamo aqueles que por mim morreram
E juro pelos que ainda não nasceram
Que honrarei em mim a grande chama viada
De púrpura essência encantada
Cujo outro nome é liberdade
Filhos das estrelas que vivem sob a terra
Em montes ocos, ao redor de encantados fogos
Abençoados sejam.*

Aguarde um instante enquanto sente todo o poder daquela chama irradiar em direção a todo o espaço, sinta a ametista pulsando em violeta. Nesse momento comece a acender as velas do triângulo enquanto recita na seguinte ordem:

Ponta: Venha a nós e se fortaleça **Corvo Acima dos Chifres** leva os mortos de nosso povo ao seu local de descanso para que estejam conosco guando o tempo chegar. Ensina-nos o caminho da sabedoria e da conexão. Faz brilhar a chama em meu coração.

Base esquerda: Venha a nós e se fortaleça **Veados de Sete Chifres** seja nossa proteção. Caminhante no mundo faz valer nosso direito, teu é o glorioso poder da vitória. Faz brilhar a chama em meu coração.

Base direita: Venha a nós e se fortaleça **Garanhão de Chifre** me acalenta na precisão. Tua é a missão de me fazer ver o quanto eu importo, eu sou aquele que acende a pira dos mortos que ilumina o caminho para os vivos. Eu sou aquele que protege o segredo do Monte da Chama Sagrada, e em seu lombo cavalgo em direção à púrpura alvorada. Faz brilhar a chama em meu coração.

Você deve nesse ponto recitar os nomes os nomes que estão em sua lista, fale um pouco deles, peça para que os Ancestrais da Viada Chama os acalente, peça para que eles se encaminhem em honra, paz e harmonia ao Outro Lado, sinta a grande luz púrpura do abraço da Deusa e do Deus encaminhando esses amados para seu local de descanso.

Quando sentir que chegou a hora recite:

*Eu agora acendo a pira sagrada,
meus irmãos descem o monte onde brilha a alvorada.
Já não mais partilham as terras sem sol, mas não sentem medo
Abaixo dos montes ocultos existe fogo, existe luz e existe brilho
Abaixo dos montes ocultos existe a canção, existe a dança, existe o rejúbilo.
Eles dançam ao redor da Chama Viada, de Púrpura essência encantada.
E hoje experimentam a liberdade.
Vão em paz e sejam abençoados.*

Coloque o álcool de cereais no recipiente abaixo da ametista, acenda o papel com os nomes na vela da ponta e o jogue nessa pira acendendo-a, pegue então o preparado com as oferendas e jogue uma parte no fogo, oferecendo-os a esses ancestrais.

Por último tome em suas mãos a vela branca e unte com a essência de alfazema, mirra ou o óleo dos ancestrais, e passe o que restou da oferenda nela. Acenda esta vela com a chama da pira que ainda deve estar queimando - se não estiver, pode acender com a vela da ponta - e ofereça essa vela para iluminar o caminho desses ancestrais. Nesse ponto você pode agradecer e encerrar o ritual, deixando as velas roxas queimarem e colocando a vela branca na sua janela, fora da sua casa, ou no impedimento disso no quadrante oeste do seu quarto ou da sua mesa de trabalho. Desfaça o traçado do círculo ou a sacralização do ambiente.

Despeje a água e as cinzas que restaram na terra. O resto das velas você pode jogar no lixo ou qualquer que seja o melhor descarte em sua opinião - evite jogar na terra, pois é um agente poluidor.

Como opção, antes de encerrar esse ritual você pode fazer uma meditação, ou mesmo continuar seus festejos até que sinta que esse ritual deve ser terminado.

33. Autores

Alicia Fernandes - É pesquisadora independente dos mistérios das sereias, bruxa eclética solitária, mulher trans, poliglota.

Capitú - Também chamado Calma, também chamado Nagini, também chamado Visão Global; Capitú é poeta de 22 anos, morador nascido e criado na periferia Itapoã, Distrito Federal. Estudante de Antropologia da UnB, negro, cuíer, neuroatípico, escritor e anarquista. Autor do livro "COMER DO PRÓPRIO CORAÇÃO PRA VIVER NA PRÓPRIA PELE" pela Editora Padê, um exemplo do seu trabalho de desconcerto da linguagem padrão para uma linguagem marginal melodramática que coloca o eu-lírico no centro de um processo de profunda análise utilizando a escrita como processo de lidar com a dor, a delícia, o êxtase e as fúrias. É estudante do Hermetismo, da Cabala, dos Xamanismos, das bruxarias e das diversas egrégoras, sempre através de uma perspectiva caoísta. Capitú é um acontecimento na Terra.

Eilonwy Swan Hawthorn - Estudante de Letras/Latim na UFRJ desde 2018, 25 anos, desde pequena sempre fissurada pelo mundo fantástico onde sempre se encontrava e se sentia em casa, acabou por receber o chamado de Ártemis em pessoa para o mundo além do véu aos 13 anos com maior força, sendo que com 12 ignorou. Após adentrar no mundo místico descobriu a paixão por diversos tipos de magia, como magia de glamour, espelhos, divinação e pop magick (com foco em Cardcaptor Sakura). Escritora, artista, oraculista, fundadora do blog Nas Asas do Cisne e professora (quando rola) de Bruxaria e Feitiçaria. Shemset desde 2020 pela Kemetic Orthodoxy Faith, apaixonada pela Wanen e questionadora por natureza, buscando sempre respostas para as questões que - mesmo algumas respondidas - não vê sentido em suas respostas.

Felix Mecaniotes - É cristaloterapeuta, professor de Mineraloterapia e Reiki Xamanico pela Maho Magia. Sacerdote Wiccaniano, líder do Coven Athama Libbah, membro do Círculo de Ophiucus, Remetj da Ortodoxia Kemética, Mestrando em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará, formado em Letras, História, e Psicopedagogia pela Universidade Estácio de Sá e em Filosofia pela Federal do Ceará. É o idealizador e coordenador nacional do Círculo da Viada Chama Púrpura.

Gabriel Costa - Aficionado por Ocultismo e Mitologias em geral, Engenheiro Químico por profissão, Drag Queen (Katrina Bouganville) por paixão, militante LGBT+, é membro fundador do Projeto Xaoz, uma iniciativa Caoísta que tem como objetivo pesquisar vertentes mágicas desde o início da humanidade e analisá-las usando o arcabouço da Magia do Caos, entendendo as semelhanças e aplicando conceitos vantajosos de cada uma delas em rituais próprios do Projeto. Além disso, é idealizador junto a Ghaio Nicodemos do Projeto Daemons, que busca estudar minuciosamente as entidades que foram demonizadas até o Século XV na forma dos Demônios da Goécia, bem como suas origens e potencialidades. Também se aventura pelos ramos da escrita, ilustração, pintura, acrobacia aérea e cinema.

Ghaio Nicodemos - Nascido de família com raízes mágicas, aprendeu desde pequeno sobre magia com os pais. Na vida profana, é administrador e cientista político, atualmente cursando doutorado em Ciência Política na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Na vida mágica, é tarólogo e seiðrmaðr, sendo produtor de conteúdo para duas plataformas: Daemons, com enfoque em magia cerimonial, Goetia e Angeologia; e Xaoz, orientada para a pluralidade de vertentes mágicas e suas influências na Magia do Caos. Estuda diversas vertentes da Magia Cerimonial, além de se dedicar ao estudo comparado de oráculos, e aos usos mágicos de plantas e cristais. Tem interesse em variedades de

paganismo e reconstrucionismos como Kemetismo, Natib Qadish, Helenismo, Druidismo e Ásatrú Vanatrú.

Helena Agalenéa - Atriz, escritora, travesti, astróloga, taróloga, atriz, bruxa, não-monogâmica e cocriadora do sagrado transviado. Bacharel em Artes Cênicas pela Unicamp, atualmente curso Estudos Literários na mesma instituição. Sou contrabinária e luto por espaços plurais e diversificados sempre. Enxergo a arte engajada, afeto e espiritualidade lado a lado como potências de criação de possibilidades para um novo mundo. Entre meu repertório de estudos mágicos, passei pela Magia Natural, Sagrado Feminino, Magia do Caos, Kabbalah e Qlipphoth, Goécia, estudos de divindades (sumérias, gregas, orixás, nórdicas), entidades e youkais, Astrologia, Tarô e Runas. Sou Sacerdotisa de Inanna, mas muito conectada também a Hathor, Freya, Hécate, Baba Yaga, Afrodite e Lilith. Atriz do grupo Rainha Kong, grupo de teatro queer, nosso espetáculo "O Bebê de Tarlatana Rosa" já circulou pelas cidades de Campinas (SP), São Paulo (SP) com apresentações no Itaú Cultural, na Próxima Cia. e no Teatro de Contêiner; Belo Horizonte (MG) e Caicó (RN). Já fiz trabalhos voltados para acolhimento e fortalecimento de mulheres (cis e trans) e pessoas trans em geral. Faço parte da Casa de Ubuntu, coletivo artístico LGBTQ+ que se debruça sobre a Cultura Ballroom e demais linguagens artísticas. Cocrio a egrégora do Sagrado Transviado com amigos LGBTQ+ que são bruxes, artistas e pensadores. Meu primeiro conto publicado, "Flor de Lis", integra a antologia TRANSformação, da Cartola Editora.

Hóng Dàn - amante das artes e música, está na bruxaria desde 2011 e recentemente passou a também estudar taoísmo, especialmente em suas vertentes esotéricas e místicas. A maior parte de seu conteúdo pode ser encontrado no Colégio Platinorum (<http://platinorum.com/>), onde assina como 'Ravn'.

Juliano Ferrari - 33 anos, natural de Campinas/SP, hoje mora em São Paulo capital, criador do perfil @Taromancer no Instagram e do Podcast "Tira uma cartinha pra mim?". Teve seu primeiro contato com a cartomancia aos 7 anos de idade, hoje é tarólogo, taromante, runemal, thelemita e praticante de magick.

Michel Valim - Com nome mágico Antheos Kissokomes, tem 29 anos, é carioca e coordenador do Círculo da Viada Chama Púrpura no RJ. É bruxo wiccaniano desde 2010. Foi bruxo solitário por quase 7 anos, mas atualmente é iniciado do Coven Oráculo dos Deuses, um coven de Wicca Eclética na cidade do Rio de Janeiro-RJ. Já foi organizador do ESP RJ (Encontro Social Pagão) em 2015 e do ERB (Encontro Regional de Bruxos) do RJ de 2016 a 2017. É sacerdote da Religio Antinoi, o culto romano-egípcio contemporâneo a Antinous/Antínoo, o Deus Gay, sob o nome de Sacerdote Michellus Lupercus. É ator, oraculista, sendo o segundo especialista no Brasil no oráculo das Runas das Bruxas e Mestre de Ma'heo'o Reiki (Reiki Xamânico). Na Wicca é sacerdote de Afrodite e Dioniso.

Paul Parra - Transmasculino não binário. Artista visual, mestre em comunicação e cultura, pesquisador dos Estudos de Gênero, bruxo, tarólogo e amante de plantas. Procuro na magia os caminhos de traçar a experiências, afetos, alternativas e vivências pessoais e coletivas. Escrevo no intuito de poder alcançar mais pessoas e trocar com elas nossos pontos de vista. E, acima de tudo, um sonhador incondicional.

Ruy Dias Roder - Historiador e Advogado pela Universidade Estadual do Norte do Paraná, tem vinte e três anos, homem gay apaixonado pelo movimento anarquista e pela história da sexualidade e atualmente atua como magista do caos, com foco em Cabala, Tarot e teurgia.

Samýaretê Enrogê Ñ - Gay, caboclo, bruxo e pajé, nascido em Belém do Pará, é formado na área ambiental e, assentado na Pajelança Cabocla, também, praticante da Magia Popular e Bruxaria Tradicional, assim como pelo uso das medicinas da floresta, faz resgate de manifestos do seu povo indígena. Escritor, poeta e artista, é idealizador do Projeto Toca da Matinta, que visa trazer as manifestações das práticas de pajelança e feitiçaria da Amazônia, assim como seu folclore. Também, é idealizador da Loja Essentia, que traz esses mistérios por meio de produtos naturais como óleos, defumações, perfumes e biojóias. Um eterno aprendiz dos mistérios da vida e da morte.

Stella Spenner Roesch - Atua como bruxa solitária, taróloga e pesquisa sobre o movimento trans, dinâmicas e a história do Gênero e o simbolismo da borboleta.

Vinícius Alves da Silva - Bruxo solitário, praticante da religião Wicca, escritor, estudante de Psicologia. Gosto de estudar outras vertentes e práticas mágicas, buscando ampliar meus saberes. Me agrada também compartilhar conhecimentos, e embora eu não possa saber tudo, ainda sim procuro fazer o meu melhor. No futuro eu quero escrever sobre Magia e Bruxaria, assim como seguir carreira dentro da Psicologia.

Washington Luis - Praticante de xamanismo, oraculista e condutor de círculo de homens. Através das terapias xamânicas e holísticas como fitoterapia, aromaterapia e cromoterapia busca o equilíbrio do ser. Iniciou sua caminhada através do misticismo judaico-cristão e foi treinado como Sacerdote Wiccaniano em uma tradição diânica que já não faz mais parte, mas se encontrou no caminho vermelho onde trabalha o resgate do poder e sabedoria de seus ancestrais.

34. Referências

BLACK, J.A., Cunningham, G., Fluckiger-Hawker, E, Robson, E., and Zólyomi, G., The Electronic Text Corpus of Sumerian Literature (<http://www-etcsl.orient.ox.ac.uk/>), Oxford 1998.

BBC. O índio executado a tiro de canhão tido como 'primeiro mártir da homofobia no Brasil.
<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55462549>

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

D'ÉVREUX, Yves. História das Coisas Mais Memoráveis Ocorridas no Maranhão nos Anos de 1613 e 1614. Rio de Janeiro, 2009.

FAUR, Mirella. Mistérios nórdicos: deuses, runas, magia, rituais. São Paulo. Pensamento. 2007.

FAUR, Mirella. As Faces Escuras da Grande Mãe. Alfabeto; Edição: 1ª (29 de julho de 2016).

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade I: a vontade do saber. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FOUCAULT, Michel. Os anormais: curso no College de France (1974-1975). São Paulo: Martin, Fontes, 2001.

HALL, Stuart. Cultura e representação. Rio de Janeiro: Puc Rio: Apicuri, 2016.

HALL, Stuart. Identidade cultural pós-moderna. 5a ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HOMOSEXUAL FAMILIES.
http://homosexualfamilies.viublogs.org/files/2010/09/hinsch_passions-of-the-cut-sleeve.pdf

LANGER, Johnni. (Org.). Dicionário de mitologia nórdica: símbolos, mitos e ritos. São Paulo. Hedra. 2015.

LANZ, Letícia. O corpo da roupa: a pessoa entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero. 2014. 342 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Setor de Ciências Humanas da Universidade do Paraná. Paraná, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. Corpos que escapam. Campinas: Unicamp, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MARASHIINSKY, Amy Sophia. O Oráculo da Deusa. Pensamento; Edição: 1ª (29 de maio de 2000).

MEDEIROS, Tiago. Lokasenna: A discórdia de Loki.

MUÑOZ, Jose Esteban. Disidentification: Queers of color and the performance of politics. Mineapolis: University of Minesota Press, 1999.

MUSE. <https://muse.jhu.edu/article/19509>

NØRSKK. Homossexualidade na Ásatrú. Tradução de Black Berserker.

ORTEGA, Christopher E.. Inanna: Reinforcer of Heteronormativity, or Legitim�izer of Non-heteronormativity?, Anthropology Master of Arts, California State University, Long Beach; Religious Studies Master of Arts, California State University, Long Beach. Apresentado no Spring 2015 western regional conference of The American Academy of Religion.

PAXSON, Diana L. Asatrú: um guia essencial para o paganismo nórdico. São Paulo. Editora Pensamento-Cultrix Ltda. 2010.

PAXSON, Diana L. Sex, Status, and Seidh: Homosexuality and Germanic Religion.

PLATINORUM.

<http://platinorum.com/2019/12/18/bibliografia-recomendada/> (sessão “Taoísmo”)

PRECIADO, Paul. Manifesto contrassexual. São Paulo: n-1 edições, 2014.

PRECIADO, Paul. Testo Yonqui: sexo, drogas y biopolítica. Buenos Aires: Paidós, 2017.

PRIETO, Claudiney. O Oráculo da Grande Mãe. Alfabeto; Edição: 1ª (8 de maio de 2017).

ROTTA, Raquel. Espíritos da mata: sentido e alcance psicológico do uso ritual de caboclos na Umbanda. Universidade de São Paulo. Ribeirão preto, 2010.

SANTOS, Rick J. Poética da diferença: um olhar queer. São Paulo: Factash Editora, 2014.

SMITH, James. The Rabbit God.
<https://pt.scribd.com/document/232222865/6679-the-Rabbit-God>

SOCIEDADE TAOÍSTA. <http://sociadetaoista.com.br/sp/>

TAIPEI TIMES.
<http://www.taipeitimes.com/News/feat/archives/2007/10/21/2003384192>

TEMPLO DE ANTINOUS - <http://www.antinopolis.org>.

TEMPLO WEIMÍNGTÁNG. Site em chinês.
<http://www.weimingtang.org/> ;
<https://www.facebook.com/WeiMingShrine/>

THE STAR.
<https://www.thestar.com.my/lifestyle/people/2015/01/26/praying-for-a-soul-mate-at-rabbit-temple>

TREVISAM, João Silvério. Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil: da colônia à atualidade. 4ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

WEN, Benebell.
<https://www.youtube.com/playlist?list=PL0x6BzLuplwZuQpc3ubW97MwPXb1mk9hE> (playlist em inglês)

WEN, Benebell. The Tao of Craft. <https://amzn.to/2Kf1l4Y>